ELIZABETH GILBERT

comer rezar amar

A busca de uma mulher por todas as coisas da vida na Itália, na Índia e na Indonésia

Seja também a heroína de sua própria jornada

Contracapa:

Na lista dos mais vendidos do *New York Times* por mais de um ano.
Traduzido em 36 idiomas.

"Se você tem a coragem de deixar para trás tudo que lhe é familiar e confortável (pode ser qualquer coisa, desde a sua casa aos seus antigos ressentimentos) e embarcar numa jornada em busca da verdade (para dentro ou para fora), e se você tem mesmo a vontade de considerar tudo que acontece nessa jornada como uma pista, e se você aceitar cada um que encontre no caminho como professor, e se estiver preparada, acima de tudo, para encarar (e perdoar) algumas realidades bem difíceis sobre você mesma... então a verdade não lhe será negada." - Elizabeth Gilbert

"Estou dando este livro para todas as minhas amigas." - Julia Roberts

"Toda mulher deve lê-lo." - Elle Macpherson

"Adorei Comer, Rezar, Amar." - Hillary Clinton

"Nestas memórias de viagem cativantes e fascinantes, a jornalista Liz Gilbert passeia durante um ano na Itália, na Índia, e na Indonésia. Nossa sorte é que as lições de vida dela são genuinamente universais." - Marie Claire EUA

"É como se fosse o diário de sua amiga mais perceptiva e engraçada, descrevendo encontros com curandeiros, ex-viciados e (sim!) homens lindos e gentis." - Glamour

"Gilbert é irreverente, hilária, animada, corajosa, inteligente. Sua odisséia espiritual, sensual e audaciosa traz doses iguais de prazer e iluminação." – Booklist

Abas:

Buscando tempo e espaço para descobrir quem era e o que realmente queria, Liz Gilbert se livrou de tudo, demitiu-se do emprego e partiu para uma viagem de um ano pelo mundo - sozinha. *Comer, Rezar, Amar* é a envolvente crônica desse ano.

Seu objetivo era visitar três lugares onde pudesse examinar um aspecto de sua própria natureza. Em Roma, estudou a arte do prazer aprendeu italiano e engordou os 11 quilos mais felizes de sua vida.

Na Índia se dedicou à arte da devoção e, com a ajuda de uma guru local e de um caubói texano surpreendente sábio, ela embarcou em quatro meses de contínua exploração espiritual.

Em Bali, estudou a arte do equilíbrio entre o prazer mundano e a transcendência divina. Tornou-se discípula de um velho xamã, e também se apaixonou - por um brasileiro! - da melhor maneira possível: inesperadamente.

Comer, rezar, Amar fala sobre o que pode acontecer quando você assume a responsabilidade por seu próprio contentamento e pára de tentar viver seguindo os ideais da sociedade. Certamente irá emocionar qualquer pessoa que se abra para a inesgotável necessidade de mudança.

"A jornada de Gilbert é repleta de sonhos místicos, visões e coincidências fantásticas (...) Ainda assim, para cada punhado de auto-reflexão que sua clássica jornada new age demanda, Gilbert apresenta a mesma dose de inteligência, bom humor e autogozação (...) Relato irônico e libertador de uma extraordinária viagem, que faz até o mais cínico dos leitores ousar sonhar um dia encontrar Deus ao meditar no fundo de uma caverna na Índia, ou talvez ao comer um pedaço transcendental de pizza." - Los Angeles Times

Jornalista, contista e romancista. Elizabeth Gilbert escreve para um público amplo desde 1993, sempre elogiada pela crítica. *Comer, Rezar, Amar* foi escolhido pelo *New York Times* como um dos cem melhores livros de 2006. A autora vive atualmente em Nova Jersey.

Para Susan Bowen - que me deu abrigo mesmo a 20 mil quilômetros de distância.

Diga a verdade, diga a verdade, diga a verdade.*

Sheryl Louise Moller

* Exceto quando estiver tentando solucionar transações imobiliárias balinesas em regime de urgência, conforme descrito na Parte 3.

Introdução

ou

Como Funciona Este Livro

ou

A 109ª Conta

Quando você vai à Índia – especialmente aos locais sagrados e aos *ashramns*, as comunidades que promovem a evolução espiritual -, vê várias pessoas usando contas em volta do pescoço. Também vê várias fotografias antigas de iogues nus, esqueléticos e intimidadores (ou, às vezes, até de iogues rechonchudos, gentis e radiantes) usando as mesmas contas. Esses cordões de contas se chama *japa malas*. São usados na Índia há séculos, para ajudar os devotos hindus e budistas a se concentrarem durante a meditação ritual. O colar é segurado com uma das mãos e manipulado em círculo – para cada repetição do mantra, toca-se uma conta. Quando os cruzados medievais foram para o Oriente durante as guerras santas, viram fiéis rezando com esses *japa malas*, gostaram da técnica e levaram a idéia de volta para a Europa na forma do terço.
O *japa mala* tradicional é formado por 108 contas. Nos círculos mais esotéricos de filósofos orientais, o número 108 é considerado muito auspicioso, um perfeito múltiplo de três, com três dígitos, cuja soma de algarismos dá nove, que, por sua vez, é três vezes três. E o três, é claro, é o número que representa o equilíbrio supremo, como qualquer pessoa que já tiver estudado a Santíssima Trindade ou um simples banco de bar pode ver sem dificuldade. Como esse livro todo fala do meu esforço para encontrar equilíbrio, decidi estruturá-lo como um *japa mala*, dividindo a história em 108 relatos, ou contas. Essa seqüência, por sua vez, está dividida em três partes: Itália, Índia e Indonésia – os três países que visitei durante esse ano de busca pessoal. Essa divisão significa que há 36 histórias em cada parte, o que me agrada particularmente, já que estou escrevendo isso tudo durante o meu 36° ano de vida.
Mas, antes de eu embarcar de vez na numerologia, deixem-me concluir dizendo que também gosto da idéia de unir essas histórias segundo a estrutura de um *japa mala* porque ela é muito... estruturada. Uma busca espiritual genuína é, e sempre foi, uma empreitada de disciplina e método. A busca da Verdade não é para todo mundo. Tanto na posição de quem busca quanto na de quem escreve, considero útil ater-me o máximo possível às contas, de modo a manter minha atenção mais concentrada naquilo que estou tentando realizar.
De toda forma, todo *japa mala* tem uma conta especial – a 109ª conta -, que fica pendurada para fora do equilibrado círculo de 108 contas como um pingente. Eu costumava pensar que a 109ª conta era um estepe, como um botão sobressalente de um suéter caro, ou o filho caçula da família real. Aparentemente, porém, ela tem uma razão de ser ainda mais nobre. Durante a prece, quando seus dedos tocam esta conta, você deve fazer uma pausa em sua concentração na meditação para agradecer a seus mestres. Então, aqui nesta minha 109ª conta, faço uma pausa antes mesmo de começar. Agradeço a todos

os meus mestres, que me apareceram de tantas formas curiosas ao longo deste ano.
Mais especialmente, porém, agradeço à minha Guru, que é a compaixão encarnada e que, com imensa generosidade, permitiu que eu estudasse em seus *ashram* enquanto estava na Índia. Este também é o momento em que eu gostaria de deixar claro que escrevo sobre minhas experiências na Índia de um ponto de vista puramente pessoal, e não como alguém que estuda teologia, nem como porta-voz oficial de quem quer que seja. É, por isso que não vou usar o nome da minha Guru neste livro – porque não posso falar em nome dela. Seus ensinamentos falam por si. Tampouco revelarei o nome ou a localização de seu *ashram*, poupando assim essa excelente instituição de uma publicidade que ela talvez não tenha nem interesse nem capacidade para administrar.
Uma última palavra de gratidão: embora alguns nomes que aparecem neste livro tenham sido modificados por motivos diversos, decidi mudar os nomes de todas as pessoas que conheci nesse *ashram* na Índia – tanto as indianas quanto as ocidentais. Fiz isso por respeito ao fato de que a maioria das pessoas não realiza uma peregrinação espiritual para depois aparecer como personagem de um livro. (A menos, é claro, que elas sejam eu.) Há apenas uma exceção a essa política de anonimato que eu própria me impus. O verdadeiro nome de Richard do Texas é mesmo Richard, e ele é mesmo do Texas. Quis usar seu nome verdadeiro porque ele foi muito importante para mim enquanto eu estava na Índia.
Uma última coisa – quando perguntei a Richard se ele concordava que eu mencionasse no meu livro o fato de ele já ter sido alcoólatra e viciado em drogas, ele respondeu que não tinha problema algum.
- Eu estava mesmo tentando bolar um jeito de espalhar essa notícia – disse ele.
Mas primeiro, a Itália...

Itália

ou

“Diga Como Se Estivesse Comendo.”

ou

Trinta E Seis Histórias Sobre A Busca Do Prazer

1

Eu queria que o Giovanni me beijasse.
Ah, mas são tantos os motivos que fariam disso uma péssima idéia... Para começar, Giovanni é dez anos mais novo do que eu, e – como a maior parte dos rapazes italianos de vinte e poucos anos – ainda mora com a mãe. Só esses dois fatos já fazem dele um parceiro romântico improvável para mim, já que sou uma americana de trinta e poucos anos que trabalha, acaba de passar por um casamento falido e por um divórcio arrasador e interminável, imediatamente seguido por um caso de amor apaixonado que terminou com uma dolorosa ruptura. Todas essas perdas, uma atrás da outra, deixaram em mim uma sensação de tristeza e fragilidade, e a impressão de ter mais ou menos 7 mil anos de idade. Por uma simples questão de princípios, eu não imporia essa minha pessoa desanimada, derrotada e velha ao adorável, inocente Giovanni. Sem falar que eu finalmente havia chegado à idade em que uma mulher começa a questionar se a maneira mais sensata de superar a perda de um lindo rapaz de olhos castanhos é mesmo levar outro para sua cama imediatamente. É por isso que já faz muitos meses que estou sozinha. É por isso, na verdade, que decidi passar este ano inteiro sozinha.
Diante do que o observador mais arguto poderá perguntar: “Então por que você vaio para a *Itália*?”
E tudo que posso responder – sobretudo quando olho para o belo Giovanni do outro lado da mesa – é: “Boa pergunta.”
Giovanni é meu parceiro de intercâmbio de línguas. Isto pode parecer uma insinuação, mas infelizmente não é. Tudo o que realmente significa é que nós nos encontramos algumas noites por semana aqui em Roma para praticar o idioma um do outro. Primeiro conversamos em italiano, e ele é paciente comigo; em seguida, conversamos em inglês, e eu sou paciente com ele. Descobri que Giovanni algumas semanas depois de ter chegado a Roma, graças ao grande cybercafé da Piazza Barbarini, do outro lado da rua, em frente àquele chafariz com a escultura de um homem com rabo de peixe soprando sua concha. Ele (Giovanni, não o homem com o rabo de peixe) fixara um anúncio no quadro de avisos explicando que um italiano nativo estava procurando alguém que falasse inglês para treinar conversação nas duas línguas. Logo ao lado do seu anúncio havia outro com o mesmo pedido, absolutamente idêntico em cada palavra, e até na fonte usada. A única diferença era a informação para contato. Um dos anúncios trazia o endereço eletrônico de um tal Giovanni; o outro tinha o nome de um tal Dario. Mas até o número do telefone residencial era o mesmo.
Usando meus aguçados poderes de intuição, mandei um e-mail para os dois homens ao

mesmo tempo, perguntando, em italiano: “Será que vocês são irmãos?”
Foi Giovanni quem respondeu com este texto muito *provocativo*: “Melhor ainda. Gêmeos!”
Sim – muito melhor. Gêmeos idênticos de 25 anos, altos, morenos e lindos, conforme vim a descobrir, com aqueles gigantescos olhos castanhos de pupilas líquidas que os italianos têm e que simplesmente me tiram o chão. Depois de conhecer os rapazes pessoalmente, comecei a me perguntar se por acaso eu deveria ajustar um pouquinho minha regra quanto a permanecer solteira durante este ano. Por exemplo, talvez eu pudesse permanecer totalmente solteira exceto pelo fato de ter dois lindos irmãos italianos de 25 anos como amantes. Isso me lembrava um pouco um amigo meu que é vegetariano, mas come bacon, e no entanto… Eu já estava escrevendo a minha carta para o fórum de alguma revista masculina:
Em meio à penumbra bruxuleante iluminada pelas velas do café romano, era impossível dizer de quem eram as mãos que acariciavam…
Mas não.
Não, não, não.
Interrompi a fantasia no meio. Aquele não era o momento para eu arrumar uma história de amor e (conseqüência óbvia e inevitável) complicar ainda mais minha já tão enrolada vida. Aquele era o momento para eu procurar o tipo de cura e paz que só podem vir da solidão.
De todo modo, àquela altura, em meados de novembro, o tímido e estudioso Giovanni e eu já havíamos nos tornado grandes amigos. Quanto a Dario – o mais extrovertido e festeiro dos dois irmãos –, eu o apresentei à minha encantadora amiguinha sueca, Sofie, e o modo como eles têm compartilhado as suas noites em Roma é outro tipo completamente diferente de intercâmbio. Mas Giovanni e eu só fazemos conversar. Bom, comer e conversar. Já faz várias agradáveis semanas que temos comido e conversado, dividindo pizzas e gentis correções gramaticais, e a noite de hoje não foi nenhuma exceção. Uma noite maravilhosa regada a novos idiomas e *mozzarella* fresca.
Agora é meia-noite e o tempo está enevoado, e Giovanni me acompanha até meu apartamento por aquelas ruelas de Roma que serpenteiam de forma natural em volta dos antigos prédios como pequenos riachos coleando ao redor das sombras formadas pelos densos bosques de ciprestes. Agora estamos diante da minha porta. Estamos de frente um para o outro. Ele me dá um abraço caloroso. A coisa já evoluiu; durante as primeiras semanas, ele só fazia apertar minha mão. Acho que, se eu ficasse na Itália por mais três anos, poderia até ser que ele tomasse coragem para me beijar. Por outro lado, ele poderia simplesmente me beijar agora mesmo, esta noite, aqui mesmo junto à minha porta… ainda há uma chance… quero dizer, nossos corpos estão colados sob o luar… e é claro que isso seria um erro *terrível*… mas mesmo assim o fato de ele poder realmente fazer isso agora é uma possibilidade tão maravilhosa… ele poder simplesmente se curvar… e… e…
Que nada.
Ele solta o abraço.
– Boa-noite, cara Liz – diz ele.
– *Buona notte, caro mio* – respondo.
Subo as escadas até meu apartamento no quarto andar, sozinha. Entro no meu pequenino quitinete, sozinha. Fecho a porta atrás de mim. Mais uma noite solitária em Roma. Mais

uma longa noite de sono pela frente, sem ninguém nem nada na minha cama a não ser uma pilha de guias de conversação e dicionários de italiano.
Estou sozinha, inteiramente sozinha, completamente sozinha.
Ao absorver essa realidade, largo minha bolsa, caio de joelhos e encosto a testa no chão. Ali, ofereço ao universo uma fervorosa oração de agradecimento.
Primeiro, em inglês.
Em seguida, em italiano.
E então – só para ter certeza – em sânscrito.

2

E uma vez que já estou ali ajoelhada no chão em posição de súplica, deixem-me manter essa posição enquanto viajo no tempo até três anos atrás, até o instante em que toda esta história começou – um instante que também me encontrou nessa mesma exata posição: de joelhos, no chão, rezando.
No entanto, tudo o mais em relação à cena de três anos atrás era diferente. Daquela vez eu não estava em Roma, mas sim no banheiro do andar de cima da grande casa no subúrbio de Nova York que eu acabara de comprar com meu marido. Eram mais ou menos três horas da manhã de um novembro gelado. Meu marido dormia na nossa cama. Eu estava escondida no banheiro pelo que deveria ser a 47a noite consecutiva, e – como em todas aquelas outras noites – estava soluçando. Soluçando com tanta força, na verdade, que uma grande poça de lágrimas e muco se espalhava à minha frente sobre os ladrilhos do banheiro, um verdadeiro lago formado por toda minha vergonha, medo, confusão e dor.
Eu não quero mais estar casada.
Eu estava tentando tanto não saber isso, mas a verdade continuava a insistir.
Eu não quero mais estar casada. Não quero morar nesta casa grande. Não quero ter um filho.
Mas todos esperavam que eu quisesse ter um filho. Eu estava com 31 anos. Meu marido e eu – estávamos juntos havia oito anos, sendo seis casados – havíamos construído nossa vida inteira com base na expectativa comum de que, uma vez superada a avançada marca dos 30 anos, eu iria querer sossegar e ter filhos. Ambos esperávamos que, a essa altura, eu já tivesse me cansado de viajar e fosse ficar feliz em morar em uma casa grande e barulhenta, cheia de crianças e de colchas feitas a mão, com um jardim nos fundos e um reconfortante ensopado borbulhando em cima do fogão. (O fato de esse ser um retrato bastante fiel da minha mãe é um indicador rápido de como antigamente era difícil para mim perceber a diferença entre eu mesma e a poderosa mulher que havia me criado.) Mas eu não queria nenhuma dessas coisas – e estava arrasada por estar me dando conta disso. Pelo contrário: meus 20 anos haviam chegado ao fim, aquele prazo final dos 30 havia se abatido sobre mim como uma sentença de morte, e eu descobri que não queria engravidar. Continuava esperando querer ter um filho, mas isso não acontecia. E eu conheço a sensação de querer alguma coisa, podem acreditar. Sei muito bem o que é desejo. Mas esse desejo não existia. Além do mais, eu não conseguia parar de pensar no que minha irmã tinha me dito certo dia, enquanto amamentava seu primogênito: “Ter um filho é como fazer uma tatuagem na cara. Você precisa realmente ter certeza de que é isso que você quer antes de se comprometer.”

Mas como eu poderia voltar atrás agora? Tudo estava no lugar certo. Supostamente, aquele deveria ser o ano. Na verdade, já vínhamos tentando engravidar havia alguns meses. Mas nada tinha acontecido (exceto pelo fato de – em um arremedo quase sarcástico de uma gravidez – eu estar tendo enjôos matinais psicossomáticos e vomitando meu café-da-manhã todos os dias, aflita). E todo mês, quando eu ficava menstruada, via-me sussurrando furtivamente no banheiro: *Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada por me dar mais um mês de vida.*

Eu vinha tentando me convencer de que isso era normal. Todas as mulheres devem se sentir assim quando estão tentando engravidar, concluí. ("Ambivalente" foi a palavra que usei, evitando a descrição muito mais exata: "inteiramente dominada pelo pânico".) Vinha tentando me convencer de que os meus sentimentos eram comuns, apesar de todas as provas em contrário – como a conhecida com quem eu havia esbarrado na semana anterior, que acabara de descobrir que estava grávida do primeiro filho depois de gastar dois anos e rios de dinheiro em tratamentos de fertilidade. Ela estava em êxtase. Sempre desejara ser mãe, disse-me. Admitiu que vinha comprando roupinhas de bebê secretamente havia anos, e escondendo-as debaixo da cama, onde seu marido não as encontraria. Vi a alegria em seu rosto e a reconheci. Era uma alegria idêntica à que meu próprio rosto havia irradiado na primavera anterior, no dia em que descobri que a revista para a qual eu trabalhava iria me mandar para a Nova Zelândia para escrever um artigo sobre a busca por uma lula gigante. E pensei: "Até o dia em que eu conseguir sentir o mesmo êxtase em relação a ter um filho que senti em relação a ir para a Nova Zelândia atrás de uma lula gigante, não posso ter um filho."

Eu não quero mais estar casada.

Durante o dia, eu recusava essa idéia, mas à noite ela me consumia. Que catástrofe. Como eu podia ser uma imbecil criminosa a ponto de ir tão fundo em um casamento para no final me separar? Havíamos acabado de comprar aquela casa, um ano antes. Eu não tinha desejado aquela bela casa? Não tinha adorado aquela casa? Então, por que agora passava as noites assombrando seus corredores, uivando como Medéia? Eu não sentia orgulho de tudo o que havíamos acumulado – a elegante casa em Hudson Valley, o apartamento em Manhattan, as oito linhas telefônicas, os amigos, os piqueniques e as festas, os finais de semana percorrendo as gôndolas da hiperloja em forma de caixote preferida, comprando ainda mais aparelhos a crédito? Eu havia participado ativamente de cada instante da criação daquela vida – então, por que sentia que nada daquilo combinava comigo? Por que me sentia tão soterrada pelo dever, cansada de ser o arrimo do casal, a dona de casa, a coordenadora de eventos sociais, a que levava o cachorro para passear, a esposa e a futura mãe, e – em alguns poucos instantes roubados – a escritora…?

Eu não quero mais estar casada.

Meu marido dormia no quarto ao lado, na nossa cama. Eu o amava e não conseguia suportá-lo, em igual medida. Não podia acordá-lo para fazê-lo compartilhar o meu desespero – de que adiantaria? Já fazia meses que ele me via desmoronar, acompanhando meu comportamento de louca (ambos concordávamos com essa definição), e eu só o exauria. Ambos sabíamos que havia *alguma coisa errada comigo*, e ele estava perdendo a paciência com isso. Brigávamos e chorávamos muito, e estávamos cansados daquele jeito que só um casal cujo casamento está acabando pode ficar. Nossos olhos pareciam olhos de refugiados.

Os muitos motivos pelos quais eu não queria mais estar casada com aquele homem são pessoais demais e tristes demais para serem compartilhados aqui. Muitos deles tinham a ver com coisas minhas, mas uma boa parte dos nossos problemas tinha a ver também com as questões dele. Isso é natural; afinal de contas, há sempre duas pessoas em um casamento – dois votos, duas opiniões, dois conjuntos conflitantes de decisões, desejos e limitações. Mas não considero adequado discutir as questões dele no meu livro. Tampouco pediria a alguém para acreditar que sou capaz de relatar uma versão imparcial da nossa história, portanto, a crônica do fim do nosso casamento não será contada aqui. Também não discutirei aqui todos os motivos pelos quais eu *ainda* queria ficar casada com ele, nem todas as suas características maravilhosas, nem os motivos que me fizeram amá-lo e me casar com ele, nem os motivos pelos quais eu era incapaz de imaginar a vida sem ele. Não vou abrir nenhuma dessas gavetas. Basta dizer que, naquela noite, ele ainda era, em igual medida, meu farol e minha ave de mau agouro. A única coisa mais inconcebível do que ir embora era ficar; a única coisa mais impossível do que ficar era ir embora. Eu não queria destruir nada nem ninguém. Só queria sair de fininho pela porta dos fundos, sem causar alvoroço nem conseqüências, e depois só parar de correr quando chegasse à Groenlândia.

Sei que essa parte da minha história não é uma parte feliz. Mas eu a estou compartilhando aqui porque alguma coisa estava prestes a acontecer naquele chão de banheiro que iria mudar para sempre o curso da minha vida – quase como um daqueles superacontecimentos astronômicos malucos, quando um planeta gira no espaço sideral sem nenhum motivo, e seu núcleo incandescente se modifica, reposicionando seus pólos e alterando radicalmente seu formato, de tal modo que a massa inteira do planeta se torna subitamente oblonga em vez de esférica. Alguma coisa assim.

O que aconteceu foi que comecei a rezar.

Rezar, sabem – tipo para *Deus*.

3

Aquilo foi uma estréia para mim. E, como esta é a primeira vez em que menciono no meu livro essa palavra tão carregada de sentido – DEUS –, e já que essa é uma palavra que vai aparecer muitas outras vezes nestas páginas, parece justo que eu faça uma pequena pausa aqui, só para que as pessoas possam decidir de uma vez o quão ofendidas precisam ficar. Deixando para mais tarde a polêmica sobre se Deus de fato existe (não – tenho uma idéia melhor: vamos esquecer essa polêmica de uma vez por todas), deixem-me explicar primeiro por que uso a palavra Deus, quando poderia muito bem usar as palavras *Jeová, Alá, Shiva, Brahma, Vishnu* ou *Zeus*. Ou então, eu poderia chamar Deus de “Aquilo”, que é como fazem as antigas escrituras em sânscrito, e que considero traduzir bastante bem a entidade onipresente e inominável que algumas vezes já vivenciei. Mas esse “Aquilo” me parece impessoal – uma coisa, não um ser –, e eu própria não consigo rezar para um Aquilo. Preciso de um nome de verdade, para sentir totalmente que existe alguém presente. Pelo mesmo motivo, quando rezo, não ofereço minhas preces ao Universo, ao Grande Vazio, à Força, ao Ser Supremo, ao Inteiro, ao Criador, à Luz, ao Poder Maior, nem mesmo à mais poética das manifestações do nome de Deus, tirada, acho eu, dos evangelhos gnósticos: “A Sombra da Virada”.

Não tenho nada contra nenhum desses termos. Sinto que são todos equivalentes, porque

são todos descrições igualmente adequadas e inadequadas do indescritível. Mas todos nós precisamos de um nome funcional para essa indescritibilidade, e "Deus" é o nome que me soa mais caloroso, então é ele que uso. Eu deveria confessar também que geralmente me refiro a Deus como “Ele”, o que não me incomoda porque, a meu ver, trata-se somente de um pronome pessoal que facilita as coisas, não de uma descrição anatômica precisa ou de um motivo para revolução. É claro que não me importo que as pessoas chamem Deus de "Ela", e entendo o impulso que as leva a fazer isso. Repito - para mim, ambos são termos equivalentes, igualmente adequados e inadequados. Embora eu ache que escrever qualquer um dos dois pronomes em letra maiúscula seja um toque a mais, uma pequena gentileza na presença do divino.

Culturalmente, embora não teologicamente, sou cristã. Nasci protestante, branca e anglo-saxã. E, embora eu de fato ame aquele incrível professor da paz chamado Jesus, e embora me reserve o direito de me perguntar em determinadas situações difíceis o que de fato Ele faria, não consigo engolir aquela única regra fixa da cristandade que insiste que Jesus é o *único* caminho para Deus." Estritamente falando, então, não posso me considerar cristã. A maioria dos cristãos que conheço aceita meus sentimentos em relação a isso com benevolência e tolerância. Mas, bom, a maioria dos cristãos que *eu* conheço não fala de forma muito estrita. Para quem fala (e pensa) de forma estrita, tudo que posso fazer aqui é dizer que sinto muito por quaisquer sentimentos feridos, e em seguida pedir licença para não tocar mais no assunto.

Tradicionalmente, sempre me senti tocada pelos místicos transcendentais de todas as religiões. Sempre reagi com admirada animação a qualquer um que já tenha dito que Deus não mora em uma escritura dogmática, nem em um trono distante no céu, mas que ele "está muito perto de nós - muito mais perto do que podemos imaginar, respirando através dos nossos próprios corações. Reajo com gratidão a quem quer que tenha viajado ao centro desse coração e depois tenha voltado ao mundo com um relato, para nós que ficamos, de que Deus é *uma experiência de amor supremo*. Em toda tradição religiosa sobre a Terra, sempre houve santos místicos e transcendentais que relataram exatamente essa experiência. Infelizmente, muitos deles acabaram presos e mortos. Mesmo assim, eu os tenho em muita alta consideração.

No final das contas, o que hoje penso em relação a Deus é simples. E assim: tive uma cadela maravilhosa. Ela havia sido abandonada. Era uma cruza de cerca de dez raças diferentes, mas parecia ter herdado as melhores características de todas elas. Ela era marrom. Quando as pessoas me perguntavam "De que raça é a sua cadela?", eu sempre dava a mesma resposta: Ela é marrom." Da mesma forma, quando me fazem a pergunta "Em que tipo de Deus você acredita?", minha resposta é fácil: "Acredito em um Deus grandioso."

4

É claro que tive tempo de sobra para formular minhas opiniões sobre divindade desde aquela noite no chão do banheiro, quando falei diretamente com Deus pela primeira vez. Mas, no meio daquela crise negra de novembro, eu não estava interessada em formular opiniões sobre teologia. Estava interessada apenas em salvar minha vida. Eu finalmente percebera que parecia ter atingido um estado de impotência e desespero que ameaçava minha vida, e ocorreu-me que, às vezes, pessoas nesse estado recorrem à ajuda de Deus.

Acho que eu tinha lido isso em um livro em algum lugar.
O que eu disse a Deus em meio a meus soluços arquejantes foi alguma coisa assim: "Oi, Deus. Tudo bem? Eu sou a Liz. Muito prazer."
É isso mesmo - eu estava falando com o criador do universo como se houvéssemos acabado de ser apresentados em um coquetel. Mas nós trabalhamos com aquilo que conhecemos nesta vida, e essas são as palavras que sempre uso no início de um relacionamento. Na verdade, era tudo que eu podia fazer para não dizer: "Sempre admirei muito o seu trabalho..."
"Desculpe incomodar o senhor tão tarde assim", continuei. "Mas é que eu estou com um problema sério. E desculpe por nunca ter falado com o senhor assim diretamente, mas espero de verdade sempre ter expressado minha enorme gratidão por todas as bênçãos que o senhor me deu na minha vida."
"Desculpe incomodar o senhor tão tarde assim", continuei. "Mas é que eu estou com um problema sério. E desculpe por nunca ter falado com o senhor assim diretamente, mas espero de verdade sempre ter expressado minha enorme gratidão por todas as bênçãos que o senhor me deu na minha vida."
Esse pensamento me fez soluçar com mais força ainda. Deus esperou eu me acalmar. Eu me recompus o suficiente para continuar: "Não sou nenhuma especialista em oração, como o senhor sabe. Mas será que o senhor poderia por favor me ajudar? Estou precisando desesperadamente de ajuda. Não sei o que fazer. Preciso de uma resposta. Por favor, me diga o que fazer. Por favor, me diga o que fazer. Por favor, me diga o que fazer..."
Assim, a prece se reduziu a essa simples súplica – *Por favor, me diga o que fazer* - inúmeras vezes. Não sei quantas vezes implorei. Só sei que implorei como alguém tentando salvar a própria vida. E eu não parava de chorar.
Até que - muito de repente - aquilo parou.
Muito de repente, percebi que não estava mais chorando. Na verdade, havia parado de chorar bem no meio de um soluço. Minha tristeza havia sido inteiramente aspirada para fora de mim. Ergui a testa do chão e me sentei, surpresa, perguntando-me se veria algum Ser Grandioso que havia levado embora o meu choro. Mas não havia ninguém ali. Eu estava sozinha. Mas também não estava de fato sozinha. Eu estava cercada por algo que só posso descrever como um pequeno bolsão de silêncio - um silêncio tão raro que eu não queria soltar a respiração, com medo de assustá-lo. Era um silêncio totalmente imóvel. Não sei quando eu havia sentido tamanha imobilidade antes.
Então escutei uma voz. Por favor, não se assustem - não era uma voz hollywoodiana saída do Antigo Testamento, como a de Charlton Heston, tampouco uma voz que me dizia para construir um campo de beisebol no quintal de casa. Era apenas a minha própria voz, falando de dentro de mim. Mas aquela era a minha voz de um jeito que eu nunca a tinha escutado antes. Aquela era a minha voz, mas perfeitamente sensata, calma e compassiva. Era a minha voz como soaria se eu só houvesse experimentado na vida amor e certeza. Como posso descrever o calor da afeição daquela voz ao me dar a resposta que selaria para sempre a minha fé no divino?
A voz disse: *Volte para a cama, Liz.*
Soltei a respiração.
Imediatamente, ficou muito claro que essa era a única coisa a ser feita. Eu não teria aceitado nenhuma outra resposta. Não teria confiado em uma voz grave e ribombante que

houvesse dito: *Você Precisa se Separar do Seu Marido!* ou *Você Não Deve se Divorciar do Seu Marido!* Porque isso não é a verdadeira sabedoria. A verdadeira sabedoria fornece a única resposta possível para determinado instante e, naquela noite, voltar para a cama era a única resposta possível. *Volte para a cama*, disse aquela voz interior onisciente, porque você não precisa saber a resposta final neste instante, às três horas da manhã de uma quinta-feira de novembro. *Volte para a cama*, porque eu amo você. *Volte para a cama*, porque a única coisa que você precisa fazer por enquanto é descansar um pouco e cuidar bem de si mesma até saber a resposta. *Volte para a cama* para que, quando a tempestade chegar, você esteja forte o suficiente para lidar com ela. E a tempestade vai chegar, meu bem. Em breve. Mas não esta noite. Portanto:
Volte para a cama, Liz.
De certa forma, esse pequeno episódio tinha todas as características de uma típica experiência cristã de conversão - a noite escura da alma, o pedido de ajuda, a voz que responde, a sensação de transformação. Mas eu não diria que isso foi uma conversão religiosa para mim, não uma *conversão* tradicional, como nascer de novo ou ser salva. Em vez disso, eu chamaria o que aconteceu naquela noite de início de uma *conversa* religiosa. As primeiras palavras de um diálogo aberto e exploratório que, no final das contas, me levaria de fato até bem perto de Deus.

5

Se eu de alguma forma pudesse saber que - como disse Lilly Tomlin certa vez - as coisas iriam piorar muito antes de piorarem, não tenho certeza de como teria dormido naquela noite. Mas, depois de sete meses muito difíceis, deixei o meu marido. Quando finalmente tomei essa decisão, pensei que o pior houvesse passado. Isso só mostra como eu sabia pouca coisa sobre divórcio.
Certa vez, a revista *The New Yorker* publicou uma tira. Duas mulheres estão conversando e uma delas diz para a outra: “Se você quiser mesmo conhecer alguém, precisa se divorciar dessa pessoa." Minha experiência, é claro, era o oposto. Eu diria que, se você quiser mesmo DEIXAR de conhecer alguém, precisa se divorciar dessa pessoa. Porque foi isso que aconteceu entre mim e meu marido. Acho que nós dois ficamos chocados com a velocidade com a qual deixamos de ser as duas pessoas que melhor se conheciam no mundo para nos transformarmos na dupla de desconhecidos que menos se entendia que já existiu. No fundo dessa estranheza havia o fato desolador de ambos estarmos fazendo algo que a outra pessoa jamais teria considerado possível; ele jamais sonhou que eu de fato o deixaria, e eu nunca, nem em meus devaneios mais loucos, pensei que ele tornaria a minha saída tão difícil.
Quando deixei meu marido, eu acreditava sinceramente que poderíamos resolver nossos assuntos práticos em poucas horas com uma calculadora, algum bom senso e um pouco de boa vontade em relação à pessoa que um dia havíamos amado. Minha sugestão inicial foi vendermos a casa e dividirmos todos os bens pela metade; nunca me ocorreu que pudéssemos fazer qualquer outra coisa. Ele não achou justa essa sugestão. Então eu subi minha oferta, chegando até a sugerir um tipo diferente de divisão meio a meio: que tal ele ficar com todos os bens e eu com a culpa? Mas nem mesmo essa oferta tornou possível um acordo. Então eu não soube como agir. Como negociar depois que já se ofereceu tudo? Eu não podia fazer nada, a não ser esperar a contraproposta dele. Minha culpa por

tê-lo deixado me impedia de pensar que eu tinha o direito de ficar com sequer um centavo do dinheiro que havia ganho ao longo da última década. Além disso, minha recém-descoberta espiritualidade tornava essencial para mim que nós não brigássemos. Então essa era a minha posição – eu não me defenderia dele, nem brigaria com ele. Durante um tempo interminável, contrariando os conselhos de todas as pessoas que gostavam de mim, relutei até mesmo em consultar um advogado, porque considerava isso um ato de guerra. Eu queria ser totalmente Gandhi naquela situação. Eu queria ser totalmente Nelson Mandela naquela situação. Na época, porém, não reparei que tanto Gandhi quanto Mandela eram *advogados*.

Meses passaram. Minha vida era um limbo, e eu esperava para ser libertada, esperava para ver quais seriam os termos do acordo. Estávamos vivendo separados (ele havia se mudado para nosso apartamento de Manhattan), mas nada estava resolvido. Contas se acumulavam, carreiras empacavam, a casa caía aos pedaços e os silêncios do meu ex-marido só eram quebrados por suas comunicações ocasionais para me lembrar como eu era uma pessoa ruim.

E, além disso, David apareceu.

Todas as complicações e os traumas daqueles horríveis anos de divórcio foram multiplicados pelo drama de David – o cara por quem me apaixonei enquanto estava terminando meu casamento. Eu disse que "me apaixonei" por David? O que quero dizer, na verdade, é que saí do meu casamento e mergulhei nos braços de David da mesma forma que um artista de circo de desenho animado mergulha de uma plataforma altíssima dentro de um pequeno copo d'água, desaparecendo por completo. Eu me agarrei a David para fugir do meu casamento como se ele fosse o último helicóptero saindo de Saigon. Depositei nele toda minha esperança de salvação e de felicidade. E, sim, eu o amei. Mas, se eu conseguisse pensar em uma palavra mais forte do que "desesperadamente" para descrever o modo como amei David, usaria essa palavra aqui, e um amor desesperado é sempre o tipo mais difícil de amor.

Fui morar com David imediatamente depois de deixar meu marido. Ele era – é – um cara lindo. Nova-iorquino da gema, ator e escritor, com aqueles olhos castanhos de pupilas líquidas que os italianos têm e que sempre me tiram o chão (eu já disse isso?). Descolado, independente, vegetariano, desbocado, espiritualizado, sedutor. Um poeta-iogue rebelde. O mais novo e irresistível craque do time. Maior do que a vida. Maior do que tudo que há de maior. Ou pelo menos era assim para mim. Na primeira vez em que Susan, minha melhor amiga, me ouviu falar dele, bastou uma olhada no forte rubor em meu rosto para ela me dizer: "Ai, meu Deus, *baby*, como você está ferrada."

David e eu nos conhecemos porque ele estava atuando em uma peça baseada em contos meus. Ele fazia um personagem que eu havia inventado, o que é de certa forma revelador. No amor desesperado é sempre assim, não é? No amor desesperado, nós sempre inventamos os personagens dos nossos parceiros, exigido que eles sejam o que precisamos que sejam, e depois ficando arrasados quando eles se recusam a desempenhar o papel que nós mesmos criamos.

Mas, ah, como nós nos divertimos durante aqueles primeiros meses, quando ele ainda era o meu herói romântico e eu ainda era o seu sonho tornado realidade Eram uma excitação e uma compatibilidade que eu jamais havia imaginado. Inventamos nossa própria linguagem. Passávamos dias fora da cidade e outros viajando de carro. Ele escalava até o topo das coisas, planejava viagens pelo mundo que faríamos juntos. Nós nos divertíamos

mais na fila do departamento de trânsito do que a maioria dos casais em sua lua-de-mel. Demos o mesmo apelido um ao outro, para que não houvesse separação entre nós. Traçávamos objetivos juntos, fazíamos juramentos e promessas juntos e jantávamos juntos. Ele lia livros livros para mim, e *ele lavava a minha roupa*. (Na primeira vez em que isso aconteceu, liguei para Susan para relatar a maravilha, abismada como se houvesse acabado de ver um camelo usando um orelhão. Eu disse: "Um *homem* acabou de lavar a *minha* roupa! E lavou as peças delicadas na mão!" E ela repetiu: "Ai, meu Deus, *baby*, como você está ferrada.")
pensando que o divórcio de fato poderia acontecer de forma tranqüila, embora estivesse dando a meu marido uma folga desse assunto durante o verão, para nós dois podermos esfriar a cabeça. De toda forma, era muito fácil não pensar em toda aquela perda no meio de tanta felicidade. Então aquele verão (também conhecido como "a trégua") terminou.
No dia 9 de setembro de 2001, encontrei meu marido frente a frente pela primeira vez, sem perceber que todos os nossos futuros encontros precisariam de advogados entre nós para servir de mediadores. Jantamos em um restaurante. Tentei falar sobre a nossa separação, mas tudo que fizemos foi brigar. Ele me disse que eu era uma mentirosa e uma traidora, e que ele me odiava e nunca mais falaria comigo. Duas manhãs mais tarde, acordei de uma noite de sono agitada e descobri que aviões seqüestrados estavam sendo arremessados contra os dois prédios mais altos da minha cidade, enquanto tudo de invencível que um dia se mantivera em pé ia-se tornando uma avalanche fumegante de ruínas. Liguei para o meu marido, para ter certeza de que ele estava bem, e choramos juntos com aquela tragédia, mas não fui encontrá-lo. Durante aquela semana, quando todo mundo em Nova York deixou a animosidade de lado em deferência à tragédia maior que estava acontecendo, mesmo assim não voltei para meu marido. Foi desse modo que ambos soubemos que havia terminado mesmo.
Não é exagero dizer que não dormi mais durante os quatro meses seguintes.
Pensava que já houvesse me despedaçado antes mas, naquele momento (em harmonia com o aparente colapso do mundo inteiro), minha vida realmente virou um caos. Hoje me envergonho de pensar no que impus a David durante aqueles meses em que moramos juntos, logo depois do 11 de setembro e da minha separação. Imaginem sua surpresa ao descobrir que a mulher mais feliz, mais confiante que ele já conhecera na verdade era - quando você ficava sozinho com ela - um poço sem fundo e enlameado de tristeza. Mais uma vez, eu não conseguia parar de chorar. Foi então que ele começou a recuar, e foi então que eu vi o outro lado do meu apaixonado herói romântico - o David solitário como um náufrago, frio e que precisava de mais espaço para viver do que um rebanho de bisões norte-americanos.
O súbito recuo emocional de David provavelmente teria sido uma catástrofe para mim até mesmo nas melhores circunstâncias, já que sou uma das formas de vida mais afetuosas do planeta (algo como uma cruza de *golden retriever* com molusco), mas aquelas eram as piores circunstâncias possíveis para mim. Eu estava insegura e dependente, e precisava de mais cuidados do que trigêmeos prematuros. Seu afastamento só fez me tornar mais carente, e minha carência só fez acelerar seu afastamento, até que, em pouco tempo, ele recuava debaixo de uma chuva de gritos chorosos meus: "Aonde você *vai*? O que *aconteceu* com a gente?"
(Dica de relacionamento: Os homens ADORAM isso.)
O fato é que eu havia me viciado em David (em minha defesa, posso dizer que ele havia

possibilitado isso, já que era uma espécie de homem *fatal*) e, agora que sua atenção estava desaparecendo, sofria as conseqüências facilmente previsíveis. O vício é a marca de toda história de amor baseada na obsessão. Tudo começa quando o objeto de sua adoração lhe dá uma dose generosa, alucinante de algo que você nunca ousou admitir que queria - um explosivo coquetel emocional, talvez, feito de amor estrondoso e louca excitação. Logo você começa a precisar dessa atenção intensa com a obsessão faminta de qualquer viciado. Quando a droga é retirada, você imediatamente adoece, louco e em crise de abstinência (sem falar no ressentimento para com o traficante que incentivou você a adquirir seu vício, mas que agora se recusa a descolar o bagulho bom - apesar de você *saber* que ele tem algum escondido em algum lugar, caramba, porque *ele antes lhe dava de graça*). O estágio seguinte é você esquelética e tremendo em um canto, sabendo apenas que venderia sua alma ou roubaria seus vizinhos só para ter *aquela coisa* mais uma vez que fosse.
Enquanto isso, o objeto da sua adoração agora sente repulsa por você. Ele olha para você como se você fosse alguém que ele nunca viu antes, muito menos alguém que um dia amou com grande paixão. A ironia é que você não pode culpá-lo. Quero dizer, olhe bem para você. Você está um caco, irreconhecível até mesmo aos seus próprios olhos.
Então é isso. Você agora chegou ao ponto final da obsessão amorosa – a completa e implacável desvalorização de si mesma.
O fato de eu ser capaz de escrever calmamente sobre isso hoje é uma grande prova dos poderes de cura do tempo, porque não encarei os fatos muito bem quando estavam acontecendo. Perder David logo depois do fracasso do meu casamento, e logo depois dos ataques terroristas à minha cidade, e bem no meio da pior fase do divórcio (experiência de vida que meu amigo Brian comparou a "ter um acidente de carro gravíssimo todo santo dia durante mais ou menos dois anos"), bom, era simplesmente coisa demais.
David e eu continuávamos a ter nossos momentos de diversão e compatibilidade durante o dia mas, à noite, na cama dele, eu me tornava a única sobrevivente de um ocaso nuclear enquanto ele se afastava de mim *a olhos vistos*, mais e mais a cada dia, como se eu tivesse uma doença contagiosa. Passei a ter medo da noite como se ela fosse a masmorra de um carrasco. Eu ficava ali deitada ao lado do corpo adormecido de David, lindo e inacessível, e entrava em uma espiral de pânico feita de solidão e idéias suicidas meticulosamente detalhadas. Todas as partes do meu corpo doíam. Eu tinha a sensação de ser uma espécie de máquina primitiva impulsionada à mola e submetida a uma tensão muito maior do que havia sido construída para suportar, prestes a estourar, pondo em grande risco qualquer um que estivesse por perto. Imaginava as partes do meu corpo saindo voando do meu tórax para escapar do núcleo vulcânico de infelicidade em que eu havia me transformado. Na maioria das manhãs, David acordava e me encontrava mergulhada em um sono agitado, deitada no chão ao lado da cama, enrolada em uma pilha de toalhas de banho, como um cachorro.
"O que foi desta vez?", perguntava ele – mais um homem completamente exaurido por mim.
Acho que perdi algo como 15 quilos durante essa fase.

6

Ah, mas nem tudo foi ruim durante esses anos...

Já que Deus nunca fecha uma porta na sua cara sem abrir uma janela (ou qualquer que seja o velho ditado), algumas coisas maravilhosas aconteceram comigo à sombra de toda aquela tristeza. Para começar, finalmente comecei a aprender italiano. Em segundo lugar, encontrei uma Guru indiana. Por fim, fui convidada por um velho xamã a ir morar com ele na Indonésia.

Vou explicar tudo na ordem.

As coisas começaram a melhorar um pouco quando saí do apartamento de David, no início de 2002, e encontrei um apartamento só para mim pela primeira vez na vida. Aquilo era um luxo, já que eu ainda estava pagando por aquele casarão no subúrbio onde ninguém mais morava e que meu marido me proibia de vender, e ainda estava tentando honrar todas as minhas contas de advogados e terapeutas... mas ter um quarto-e-sala só meu era vital para a minha sobrevivência. Eu via o apartamento quase como um sanatório, uma clínica de repouso para a recuperação de mim mesma. Pintei as paredes com as cores mais quentes que consegui encontrar, e comprava flores para mim mesma toda semana, como se estivesse me visitando no hospital. Minha irmã me deu uma bolsa de água quente como presente pela casa nova (para eu não precisar ficar totalmente sozinha em uma cama fria), e eu dormia todas as noites com aquele objeto aninhado junto a meu coração, como alguém tratando uma lesão esportiva.

David e eu tínhamos terminado de vez. Ou talvez não tivéssemos. É difícil lembrar agora quantas vezes terminamos e tornamos a reatar durante aqueles meses. Mas surgiu um padrão: eu me separava de David, recuperava minha força e minha confiança, e então (atraído, como sempre, por minha força e confiança) sua paixão por mim renascia. Com respeito, sobriedade e inteligência, nós discutíamos uma "nova tentativa", sempre com algum novo e saudável plano para minimizar nossas aparentes incompatibilidades. Estávamos muito comprometidos em resolver aquela história. Por que como era possível duas pessoas que se amavam tanto *não* terminarem felizes para sempre? Aquilo *tinha* de dar certo. Não tinha? Novamente juntos, e com as esperanças renovadas, compartilhávamos alguns dias de uma felicidade delirante. Algumas vezes, até semanas. Mas, depois de algum tempo, David tornava a se afastar de mim, e eu me agarrava a ele (ou eu me agarrava a ele e ele se afastava de mim – nunca conseguíamos entender como o processo começava), e acabava mais uma vez destruída. E ele acabava indo embora. David era ao mesmo tempo meu ímã e minha criptonita.

Porém, durante aqueles períodos em que estávamos *mesmo* separados, por mais difícil que fosse, eu estava treinando viver sozinha. E essa experiência estava provocando o início de uma mudança interna. Eu começava a sentir que - embora minha vida ainda parecesse um acidente com vários veículos em alguma estrada movimentada durante um feriado nacional - estava prestes a me tornar uma pessoa capaz de administrar a si mesma. Quando não estava com vontade de me matar por causa do meu divórcio, nem com vontade de me matar por causa do meu drama com David, eu de fato estava quase encantada com todos os compartimentos de tempo e espaço que iam surgindo nos meus dias, durante os quais eu podia fazer a mim mesma uma pergunta nova e radical: "O que *você* quer fazer, Liz?"

Durante a maior parte do tempo (como ainda estava muito abalada por ter largado meu casamento), eu sequer ousava fazer essa pergunta a mim mesma, mas apenas festejava internamente o fato de ela existir. Quando finalmente comecei a responder, eu o fiz com cautela. Só me permitia expressar desejos pequenos e hesitantes. Tais como:

Quero ir a uma aula de ioga.
Quero ir embora desta festa, voltar para casa e ler um romance.
Quero comprar um estojo novo para mim.
E então vinha sempre aquela mesma resposta estranha, sempre a mesma:
Quero aprender a falar italiano.
Havia anos que eu tinha vontade de falar italiano - língua que considerava mais linda do que um buquê de rosas -, mas nunca consegui encontrar uma justificativa prática para estudar. Por que não simplesmente melhorar o francês ou o russo que eu já havia estudado anos antes? Ou por que não aprender espanhol, para poder me comunicar melhor com milhões de meus co-cidadãos americanos? O que eu iria fazer com *italiano?* Eu não me *mudaria* para lá. Seria mais útil aprender a tocar acordeão.
Mas por que tudo sempre tem de ter uma aplicação prática? Eu passara tantos anos sendo um soldadinho bem-comportado - trabalhando, produzindo, sem nunca perder um prazo, zelando por pessoas queridas, pelas minhas gengivas e por meu nome na praça, votando etc. Será que esta nossa vida tem de ser apenas dever? Naquele período sombrio de perda, será que eu precisava de outra justificativa para aprender italiano além do fato de que essa era a única coisa em que eu conseguia pensar que poderia me proporcionar algum prazer naquele momento? E estudar um idioma, afinal de contas, não era um objetivo assim tão disparatado. Não era como se eu estivesse dizendo, aos 32 anos de idade: "Quero ser a primeira bailarina do New York City Ballet." Estudar um idioma é algo que você de fato *pode* fazer. Assim, matriculei-me em um daqueles cursos de extensão (mais conhecidos como Aulas Noturnas para Senhoras Divorciadas). Meus amigos acharam isso hilário. Meu amigo Nick perguntou: "Por que você está estudando italiano? Para tipo, caso a Itália um dia volte a invadir a Etiópia, e dessa vez consiga, poder se gabar de dominar uma língua falada em dois países?"
Mas eu estava adorando. Cada palavra era para mim o canto de um pardal, um passe de mágica, uma trufa. Depois da aula, eu voltava para casa pisando nas poças de chuva, enchia a banheira de água quente e ficava ali deitada no meio da espuma, lendo o dicionário de italiano para mim mesma, sem pensar nas pressões do meu divórcio nem na minha decepção amorosa. As palavras me faziam rir de alegria. Comecei a me referir ao meu celular como *il mio telefonino* ("meu telefonezinho"). Virei uma daquelas pessoas chatas que sempre dizem *Ciao!* Só que eu era ainda mais chata, porque sempre explicava de onde vem a palavra *ciao*. (Se estiverem interessados, é uma abreviação de uma expressão usada pelos venezianos medievais como cumprimento informal: *Sono il suo schiavo!* ou seja: "Eu sou o seu escravo.") O simples fato de pronunciar essas palavras fazia eu me sentir sexy e feliz. A advogada que estava cuidando do meu divórcio me disse para eu não me preocupar, contando que tinha uma cliente (de origem coreana) que depois de um divórcio péssimo, havia mudado seu nome oficialmente para alguma coisa italiana, só para se sentir sexy e feliz novamente. Talvez, no final das contas, eu fosse *mesmo* me mudar para a Itália...

7

A outra coisa importante que estava acontecendo durante aquela época era a aventura recém-descoberta da disciplina espiritual. Auxiliada e incentivada, é claro, pela entrada na minha vida de uma Guru indiana de carne e osso – por quem sempre serei grata a

David. Eu havia sido apresentada à minha Guru na primeira noite em que fora ao apartamento de David. Praticamente me apaixonei por eles dois ao mesmo tempo. No quarto dele, em cima da penteadeira, vi uma foto de uma mulher indiana de uma beleza radiante, e perguntei:
- Quem é essa?
- Essa é a minha mentora espiritual - respondeu ele.
Meu coração quase parou, depois deu uma pirueta e caiu de cara no chão.
Em seguida se levantou, limpou as roupas, respirou fundo e anunciou: "Eu quero uma mentora espiritual." Eu literalmente quero dizer que foi o meu *coração* quem disse isso, falando pela minha boca. Senti uma estranha divisão de mim mesma, e minha mente saiu do meu corpo por um instante, virou-se de frente para o meu coração, atônita, e perguntou silencionamente: *"Quer MESMO?"*
"Quero", respondeu meu coração. *"Quero sim"*
Então minha mente perguntou a meu coração, com uma pontinha de sarcasmo: *"Desde QUANDO?"*
Mas eu já sabia a resposta: desde aquela noite no chão do banheiro.
Meu Deus, como eu queria uma mentora espiritual. Comecei imediatamente a construir uma fantasia de como seria ter alguém assim. Imaginei que aquela indiana de beleza radiante iria ao meu apartamento algumas noites por semana, e que ficaríamos sentadas tomando chá e conversando sobre divindade, e ela me daria livros para ler e me explicaria o significado das estranhas sensações que eu tinha durante a meditação...
Toda essa fantasia foi rapidamente destruída quando David me revelou a importância internacional daquela mulher, falando-me de suas dezenas de milhares de discípulos - muitos dos quais nunca a encontraram pessoalmente. No entanto, disse ele, ali mesmo em Nova York os devotos da Guru se reuniam todas as terças-feiras à noite, para meditar e entoar cânticos.
- Se a idéia de estar em uma sala com várias centenas de pessoas entoando o nome de Deus em sânscrito não assustar você - disse David -, pode vir quando quiser.
Na noite da terça-feira seguinte fui com ele. Longe de ficar assustada com aquelas pessoas de aparência comum cantando para Deus, senti minha alma se elevar, diáfana, sustentada pelo cântico. Voltei a pé para casa naquela noite, sentindo que o ar podia passar através de mim, como se eu fosse um pano limpo flutuando em um varal, como se a própria Nova York houvesse se transformado em uma cidade feita de papel de arroz - e eu era leve o suficiente para correr por todos os seus telhados. Comecei a ir aos cânticos todas as terças-feiras. Depois comecei a meditar todas as manhãs com o antigo mantra em sânscrito que a Guru dá a todos os seus discípulos (o suntuoso *Om Namah Shivaya*, que significa "Eu honro a divindade que reside em mim"). Em seguida, ouvi a Guru falar ao vivo pela primeira vez, e suas palavras fizeram meu corpo todo se arrepiar, até a pele do meu rosto. Quando fiquei sabendo que ela administrava um *ashram* na Índia, tive certeza de que deveria ir para lá assim que pudesse.

8

No meio-tempo, porém, eu precisava fazer uma viagem à Indonésia.
Isso aconteceu, mais uma vez, por causa de um trabalho para uma revista. Bem quando eu estava me sentindo especialmente deprimida comigo mesma por estar sem dinheiro,

sozinha e presa no Campo de Concentração dos Divorciados, a editora de uma revista feminina perguntou se poderia me pagar uma viagem a Bali para escrever uma matéria sobre pessoas que saem de férias para fazer ioga. Por minha vez, fiz a ela uma série de perguntas, a maioria na linha de *Macaco gosta de banana?* e *Será que o céu é azul?*
Quando cheguei a Bali (que, para ser sucinta, é um lugar muito agradável), o instrutor que administrava o retiro de ioga nos perguntou: "Enquanto vocês estão aqui, alguém gostaria de ir visitar um xamã balinês de nona geração?" (outra pergunta óbvia demais para sequer ser respondida); então, certa noite, fomos todos até a casa dele.
O xamã, como pudemos ver, era um velhote baixinho, de olhos alegres, pele morena avermelhada e uma boca quase sem dentes, cuja semelhança, em todos os aspectos, com o Yoda de *Guerra nas Estrelas* era impressionante. Seu nome era Ketut Liyer. Ele falava um inglês irregular e muito engraçado, mas havia um tradutor disponível para quando ele empacasse em alguma palavra.
Nosso instrutor de ioga nos dissera antes de irmos que cada um poderia levar uma pergunta ou um problema para o xamã, e ele tentaria nos ajudar com nossas dificuldades. Eu vinha pensando há dias no que perguntar a ele. Minhas primeiras idéias eram horríveis. *O senhor pode fazer o meu marido me dar o divórcio? O senhor pode fazer o David tornar a sentir tesão por mim?* Esses pensamentos me faziam sentir vergonha de mim mesma, e com razão: quem viaja até o outro lado do mundo para encontrar um velho xamã da Indonésia só para lhe pedir para resolver uns *problemas de homem*?
Então, quando o velhote me perguntou pessoalmente o que eu queria de verdade, encontrei outras palavras, mais verdadeiras.
- Eu quero ter uma experiência duradoura de Deus. Algumas vezes eu sinto que entendo a divindade de Deus, mas depois deixo de entender porque me distraio com meus desejos e medos mesquinhos. Quero estar com Deus o tempo todo. Mas não quero ser nenhuma monja, nem abrir mão por completo dos prazeres mundanos. Acho que o que eu quero é aprender a viver neste mundo e desfrutar seus prazeres, mas também me dedicar a Deus.
Ketut disse que podia responder à minha pergunta com uma imagem. Mostrou-me um esboço que havia desenhado certa vez durante a meditação. Era uma figura humana andrógina, de pé, com as mãos unidas em prece. Mas essa figura tinha quatro pernas e não tinha cabeça. Onde deveria estar a cabeça, havia apenas um tufo selvagem de samambaias e flores. Em cima do coração estava desenhado um pequeno rosto sorridente.
- Para encontrar o equilíbrio que você busca — disse Ketut por intermédio do tradutor —, é nisso que você tem de se transformar. Precisa manter os pés plantados com tanta firmeza na terra que é como se tivesse quatro pernas, em vez de duas. Assim, você consegue permanecer no mundo. Mas você tem de parar de ver o mundo através da sua cabeça. Em vez disso, precisa olhar pelo coração. Assim você vai conhecer Deus.
Então ele me perguntou se podia ler a minha mão. Eu lhe estendi a esquerda, e ele então me decifrou como se eu fosse um quebra-cabeça de apenas três peças.
- Você é uma viajante do mundo - começou ele.
Considerei isso um pouco óbvio, talvez, já que eu estava na Indonésia, mas não falei nada...
- Você tem mais sorte do que qualquer pessoa que eu já conheci. Vai viver muito tempo, ter muitos amigos, muitas experiências. Vai ver o mundo inteiro. Só tem um problema na sua vida. Você se preocupa demais. Sempre fica emotiva demais, nervosa demais. Se eu

jurar que você nunca vai ter nenhum motivo na vida para se preocupar, você vai acreditar em mim?
Nervosa, aquiesci, sem acreditar nele.
- No trabalho, você faz alguma coisa criativa, talvez seja artista, e recebe um bom dinheiro por isso. Sempre vai receber um bom dinheiro por essa coisa que você faz. Você é generosa com dinheiro, talvez generosa demais. Isso também é um problema. Você vai perder todo o seu dinheiro uma vez na vida. Acho que talvez isso aconteça em breve.
- Acho que talvez isso aconteça entre seis e dez meses - falei, pensando no meu divórcio.
Ketut aquiesceu como quem diz, *É, parece ser mais ou menos isso.*
- Mas não se preocupe - disse ele. - Depois de perder todo o seu dinheiro, você vai recuperar tudo de novo. Logo vai ficar tudo bem. Você vai ter dois casamentos na sua vida. Um curto, outro longo. E vai ter dois filhos...
Esperei ele dizer, "um curto, outro longo", mas de repente ele se calou, franzindo o cenho, enquanto olhava para minha palma. Então disse:
- Estranho... - o que é algo que você nunca quer ouvir nem de quem está lendo sua mão, nem do seu dentista. Pediu-me para me posicionar bem debaixo da lâmpada no teto, para ele poder ver melhor.
- Eu me enganei - anunciou ele. - Você só vai ter um filho. Mais tarde, uma menina. Talvez. Se você decidir... mas tem mais alguma coisa. - Ele franziu o cenho e em seguida ergueu o rosto, subitamente tomado pela certeza: - Algum dia, em breve, você vai voltar aqui para Bali. Precisa voltar. Vai ficar aqui em Bali durante três, talvez quatro meses. Vai ser minha amiga. Talvez fique morando aqui com a minha família. Eu posso praticar o meu inglês com você. Nunca tive ninguém para praticar meu inglês comigo. Acho que você é boa com as palavras. Acho que esse trabalho criativo que você faz tem a ver com palavras, não tem?
- Tem! - falei. - Eu sou escritora. Sou escritora de livros!
- Você é uma escritora de livros de Nova York — disse ele meneando a cabeça, concordando. - Então você vai voltar aqui para Bali e me ensinar inglês. E eu vou ensinar a você tudo que eu sei.
Ele então se levantou e esfregou as mãos, como quem diz: *Então está combinado.*
- Se o senhor estiver falando sério, eu também estou - falei.
Ele me olhou com um sorriso de sua boca sem dentes e disse:
- A gente se vê.

9

Quando um xamã balinês de nona geração lhe diz que o seu destino é se mudar para Bali e morar com ele durante quatro meses, sou o tipo de pessoa que acha que você deve se esforçar ao máximo para fazer isso. E foi assim, finalmente, que toda esta minha idéia sobre este ano de viagens começou a tomar corpo. Eu simplesmente tinha de voltar à Indonésia de algum jeito, dessa vez por minha conta. Isso era óbvio. Mas não conseguia imaginar como fazer isso, considerando minha vida caótica e bagunçada. (Eu não apenas ainda tinha um divórcio caro a resolver, e problemas com David, mas ainda tinha um emprego em uma revista que me impedia de passar três ou quatro meses onde quer que fosse.) Mas eu *precisava* voltar para lá. Não precisava? Ele não havia *previsto* isso? O problema era que eu também queria ir à índia para visitar o *ashram* da minha Guru, e ir à

índia também é uma empreitada cara e demorada. Para tornar as coisas ainda mais confusas, também estava louca de vontade de ir à Itália, para poder praticar meu italiano no contexto certo, mas também porque a idéia de passar algum tempo vivendo em meio a uma cultura onde o prazer e a beleza são reverenciados me atraía.
Todos esses desejos pareciam conflitantes entre si. Sobretudo o conflito Itália/Índia. O que era mais importante? A parte de mim que queria comer vitela em Veneza? Ou a parte de mim que queria acordar bem antes de o dia raiar na austeridade de um *ashram* para iniciar um longo dia de meditação e prece? O grande poeta e filósofo sufista Rumí certa vez aconselhara seus discípulos a escrever as três coisas que mais queriam na vida. Se qualquer item dessa lista estivesse em conflito com outro, avisava Rumi, o autor estava fadado à infelicidade. Melhor viver uma vida com um único foco, ensinou ele. Mas e quanto às vantagens de se viver em harmonia entre extremos? E se, de alguma forma, você pudesse criar uma vida abrangente o bastante para sincronizar opostos aparentemente incongruentes em uma visão de mundo que não excluísse nada? A minha verdade era exatamente a que eu havia revelado ao xamã de Bali - eu queria vivenciar *as duas coisas*. Queria os prazeres do mundo e queria a transcendência divina - as glórias duais da vida humana. Eu queria aquilo que os gregos chamavam de *kalos kai agathos*, o perfeito equilíbrio do bom e do belo. Vinha sentindo falta das duas coisas durante aqueles últimos anos difíceis, porque tanto o prazer quanto a devoção precisam de um ambiente sem estresse para florescer, e eu estava vivendo em um imenso compactador de lixo de ansiedade sem fim. Quanto à maneira de equilibrar a ânsia de prazer com o desejo de devoção— bom, com certeza haveria uma maneira de aprender a fazer isso. E bastou-me uma curta estada em Bali para me sugerir que talvez eu pudesse aprender isso com os balineses. Talvez até com o próprio xamã.
Quatro pés no chão, uma cabeça cheia de folhagem, olhar para o mundo através do coração...
Então parei de tentar escolher - Itália? Índia? Ou Indonésia? -, e acabei admitindo que queria viajar para os três lugares. Quatro meses em cada lugar. Um ano ao todo. É claro que isso era um sonho um pouco mais ambicioso do que "Quero comprar um estojo novo para mim". Mas era o que eu queria. E eu sabia que queria escrever sobre isso. Não era nem que eu quisesse explorar em detalhes os países em si; isso já havia sido feito. O que eu queria era explorar em detalhes um aspecto de mim mesma em relação ao contexto de cada país, em um lugar que tradicionalmente fazia muito bem aquela coisa específica. Eu queria explorar a arte do prazer na Itália, a arte da devoção na índia e, na Indonésia, a arte de equilibrar as duas coisas. Foi somente mais tarde, depois de admitir esse sonho, que percebi a feliz coincidência de que todos esses países começam com a letra *I*, que significa "eu" em inglês. Isso me pareceu um sinal bastante auspicioso para uma viagem de autodescoberta.
Agora, imaginem por favor todas as oportunidades de escárnio que essa idéia criou para meus amigos engraçadinhos. Ah, eu queria visitar os três Is? Então por que não passar o ano no Irã, na Costa do Marfim (*Ivory Coast*, em inglês) e na Islândia? Ou, melhor ainda - por que não fazer uma peregrinação ao grande triunvirato suburbano formado pela cidade de Islip, pela auto-estra-da I-95 e pela loja de móveis Ikea? Minha amiga Susan sugeriu que talvez eu devesse fundar uma organização sem fins lucrativos chamada "Divorciadas sem Fronteiras". Mas toda essa gozação não adiantou nada, porque o *I*, ou seja, "eu", ainda não estava livre para ir aonde quer que fosse. Muito tempo depois de eu

ter abandonado meu casamento, o divórcio ainda estava longe de sair. Começara a ter de pressionar meu marido por intermédio dos advogados, fazendo coisas horríveis saídas dos meus piores pesadelos sobre divórcio, como enviar documentos por oficiais de justiça e assinar acusações jurídicas formais (exigidas pela lei do estado de Nova York) pela suposta crueldade mental dele - documentos esses que não deixavam espaço para dúvidas, nenhuma brechinha para dizer ao juiz: "Ei, olha só, esse foi um relacionamento muito complicado, e eu também cometi erros terríveis, e sinto muitíssimo por isso, mas tudo que eu quero é que me deixem sair."

(Faço uma pausa aqui para oferecer uma prece a meu gentil leitor: que você nunca, jamais precise se divorciar em Nova York.)

A primavera de 2003 levou as coisas ao ápice. Um ano e meio depois de eu ter saído de casa, meu marido estava finalmente disposto a discutir os termos de um acordo. Sim, ele queria dinheiro, a casa e o contrato de aluguel do apartamento de Manhattan em seu nome - tudo que eu vinha oferecendo desde o início. Mas também estava pedindo coisas em que eu jamais havia pensado (uma porcentagem dos *royalties* dos livros que eu havia escrito durante o casamento, uma parte dos possíveis direitos cinematográficos do meu trabalho, uma participação nas minhas contas de previdência privada etc.) e, nessa hora, precisei finalmente manifestar meu desacordo. Seguiram-se meses de negociações entre nossos advogados, uma espécie de meio-termo começou lentamente a tomar forma, e parecia que meu marido poderia de fato aceitar um acordo modificado. Isso iria me custar uma fortuna, mas uma briga judicial seria infinitamente mais cara e demorada, sem falar nos danos psicológicos. Se ele assinasse o acordo, tudo que eu precisaria fazer seria pagar e ir embora. O que, naquele momento, estava bom para mim. Com nosso relacionamento agora completamente arruinado, e até mesmo a civilidade destruída entre nós, tudo que eu queria àquela altura era sair porta afora.

A questão era - será que ele iria assinar? Mais semanas passaram, enquanto ele contestava outros detalhes. Se ele não concordasse com o acordo, teríamos de ir à justiça. Um processo quase certamente significaria que todo mísero centavo seria perdido em honorários de advogados. Pior de tudo, um processo significaria mais um ano - pelo menos - de toda aquela confusão. Assim, qualquer que fosse a decisão do meu marido (e ele *ainda* era meu marido, no final das contas), ela iria determinar ainda mais um ano da minha vida. Será que eu estaria viajando sozinha pela Itália, pela índia e pela Indonésia? Ou estaria prestando depoimento em algum lugar do subsolo de um tribunal durante uma audiência?

Eu ligava para minha advogada 14 vezes por dia – *alguma notícia?* -, e todos os dias ela me garantia que estava fazendo o melhor que podia, e que ligaria imediatamente se o acordo fosse assinado. O nervosismo que senti durante essa época foi um misto de um adolescente esperando ser chamado à sala do coordenador da escola e de um paciente aguardando o resultado de uma biópsia. Eu adoraria relatar que permaneci calma e zen, mas não foi isso que aconteceu. Em várias noites, tomada por ondas de raiva, espanquei meu sofá com um taco de *softball*. Durante a maior parte do tempo, eu me sentia apenas dolorosamente deprimida.

Enquanto isso, David e eu havíamos terminado de novo. Dessa vez, parecia que era para valer. Ou talvez não - não conseguíamos largar o osso definitivamente. Muitas vezes, eu ainda era tomada por um desejo de sacrificar tudo pelo amor dele. Em outras, o que eu sentia era o instinto contrário - de colocar tantos continentes e oceanos quanto possível

entre mim e aquele cara, na esperança de encontrar paz e felicidade.
Eu agora tinha rugas no rosto, vincos permanentes e fundos entre as sobrancelhas, de tanto chorar e me preocupar.
E, no meio disso *tudo*, um livro que eu havia escrito alguns anos antes estava sendo publicado em edição de bolso, e eu precisava fazer uma pequena turnê de promoção.
Levei minha amiga Iva comigo para me fazer companhia. Iva tinha a mesma idade que eu, mas havia sido criada em Beirute, no Líbano. O que significa que, enquanto eu praticava esportes e fazia testes para musicais em uma escola de ensino fundamental de Connecticut, ela se encolhia em um abrigo antiaéreo cinco noites por semana, tentando não morrer. Não tenho certeza de como essa exposição precoce à violência criou alguém que hoje é tão estável, mas Iva é uma das almas mais calmas que conheço. Além do mais, ela tem o que chamo de "Batfone para o Universo", algum tipo de canal com o divino exclusivamente seu, aberto 24 horas por dia.
Então estávamos atravessando o Kansas de carro, e eu estava em meu estado habitual de angústia e suores frios em relação ao acordo do divórcio – *será que ele vai assinar, será que ele não vai assinar?* -, e disse a Iva:
- Acho que não consigo agüentar mais um ano de processo. Eu agora queria uma intervenção divina. Queria poder escrever um *abaixo-assinado* para Deus pedindo para isto terminar.
— Então por que não escreve?
Expliquei para Iva minhas opiniões pessoais sobre a prece. Ou seja, que não me sinto à vontade pedindo coisas específicas para Deus, porque isso me parece uma certa fraqueza de fé. Não gosto de pedir: "Será que o senhor poderia mudar isto ou aquilo na minha vida que está difícil para mim?" Porque – quem sabe? - Deus pode querer que eu enfrente esse desafio específico por algum motivo. Em vez disso, sinto-me mais confortável rezando para ter coragem para enfrentar tudo que acontecer na minha vida com equanimidade, seja o que for.
Iva escutou com educação e, em seguida, perguntou:
- Onde você arrumou essa idéia idiota?
- Como assim?
- Onde arrumou a idéia de que não pode fazer um pedido ao universo com uma prece? Você faz *parte* do universo, Liz. Você é um pedaço dele, e tem todo o direito de participar das ações do universo, e de deixar claros os seus sentimentos. Então, diga a sua opinião. Defenda o seu ponto de vista. Acredite em mim: no mínimo, isso vai ser levado em consideração.
- É mesmo? - Tudo isso era novidade para mim.
- É! Escute, se você *fosse* escrever um abaixo-assinado para Deus neste instante, o que diria?
Pensei um pouco, em seguida saquei um caderninho e escrevi o seguinte:

Querido Deus.
Por favor intervenha e ajude a terminar este divórcio. Meu marido e eu não conseguimos manter nosso casamento, e agora não estamos conseguindo nos divorciar. Esse processo venenoso está nos causando sofrimento e a todos aqueles que gostam de nós.
Eu sei que o senhor está ocupado com guerras e tragédias, e com conflitos muito maiores do que a disputa infindável de um casal disfuncional. Mas acho que a saúde do planeta é

afetada pela saúde de cada indivíduo que vive nele. Enquanto duas almas quaisquer estiverem envolvidas em algum conflito, o mundo inteiro será contaminado por isso. Da mesma forma, se duas almas quaisquer puderem ser libertadas da discórdia, isso irá aumentar a saúde generalizada do mundo inteiro, do mesmo modo que algumas células saudáveis em um corpo podem aumentar a saúde generalizada do mundo inteiro, do mesmo modo que algumas células saudáveis em um corpo podem aumentar a saúde generalizada desse corpo.
Meu mais humilde pedido, portanto, é que o senhor nos ajude a terminar este conflito, de modo que mais duas pessoas possam ter a oportunidade de se tornarem livres e saudáveis, e para que haja um pouquinho menos de animosidade e de amargura em um mundo já tão prejudicado pelo sofrimento.
Agradeço-lhe por sua gentil atenção.
Respeitosamente,
Elizabeth M. Gilbert

Li o texto para Iva, e ela aquiesceu, aprovando.
- Eu assinaria esse abaixo-assinado - disse ela.
Entreguei-lhe o abaixo-assinado junto com uma caneta, mas ela estava ocupada dirigindo, então falou:
- Não, vamos fingir que eu *já* assinei. Assinei no meu coração.
- Obrigada, Iva. Seu apoio é muito importante.
- Mas quem mais iria assinar? - perguntou ela.
- Minha família. Minha mãe e meu pai. Minha irmã.
- Tudo bem - disse ela. - Eles *acabaram* de assinar. Pode considerar seus nomes escritos. Pude até sentir quando eles assinaram. Eles agora estão na lista. Então... quem mais assinaria? Comece a citar nomes.
Então comecei a citar os nomes de todas as pessoas que pensei que assinariam aquele abaixo-assinado. Citei todos os meus amigos mais chegados, depois alguns parentes e algumas pessoas com quem eu trabalhava. Depois de cada nome, Iva dizia com segurança: "Tá bom. Ele acabou de assinar", ou "Ela acabou de assinar". Algumas vezes, ela sugeria seus próprios signatários, como: "Meus pais acabaram de assinar. Eles criaram os filhos durante uma guerra. Detestam conflitos inúteis. Ficariam felizes em ver seu divórcio terminar."
Fechei os olhos e esperei que outros nomes me ocorressem.
- Acho que Bill e Hillary Clinton acabaram de assinar - falei.
- Não duvido - disse ela. - Escute, Liz... *qualquer um* pode assinar esse abaixo-assinado. Você entende isso? Chame todo mundo, vivo ou morto, e comece a juntar assinaturas.
- São Francisco de Assis acabou de assinar!
- É *claro* que sim! - Iva bateu com a mão no volante, decidida.
Agora eu estava embalada:
- Abraham Lincoln acabou de assinar! E Gandhi, e Mandela, e todos os defensores da paz. Eleanor Roosevelt, Madre Teresa, Bono, Jimmy Carter, Mohamed Ali, Jackie Robinson e o Dalai Lama... e a minha avó que morreu em 1984, e a minha avó que ainda está viva... e o meu professor de italiano, e a minha terapeuta, e a minha agente... e Martin Luther King Jr. e Katharine Hepburn... e Martin Scorsese (o que não seria necessariamente de se esperar, mas mesmo assim é gentil da parte dele)... e a minha

Guru, é claro... e Joanne Woodward, e Joana d'Arc, e a sra. Carpenter, minha professora da terceira série, e Jim Henson...
Os nomes iam jorrando da minha boca. Não pararam de jorrar durante quase uma hora, enquanto íamos atravessando o Kansas, e meu abaixo-assinado da paz começou a acumular páginas e mais páginas de signatários. Iva continuava a confirmar – *pronto, ele assinou; pronto, ela assinou* - e eu comecei a ter uma poderosa sensação de estar protegida, cercada pela boa vontade coletiva de tantas almas importantes.
O ritmo da lista finalmente diminuiu, e minha ansiedade diminuiu com ele. Eu estava com sono. Iva disse:
- Tire um cochilo. Eu dirijo.
Fechei os olhos. Um último nome surgiu.
- Michael J. Fox acabou de assinar - murmurei e, em seguida, adormeci. Não sei quanto tempo passei dormindo, talvez tenham sido só dez minutos, mas foi um sono profundo. Quando acordei, Iva ainda estava dirigindo. Ela cantarolava uma musiquinha para si mesma. Dei um bocejo.
Meu celular tocou.
Olhei para aquele *telefonino* maluco vibrando de excitação no cinzeiro do carro alugado. Sentia-me desorientada, meio chapada com o cochilo, e subitamente incapaz de me lembrar de como funciona um telefone.
- Vamos - disse Iva, já sabendo. - Atenda esse troço.
Peguei o celular, sussurrei um "Alô".
- Ótimas notícias! - anunciou minha advogada da longínqua Nova York. - Ele acabou de assinar!

10

Algumas semanas mais tarde, estava morando na Itália. Pedi demissão do meu emprego, paguei o acordo do meu divórcio e os honorários dos advogados, abri mão da minha casa, abri mão do meu apartamento, guardei todos os pertences que me restavam na casa da minha irmã e arrumei duas malas. Meu ano de viagem havia começado. E eu de fato *posso* fazer isso devido a um milagre pessoal atordoante: minha editora comprou, adiantado, o livro que vou escrever sobre as minhas viagens. Em outras palavras, tudo acabou acontecendo exatamente como o xamã indonésio havia previsto. Eu perderia todo o meu dinheiro, e ele seria imediatamente reposto — ou pelo menos o suficiente para me comprar um ano de vida.
Então agora sou moradora de Roma. O apartamento que encontrei é um pequeno quitinete em um prédio tombado, localizado a poucos estreitos quarteirões da escada da Piazza d'Espagna, abrigado sob as graciosas sombras do elegante Parque Borghese, na rua logo acima da Piazza del Popolo, onde os antigos romanos costumavam correr de carruagem. E claro que esse bairro não tem a extensa grandiosidade do meu antigo bairro nova-iorquino, que dava para a entrada do Lincoln Tunnel, mas mesmo assim...
Vai servir.

11

A primeira refeição que fiz em Roma não foi nada de mais. Foi só uma massa caseira

(spaghetti carbonara) com uma porção de espinafre refogado com alho. (O grande poeta romântico Shelley escreveu certa vez uma carta horrorizada para um amigo na Inglaterra sobre a culinária italiana: "Moças de boa família chegam a comer - você nunca vai adivinhar o quê - ALHO!") Também comi uma alcachofra, só para provar; os romanos têm muito orgulho de suas alcachofras. Depois houve um outro acompanhamento surpresa trazido pela garçonete, de graça - uma porção de flores de abobrinha fritas com um pedaço de queijo cremoso no centro (preparadas com tanta delicadeza que as flores provavelmente nem perceberam que não estavam mais no pé). Depois do espaguete, provei a vitela. Ah, e também bebi uma garrafa do vinho tinto da casa, sozinha. E comi um pouco de pão morno, com azeite e sal. De sobremesa, *tiramisú*.
Caminhando de volta para casa depois da refeição, por volta das 11 da noite, pude ouvir barulhos vindos de um dos prédios na minha rua, algo que parecia uma convenção de crianças de 7 anos - talvez uma festinha de aniversário? Risos, gritos e crianças correndo. Subi as escadas até meu apartamento, deitei-me na minha cama nova e apaguei a luz. Esperei para ver quando ia começar a chorar ou a me preocupar, já que era isso o que geralmente acontecia comigo quando as luzes estavam apagadas, mas na verdade eu estava me sentindo bem. Eu estava bem. Sentia os primeiros sintomas do contentamento. Meu corpo cansado perguntou à minha mente cansada: "Era só disso que você precisava, então?"
Não houve resposta. Eu já estava profundamente adormecida.

12

Em todas as grandes cidades do mundo ocidental, algumas coisas são sempre iguais. Os mesmos africanos estão sempre vendendo cópias das mesmas bolsas e óculos de marca, e os mesmos músicos guatemaltecos estão sempre tocando a mesma música em suas flautas de bambu. Mas algumas coisas só existem em Roma. Como o vendedor de sanduíches que me chma com tanta desenvoltura de “linda” toda vez que nos falamos. *Quer este* panino *grelhado ou frio*, bella? Ou os casais que se abraçam e se beijam por toda parte, como se houvesse algum concurso disso, enroscando-se uns nos outros em bancos de praça, acariciando os cabelos e partes íntimas uns dos outros, encostando-se e remexendo-se sem cessar...
E há também os chafarizes. Plínio, o Velho, escreveu certa vez: “Caso alguém um dia reflita sobre a abundância do fornecimento público de água em Roma para banhos, cisternas, calhas, casas, jardins, *villas*; e caso leve em conta a distância que ela precise percorrer, os arcos que precisam atravessar, as montanhas que precisa perfurar, os vales que precisa transpor – irá reconhecer que nunca houve nada de mais maravilhoso em todo o mundo.”
Alguns séculos depois, eu já tinha alguns candidatos ao posto de meu chafariz romano predileto. Um deles fica na Villa Borghese. No centro desse chafariz há uma alegre família de bronze. Papai é um fauno, e mamãe, uma mulher normal. Eles têm um bebezinho que gosta de comer uvas. Mamãe e papai estão em uma pose estranha - frente a frente, segurando os pulsos um do outro, ambos inclinados para trás. É difícil dizer se estão puxando um ao outro porque estão brigando ou se estão se sacudindo alegremente, mas há muita energia na cena. Seja como for, a criança está encarapitada em cima de seus pulsos, bem no meio deles, sem se deixar afetar por sua alegria ou por sua disputa,

mordiscando seu cacho de uvas. Seus pequeninos cascos fendidos balançam abaixo dele, enquanto ele come. (Ele puxou ao pai.)
E o início de setembro de 2003. O tempo está quente e preguiçoso. A essa altura, meu quarto dia em Roma, minha sombra ainda não recaiu sobre a entrada de nenhuma igreja ou museu, e tampouco abri um guia. Mas tenho caminhado sem parar e a esmo, e de fato acabei encontrando o lugarzinho que um motorista de ônibus simpático informou vender O Melhor *Gelato* de Roma. O lugar se chama "Il Gelato di San Crispino". Não tenho certeza, mas acho que se pode traduzir isso como "o sorvete do santo crespo". Provei uma mistura dos sabores mel e avelã. Voltei mais tarde naquele mesmo dia para provar o de *grapefruit* e o de melão. Então, logo depois do jantar naquela mesma noite, percorri todo o caminho até lá mais uma vez, só para provar um copinho do sorvete de canela com gengibre.
Venho tentando ler um artigo de jornal inteiro por dia, por mais que demore. Consulto aproximadamente uma palavra a cada três no meu dicionário. A notícia de hoje era fascinante. É difícil imaginar uma manchete mais dramática do que: *"Obesità! I Bambini Italiani Sono i Più Grassi d'Europa!"* Meu Deus! Obesidade! Acho que o artigo está dizendo que os bebês italianos são os mais gordos da Europa! Depois de ler mais, fico sabendo que os bebês italianos são consideravelmente mais gordos do que os bebês alemães, e muito consideravelmente mais gordos do que os bebês franceses. (Felizmente, não havia referência a qual seria sua comparação com os bebês americanos.) As crianças italianas mais velhas também estão perigosamente obesas nos dias de hoje, diz o artigo. (A indústria da massa se defendeu.) As alarmantes estatísticas sobre a gordura das crianças italianas foram reveladas ontem por - essa parte nem é preciso traduzir – *"una task force internazionale"* Levei quase uma hora para decifrar o artigo inteiro. Durante todo o tempo, eu estava comendo uma pizza e escutando uma das crianças italianas tocar acordeão do outro lado da rua. O menino não me pareceu muito gordo, mas pode ter sido porque ele era cigano. Não tenho certeza se não entendi direito a última linha do artigo, mas parecia que o governo estava dizendo que a única forma de lidar com a crise de obesidade na Itália era instaurar um imposto para quem estivesse acima do peso...? Será que isso era verdade? Depois de eu passar alguns meses comendo deste jeito, será que vão me prender?
Também é importante ler o jornal todos os dias para ver como anda o papa. Aqui, em Roma, a saúde do papa é registrada todos os dias no jornal, do mesmo jeito que a meteorologia ou a programação de TV. Hoje o papa está cansado. Ontem o papa estava menos cansado do que hoje. Amanhã, esperamos que o papa não esteja tão cansado quanto estava hoje.
Isto aqui é um tipo de paraíso do idioma para mim. Para alguém que sempre quis falar italiano, o que poderia ser melhor do que Roma? É como se alguém tivesse inventado uma cidade só para se adequar às minhas especificações, onde todo mundo (até as crianças, até os motoristas de táxi, até os atores dos comerciais!) fala esta língua mágica. Enquanto eu estiver aqui, eles vão até imprimir os jornais em italiano; eles não se importam! Eles aqui têm livrarias que *só vendem livros escritos em italiano!* Descobri uma livraria dessas ontem de manhã e tive a sensação de estar entrando em um palácio encantado. Tudo era em italiano - até as histórias do dr. Seuss. Passeei pela loja, tocando todos os livros, esperando que alguém que me visse pensasse que eu era uma italiana. Ah, como eu queria que o italiano se revelasse para mim! Essa sensação me lembrava quando

eu tinha 4 anos de idade e ainda não sabia ler, mas estava morrendo de vontade de aprender. Lembro-me de ficar sentada na sala de espera do consultório de um médico com minha mãe, segurando uma revista de prendas domésticas na frente do rosto, virando as páginas devagar, encarando o texto, e esperando que os adultos da sala de espera pensassem que eu estava lendo de verdade. Desde essa época eu não me sentia tão carente de compreensão. Encontrei alguns livros de poetas americanos nessa livraria, com a versão original em inglês impressa em uma página e a tradução italiana na outra. Comprei um volume de Robert Lowell e outro de Louise Glück.
Existem aulas de conversação espontâneas por toda parte. Hoje eu estava sentada em um banco de parque quando uma senhora muito baixinha vestida de preto chegou perto, sentou-se ao meu lado e começou a me dar um sermão sobre alguma coisa. Sacudi a cabeça, muda e sem entender. Pedi desculpas, dizendo em um italiano muito educado:
- Desculpe, mas eu não falo italiano -, e ela fez uma cara de quem poderia me bater com uma colher de pau, se tivesse uma ali. Insistiu:
- Você está entendendo!
(O interessante é que ela estava certa. *Essa* frase eu entendi.) Então quis saber de onde eu era. Eu lhe disse que era de Nova York, e perguntei de onde ela era. Dã - ela era de Roma. Ao ouvir isso, bati palmas como um bebê. *Ah, Roma! Linda Roma! Eu amo Roma! Bonita Roma!* Ela ficou ouvindo minhas exclamações primitivas com ceticismo. Então foi direto ao assunto e me perguntou se eu era casada. Eu lhe disse que era divorciada. Aquela era a primeira vez que eu dizia aquilo a alguém, e ali estava eu, dizendo em italiano. É claro que ela perguntou:
- *Perché?* - Bom... "Por que" é uma pergunta difícil de responder em qualquer idioma. Gaguejei, e finalmente consegui dizer:
- *Labbiamo rotto* (Nós terminamos).
Ela aquiesceu, levantou-se, subiu a rua até seu ponto, subiu no ônibus e sequer se virou para olhar para mim novamente. Será que estava com raiva de mim? Estranhamente, fiquei esperando por ela naquele banco de parque durante vinte minutos, pensando, de forma irracional, que ela poderia voltar e continuar nossa conversa, mas ela nunca voltou. Seu nome era Celeste, pronunciado com um *tch* duro, como em *cello*.
Mais tarde, naquele mesmo dia, encontrei uma biblioteca. Ah, como eu adoro uma biblioteca. Já que estamos em Roma, essa biblioteca é um lindo prédio antigo, e no interior há um jardim que você nunca teria adivinhado que existia, se houvesse apenas olhado o lugar da rua. O jardim é um quadrado perfeito, salpicado de pés de laranjeira, e com um chafariz no centro. Pude ver imediatamente que aquele chafariz seria um competidor para o posto de meu preferido em Roma, embora ele fosse diferente de todos os que eu já havia visto. Para começar, não era esculpido em mármore imperial. Aquele era um chafariz pequeno, verde, musguento, orgânico. Parecia um tufo de samambaias desgrenhado e úmido. (Na verdade, era exatamente igual à abundante folhagem que crescia da cabeça da figura em postura de prece que o velho xamã indonésio havia desenhado para mim.) A água jorrava do centro desse arbusto verdejante e, em seguida, respingava sobre as folhas, fazendo subir pelo jardim inteiro um som lindo e melodioso. Encontrei um banco debaixo de uma laranjeira e abri um dos livros de poesia que havia comprado na véspera. Louise Glück. Li o primeiro poema em italiano, depois em inglês, e me detive na seguinte estrofe:
Dal centro della mia vita venne una grande fontana.

"Do centro da minha vida veio um grande chafariz..."
Larguei o livro no meu colo, trêmula de alívio.

13

Verdade seja dita, não sou a melhor viajante do mundo. Sei disso porque já viajei muito, e conheci pessoas que são ótimas viajantes. Verdadeiros talentos naturais. Conheci viajantes que são tão fisicamente resistentes que seriam capazes de beber a água de uma sarjeta de Calcutá em uma caixa de sapatos e não passar mal. Pessoas que absorvem novos idiomas, enquanto o restante de nós só consegue absorver doenças infecciosas. Pessoas que sabem como acalmar um guarda de fronteira ameaçador ou seduzir um burocrata pouco cooperativo na seção de vistos. Pessoas que têm a altura e a compleição certas para parecerem mais ou menos normais em qualquer lugar que estejam - na Turquia, poderiam muito bem ser turcas, no México são subitamente mexicanas, na Espanha poderiam ser confundidas com bascos e na África do Norte algumas vezes podem passar por árabes...
Não tenho essas qualidades. Em primeiro lugar, não passo despercebida. Alta, loura e com a pele cor-de-rosa, sou tão camaleoa quanto um flamingo. Onde quer que eu vá, à exceção de Dusseldorf, eu me destaco de forma gritante. Quando fui à China, as mulheres costumavam se aproximar de mim na rua e me apontar para seus filhos como se eu fosse algum animal que houvesse fugido do zoológico. E seus filhos — que nunca haviam visto nada parecido com essa pessoa de rosto rosado e cabelos amarelos que mais parece um fantasma - muitas vezes abriam o berreiro ao me ver. Realmente detestei isso na China.
Tenho pouco talento (ou melhor, tenho preguiça) para pesquisar um lugar antes de viajar, e minha tendência é simplesmente aparecer e ver o que acontece. Quando você viaja assim, o que tipicamente "acontece" é que você acaba passando um tempão parado no meio da estação de trem sem saber o que fazer, ou gastando dinheiro demais em hotéis por estar desinformado. Meu precário senso de orientação e geografia significa que explorei seis continentes na vida tendo apenas a mais vaga das idéias de onde estava naquele momento. Além da minha bússola interna avariada, também não tenho grandes reservas de sangue-frio, o que pode ser um problema em viagem. Nunca aprendi a dar ao meu rosto aquela expressão de invisibilidade competente tão útil quando se viaja por lugares perigosos e desconhecidos. Vocês sabem— aquela expressão de alguém que está totalmente relaxado, inteiramente no controle da situação, que faz você parecer estar em casa em qualquer lugar, em todos os lugares, até mesmo no meio de uma rebelião em Jacarta. Ah, não. Quando não sei o que estou fazendo, tenho cara de quem não sabe o que está fazendo. Quando estou animada ou nervosa, tenho cara de animada ou nervosa. E quando estou perdida, o que é freqüente, tenho cara de perdida. Meu rosto é um transmissor transparente de cada pensamento meu. Como David disse certa vez: "O seu rosto é o oposto do rosto de quem joga pôquer. Parece o rosto de quem joga... minigolfe."
E, ah, que tormentos as viagens já inflingiram a meu sistema digestivo! Não quero mesmo ficar colocando minhocas na sua cabeça (com o perdão da expressão), mas acho que basta dizer que já vivenciei todas as mais dramáticas emergências digestivas. No Líbano, certa noite passei tão mal que só podia pensar que, de alguma forma, havia contraído uma versão do Oriente Médio do vírus Ebola. Na Hungria, padeci de um mal intestinal inteiramente diferente, que mudou para sempre a minha relação com a

expressão "bloco socialista". Mas também tenho outras fraquezas físicas. Dei um jeito nas costas no primeiro dia de viagem pela África, fui o único membro do meu grupo a sair das florestas da Venezuela com picadas de aranha infeccionadas, e pergunto a vocês — por favor! — quem é que consegue uma queimadura de sol em *Estocolmo?*
Mesmo assim, apesar de tudo isso, viajar é a verdadeira grande paixão da minha vida. Sempre senti, desde que tinha 16 anos e fui à Rússia pela primeira vez com o dinheiro que juntei cuidando de crianças, que viajar compensa qualquer custo ou sacrifício. Sou leal e constante em meu amor pelas viagens, de um modo como nem sempre fui leal e constante em relação às minhas outras paixões. Tenho pelas viagens o mesmo sentimento que uma feliz nova mamãe tem por seu recém-nascido barulhento, irrequieto e cheio de cólicas - simplesmente *não ligo* para o que elas me fazem suportar. Porque eu as adoro. Porque elas são minhas. Porque são exatamente a minha cara. Elas podem golfar em cima de mim se quiserem - eu simplesmente não ligo.
Mas enfim, para um flamingo, não sou assim tão impotente. Tenho meu próprio conjunto de técnicas de sobrevivência. Sou paciente. Sei fazer uma mala levinha. Não tenho medo de comer nada. Mas meu maior talento em relação às viagens é que consigo fazer amizade com *qualquer pessoa*. Consigo fazer amizade com os mortos. Certa vez, fiquei amiga de um criminoso de guerra na Sérvia, e ele me convidou para passar as férias com sua família nas montanhas. Não que eu tenha orgulho de ter assassinos em massa sérvios na lista das minhas pessoas mais queridas (precisei ficar amiga dele por causa de um trabalho, e também para que ele não me desse um soco), mas só estou dizendo que posso fazer isso. Se não tiver mais ninguém com quem conversar, eu provavelmente poderia ficar amiga de um fradinho de rua. É por isso que não tenho medo de viajar para os lugares mais distantes do mundo, não se lá houver seres humanos que eu possa encontrar. Antes de eu viajar para a Itália, as pessoas me perguntavam: "Você tem amigos em Roma?", e eu simplesmente fazia que não com a cabeça, pensando comigo mesma: *Mas vou ter.*
Na maior parte das vezes, você conhece seus amigos de viagem por acidente, como quando alguém se senta ao seu lado em um trem, ou em um restaurante, ou na cela de alguma delegacia. Mas esses são encontros aleatórios, e você nunca deve confiar apenas no acaso. Para uma abordagem mais sistemática, ainda existe o maravilhoso antigo sistema da "carta de apresentação" (hoje mais provavelmente um e-mail) apresentando você formalmente ao amigo de um amigo. Essa é uma ótima forma de conhecer pessoas, se você tiver cara-de-pau suficiente para dar o primeiro telefonema e se convidar para jantar. Assim, antes de viajar para a Itália, perguntei a todo mundo que eu conhecia nos Estados Unidos se *eles* tinham algum amigo em Roma, e fico feliz em informar que embarquei no avião com uma lista respeitável de contatos italianos.
Entre todos os indicados à minha Lista de Novos Amigos Italianos em Potencial, estou mais curiosa para conhecer um cara chamado... preparem-se... Luca Spaghetti. Luca Spaghetti é muito amigo do meu grande amigo Patrick McDevitt, que conheço desde a faculdade. E esse é o nome de verdade dele, juro por Deus, não estou inventando. É incrível demais. Quero dizer - pensem um pouco. Imaginem o que é passar a vida inteira com um nome como *Patrick McDevitt?*
De qualquer forma, estou planejando entrar em contato com Luca Spaghetti o mais rápido possível.

14

Mas primeiro preciso resolver a questão da escola. Minhas aulas começam hoje na Academia de Estudos de Idiomas Leonardo da Vinci, onde estudarei italiano cinco dias por semana, quatro horas por dia. Estou superanimada com essas aulas. Adoro ser *estudante*. Escolhi minhas roupas todas na noite passada, do mesmo jeito que fiz na véspera do meu primeiro dia de aula no C.A., com meus sapatos de verniz e minha lancheira nova. Espero que a professora goste de mim.

No primeiro dia na Leonardo da Vinci, todos temos de fazer um teste de nivelamento para sermos colocados na turma certa segundo nossos conhecimentos de italiano. Quando fiquei sabendo disso, imediatamente comecei a esperar que não me colocassem em uma turma de nível um, porque isso seria humilhante, uma vez que eu já tinha feito um semestre inteiro de aulas de italiano na minha Escola Noturna para Senhoras Divorciadas em Nova York, e uma vez que havia passado o verão memorizando fichas, e uma vez que estava em Roma já fazia uma semana, treinando o idioma em primeira mão, tendo chegado até a conversar com vovozinhas sobre divórcio. O problema é que não sei quantos níveis esta escola tem mas, assim que escutei a palavra nível, resolvi que precisava entrar no nível dois — *pelo menos*.

Então hoje está chovendo a cântaros, e chego cedo à escola (como sempre cheguei – *CDF* !) e faço o teste. Que teste mais difícil! Não consigo fazer nem um décimo. Sei tanto italiano, conheço *dúzias* de palavras em italiano, mas eles não me perguntam nada do que eu sei. Depois vem uma prova oral, que é ainda pior. Um professor de italiano bem magrinho chega para me entrevistar, falando rápido demais, na minha opinião, e eu deveria estar fazendo uma prova bem melhor, mas estou nervosa e erro coisas que já sei (por exemplo: por que falei *Vado a scuola* em vez de *Sono andata a scuola!* Isso eu sei!). No final das contas, fica tudo bem. O professor de italiano magrinho olha minha prova e escolhe a minha turma:

Nível DOIS!

As aulas começam à tarde. Então saio para almoçar (endívias na brasa), depois volto saltitando para a escola e passo com ar de superioridade pelos alunos do nível um (que devem ser *molto stupido* mesmo) e entro na minha primeira aula. Com meus colegas. Só que rapidamente fica óbvio que aqueles não são meus colegas, e que não tenho nada que estar ali, porque o nível dois é, na verdade, *muito* difícil. Tenho a sensação de estar conseguindo não me afogar, mas é por pouco. A cada respiração, engulo mais água. O professor, um cara magrinho (por que os professores aqui são tão magrinhos? Não confio em italianos magros), avança depressa demais, pulando capítulos inteiros do livro, dizendo: "Isto vocês já sabem, isto aqui também...", e mantendo um diálogo rapidíssimo com meus colegas aparentemente fluentes. Meu estômago se contrai de terror, e fico tentando respirar e rezando para ele não me chamar. Assim que chega a hora do intervalo, saio correndo da sala com as pernas bambas e disparo até a sala da administração, quase chorando, onde pergunto em um inglês muito claro se eles poderiam, por favor, me passar para uma turma de nível um. Coisa que eles fazem. E agora estou aqui.

Este professor é gordinho e fala devagar. Bem melhor.

15

O interessante em relação à minha aula de italiano é que ninguém na verdade precisa estar aqui. Somos 12 pessoas estudando juntas, de todas as idades, de todos os cantos do mundo, e todos vieram para Roma pelo mesmo motivo - aprender italiano só porque estão com vontade- Nenhum de nós é capaz de citar uma única razão prática para estar aqui. O chefe de ninguém disse: "É fundamental você aprender italiano para podermos fazer nossos negócios internacionais." Todo mundo, até mesmo o sério engenheiro alemão, compartilha o que eu pensava ser o meu motivo particular: todos nós queremos falar italiano porque adoramos a sensação que o idioma nos dá. Uma russa de expressão triste nos diz que está fazendo aulas de italiano porque "eu acho que mereço alguma coisa bonita". O engenheiro alemão diz: "Eu quero italiano porque adoro a *dolce vita*" — a vida bela. (Só que, com seu sotaque alemão duro, acaba parecendo que ele está dizendo que adora a *"deustsche vita"* - a vida alemã -, coisa que tenho certeza de que ele já teve bastante).

Como descobrirei ao longo dos próximos meses, na verdade há alguns bons motivos para o italiano ser a língua mais bela e sedutora do mundo, e para eu não ser a única pessoa que pensa assim. Para entender o porquê, você primeiro precisa entender que a Europa era uma confusão de inúmeros dialetos derivados do latim que aos poucos, ao longo dos séculos, se transformaram em alguns idiomas distintos - francês, português, espanhol, italiano. O que aconteceu na França, em Portugal e na Espanha foi uma evolução orgânica: o dialeto da cidade mais proeminente se tornou, aos poucos, a língua oficial da região toda. Portanto, o que hoje chamamos de francês é na verdade uma versão do parisiense medieval. O português é na verdade o lisboeta. O espanhol é essencialmente o madrilenho. Essas são vitórias capitalistas; a cidade mais forte acabou determinando o idioma do país inteiro.

Na Itália foi diferente. Uma diferença importante foi que, durante muito tempo, a Itália sequer foi um país. Ela só se unificou bem tarde (1861) e, até então, era uma península de cidades-Estado em guerra entre si, dominadas por orgulhosos príncipes locais ou por outras potências européias. Partes da Itália pertenciam à França, partes à Espanha, partes à Igreja, e partes a quem quer que conseguisse conquistar a fortaleza ou o palácio local. O povo italiano se mostrava alternativamente humilhado e conformado com toda essa dominação. A maioria não gostava muito de ser colonizada por seus co-cidadãos europeus, mas sempre havia aquele bando apático que dizia: *"Franza o Spagna, purchè se magna"*, que, em dialeto, significa: "França ou Espanha, contanto que eu possa comer."

Toda essa divisão interna significa que a Itália nunca se unificou adequadamente, e o mesmo aconteceu com a língua italiana. Assim, não é de espantar que, durante séculos, os italianos tenham escrito e falado dialetos locais incompreensíveis para quem era de outra região. Um cientista florentino mal conseguia se comunicar com um poeta siciliano ou com um comerciante veneziano (exceto em latim, que não chegava a ser considerada a língua nacional). No século XVI, alguns intelectuais italianos se juntaram e decidiram que isso era um absurdo. A península italiana precisava de um idioma *italiano,* pelo menos na forma escrita, que fosse comum a todos. Então esse grupo de intelectuais fez uma coisa inédita na história da Europa; escolheu a dedo o mais bonito dos dialetos locais e o batizou de *italiano*.

Para encontrar o dialeto mais bonito, eles precisaram recuar duzentos anos, até a Florença do século XIV. O que esse grupo decidiu que a partir dali seria considerada a língua

italiana correta foi a linguagem pessoal do grande poeta florentino Dante Alighieri. Ao publicar sua *Divina Comédia*, em 1321, descrevendo em detalhes uma jornada visionária pelo Inferno, Purgatório e Paraíso, Dante havia chocado o mundo letrado ao não escrever em latim. Considerava o latim um idioma corrupto, elitista, e achava que o seu uso na prosa respeitável havia "prostituído a literatura", transformando a narrativa universal em algo que só podia ser comprado com dinheiro, por meio dos privilégios de uma educação aristocrática. Em vez disso, Dante foi buscar nas ruas o verdadeiro idioma florentino falado pelos moradores da cidade (o que incluía ilustres contemporâneos seus, como Boccaccio e Petrarca), e usou esse idioma para contar sua história.
Ele escreveu sua obra-prima no que chamava de *dolce stil nuovo*, o doce estilo novo" do vernáculo, e moldou esse vernáculo ao mesmo tempo que escrevia, atribuindo-lhe uma personalidade de uma forma tão pessoal quanto Shakespeare um dia faria com o inglês elizabetano. O fato de um grupo de intelectuais nacionalistas se reunir muito mais tarde e decidir que o italiano de Dante seria, a partir dali, a língua oficial da Itália seria mais ou menos como se um grupo de acadêmicos de Oxford houvesse se reunido um dia no século XIX e decidido que - daquele ponto em diante - todo mundo na Inglaterra iria falar o puro idioma de Shakespeare. E a manobra realmente *funcionou*.
O italiano que falamos hoje, portanto, não é o romano ou o veneziano (embora essas cidades fossem poderosas do ponto de vista militar e comercial), e sequer é inteiramente florentino. O idioma é fundamentalmente *dantesco*. Nenhum outro idioma europeu tem uma linhagem tão artística. E, talvez, nenhum outro idioma jamais tenha sido tão perfeitamente ordenado para expressar os sentimentos humanos quanto esse italiano florentino do século XIV, embelezado por um dos maiores poetas da civilização ocidental. Dante escreveu sua *Divina Comédia* em *terza rima*, terça rima, uma cadeia de versos em que cada rima se repete três vezes a cada cinco linhas, o que dá a esse belo vernáculo florentino o que os estudiosos chamam de "ritmo em cascata" - ritmo esse que sobrevive até hoje no falar cadenciado e poético dos taxistas, açougueiros e funcionários públicos italianos. A última linha da *Divina Comédia*, em que Dante se depara com a visão de Deus em pessoa, é um sentimento que ainda pode ser facilmente compreendido por qualquer um que conheça o chamado italiano moderno. Dante escreve que Deus não é apenas uma imagem ofuscante de luz gloriosa, mas que Ele é, acima de tudo, *l'amor che move il sole e l'altre stelle...*
"O amor que move o Sol e as outras estrelas."
Então não é mesmo de se espantar que eu quisesse tão desesperadamente aprender esse idioma.

16

Depois de cerca de dez dias na Itália, a Depressão e a Solidão acabam me encontrando. Estou passeando pela Villa Borghese certa tarde, depois de um agradável dia de aula, e o sol está se pondo em tons de dourado acima da Basílica de São Pedro. Sinto-me contente neste cenário romântico, mesmo estando completamente sozinha, enquanto todas as outras pessoas no parque estão acariciando um amante ou brincando com uma criança risonha. Mas quando paro e me apóio em uma balaustrada para admirar o pôr-do-sol, acabo pensando um pouco demais, e meus pensamentos se tornam sombrios, e é então que as duas me encontram.

Aproximam-se de mim, silenciosas e ameaçadoras como detetives particulares, e me cercam - a Depressão pela esquerda, a Solidão pela direita. Sequer precisam me mostrar seus distintivos. Eu as conheço muito bem. Há anos que temos brincado de gato e rato. Embora eu reconheça que estou surpresa por encontrá-las neste elegante jardim italiano ao entardecer. Elas não combinam com este lugar.
Pergunto a elas:
"Como vocês me encontraram aqui? Quem disse a vocês que eu tinha vindo para Roma?"
A Depressão, sempre bancando a esperta, diz:
"Como assim, você não está feliz em nos ver?"
"Vá embora", digo a ela.
A Solidão, a mais sensível das duas, diz:
"Desculpe, mas eu talvez precise seguir a senhora durante toda a sua viagem. É a minha missão."
"Eu preferiria que você não fizesse isso", digo-lhe, e ela dá de ombros, quase pedindo desculpas, mas se aproximando ainda mais.
Então elas me revistam. Esvaziam meus bolsos de qualquer alegria que eu estivesse carregando aqui. A Depressão chega a confiscar minha identidade; mas ela sempre faz isso. Então a Solidão começa a me interrogar, coisa que detesto, porque sempre dura horas. Ela é educada, mas implacável, e sempre acaba me encurralando. Pergunta se eu acho que tenho algum motivo para estar feliz. Pergunta por que estou sozinha esta noite, outra vez. Pergunta (embora já tenhamos passado por esse mesmo interrogatório vezes sem conta) por que não consigo manter um relacionamento, por que arruinei meu casamento, por que estraguei tudo com David, por que estraguei tudo com todos os homens com quem já estive. Pergunta-me onde eu estava na noite em que completei 30 anos, e por que as coisas azedaram tanto desde então. Pergunta por que não consigo me recuperar, e por que não estou nos Estados Unidos, morando em uma bela casa e criando belos filhos, como qualquer mulher respeitável da minha idade deveria fazer. Pergunta por que, exatamente, eu acho que mereço umas férias em Roma, quando transformei minha vida em tamanho caos. Pergunta por que acho que fugir para a Itália como uma estudante universitária vai me fazer feliz. Pergunta onde acho que vou estar quando ficar velha, se continuar vivendo assim.
Volto a pé para casa, esperando conseguir me livrar delas, mas elas continuam a me seguir, essas duas capangas. A Depressão me segura firme pelo ombro e a Solidão me bombardeia com seu interrogatório. Sequer tenho forças para jantar; não quero que elas fiquem me espionando. Também não quero que subam as escadas até o meu apartamento, mas conheço a Depressão, e sei que ela carrega um cassetete, entto não há como impedi-la de entrar, se ela decidir que quer fazer isso.
"Não é justo vocês virem aqui", digo à Depressão. "Já paguei vocês. Já cumpri a minha pena lá em Nova York."
Mas ela simplesmente me dá aquele sorriso sombrio, acomoda-se em minha cadeira preferida e acende um charuto, enchendo o aposento com sua fumaça desagradável. A Solidão olha aquela cena e dá um suspiro, em seguida deita-se na minha cama e se cobre com as cobertas, inteiramente vestida, de sapato e tudo. Estou sentindo que vai me obrigar a dormir com ela de novo esta noite.

Eu havia parado de tomar meu remédio poucos dias antes. Parecia-me simplesmente uma *loucura* tomar antidepressivos na Itália. Como é que eu poderia ficar deprimida aqui? Nunca quis tomar remédios, para começo de conversa. Passara muito tempo lutando para não tomá-los, sobretudo devido a uma longa lista de objeções pessoais (por exemplo: os americanos tomam remédios demais; ainda não sabemos que efeito esse negócio tem no cérebro a longo prazo; è um crime o fato de até as crianças americanas tomarem antidepressivos nos dias de hoje; estamos tratando os sintomas, não as causas, de uma emergência nacional na área da saúde mental...). Mesmo assim, durante os últimos anos da minha vida, não havia dúvida de que eu estava enfrentando graves problemas, e de que esses problemas não estavam indo embora depressa. Conforme meu casamento se desintegrava e meu drama com David se desenvolvia, eu passara a apresentar todos os sintomas de uma depressão grave - perda de sono, apetite e desejo sexual, crises de choro incontroiáveis, dores crônicas nas costas e no estômago, instrospecção e desespero, dificuldade para me concentrar no trabalho, incapacidade até mesmo para me importar com o fato de os republicanos terem acabado de roubar uma eleição presidencial... a lista era infindável.
Quando se está perdido nessa selva, algumas vezes é preciso algum tempo para você se dar conta de que *está* perdido. Durante muito tempo, você pode se convencer de que só se afastou alguns metros do caminho, de que a qualquer momento irá conseguir voltar para a trilha marcada. Então a noite cai, e torna a cair, e você continua sem a menor idéia de onde está, e é hora de reconhecer que se afastou tanto do caminho que sequer sabe mais em que direção o sol nasce.
Encarei minha depressão como se fosse o maior desafio da minha vida, e é claro que era mesmo. Passei a estudar minha própria experiência depressiva, tentando desvendar suas causas. O que estava na raiz de todo aquele desespero? Seria psicológico? (Culpa de mamãe e papai?) Seria apenas temporário, um "período difícil" da minha vida? (Quando o divórcio terminar, será que a depressão vai terminar também?) Seria genético? (A Melancolia, chamada de muitos nomes, aflige minha família há gerações, junto com seu triste noivo, o Alcoolismo.) Seria cultural? (Será que isso é apenas a ressaca de uma americana pós-feminista que trabalha tentando encontrar o equilíbrio em um mundo urbano cada vez mais estressante e alienante?) Seria astrológico? (Será que estou tão triste porque sou uma canceriana sensível cujas principais características são todas regidas pelo instável Gêmeos?) Seria artístico? (As pessoas criativas não sofrem sempre de depressão por serem ultra-sensíveis e *especiais*?) Seria evolucionário? (Será que carrego comigo o pânico residual que vem de milênios de tentativas da minha espécie de sobreviver em um mundo brutal?) Seria cármico? (Será que esses espasmos de tristeza são apenas as conseqüências de um mau comportamento em vidas passadas, os últimos obstáculos antes da libertação? Seria hormonal? Nutricional? Filosófico? Sazonal? Ambiental? Será que eu estava experimentando uma ânsia universal por Deus? Será que estava com um desequilíbrio químico? Ou será que eu simplesmente precisava transar?) Que quantidade incrível de fatores constitui um único ser humano! Em quantas camadas nós funcionamos, e que quantidade de influências recebemos de nossas mentes, corpos, histórias, famílias, cidades, almas e almoços! Passei a ter a sensação de que minha depressão se devia provavelmente a uma combinação instável de todos esses fatores, e provavelmente também incluía algumas coisas que eu não saberia nem identificar nem

explicar. Então, passei a lutar em todas as frentes. Comprei todos aqueles livros de auto-ajuda com títulos ridículos (sempre tomando o cuidado de embrulhar o livro na última edição de alguma revista masculina, para que desconhecidos não soubessem o que eu estava de fato lendo). Comecei buscando ajuda especializada com uma terapeuta cuja gentileza estava à altura de sua competência profissional. Rezei como uma freira noviça. Parei de comer carne (pelo menos por algum tempo) depois que alguém me disse que eu estava "comendo o medo do animal na hora de sua morte". Algum massagista esotérico meio doidão me disse que eu deveria usar calcinhas cor de laranja para reequilibrar meus chacras sexuais, e, putz - eu realmente fiz isso. Bebi quantidades suficientes daquele maldito chá de erva-de-são-joão para alegrar um gulag russo inteiro, sem nenhum efeito perceptível. Fiz exercícios. Expus-me ao poder de revigoração da arte e protegi-me cuidadosamente de filmes, livros e canções tristes (se alguém mencionasse as palavras *Leonard* e *Cohen* na mesma frase, eu precisava sair da sala).

Tentei muito lutar contra os soluços constantes. Lembro-me de me perguntar certa noite, enquanto estava encolhida no mesmo canto do meu velho sofá, novamente aos prantos por causa da mesma repetição de pensamentos tristes: "Será que você consegue mudar *alguma coisa* nesse quadro, Liz?" E tudo que eu conseguia pensar em fazer era me levantar, ainda aos soluços, e tentar me equilibrar em um pé só no meio da minha sala. Só para provar que - embora eu não conseguisse fazer as lágrimas pararem de correr, nem modificar meu desolador diálogo interno — eu ainda não estava inteiramente fora de controle: pelo menos podia chorar histericamente, enquanto me equilibrava em um pé só. Ora, já era um começo.

Eu atravessava a rua para caminhar onde havia sol. Apoiava-me em minha rede pessoal, aproximando-me da minha família e alimentando minhas amizades mais energizantes. E, quando aquelas revistas femininas intrometidas não paravam de me dizer que minha baixa auto-estima não estava ajudando em nada a curar a depressão, fiz um bonito corte de cabelos, comprei alguns produtos caros de maquiagem e um belo vestido. (Quando um amigo elogiou meu novo visual, tudo que consegui dizer, de cara fechada, foi: "Operação Auto-Estima - Porra de Dia Um.")

A última coisa que tentei, depois de dois anos de luta contra essa tristeza, foi tomar remédios. Se me permitem expor minhas opiniões aqui, acho que isso sempre deve ser a última coisa a se tentar. Para mim, a decisão de tomar o caminho da "Vitamina P" aconteceu depois de uma noite em que eu havia passado horas sentada no chão do meu quarto, tentando seriamente convencer a mim mesma a não cortar meu próprio braço com uma faca de cozinha. Nessa noite, ganhei a discussão com a faca, mas foi por pouco. Naquela época, andava tendo algumas outras boas idéias - sobre como pular do alto de um prédio ou explodir minha cabeça com um tiro poderia pôr fim ao sofrimento Mas alguma coisa no fato de passar a noite com uma faca na mão me fez ver a situação com outros olhos.

Na manhã seguinte, liguei para minha amiga Susan bem cedinho e implorei-lhe que me ajudasse. Acho que nenhuma mulher na história da minha família fez isso antes, sentar-se no meio da estrada daquele jeito e dizer, na metade da vida: "Não consigo dar mais nenhum passo - alguém precisa me ajudar." Parar de andar não teria adiantado nada para aquelas mulheres. Ninguém as teria ajudado, nem poderia. A única coisa que teria acontecido era que elas e suas famílias teriam passado fome. Eu não conseguia parar de pensar nessas mulheres.

E nunca vou me esquecer da expressão de Susan ao entrar correndo no meu apartamento, cerca de uma hora depois do meu telefonema pedindo socorro, e me ver encolhida no sofá. A imagem da minha dor refletida no visível medo que ela sentiu pela minha vida ainda é para mim uma das lembranças mais assustadoras de todos aqueles anos assustadores. Fiquei encolhida em posição fetal, enquanto Susan dava alguns telefonemas e encontrava um psiquiatra que pudesse me atender naquele mesmo dia para conversar sobre a possibilidade de me receitar antidepressivos. Escutei metade daquele diálogo telefônico de Susan com o médico, e ouvi-a dizer: "Acho que minha amiga vai se machucar seriamente." Eu também estava com medo.
Quando fui à consulta com o psiquiatra, naquela tarde, ele me perguntou por que eu havia demorado tanto a pedir ajuda — como se eu já não estivesse tentando ajudar a mim mesma havia muito tempo. Eu lhe falei sobre minhas objeções e minhas reservas em relação aos antidepressivos. Pus em cima da mesa dele exemplares dos três livros que eu já havia publicado e disse: "Eu sou escritora. Por favor, não faça nada que vá prejudicar meu cérebro. Ele disse: "Se você estivesse com uma doença renal, não hesitaria em tomar remédios para curá-la - por que está hesitando neste caso?" Mas isso só mostrava o quanto ele era ignorante em relação à minha família, entendem? Um Gilbert poderia muito bem *não* medicar uma doença renal, não hesitaria em tomar remédios para curá-la - por que está hesitando neste caso?" Mas isso só mostrava o quanto ele era ignorante em relação à minha família, entendem? Um Gilbert poderia muito bem *não* medicar uma doença renal, já que somos uma família que considera qualquer doença um sinal de fracasso pessoal, ético e moral.
Ele me receitou vários remédios diferentes - Xanax, Zoloft, Wellbutrin, Busperin -, até encontrar a combinação que não me deixasse enjoada nem transformasse minha libido em uma vaga lembrança. Em pouco tempo, menos de uma semana, pude sentir um pouco mais de luz irromper em minha mente. Também finalmente consegui dormir. E esse foi o verdadeiro presente, porque, quando você não consegue dormir, não consegue sair do buraco - não há nenhuma chance. As pílulas me devolveram essas horas de recuperação noturna, e também impediram minhas mãos de tremer e aliviaram a intensa pressão no meu peito e o botão de emergência apertado dentro do meu coração.
Mesmo assim, nunca me senti muito bem tomando esses remédios, embora eles tenham me ajudado imediatamente. Pouco importava quem me dissesse que esses remédios eram uma boa idéia e que eram perfeitamente seguros; tomá-los nunca deixou de ser um conflito para mim. Os remédios faziam parte da minha ponte para o outro lado, não há dúvida, mas eu queria parar assim que possível. Comecei a tomar a medicação em janeiro de 2003. Em maio, já estava diminuindo significativamente a dosagem. De toda forma, aqueles haviam sido os meses mais difíceis - os últimos meses do divórcio, os últimos turbulentos meses com David. Será que eu teria suportado essa época sem os remédios, se tivesse segurado um pouco mais? Será que teria sobrevivido a mim mesma sozinha? Não sei. É essa a característica da vida humana — não há grupo placebo, não há nenhuma maneira de saber como qualquer um de nós teria se comportado caso qualquer uma das variáveis houvesse mudado.
O que sei é que esses remédios fizeram meu pesar parecer menos catastrófico. Então, sou grata por isso. Mas ainda sou profundamente ambivalente em relação a remédios que alteram o humor. Fico pasma com seu poder, mas preocupada com sua difusão, acho que precisam ser receitados e usados com muito mais moderação nos Estados Unidos, e

nunca sem o tratamento paralelo de um aconselhamento psicológico. Medicar o sintoma de qualquer doença sem explorar sua causa inicial é apenas um modo classicamente burro e ocidental de achar que qualquer um poderia melhorar de verdade. Essas pílulas podem ter salvado a minha vida, mas só fizeram isso em conjunção com cerca de outros vinte esforços que eu estava fazendo simultaneamente, durante aquele mesmo período, para resgatar a mim mesma, e espero nunca mais precisar delas. Houve um médico que sugeriu que eu poderia precisar tomar antidepressivos muitas vezes na vida por causa da minha "tendência à melancolia". Queira Deus que ele esteja errado. Pretendo fazer tudo que estiver ao meu alcance para provar que ele está errado, ou pelo menos para lutar contra essa tendência melancólica com todas as ferramentas disponíveis. Não sei dizer se isso faz de mim uma cabeça-dura que está prejudicando a si mesma, ou uma cabeça-dura que está preservando a si mesma.
Mas é assim que eu penso.

18

Ou melhor, é aqui que estou. Estou em Roma, e estou em apuros. As capangas Depressão e Solidão tornaram a entrar na minha vida sem pedir licença, e acabei de tomar meu último Wellbutrin três dias atrás. Há mais remédios na minha última gaveta, mas não quero tomá-los. Quero ficar livre deles para sempre. Mas também não quero a Depressão e a Solidão na área, então não sei o que fazer, e estou entrando em uma espiral de pânico, como sempre entro quando não sei o que fazer. Então o que faço esta noite é pegar meu caderninho mais íntimo, que guardo ao lado da cama em caso de emergência. Abro-o. Procuro a primeira página em branco. Escrevo:
"Preciso da sua ajuda."
Então espero. Depois de um tempinho, surge uma resposta, na minha própria caligrafia:
Estou bem aqui. Como posso ajudar?
E assim recomeça minha conversa mais estranha e mais secreta. Aqui, no mais íntimo dos caderninhos, converso comigo mesma. Converso com aquela mesma voz que conheci naquela noite no meu banheiro, quando rezei a Deus pela primeira vez, aos prantos, pedindo ajuda, e quando alguma coisa (ou alguém) disse: "Volte para a cama, Liz." Nos anos que se seguiram, descobri essa mesma voz em períodos de angústia, e aprendi que a melhor maneira de encontrá-la é por meio de uma conversa por escrito. Também fiquei surpresa ao descobrir que quase sempre posso acessar essa voz, por mais negra que esteja a minha angústia. Mesmo durante os piores períodos de sofrimento, essa voz calma, compassiva, afetuosa e infinitamente sábia (que talvez seja eu, ou talvez não seja exatamente eu) está sempre disponível para uma conversa no papel a qualquer hora do dia ou da noite.
Decidi parar de me preocupar se o fato de conversar comigo mesma no papel quer dizer que sou maluca. Talvez a voz que eu esteja chamando seja a voz de Deus, ou talvez seja a minha Guru falando através de mim. Ou talvez seja o anjo que cuida do meu caso, ou talvez seja o meu Eu Superior, ou talvez, na verdade, seja apenas uma criação do meu subconsciente, inventada para me proteger do meu próprio tormento. Madre Teresa chamava essas vozes interiores divinas de "locuções" - palavras sobrenaturais que aparecem na mente de forma espontânea, traduzidas para o nosso próprio idioma, para lhe oferecer consolo celeste. Sei muito bem o que Freud teria dito sobre esse tipo de

consolo espiritual, é claro - que é irracional e que "não merece confiança. A experiência nos ensina que o mundo não é um jardim-de-infància". Concordo - o mundo não é um jardim-de-infáncia. Mas o próprio fato de o mundo ser tão desafiador é exatamente o *motivo* pelo qual você de vez em quando precisa sair de sua jurisdição para encontrar ajuda, recorrendo a uma autoridade maior em busca de reconforto.
No início da minha experiência espiritual, nem sempre tive essa fé toda na voz interior da sabedoria. Lembro-me de cena vez recorrer a meu caderninho íntimo em uma fúria amargurada de raiva e tristeza, e rabiscar uma mensagem para minha voz interior - para meu reconforto interior divino - que ocupou uma página inteira de letras maiúsculas: "PORRA, EU NÃO ESTOU ACREDITANDO EM VOCÊ!!!!!!!!"
Depois de alguns instantes, ainda ofegante, senti um pontinho de luz claramente se acender dentro de mim. E então me vi escrevendo a seguinte resposta bem-humorada e muito calma:
Então com quem você está falando?
Desde então, nunca mais duvidei de sua existência. Logo, hoje à noite estendo outra vez a mão para essa voz. E a primeira vez que faço isso desde que cheguei à Itália. O que escrevo no meu diário esta noite é que estou fraca e com muito medo. Explico que a Depressão e a Solidão apareceram, e que estou com medo de elas nunca mais irem embora. Digo que não quero mais tomar os remédios, mas estou com medo de precisar tomar. Estou com pânico de nunca mais conseguir dar um jeito na minha vida.
Como resposta, de algum lugar de dentro de mim, surge uma presença agora familiar, que me oferece todas as certezas que eu sempre quis que outra pessoa me desse quando eu estava com problemas. O que me vejo escrevendo para mim mesma no papel é o seguinte:

Estou aqui. Eu amo você. Não me importo se você tiver de passar a noite inteira acordada chorando, eu fico com você. Se você precisar dos remédios de novo, não tem problema, tome - eu vou amar você do mesmo jeito, se fizer isso. Se você não precisar dos remédios, vou amar você do mesmo jeito. Não há nada que você possa fazer para perder o meu amor. Vou proteger você até você morrer, e depois da sua morte vou continuar protegendo você. Sou mais forte do que a Depressão e mais corajosa do que a Solidão, e nada nunca vai me desanimar.

Hoje, esse estranho gesto interior de amizade - a mão estendida por mim para mim mesma, quando não há mais ninguém por perto para oferecer consolo - me lembra algo que me aconteceu certa vez em Nova York. Uma tarde, entrei em um prédio comercial às pressas, e corri para o elevador que estava parado. Ao entrar, vi a mim mesma de relance no reflexo de um espelho de segurança. Naquele instante, meu cérebro fez uma coisa esquisita - enviou a seguinte mensagem, que durou uma fração de segundo: "Ei! Você conhece aquela mulher ali! Ela é amiga sua!" E eu, de fato, saí correndo em direção ao meu próprio reflexo com um sorriso no rosto, pronta para cumprimentar aquela moça de cujo nome eu havia me esquecido, mas cujo rosto era tão conhecido. Em uma fração de segundo, é claro, percebi meu erro, e ri, envergonhada por não saber como funciona um espelho, feito um cachorro. Por algum motivo, porém, torno a me lembrar desse incidente nesta noite, durante minha tristeza romana, e vejo-me escrevendo este reconfortante lembrete no pé da página:

Nunca se esqueça de que, um dia, em um instante de espontaneidade, você reconheceu a si mesma como uma amiga.
Caio no sono segurando o caderninho bem apertado contra o peito, aberto nessa última frase reconfortante. Pela manhã, quando acordo, ainda posso sentir um ranço da fumaça do charuto da Depressão, mas ela própria não está por perto. Em algum momento da noite, levantou-se e foi embora. E sua amiga Solidão também deu o fora.

19

Tem uma coisa estranha, porém. Desde que cheguei a Roma, por algum motivo não consegui fazer ioga. Durante anos, mantive uma prática regular e séria, e cheguei até a trazer meu tapetinho, junto com as minhas melhores intenções. Mas, aqui, simplesmente não consigo. Quero dizer, quando é que vou fazer meus alongamentos de ioga? Antes do meu café-da-manhã italiano reforçado, feito de doces de chocolate e de um duplo *cappuccino*? Ou depois? Durante os meus primeiros dias aqui, eu desenrolava meu tapetinho todas as manhãs, como quem vai praticar, mas descobria que só conseguia olhar para ele e rir. Certa vez, cheguei até a dizer para mim mesma em voz alta, assumindo a *persona* do tapetinho: "Então, senhorita *Penne ai Quattro Formaggi*... vamos ver o que você tem para mostrar hoje." Desconcertada, guardei o tapetinho de ioga no fundo da mala (e ele, de fato, não tornaria a ser desenrolado até a Índia). Em seguida, saí para dar uma volta e tomei um sorvete de pistache. Coisa que os italianos consideram perfeitamente razoável de se fazer às nove e meia da manhã e, para ser franca, concordo inteiramente com eles.
A cultura romana simplesmente não combina com a cultura do ioga, não até onde posso constatar. Na verdade, decidi que Roma e ioga não têm absolutamente nada em comum. A não ser pelo fato de ambos lembrarem um pouco a palavra *toga*.

20

Eu precisava fazer alguns amigos. Então saí à sua procura, e agora estamos em outubro e tenho uma bela coleção. Já conheço duas Elizabeths em Roma além de mim. Ambas são americanas, ambas são escritoras. A primeira Elizabeth é romancista e a segunda Elizabeth escreve livros de culinária. Com um apartamento em Roma, uma casa na Umbria, um marido italiano e um emprego que exige que ela viaje pela Itália comendo e escrevendo a respeito para a revista *Gourmet*, parece que a segunda Elizabeth deve ter salvo vários órfãos do afogamento durante alguma vida pregressa. Não é de surpreender que ela conheça todos os melhores lugares para se comer em Roma, incluindo uma *gelateria* que serve arroz doce gelado (e, se eles não servem esse tipo de coisa no céu, então não sei mesmo se quero ir para lá). Ela me levou para almoçar no outro dia, e o que comemos incluiu não apenas cordeiro e trufas e um *carpaccio* enrolado em volta de uma musse de avelã, como também uma exótica porçãozinha de *lampascione* em conserva, que - como todo mundo sabe - é o bulbo de uma flor, o jacinto selvagem.
É claro que, a esta altura, também já fiz amizade com Giovanni e Dario, os gêmeos de conto de fadas do meu intercâmbio de línguas. Na minha opinião, a gentileza de Giovanni o torna um tesouro nacional da Itália. Ele ganhou meu carinho para todo o sempre no dia em que nos conhecemos, quando eu estava frustrada com minha incapacidade para

encontrar as palavras que queria em italiano, e ele pôs a mão no meu braço e disse:
- Liz, você tem de ser muito gentil com você mesma quando estiver aprendendo alguma coisa nova.
Algumas vezes, sinto que ele é mais velho do que eu, com seu rosto compenetrado, seu diploma de filosofia e suas opiniões políticas sérias. Gosto de tentar fazê-lo rir, mas Giovanni nem sempre entende as minhas piadas É difícil compreender o humor em um segundo idioma. Sobretudo quando se é um rapaz tão sério quanto Giovanni. Noite dessas, ele me falou:
- Quando você está sendo irônica, sempre fico para trás. Sou mais lento. É como se você tosse o raio e eu fosse o trovão.
E eu pensei: *Isso amor! E você é o ímã e eu sou o aço! Me leve até o seu couro, tire a minha renda!*
Mas, ainda assim, ele não me beijou.
Não vejo muito o outro gêmeo, Dario, embora ele passe bastante tempo com Sofie. Sofie é minha melhor amiga da aula de italiano, e sem dúvida é alguém com quem você também gostaria de passar o seu tempo, se você fosse Dario. Sofie é sueca e tem pouco menos de 30 anos, e é tão bonita que você poderia colocá-la em um anzol e usá-la como isca para pegar homens de todas as nacionalidades e faixas etárias possíveis. Sofie acabou de tirar uma licença de quatro meses de seu bom emprego em um banco sueco, para horror de sua família e espanto de seus colegas, somente porque queria vir a Roma aprender a falar a linda língua italiana. Todos os dias, depois da aula, Sofie e eu vamos nos sentar à margem do Tibre, para tomar nosso *gelato* e estudar juntas. Nem seria certo chamar isso de "estudo", essa coisa que fazemos juntas. Está mais para uma admiração compartilhada da língua italiana, quase um ritual de adoração, e não paramos de sugerir uma à outra novas e maravilhosas expressões. Como, por exemplo, acabamos de aprender um dia desses que *un'amica stretta* significa "uma amiga íntima". Mas o significado literal de *stretta* é justa, como para roupas, como uma saia justa. Então, em italiano, uma amiga íntima é uma amiga que você pode usar bem apertada, colada no corpo, e é isso que minha amiguinha sueca Sofie está se tornando para mim.
No início, eu gostava de pensar que Sofie e eu parecíamos irmãs. Então, no outro dia, estávamos andando de táxi por Roma e o cara que dirigia perguntou se Sofie era minha filha. Gente, vejam bem - a moça tem só uns sete anos a menos do que eu. Entrei em total paranóia, tentando explicar para mim mesma o que ele acabara de dizer. (Por exemplo, pensei, *Talvez esse taxista romano não fale muito bem italiano, e na verdade tenha querido perguntar se a gente era irmã.*) Mas não. Ele disse filha, e quis dizer mesmo filha. Ah, o que posso dizer? Passei por muita coisa durante estes últimos anos. Devo estar com uma aparência bem sofrida e velha depois desse divórcio. Mas, como diz a velha canção country texana, *"I've been screwed and sued and tattooed, and I'm still standin' here in front of you..."*: já fui enganado, processado e tatuado, e ainda estou aqui em pé na sua frente.
Também fiz amizade com um casal legal, Maria e Giulio, que me foi apresentado por minha amiga Anne — uma pintora americana que morou em Roma alguns anos atrás. Maria é dos Estados Unidos, Giulio é do sul da Itália. Ele é cineasta e ela trabalha para uma organização internacional de políticas agrícolas. Ele não fala muito bem inglês, mas ela fala italiano fluentemente (nada demais, já que também é fluente em francês e chinês). Giulio quer aprender inglês, e perguntei a ele se poderia treinar conversação comigo em

mais um intercâmbio de línguas. Caso vocês estejam se perguntando por que ele não poderia simplesmente aprender inglês com sua mulher nascida nos Estados Unidos, é porque eles são casados, e brigam demais sempre que um tenta ensinar alguma coisa ao outro. Assim, Giulio e eu agora nos encontramos para almoçar duas vezes por semana para treinar nosso italiano e nosso inglês; coisa boa de se fazer para duas pessoas sem nenhum histórico de irritar uma à outra.
Giulio e Maria têm um apartamento lindo cuja característica mais impressionante, a meu ver, é a parede que Maria certa vez cobriu com xingamentos irados contra Giulio (rabiscados com marcador preto grosso), porque eles estavam discutindo, e "ele grita mais alto do que eu", e ela queria que ele a deixasse falar.
Acho Maria incrivelmente sexy, e essa explosão de pichações impetuosas é apenas mais uma mostra disso. O interessante, porém, é que Giulio considera a parede rabiscada um sinal claro da repressão de Maria, porque ela escreveu seus xingamentos a ele em italiano, e o italiano é sua segunda língua, uma língua em que ela precisa pensar por um instante antes de conseguir escolher suas palavras. Ele disse que, se Maria houvesse realmente se permitido ser tomada pela raiva - coisa que ela *nunca* faz, como boa anglo-protestante -, então teria coberto aquela parede toda com sua língua materna, o inglês. Ele diz que todos os americanos são assim: reprimidos. O que os torna perigosos e potencialmente mortais quando perdem as estribeiras de verdade.
- Povo selvagem - pontifica ele.
O que me encanta é que estamos todos tendo essa conversa em volta de um agradável e tranqüilo jantar, olhando para essa mesma parede.
- Mais vinho, amor? - perguntou Maria.
Mas meu mais novo melhor amigo na Itália, é claro, é Luca Spaghetti. Aliás, até na Itália, ter o sobrenome Spaghetti é considerado algo muito engraçado. Sou grata a Luca, porque ele finalmente me permitiu ficar quites com meu amigo Brian, que teve a sorte de, quando criança, ter um vizinho de porta de origem indígena chamado Dennis Ha-Ha, e que portanto sempre pôde se gabar de ter o amigo com o nome mais legal. Finalmente, posso competir.
Luca também fala um inglês perfeito e é bom de garfo (em italiano, *una buona forchetta*), o que faz dele uma companhia estupenda para gente comilona como eu. Ele muitas vezes me telefona no meio do dia para dizer: "Ei, estou aqui pertinho da sua casa... quer me encontrar para tomar um café rápido? Ou para comer uma rabada?" Passamos um tempão nesses restaurantezinhos escondidos nas ruelas de Roma. Gostamos dos que têm iluminação com lâmpadas fluorescentes e nenhum letreiro na porta. Toalhas de mesa quadriculadas de vermelho. Licor *limoncello* feito em casa. Vinho tinto feito em casa. Pratos de massa servidos em porções inacreditáveis pelo que Luca chama de "pequenos Júlios Césares" - romanos típicos, orgulhosos e truculentos, com as costas das mãos bem cabeludas e topetes cuidados com amor. Certo dia, eu disse a Luca:
- Me parece que esses caras se consideram em primeiro lugar romanos, em segundo lugar italianos e em terceiro lugar europeus.
Ele me corrigiu:
— Não... Eles são em primeiro lugar romanos, em segundo lugar romanos e em terceiro lugar romanos. E todos eles são imperadores.
Luca é contador. Um contador *italiano*, o que significa que, segundo sua própria definição, ele é "um artista", porque existem várias centenas de leis tributárias em vigor

na Itália, e todas elas se contradizem entre si. Assim, fazer uma declaração de imposto de renda aqui exige uma improvisação digna de um *jazzman*. Acho engraçado que ele seja contador, porque esse parece um trabalho sisudo demais para um cara tão descontraído. Por outro lado, Luca acha engraçado que exista outro lado de mim — o lado do ioga — que ele nunca viu. Ele não consegue imaginar por que eu iria querer ir para a Índia - e para um *ashram*, ainda por cima! -, quando poderia simplesmente passar o ano inteiro na Itália, lugar que obviamente combina comigo. Sempre que me vê enxugando o molho que sobrou no meu prato com um naco de pão e em seguida lambendo os dedos, ele diz: "O que você vai *comer* quando for para a Índia?" Algumas vezes ele me chama de Gandhi em um tom dos mais irônicos, geralmente quando estou abrindo a segunda garrafa de vinho.

Luca já viajou bastante, embora alegue que nunca poderia viver em nenhum outro lugar que não fosse Roma, perto de sua mãe, já que, afinal de contas, ele é um homem italiano - o que ele pode fazer? Mas não é apenas sua *mamma* que o faz ficar por aqui. Ele tem trinta e poucos anos, e namora a mesma mulher desde a adolescência (a graciosa Giuliana, que Luca descreve carinhosa e adequadamente como *acqua* e *sapone* - pura como "água e sabão em sua doce inocência). Todos os seus amigos são os mesmos desde a infância e são todos do mesmo bairro. Todo domingo, eles assistem juntos aos jogos de futebol — no estádio ou em um bar (se os times romanos estiverem jogando fora de casa) -, e em seguida voltam todos separadamente para as casas onde cresceram, para comer as copiosas refeições das tardes de domingo preparadas por suas respectivas mães e avós. Se eu fosse Luca Spaghetti, também não sairia de Roma.

Mas Luca esteve nos Estados Unidos algumas vezes e gosta do país. Considera Nova York fascinante, mas acha que as pessoas lá trabalham demais, embora reconheça que elas parecem gostar disso. Enquanto os romanos trabalham muito e detestam. Aquilo de que Luca Spaghetti não gosta é a comida americana, que ele diz poder ser descrita em duas palavras: "pizza ruim".

Eu estava com Luca na primeira vez em que tentei comer os intestinos de um cordeiro recém-nascido. É uma especialidade romana. Do ponto de vista culinário, Roma é uma cidade um tanto brutal, conhecida por seus pratos típicos rústicos, como tripas e língua - todas as partes do animal que os ricos do norte jogam fora. Meus intestinos de cordeiro estavam razoáveis, contanto que eu não pensasse muito no que eram. Foram servidos em um molho espesso, amanteigado e picante que estava delicioso, mas os intestinos tinham uma consistência... bem... de *intestinos*. Algo parecido com fígado, mas mais esponjoso. Estava indo tudo bem, até eu começar a pensar em como poderia descrever aquele prato, e pensei: *Não parecem intestinos. Na verdade, parecem lombrigas.* Então empurrei o prato para o lado e pedi uma salada.

- Não gostou? - perguntou Luca, que adora esse prato.

- Aposto que Gandhi nunca comeu intestinos de cordeiro na vida - falei.

- Poderia ter comido.

- Não, Luca, não poderia, não. O Gandhi era vegetariano

- Mas os vegetarianos *podem* comer isto - insistiu Luca. - Por que isto aqui não é carne, Liz. É só merda.

Reconheço que, algumas vezes, me pergunto o que estou fazendo aqui.
Embora tenha vindo à Itália para ter uma experiência de prazer, durante minhas primeiras semanas aqui senti um certo pânico em relação a como se faz isso. Para falar francamente, o prazer puro não é o meu paradigma cultural. Venho de uma longa linhagem de pessoas supercumpridoras do seu dever. A família da minha mãe era de imigrantes suecos que, nas fotografias, aparecem com cara de quem, se um dia tivesse visto algo de prazeroso na vida, teria pisado em cima com suas botas de solas de pregos (Meu tio chama todos eles de "tão sem graça quanto vacas".) O lado da família do meu pai era de puritanos ingleses, famosos por sua inclinação para a boa vida. Se eu consultar a árvore genealógica do meu pai até o século XVII, sou capaz até de encontrar parentes chamados Diligência e Docilidade.
Meus pais, por sua vez, têm uma pequena fazenda, e minha irmã e eu fomos criadas trabalhando. Aprendemos a ser fortes, responsáveis, as melhores alunas da turma na escola, as babás mais eficientes e organizadas da cidade, o perfeito modelo em miniatura de nossos pais fazendeiro/enfermeira, dois verdadeiros canivetes suíços, nascidas para executar todo tipo de tarefa. Havia muita diversão na minha família, muito riso, mas as paredes eram cobertas por listas de coisas a fazer, e nunca vivi nem presenciei o perfeito ócio nem uma vez em toda a minha vida.
Falando de modo geral, porém, os americanos são dotados de uma incapacidade de relaxar e se deixar levar pelo simples prazer. Nosso país é formado por gente em busca de entretenimento. Os americanos gastam bilhões para se manterem entretidos com todo tipo de coisa, da pornografia aos parques temáticos, passando pela guerra, mas isso não é exatamente sinônimo de uma diversão tranqüila. Os americanos trabalham mais, durante mais horas e em situações mais estressantes do que qualquer outro povo no mundo hoje em dia. No entanto, como bem observou Luca Spaghetti, parecemos gostar disso. Estatísticas alarmantes sustentam essa afirmação, mostrando que muitos americanos se sentem mais felizes e realizados em seus escritórios do que em suas próprias casas. É claro que todos nós inevitavelmente trabalhamos demais, e em seguida ficamos exaustos e precisamos passar o fim de semana inteiro de pijama, comendo cereal direto da caixa e olhando fixamente para a televisão em um estado próximo ao coma (o que é o contrário de trabalhar, sim, mas não é exatamente sinônimo de prazer). Os americanos não sabem muito bem como não fazer *nada*. Essa é a causa daquele grande e triste estereótipo americano - o executivo superestressado que sai de férias, mas não consegue relaxar.
Certo dia, perguntei a Luca Spaghetti se os italianos têm esse mesmo problema quando tiram férias. Ele riu tanto que quase entrou dentro de um chafariz com motocicleta e tudo.
- Ah, não! - disse. - Nós somos os mestres do *bel far niente*.
Essa é uma expressão ótima. *Bel far niente* significa "a beleza de não fazer nada". Vejam bem - os italianos tradicionalmente sempre foram bons trabalhadores, especialmente aqueles sofridos trabalhadores conhecidos como *braccianti* (assim chamados porque não tinham outra coisa que não a força bruta de seus braços – *braccie* - para ajudá-los a sobreviver neste mundo). Mas, mesmo com esse histórico de trabalho árduo, o *bel far niente* sempre foi um ideal prezado pelos italianos. A beleza de não fazer nada é o objetivo de todo nosso trabalho, a realização final pela qual se recebe os mais calorosos elogios. Quanto maior a elegância e o deleite com os quais você conseguir não fazer nada, maior a sua conquista na vida. E você nem precisa necessariamente ser rico para conseguir isso. Existe outra expressão italiana maravilhosa: *l'arte d'arrangiarsi* - a arte de

produzir algo a partir do nada. A arte de transformar alguns poucos ingredientes simples em um banquete, ou alguns amigos reunidos em uma festa. Qualquer pessoa com talento para felicidade pode fazer isso, não apenas os ricos.
Para mim, porém, um grande obstáculo na minha busca pelo prazer era meu arraigado sentimento de culpa puritana. Será que eu realmente mereço este prazer? Isso também é muito americano — a insegurança quanto a se merecemos nossa felicidade. Nos Estados Unidos, o mundo da publicidade gira completamente em torno da necessidade de convencer o consumidor indeciso de que sim, você *mereceu* mesmo um presente especial. Isto aqui é para você! Você merece um tempo hoje! Porque você merece! Você se esforçou tanto! E o consumidor inseguro pensa: *Isso! Obrigado! Vou mesmo comprar umas latinhas de cerveja, pô! Talvez até uma dúzia de latinhas!* E então vêm os excessos reacionários. Seguidos pelo remorso. Essas campanhas publicitárias provavelmente não teriam o mesmo sucesso na cultura italiana, onde as pessoas já sabem que têm o direito de aproveitar a vida. A resposta italiana para "Você merece um tempo hoje" provavelmente seria: *É, pois é. É por isso que estou planejando fazer uma pausa ao meio-dia para ir até a sua casa comer a sua mulher.*
E provavelmente por isso que, quando eu disse a meus amigos italianos que vim ao seu país para vivenciar quatro meses de puro prazer, eles não demonstraram nenhum espanto com isso. *Complimenti! Vai avanti!* "Parabéns", disseram eles. "Vá em frente." "Acabe-se." "Não se acanhe." Ninguém disse nenhuma vez: "Que coisa mais irresponsável" ou "Que luxo mais desmedido". Porém, embora os italianos tenham me dado total permissão para me divertir, mesmo assim não consigo relaxar. Durante minhas primeiras semanas na Itália, todas as minhas sinapses protestantes zuniam de preocupação, à procura de uma tarefa a cumprir. Eu queria abordar o prazer como se ele fosse um dever de casa, ou um gigantesco projeto para alguma feira de ciências. Refletia sobre questões como: "De que modo o prazer pode ser maximizado com mais eficiência?" Perguntava-me se poderia passar todo meu tempo na Itália na biblioteca, pesquisando a história do prazer. Ou talvez eu devesse entrevistar italianos que já tiveram muito prazer na vida, para lhes perguntar que sensação seu prazer lhes dá, e depois escrever um relatório sobre o assunto. (Com espaçamento duplo e margens de 2,5 centímetros talvez? Para ser entregue na segunda-feira bem cedinho?)
Quando percebi que a única pergunta importante era: "Como é que *eu* defino o prazer?", e que eu estava de fato em um país onde as pessoas me permitiam explorar essa pergunta livremente, tudo mudou. Tudo se tornou... delicioso. Tudo que eu precisava fazer era me perguntar todos os dias, pela primeira vez na vida: "O que você gostaria de fazer hoje, Liz? O que te daria prazer neste momento?" Sem ter de pensar no que alguém mais iria achar, e sem mais nenhuma obrigação com que me preocupar, essa pergunta finalmente se tornou clara e absolutamente pessoal.
Foi interessante para mim descobrir o que eu não queria fazer na Itália, depois de ter dado a mim mesma a autorização para aproveitar minha experiência ali. Existem tantas manifestações de prazer na Itália, e eu não tinha tempo para prová-las todas. Aqui você precisa, de certa forma, escolher o seu prazer principal, ou então fica soterrado. Já que era assim, não me interessei pela moda, nem pela ópera, nem pelo cinema, nem por carros de luxo, nem por esquiar nos Alpes. Sequer tive vontade de ver muita arte. Tenho um pouco de vergonha de confessar isso, mas não visitei um museu sequer durante meus quatro meses na Itália. (Ai, cara... é pior ainda. Preciso confessar que *fui* a um museu: o Museu

Nacional da Massa, em Roma.) Descobri que tudo que eu queria fazer, na verdade, era comer aquela comida maravilhosa e falar o máximo possível daquele italiano maravilhoso. Era isso. Assim sendo, escolhi, na verdade, dois prazeres principais — falar e comer (com ênfase especial *no gelato*).
A quantidade de prazer que derivei desse comer e falar foi incomensurável e ao mesmo tempo tão simples. Certa vez, em meados de outubro, passei algumas horas que poderiam não parecer nada para alguém de fora, mas que ficarão para sempre marcadas como as mais felizes da minha vida. Descobri uma feira perto do meu apartamento, a apenas algumas ruas de distância, na qual, por algum motivo, eu nunca havia reparado antes. Lá, cheguei perto de uma pequena barraca de frutas e legumes onde uma italiana e seu filho estavam vendendo uma seleção de seus produtos - como folhas de espinafre suculentas, de um verde quase tão escuro quanto algas marinhas, tomates tão vermelhos e cor de sangue que pareciam os órgãos internos de uma vaca e uvas cor de champanhe com a pele tão esticada quanto o maiô de uma bailarina.
Escolhi um molho de aspargos finos e brilhantes. Consegui perguntar à mulher, em um italiano sem tropeços, se eu poderia levar apenas metade dos aspargos. Era para uma pessoa só, expliquei - eu não precisava de muito. Ela imediatamente pegou os aspargos das minhas mãos e dividiu-os. Perguntei-lhe se eu poderia encontrar aquela feira todos os dias no mesmo lugar, e ela disse que sim, ela estava ali todos os dias a partir das sete da manhã. Então seu filho, que era uma graça, me deu uma olhada de esguelha e falou:
- Bom, ela *tenta* chegar às sete... - Nós três rimos. Essa conversa inteira aconteceu em italiano, língua na qual, poucos meses antes, eu não conseguia falar sequer uma palavra.
Voltei a pé para o meu apartamento e preparei dois ovos quentes para meu almoço. Descasquei os ovos e arrumei-os em um prato ao lado dos sete talos de aspargos (tão finos e crocantes que nem precisavam ser cozidos). Pus no prato também algumas azeitonas, os quatro pedaços de queijo de cabra que havia comprado na véspera na *formaggeria* mais embaixo na rua e duas fatias de um salmão rosado, gorduroso. Como sobremesa, um lindo pêssego, que a mulher do mercado havia me dado e que ainda estava morno com o calor do sol de Roma. Durante um tempo muito longo, sequer consegui tocar na comida, porque aquele era um almoço magistral, uma verdadeira expressão da arte de se virar. Por fim, depois de ter absorvido inteiramente a beleza da minha refeição, fui me sentar sob um raio de sol no meu chão de tábuas corridas e comi tudinho, com os dedos, enquanto lia meu artigo de jornal diário em italiano. Todos os meus poros transpiravam felicidade.
Até que - como tantas vezes aconteceu durante esses primeiros meses de viagem, e como sempre acontece quando sinto uma felicidade assim - meu alarme de culpa disparou. Ouvi a voz do meu ex-marido falando com desdém no meu ouvido: *Então foi por isso que você largou tudo? Foi por isso que destruiu toda a sua vida? Por alguns talos de aspargos e um jornal em italiano?*
Respondi a ele, em voz alta:
- Em primeiro lugar - falei -, me desculpe, mas isto aqui não é mais problema seu. E em segundo, para responder à sua pergunta... *foi.*

22

Um assunto óbvio ainda precisa ser abordado em relação a toda essa questão da minha

busca pelo prazer na Itália: *e o sexo*?
A resposta simples para essa pergunta é: não quero transar com ninguém enquanto estiver aqui.
A resposta mais completa e mais honesta é: claro que eu as vezes quero desesperadamente transar, mas decidi não praticar esse esporte, pelo menos por algum tempo. Não quero me envolver com ninguém. É claro que sinto falta de ser beijada, porque eu adoro beijar. (Reclamo tanto disso com Sofie que um dia desses ela finalmente disse, irritada: "Pelo amor de Deus, Liz... Se a coisa ficar ruim demais, eu beijo você.") Mas não vou fazer nada a esse respeito por enquanto. Ultimamente, quando me sinto sozinha, penso: *Então fique sozinha, Liz. Aprenda a lidar com a solidão. Aprenda a conhecer a solidão. Acostume-se a ela, pela primeira vez na sua vida. Bem-vinda à experiência humana. Mas nunca mais use o corpo ou as emoções de outra pessoa como um modo de satisfazer seus próprios anseios não-realizados.*
Vejo isso mais como uma espécie de apólice de vida emergencial do que qualquer outra coisa. Comecei cedo na vida a correr atrás do prazer sexual e romântico. Mal tive uma adolescência antes de arrumar meu primeiro namorado, e sempre tive um menino ou um homem (ou, algumas vezes, os dois) na minha vida desde os meus 15 anos. Isso agora faz - deixe-me ver - mais ou menos 19 anos. Ou seja, durante quase duas décadas inteiras, estive envolvida em algum tipo de drama com algum tipo de cara. Cada qual se sobrepondo ao seguinte, sem sequer uma semana de intervalo entre os dois. E não posso evitar pensar que isso representou uma espécie de entrave no meu caminho rumo à maturidade.
Além disso, tenho problemas de limites com os homens. Ou talvez não seja justo dizer isso. Para ter problemas com limites, é preciso primeiro *ter* limites, certo? Mas eu sou inteiramente tragada pela pessoa que amo. Sou como uma membrana permeável. Se eu amo você, eu lhe dou tudo que tenho. Dou-lhe o meu tempo, a minha dedicação, a minha bunda, o meu dinheiro, a minha família, o meu cachorro, o dinheiro do meu cachorro, o tempo do meu cachorro – *tudo*. Se eu amo você, carregarei para você toda a sua dor, assumirei por você todas as suas dívidas (em todos os sentidos da palavra), protegerei você da sua própria insegurança, projetarei em você todo tipo de qualidade que você na verdade nunca cultivou em si mesmo e comprarei presentes de Natal para sua família inteira. Eu lhe darei o sol e a chuva e, se não estiverem disponíveis, darei-lhe um vale de sol e um vale de chuva. Darei a você tudo isso e mais, até ficar tão exausta e debilitada que a única maneira que terei de recuperar minha energia será me apaixonar por outra pessoa.
Não é com orgulho que revelo esses fatos sobre mim mesma, mas é assim que sempre foi.
Algum tempo depois de eu ter deixado o meu marido, estava em uma festa, e um cara que eu mal conhecia me disse:
- Sabe, você parece uma pessoa completamente diferente agora que está com esse namorado novo. Você antes se parecia com o seu marido, mas agora se parece com o David. Você até se veste igual a ele e fala igual a ele. Sabe como algumas pessoas se parecem com seus cachorros? Acho que talvez você sempre se pareça com os seus homens.
Querido Deus, eu realmente gostaria de sair desse padrão, de dar a mim mesma um pouco de espaço para descobrir como sou e como falo quando não estou tentando me misturar com outra pessoa. E também, vamos ser honestos — pode ser que o fato de eu deixar a

intimidade em paz durante algum tempo seja um generoso serviço prestado à coletividade. Quando olho para o histórico amoroso que deixei para trás, ele não parece tão bom. Foi uma catástrofe depois da outra. Quantos outros tipos diferentes de homem posso continuar tentando amar e continuar fracassando? Pensem nisso assim — se vocês tivessem acidentes de trânsito graves um atrás do outro, eles não acabariam tirando sua carteira de motorista? E você não iria, de certa forma, *querer* que eles fizessem isso?
Existe uma última razão pela qual hesito em me envolver com outra pessoa. O fato é que ainda estou apaixonada por David, e não acho isso justo com o cara seguinte. Sequer sei se David e eu de fato já terminamos. Ainda estávamos nos vendo bastante antes de eu viajar para a Itália, embora fizesse muito tempo que não transávamos. Mas ainda reconhecíamos que ambos tínhamos esperança de talvez, um dia...
Não sei.
O que sei é o seguinte: estou exausta com as conseqüências cumulativas de uma vida de escolhas apressadas e paixões caóticas. Quando viajei para a Itália, meu corpo e meu espírito estavam debilitados. Eu me sentia o solo cansado da roça de algum agricultor, explorado muito além do limite e precisando passar um tempo ocioso. Então foi por isso que parei.
Acreditem, estou consciente da ironia de se ir para a Itália em busca do prazer durante um período de celibato voluntário. Mas acredito realmente que a abstinência seja a coisa certa para mim agora. Tive particularmente certeza disso na noite em que pude ouvir minha vizinha de cima (uma moça italiana muito bonita, dona de uma coleção incrível de botas de salto alto) na transa mais demorada, mais cheia de gritos, do barulho de corpos se chocando, de rangidos e de acrobacias que eu jamais havia escutado, na companhia do mais recente e sortudo visitante ao seu apartamento. Essa dança durou bem mais de uma hora, com direito a efeitos sonoros descontrolados e gritos guturais. E tudo em que eu conseguia pensar, deitada na minha cama no andar bem debaixo deles, sozinha e cansada, era: *Pelo barulho, isso parece que está dando um trabalho danado.*
É claro que, algumas vezes, realmente sou tomada pelo desejo. A cada dia vejo, em média, cerca de uma dúzia de italianos que eu poderia facilmente imaginar na minha cama. Ou me imaginar na deles. Ou em qualquer outro lugar. Na minha opinião, os romanos são ridiculamente, dolorosamente, estupidamente bonitos. Mais bonitos até do que as romanas, para ser sincera. Os italianos são bonitos da mesma forma que as francesas são bonitas, ou seja, não poupam um só detalhe na busca pela perfeição. Parecem poodles de concurso. Algumas vezes, eu os acho tão bonitos que sinto vontade de aplaudir. Para descrever os homens daqui, sou obrigada a recorrer a expressões tiradas de romances baratos, tamanha a sua beleza. Eles são "diabolicamente atraentes", ou "surpreendentemente musculosos".
Porém, se me permitem admitir uma coisa não tão lisonjeira a meu respeito, esses romanos da rua não estão prestando muita atenção em mim. Aliás, eles não estão sequer me olhando. No começo, achei isso um pouco alarmante. Eu já estivera na Itália uma vez, aos 19 anos, e uma coisa de que me lembro é de ter sido constantemente importunada pelos homens na rua. E nas pizzarias. E no cinema. E no Vaticano. Era interminável e chatíssimo. Isso costumava ser um verdadeiro problema para quem vinha à Itália, algo quase capaz de estragar seu apetite. Agora, aos 34 anos de idade, eu era aparentemente invisível. E claro que, de vez em quando, um homem me diz de forma simpática: "Está bonita hoje, *signorina*", mas isso não é muito comum e nunca se torna agressivo. E,

embora com certeza seja agradável não ser bolinada por nenhum desconhecido nojento no ônibus, toda mulher tem seu orgulho feminino, e é legitimo que ela se pergunte: *O que mudou aqui? Será que fui eu? Ou será que foram eles?*
Então saio perguntando, e todo mundo concorda que, sim, houve uma verdadeira mudança na Itália durante os últimos dez a 15 anos. Talvez seja uma vitória do feminismo, ou uma evolução cultural, ou os efeitos moderniza dores inevitáveis de o país ter entrado para a Comunidade Européia. Ou talvez seja simplesmente a vergonha que os homens mais jovens sentem da libidinosidade de seus pais e avôs. Qualquer que seja o motivo, porém, parece que a Itália decidiu, como sociedade, que esse tipo de comportamento importuno e inconveniente com as mulheres não é mais aceitável. Nem mesmo minha linda jovem amiga Sofie é importunada nas ruas, e essas suecas com cara de moças leiteiras eram as que mais costumavam sofrer com isso.
Conclusão: parece que os italianos ganharam o prêmio de melhor progresso de comportamento.
O que é um alívio, porque, durante algum tempo, pensei que o problema fosse *comigo.* Quero dizer, tive medo de talvez não estar atraindo atenção nenhuma, porque não era mais nenhuma tetéia de 19 anos. Tive medo de que talvez meu amigo Scott estivesse certo no verão passado, quando disse:
- Ah, Liz, não se preocupe... aqueles italianos não vão mais incomodar você. Lá não é como na França, onde eles curtem coroas.

23

Ontem à tarde, fui assistir a um jogo de futebol com Luca Spaghetti e seus amigos. íamos ver o Lazio jogar. Existem dois times de futebol em Roma - o Lazio e o Roma. A rivalidade entre os times e seus torcedores é enorme, e capaz de dividir famílias e bairros felizes, transformando-os em zonas de guerra civil. É importante escolher cedo na vida se você torce para o Lazio ou para o Roma, porque isso, em grande parte, irá determinar com quem você passa as tardes de domingo pelo resto da vida.
Luca tem um grupo de cerca de dez amigos chegados que se amam todos como irmãos. Só que metade deles torce pelo Lazio e metade pelo Roma. Na verdade, não é culpa deles; eles nasceram em famílias onde a lealdade já estava estabelecida. O avô de Luca (conhecido, espero eu, como Nonno Spaghetti) deu-lhe sua primeira camisa azul celeste do Lazio quando o menino mal sabia andar. Luca, por sua vez, torcerá pelo Lazio até morrer.
- A gente pode mudar de mulher - disse ele. - Pode mudar de emprego, de nacionalidade e até de religião, mas a gente nunca pode mudar de time.
Por sinal, "torcedor" em italiano é *tifoso*. A palavra vem de tifo. Ou seja: alguém tomado por uma febre alta.
Meu primeiro jogo de futebol com Luca Spaghetti foi, para mim, um delicioso banquete da língua italiana. Naquele estádio, aprendi todo tipo de palavras novas e interessantes que não se aprende na escola. Sentado atrás de mim havia um velho que desfiava uma sucessão fenomenal de impropérios enquanto gritava para os jogadores em campo. Não entendo muito de futebol, mas com certeza não perdi tempo fazendo a Luca perguntas idiotas sobre o que estava acontecendo no jogo. Tudo que eu perguntava era: "Luca, o que o cara atrás de mim acabou de dizer? O que quer dizer *cafone*?" E Luca - sem nunca

tirar os olhos do campo - respondia: "Cuzão. Quer dizer cuzão."
Eu escrevia a palavra. Depois fechava os olhos e ouvia um pouco mais da arenga do velho, que era mais ou menos assim:

Dai, dai, dai, Albertini, dai... va bene, va bene, ragazzo mio, perfetto, bravo, bravo... Dai! Dai! Via! Via! Nella porta! Eccola, eccola, eccola, mio bravo ragazzo, caro mio, eccola, eccola, ecco... AAAHHHHHHHHHHHH! VAFFANCULO!!! FIGLIO DI MIGNOTTA!! STRONZO! CAFONE! TRADITORE! Madonna... Ah, Dio mio, perché, perché, perché, questo è stupido, è una vergogna, la vergog-na... Che casino, che bordello... NON HAI UN CUORE, ALBERTINI! FAI FINTA! Guarda, non è successo niente... Dai, dai, ah... Molto migliore, Albertini, molto migliore, sì sì sì, eccola, bello, bravo, anima mia, ah, ottimo, eccola adesso... nella porta, nella porta, nell... VAFFANCULO!!!!!!!

Que posso tentar traduzir como:

Vamos lá, vamos lá, vamos lá, Albertini, vamos lá... Isso, isso, meu garoto, perfeito, brilhante, brilhante... Vamos lá! Vamos lá! Vamos! Vamos! Para o gol! Pronto, pronto, pronto, meu garoto brilhante, meu querido, pronto, pronto, pron... AHHHH! VÁ SE FODER! SEU FILHO DE UMA PUTA! SEU MERDA! SEU CUZÃO! SEU TRAIDOR!... Minha Nossa Senhora... Ai, meu Deus, por quê, por quê, por quê, que burrice, que vergonha, que vergonha... Que zona... [Nota da autora: Infelizmente, não há como traduzir direito as fabulosas expressões italianas che casino e che bordello, que literalmente significam "que cassino" e "que puteiro", mas que, no fundo, querem dizer "que puta zona".]... VOCÊ NÃO TEM CORAÇÃO, ALBERTINI!!!! ESTÁ FINGINDO! Olhe, não aconteceu nada... Vamos lá, vamos lá, aí, isso... Muito melhor, Albertini, muito melhor, isso isso isso, aí, lindo, brilhante, aí, excelente, é isso aí... para o gol, para o gol, para o... VÁÁÁÁÁ SE FODEEEER!!!

Ah que momento mais especial e mais sortudo da minha vida estar sentada na frente desse homem. Eu adorava cada palavra que saía de sua boca. Queria recostar a cabeça no seu velho colo e deixá-lo desfiar seus eloqüentes impropérios aos meus ouvidos para sempre. E não era só ele! O estádio inteiro estava repleto de solilóquios assim. E que animação! Sempre que acontecia no campo alguma grave omissão de justiça, o estádio inteiro se punha de pé, com todos os homens acenando, ultrajados e berrando palavrões, como se todos os 20 mil presentes houvessem acabado de participar de uma confusão de trânsito. Os jogadores do Lazio não eram menos dramáticos do que seus torcedores, rolando no chão de dor como em uma cena de morte de *Júlio César*, exagerando cada movimento, e em seguida pondo-se de pé dois segundos depois para encabeçar mais um ataque ao gol. Mas o Lazio acabou perdendo.
Precisando ser consolado depois do jogo, Luca Spaghetti perguntou a seus amigos:
— Vamos sair?
Imaginei que isso significasse: "Vamos sair para um bar?" E o que os torcedores americanos fariam se o seu time houvesse acabado de perder. Iriam a um bar e ficariam completamente embriagados. E não são só os americanos que fariam isso — os ingleses, os australianos, os alemães também... todo mundo, certo? Mas Luca e seus amigos não

foram a um bar para afogar as mágoas. Foram a uma padaria. Uma padaria pequenina, discreta, escondida em um subsolo de um bairro romano qualquer. No domingo à noite, o lugar estava lotado. Mas ele sempre fica lotado depois dos jogos. Os torcedores do Lazio sempre param ali antes de voltar do estádio para casa, e passam horas em pé na rua, recostados em suas motos, conversando sobre o jogo, parecendo mais machos do que nunca, e comendo *bombas de creme*. Eu amo a Itália.

24

Estou aprendendo cerca de vinte novas palavras em italiano por dia. Não paro de estudar, percorrendo minhas fichas enquanto caminho pela cidade, esquivando-me dos pedestres locais. Onde estou arrumando espaço no meu cérebro para guardar essas palavras? Espero que minha mente talvez tenha decidido se livrar de alguns antigos pensamentos negativos e lembranças tristes, e substituí-los por essas esfuziantes palavras novas.
Tenho estudado bastante italiano, mas continuo a esperar que um dia o idioma simplesmente se revele a mim, inteiro, perfeito. Um dia, vou abrir a boca e, em um passe de mágica, falarei fluentemente. Nesse dia, serei uma verdadeira italiana, em vez de uma americana típica que ainda não consegue escutar alguém chamando seu amigo Marco do outro lado da rua sem instintivamente querer gritar de volta: *"Polo!"* Eu gostaria que o italiano simplesmente passasse a morar no meu cérebro, mas essa língua tem muitas armadilhas. Por exemplo, por que as palavras italianas para "árvore" e "hotel" *(albero e albergo)* são tão parecidas? Isso me faz, sem querer, dizer sempre às pessoas que fui criada em "uma plantação de hotéis de Natal", em vez de usar a descrição mais exata e ligeiramente menos surreal "plantação de árvores de Natal". E há também as palavras que têm duplo ou até triplo significado. Por exemplo, *tasso,* que pode significar juros, o animal texugo ou a árvore teixo. Dependendo do contexto, suponho. O que mais me perturba é quando me deparo com palavras em italiano que são de fato — detesto dizer isso — feias. Encaro isso quase como uma ofensa pessoal. Desculpe, mas não viajei até a Itália para aprender a pronunciar uma palavra como *schermo* (tela).
Mesmo assim, no geral, vale muito a pena. Giovanni e eu nos divertimos muito ensinando um ao outro expressões em inglês e italiano. Na outra noite, estávamos conversando sobre as expressões que se usam quando se está tentando reconfortar alguém com problemas. Eu lhe disse que, em inglês, nós algumas vezes dizemos: *"I've been there"* ("já passei por isso", mas literalmente "já estive aí"). No início, ele não entendeu – *já estive onde*? Mas eu lhe expliquei que, algumas vezes, a tristeza profunda é quase um local específico, uma coordenada em algum mapa do tempo. Quando você está nessa selva de tristeza, não consegue imaginar que um dia conseguirá encontrar a saída para um lugar melhor. Mas, se alguém lhe garante que também já esteve nesse mesmo lugar, e conseguiu sair dele, isso às vezes traz alento.
- Então a tristeza é um lugar? - perguntou Giovanni.
— Algumas vezes as pessoas passam anos lá — falei.
Em troca, Giovanni me disse que, ao demonstrar empada, os italianos dizem *L'ho provato sulla mia pelle,* que significa: "Senti isso na própria pele. Ou seja, eu também já fui atingido ou ferido dessa forma, e sei exatamente pelo que você está passando.
Até agora, no entanto, o que mais gosto de dizer em italiano é uma palavra simples, comum:

Attraversiamo.
Quer dizer: "Vamos atravessar." Os amigos dizem isso uns para os outros sem parar quando estão andando pela calçada e decidem que chegou a hora de passar para o outro lado da rua. Ou seja, é literalmente uma palavra pedestre. Ela não tem nada de mais. Mesmo assim, por algum motivo, causa-me um efeito poderoso. Na primeira vez em que Giovanni me disse isso, estávamos caminhando perto do Coliseu. De repente, eu o ouvi dizer essa palavra linda
e parei, perguntando:
- O que isso quer dizer? O que você acabou de falar?
- *Attraversiamo.*
Ele não conseguia entender por que eu gostava tanto dessa palavra. *Vamos atravessar a rua?* Mas, aos meus ouvidos, essa é a perfeita combinação de sonoridades italianas. O *a* aberto e promissor da primeira sílada, o *r* enrolado, o s tranqüilizador e a interminável combinação "ii-aaaa-mo" no final. Adoro essa palavra. Agora a digo o tempo inteiro. Invento qualquer desculpa para dizê-la. Isso está deixando Sofie maluca. *Vamos atravessar! Vamos atravessar!* Estou sempre puxando-a de um lado para o outro em meio ao tráfego romano enlouquecido. Vou acabar matando nós duas com essa palavra.
A palavra preferida de Giovanni em inglês é *half-assed*, algo como "nas coxas".
A de Luca Spaghetti é *surrender* — entrega, rendição.

25

Atualmente, na Europa, vem acontecendo uma queda de braço. Algumas cidades estão competindo com outras para ver quem vai emergir como a grande metrópole européia do século XXI. Será Londres? Paris? Berlim? Zurique? Talvez Bruxelas, centro da jovem comunidade? Todas tentam superar as outras culturalmente, arquitetonicamente, politicamente, tributariamente. Mas é preciso dizer que Roma não entrou nessa corrida por status. Roma não compete. Roma fica só olhando toda essa aflição e esforço, inteiramente impassível, cantarolando uma melodia como quem diz: *Ei... podem fazer o que quiserem, mas eu continuo sendo Roma.* A segurança régia desta cidade me inspira, tão firme e tão azeitada, tão bem-humorada e tão monumental, como quem sabe que tem o seu lugar especial na História. Quando eu for uma velha senhora, gostaria de ser como Roma.
Hoje fui fazer uma caminhada de seis horas pela cidade. Isso é fácil de fazer, especialmente se você parar com freqüência para se reabastecer de café expresso e doces. Começo na porta do meu apartamento, depois saio vagando pelo verdadeiro shopping center cosmopolita que é o meu *bairro*. (Apesar de eu não tender a chamar isto aqui exatamente de bairro, não no sentido tradicional da palavra. Quero dizer, se isto aqui é um bairro, então os meus vizinhos são simplesmente aquelas pessoas normais e comuns com nomes como Valentino, Gucci e Armani.) Esta sempre foi uma região abastada da cidade. Rubens, Tennyson, Stendhal, Balzac, Liszt, Wagner, Thackeray, Byron, Keats - todos eles moraram aqui. Moro no lugar que eles costumavam chamar de "o gueto inglês", onde todos os aristocratas chiques descansavam em suas grandes viagens pela Europa. Um clube de viagens londrino chegou a se chamar "A Sociedade dos *Diletantti*" — imaginem *fazer propaganda* do fato de ser um diletante! Ah, que gloriosa falta de vergonha...

Caminho até a Piazza del Popolo, com seu imponente arco esculpido por Bernini em homenagem à histórica visita da rainha Cristina da Suécia (que, na verdade, foi uma das personalidades mais bombásticas da História, E assim que minha amiga Sofie descreve sua grande rainha: "Ela sabia montar, sabia caçar, era uma erudita, virou católica e levava uma vida totalmente escandalosa. Alguns dizem que ela era homem mas, no mínimo, ela provavelmente era lésbica. Usava calças compridas, participava de escavações arqueológicas, colecionava obras de arte e se recusou a deixar um herdeiro"). Ao lado do arco fica uma igreja onde se pode entrar de graça e ver dois quadros de Caravaggio retratando o martírio de São Pedro e a conversão de São Paulo (tão fustigado pela graça que está caído no chão em um êxtase divino; nem mesmo seu cavalo consegue acreditar). Esses quadros de Caravaggio sempre me fazem sentir pequena e insignificante, mas eu me alegro passando para o outro lado da igreja para admirar um afresco que retrata o menino Jesus mais feliz, mais bem-humorado e mais risonho de toda Roma.
Começo a andar de novo em direção ao sul. Passo pelo Palazzo Borghese, um prédio que já abrigou muitos hóspedes famosos, incluindo Pauline, a escandalosa irmã de Napoleão, que mantinha ali um número não revelado de amantes. Ela também gostava de usar as próprias criadas como banquinhos para os pés. (Quem lê essa frase no *Guia de Roma Companion* sempre espera ter lido errado, mas não - a frase está correta. Ficamos sabendo que Pauline também gostava de ser carregada para o banho por um "negro gigantesco".)
Depois passeio pelas margens do caudaloso e lamacento Tibre, que mais parece o rio de uma zona rural, até a Ilha do Tibre, que é um dos meus lugares tranqüilos preferidos em Roma, Essa ilha sempre esteve associada à cura. Um templo a Esculápio foi construído nela depois de uma peste em 291 a.C.; na Idade Média, um hospital foi erguido ali por um grupo de monges chamados Fatebenefratelli (que pode ser traduzido informalmente como "os irmãos fazedores do bem"); e até hoje existe um hospital na ilha.
Atravesso o rio até o Trastevere - o bairro onde supostamente moram os verdadeiros romanos, os operários, os homens que, ao longo dos séculos, construíram todos os monumentos na outra margem do Tibre. Lá almoço em uma *trattoria* tranqüila e passo horas saboreando minha comida e meu vinho, porque ninguém no Trastevere jamais irá impedir você de fazer uma refeição demorada, se for isso que você queira fazer. Peço uma porção sortida de *bruschette*, uma massa *cacto* e *pepe* (uma especialidade romana simples de massa, servida com queijo e pimenta), e em seguida um frango assado pequeno, que acabo dividindo com o vira-lata que estava me olhando almoçar como só um vira-lata pode fazer.
Depois, atravesso a ponte de volta, passo pelo antigo gueto judeu, lugar de profunda tristeza que perdurou por séculos, até ser esvaziado pelos nazistas. Torno a rumar para o norte e passo pela Piazza Navona, com seu imenso chafariz em homenagem aos grandes rios do planeta Terra (que com orgulho, embora não de forma totalmente correta, inclui o Tibre na lista). Em seguida vou dar uma olhada no Panteão. Tento olhar para o Panteão sempre que tenho oportunidade, já que, afinal de contas, estou em Roma, e um velho ditado diz que quem vai a Roma e não vê o Panteão "vai e volta burro".
No caminho de volta para casa, faço um pequeno desvio e paro no endereço de Roma que considero mais estranhamente perturbador - o Augusteum. A pilha de tijolos grande, circular e caindo aos pedaços começou a vida como um glorioso mausoléu construído por Otaviano Augusto para abrigar seus restos mortais e os de sua família por toda a

eternidade. Devia ser impossível para o imperador imaginar, na época, que Roma algum dia seria outra coisa que não um império em louvor a Augusto. Como ele poderia ter previsto a queda do império? Ou como poderia saber que, com todos os aquedutos destruídos pelos bárbaros e as grandes estradas em ruínas, a cidade perderia seus habitantes, e seriam necessários quase vinte séculos para que Roma recuperasse a população que se gabava de ter no auge de sua glória?
O mausoléu de Augusto foi tomado pelas ruínas e pelos ladrões na Idade das Trevas. Alguém roubou as cinzas do imperador - não se sabe quem. Já no século XII, porém, o monumento havia sido restaurado como uma fortaleza para a poderosa família Colonna, para protegê-la dos ataques de vários príncipes guerreiros. Em seguida, o Augusteum foi, de certa forma transformado em vinhedo, depois em jardim renascentista, depois em praça de tourada (já estamos no século XVIII), depois em depósito de fogos de artifício, depois em sala de concertos. Durante a década de 1930, Mussolini confiscou a propriedade e restaurou suas bases clássicas, para que ela um dia pudesse servir de local de descanso para os seus restos mortais. (Mais uma vez, devia ser impossível, na época, imaginar que Roma jamais fosse ser qualquer outra coisa que não um império em louvor a Mussolini.) É claro que o sonho fascista de Mussolini não durou muito, e tampouco ele teve o funeral imperial que previra.
Hoje em dia, o Augusteum é um dos lugares mais tranqüilos e mais solitários de Roma, enterrado bem fundo no chão. Ao longo dos séculos, a cidade foi crescendo à sua volta. (Dois centímetros e meio por ano é geralmente a regra para a acumulação dos detritos do tempo.) O tráfego acima do monumento rodopia em um círculo caótico, e ninguém nunca desce lá — até onde eu saiba — a não ser para usar o lugar como banheiro público. Mas a construção ainda existe, mantendo-se orgulhosamente plantada em solo romano, à espera de sua próxima encarnação.
Considero muito reconfortante a resistência do Augusteum, o fato de essa estrutura ter tido uma história tão atribulada e, mesmo assim, ter sempre conseguido se ajustar à loucura específica de cada época. Para mim, o Augusteum é como alguém que levou uma vida totalmente louca - alguém que talvez tenha começado como dona de casa, depois inesperadamente ficado viúva, em seguida virado dançarina para ganhar dinheiro, de alguma forma tenha se tornado a primeira dentista mulher do espaço sideral, e depois tentado a sorte na política - e que, mesmo assim, conseguiu manter intacta a consciência de si próprio durante cada reviravolta.
Olho para o Augusteum e penso que, no final das contas, talvez a minha vida na verdade não tenha sido *tão* caótica assim. É apenas este mundo que é caótico e nos traz mudanças que ninguém poderia ter previsto. O Augusteum me alerta para eu não me apegar a nenhuma idéia inútil sobre quem sou, o que represento, a quem pertenço ou que função eu poderia ter sido criada para executar. Sim, eu ontem posso ter sido um glorioso monumento a alguém -mas amanhã posso virar um depósito de fogos de artifício. Até mesmo na Cidade Eterna, diz o silencioso Augusteum, é preciso estar preparado para tumultuosas e intermináveis ondas de transformação.

26

Logo antes de deixar Nova York e de me mudar para a Itália, eu enviara a mim mesma, pelo correio, uma caixa de livros. Disseram que a caixa demoraria de quatro a seis dias

para chegar ao meu apartamento de Roma, mas acho que o correio italiano deve ter lido errado essa instrução e entendido "46 dias", pois já se passaram dois meses e não vi nem sinal da minha caixa. Meus amigos italianos me dizem para esquecer completamente a caixa. Dizem que ela tanto pode chegar quanto pode não chegar, mas não temos como controlar esse tipo de coisa.
- Será que alguém roubou minha caixa? - pergunto a Luca Spaghetti. - Será que o correio perdeu?
Ele cobre os olhos com as mãos.
- Não faça essas perguntas - diz ele. - Você só vai se aborrecer.
O mistério da minha caixa desaparecida provoca uma longa conversa certa noite entre mim, minha amiga americana Maria e seu marido, Giulio. Maria acha que, em uma sociedade civilizada, a pessoa deveria poder confiar em coisas como um serviço de correios que entregasse sua correspondência no prazo previsto, mas Giulio discorda. Ele afirma que o correio não pertence a nenhum homem, mas ao destino, e que a entrega da correspondência não é algo que alguém possa garantir. Maria, aborrecida, diz que isso é apenas mais uma prova do abismo entre católicos e protestantes. O abismo fica mais aparente, diz ela, no fato de os italianos - incluindo seu próprio marido - nunca conseguirem fazer planos para o futuro, nem mesmo com uma semana de antecedência. Se você pedir a uma protestante do Meio-Oeste americano para se comprometer com um jantar na semana seguinte, essa protestante, acreditando ser capitã do próprio destino, dirá: "Quinta-feira à noite está bom para mim." Mas, se você pedir a um católico da Calábria para marcar o mesmo compromisso, ele simplesmente dará de ombros, erguerá os olhos para Deus e perguntará: "Como é que qualquer um de nós pode saber se vai estar livre para jantar na quinta-feira que vem, já que tudo está nas mãos de Deus e nenhum de nós conhece o próprio destino?"
Mesmo assim, vou à agência dos correios algumas vezes para tentar descobrir que fim levou a minha caixa, sem sucesso. A funcionária dos correios de Roma não fica nada contente quando seu telefonema para o namorado é interrompido pela minha presença. E, nessa situação estressante, o meu italiano - que tem melhorado mesmo, juro - me escapa. Quando tento falar de maneira lógica sobre a minha caixa de livros perdida, a mulher me olha como se eu estivesse soltando perdigotos.
- Será que ela chega na semana que vem? - pergunto-lhe, em italiano.
Ela dá de ombros:
- *Magari*.
Eis outra gíria italiana intraduzível, que significa algo entre "com sorte, talvez" e "pode esperar sentado, idiota".
Ah, talvez seja melhor assim. De toda forma, sequer consigo me lembrar dos livros que coloquei na caixa. Com certeza, foram coisas que pensei que deveria estudar se quisesse entender italiano. Eu havia enchido essa caixa com todo tipo de material de pesquisa sobre Roma que simplesmente não parece mais importante agora que estou aqui. Acho que cheguei até a pôr na caixa o texto completo e integral do *Declínio e Queda do Império Romano*, de Edward Gibbon. Talvez, no final das contas, eu esteja mais feliz sem ela. Já que a vida é tão curta, será que eu quero mesmo passar um noventa avos dos dias que me restam lendo Edward Gibbon?

Na semana passada, conheci uma moça australiana que estava viajando pela Europa de mochilão pela primeira vez na vida. Expliquei a ela como chegar à estação de trem. Ela estava a caminho da Eslovênia, só para ver como era. Quando escutei seus planos, fui tomada por um forte espasmo de inveja, pensando: *Eu quero ir à Eslovênia! Por que nunca viajo para lugar nenhum?*
A primeira vista, pode-se pensar que eu *já* estou viajando. E querer viajar quando já se está viajando, admito, é um tipo de loucura gananciosa. E como ter a fantasia de transar com seu artista de cinema preferido, quando você já está transando com seu *outro* artista de cinema preferido. Mas o fato de essa moça ter perguntado o caminho para mim (para ela, eu era obviamente local) sugere que, tecnicamente, não estou viajando em Roma, mas sim morando aqui. Quando esbarrei com a moça, na verdade, eu estava indo pagar minha conta de luz, coisa com a qual nenhum viajante se preocupa. A energia de se viajar para algum lugar e a energia de se morar em algum lugar são duas energias fundamentalmente diferentes, e alguma coisa no meu encontro com essa australiana a caminho da Eslovênia simplesmente me deixou morrendo de vontade de cair na estrada. E foi por isso que liguei para minha amiga Sofie e falei:
- Vamos passar o dia em Nápoles e comer pizza!
Poucas horas depois, estávamos no trem, e então - como em um passe de mágica - chegamos. Eu me apaixonei instantaneamente por Nápoles. Furiosa, exuberante, barulhenta, suja, incontrolável Nápoles. Um formigueiro dentro de uma coelheira, com todo o exotismo de um bazar oriental e um toque de vodu de Nova Orleans. Um hospício muito doido, perigoso e alegre. Meu amigo Wade veio a Nápoles na década de 1970 e foi assaltado... dentro de um *museu*. A cidade é toda decorada com a roupa que as pessoas põem para secar nas janelas, e que fica se sacudindo por cima de cada rua; as camisetas e os sutiãs recém-lavados de todo mundo se sacodem ao vento como bandeirolas de prece tibetanas. Não existe uma só rua em Nápoles onde algum menino metido a marrento vestindo uma bermuda e meias de cores diferentes não esteja gritando da calçada para algum outro menino metido a marrento em algum telhado ali perto. Tampouco existe um só prédio que não tenha pelo menos uma velha corcunda sentada à janela, observando desconfiada a atividade lá embaixo.
As pessoas aqui têm um orgulho louco do fato de serem napolitanas, e por que não deveriam ter? Esta é a cidade que deu ao mundo a pizza e o sorvete. As napolitanas, em especial, são um bando de senhoras de vozes fortes, que falam alto, são generosas e intrometidas, todas mandonas, mal-humoradas e sempre se metendo na sua vida e simplesmente tentando *ajudar* você, pelo amor de Deus, sua estúpida — *por que elas precisam fazer tudo por aqui?* O sotaque napolitano parece um amigável tapão no ouvido. É como percorrer uma cidade infestada de cozinheiros superatarefados, onde todos berram ao mesmo tempo. Eles aqui ainda têm seu próprio dialeto, e um dicionário volúvel e cambiante de gírias locais, mas, não sei por quê, descubro que os napolitanos são as pessoas que considero mais fáceis de entender na Itália. Por quê? Porque eles *querem* que você os entenda, ora bolas. Eles falam alto e com bastante ênfase e, se você não consegue entender o que de fato está saindo de suas bocas, geralmente consegue entender as linhas gerais pelos gestos. Como aquela estudante de primeiro grau muito atrevida, na garupa da motocicleta do primo, que me exibiu o dedo do meio e um sorriso simpático ao passar, só para me fazer entender; "Ei, não é nada pessoal. Mas eu só tenho

7 anos, e já posso ver que você é uma idiota completa, mas tudo bem... eu acho você razoável, apesar de tudo, e até gosto da sua cara de boba. Nós duas sabemos que você adoraria ser eu, mas sinto muito... não vai dar. Mesmo assim, tome aqui o meu dedo do meio, aproveite sua visita a Nápoles, e *ciao*!"
Como em qualquer lugar público na Itália, há sempre meninos, adolescentes e homens feitos jogando futebol, mas aqui em Nápoles há também outra coisa. Por exemplo, hoje encontrei crianças - quero dizer, um grupo de meninos de 8 anos - que haviam juntado uns caixotes velhos para improvisar cadeiras e uma mesa, e jogavam *pôquer na piazza* com tanta exaltação que tive medo de que um deles fosse levar um tiro.
Giovanni e Dario, meus gêmeos do intercâmbio, são de origem napolitana. Não consigo imaginar isso. Não consigo visualizar meu tímido, estudioso e atencioso Giovanni como um menino no meio desta - e não é por acaso que uso esta palavra - turba. Mas ele é napolitano, não há dúvida, porque, antes de eu sair de Roma, me deu o nome de uma pizzaria em Nápoles à qual tive de ir porque, segundo Giovanni, lá se comia a melhor pizza da cidade. Eu estava muito animada com a idéia de ir até lá, já que em Nápoles se comem as melhores pizzas da Itália, e a melhor pizza do mundo é a italiana, o que significa que essa pizzaria deve ter... sinto-me quase supersticiosa ao dizer isto... *a melhor pizza do mundo*? Giovanni me passou o nome do lugar com tanta seriedade e ímpeto que quase tive a sensação de estar sendo aceita em uma sociedade secreta. Apertou o endereço na palma da minha mão e disse, com o tom da mais séria das confidencias:
- Por favor, vá a esta pizzaria. Peça a *margherita* com *mozzarella* extra. Se não comer essa pizza enquanto estiver em Nápoles, por favor, minta para mim depois e me diga que comeu.
Então Sofie e eu viemos à Pizzeria da Michele, e as pizzas que acabamos de pedir - uma para cada - estão nos fazendo perder a cabeça. Eu amo tanto a minha pizza, na verdade, que chego a pensar, no meu delírio, que a minha pizza pode, na verdade, me amar também. Estou tendo um relacionamento com a pizza, quase um caso de amor. Enquanto isso, Sofie está comendo a sua quase aos prantos, tomada por uma crise metafísica, e lamentando-se:
- Por que será que eles ainda *se dão ao trabalho* de fazer pizza em Estocolmo? Por que será que a gente sequer se dá ao trabalho de comer *qualquer comida* em Estocolmo?
A Pizzeria da Michele é um lugarzinho que só tem duas salas e um forno que está sempre ligado. Fica a uns 15 minutos a pé da estação de trem debaixo de chuva; nem pense duas vezes, simplesmente vá. Você precisa chegar bastante cedo, porque algumas vezes a massa acaba, o que vai partir seu coração. À uma da tarde, as ruas do lado de fora da pizzaria já ficaram congestionadas com napolitanos tentando chegar ao restaurante, empurrando os outros para entrar como se estivessem tentando achar um lugar em um bote salva-vidas. Não há cardápio. Eles aqui só têm dois tipos de pizza - normal e com queijo extra. Nada daquelas invenções californianas meio Nova Era tipo pseudopizza com azeitonas e tomates secos ao sol. Levo metade da refeição para perceber que o gosto da massa se parece mais com um *nan* indiano do que qualquer outra massa de pizza que eu já tenha provado. É macia, elástica e fofa, mas surpreendentemente fina. Sempre pensei que, em se tratando de massa de pizza, tivéssemos apenas duas escolhas na vida - fina e crocante, ou grossa e consistente. Como eu poderia saber que era possível existir neste mundo uma massa ao mesmo tempo fina e consistente? Maravilha das maravilhas!

Ah, paraíso das pizzas finas, consistentes, fortes, boas de morder, deliciosas, elásticas e salgadas! Para completar, há um molho de tomate adocicado fervendo, borbulhante e cremoso que faz derreter a *mozzarella* de búfala, e o ramo solitário de manjericão no meio do círculo de alguma forma dá à pizza inteira um brilho de ervas mais ou menos da mesma forma que uma estrela de cinema no meio de uma festa empresta um toque de glamour a todos à sua volta. Você tenta dar uma mordida na sua fatia e a borda macia se dobra, e o queijo derretido escorre como um terreno que desliza, sujando você e tudo que está à sua volta, mas são os ossos do ofício.
Os homens que fazem esse milagre acontecer passam o tempo inteiro colocando e tirando as pizzas do forno a lenha, igualzinhos a foguistas nas entranhas de um grande navio, lançando o carvão para dentro das fornalhas em chamas. Mangas arregaçadas nos antebraços suados, rostos corados por causa do esforço, um dos olhos apertado a vigiar o fogo e um cigarro pendurado no canto da boca. Sofie e eu pedimos outra pizza - outra pizza inteira para cada uma -, e Sofie tenta se recompor mas, na verdade, a pizza é tão boa que mal conseguimos nos agüentar.
Uma palavrinha sobre o meu corpo. Estou engordando cada dia mais, é claro. Estou maltratando meu corpo aqui na Itália ao ingerir quantidades tão abissais de queijo, massa, pão, vinho, chocolate e pizza. (Soube que, em outro lugar de Nápoles, você pode encontrar um negócio chamado pizza de chocolate. Que loucura é essa? Quer dizer, depois fui provar e é delicioso, mas francamente – *pizza de chocolate*?) Não estou fazendo nenhum exercício. Não estou comendo fibras o suficiente, não estou tomando nenhuma vitamina. Na minha vida real, sou o tipo de pessoa que come iogurte de leite de cabra orgânico salpicado de gérmen de trigo no café-da-manhã. Meus dias de vida real já ficaram para trás há muito tempo. Lá nos Estados Unidos, minha amiga Susan está dizendo às pessoas que estou fazendo uma excursão chamada "Festival de Carboidratos". Mas meu corpo está sendo muito camarada a esse respeito. Não está ligando para os meus passos em falso e para os meus acessos de gula, corno quem diz: "Tudo bem garota, vá fundo, sei que isso é só temporário. Me avise quando a sua expenênciazinha de puro prazer terminar, e vou ver o que posso fazer para limitar os estragos."
Mesmo assim, quando me olho no espelho da melhor pizzaria de Nápoles, vejo um rosto de olhos brilhantes, pele imaculada, feliz e saudável. Faz tempo que não vejo um rosto assim em mim.
- Obrigada - murmuro. Então Sofie e eu saímos correndo pela chuva à procura de doces.

28

Suponho que seja essa felicidade (que na verdade agora já tem alguns meses) que me faz pensar, ao voltar para Roma, que preciso fazer alguma coisa em relação a David. Que talvez seja hora de nós dois terminarmos nossa história de vez. Já estávamos separados, era oficial, mas ainda havia uma réstia de esperança de que talvez, um dia (talvez depois das minhas viagens, talvez depois de um ano separados), pudéssemos tentar de novo. Nós nos amávamos. O problema nunca foi esse. Só não conseguíamos descobrir como parar de tornar o outro desesperadamente, alucinadamente, desgraçadamente infeliz.
Na primavera anterior, David havia proposto a seguinte louca solução para os nossos problemas, só meio brincando:
- E se a gente simplesmente reconhecesse que nosso relacionamento é ruim, e mesmo

assim ficasse junto? Se admitisse que a gente enlouquece um ao outro, que está sempre brigando e quase nunca transa, mas não consegue viver um sem o outro, por isso agüenta tudo? Daí a gente poderia passar a vida inteira junto... infelizes, mas felizes por não estarmos separados.
Que o fato de eu ter passado os últimos dez meses considerando seriamente essa proposta seja um testemunho de como eu amo desesperadamente esse cara.
A outra alternativa que ainda não havíamos descartado, é claro, é que um de nós pudesse mudar. Ele poderia se tornar mais aberto e mais afetuoso, sem se afastar de qualquer pessoa que o amasse por medo de que ela fosse lhe devorar a alma. Ou eu poderia aprender a... parar de devorar a alma dele.
Com David, eu muitas vezes havia desejado conseguir me comportar mais como minha mãe faz em seu casamento - independente, fone, auto-suficiente. Alguém que se vira sozinho. Alguém capaz de existir sem doses regulares de romantismo ou elogios do solitário fazendeiro que é meu pai. Alguém capaz de plantar alegremente jardins de margaridas entre os inexplicáveis muros de pedra do silêncio que meu pai às vezes constrói ao redor de si mesmo. Meu pai é simplesmente a pessoa de quem mais gosto no mundo, mas ele é meio esquisito. Um ex-namorado meu certa vez o descreveu assim:
- O seu pai só tem um pé na Terra. E pernas muito, muito compridas. O que cresci vendo acontecer na minha casa foi uma mãe que recebia o amor e o afeto do marido sempre que ele se lembrava de lhe dar, mas que em seguida se afastava e ia cuidar da própria vida, enquanto ele mergulhava em seu universo particular, feito do pior tipo de negligência distraída. Pelo menos era assim que eu via as coisas, levando em conta que ninguém (e especialmente não as crianças) nunca conhece os segredos de um casamento. O que acho que cresci vendo foi uma mãe que não pedia nada a ninguém. Afinal de contas, ela era a minha mãe — uma mulher que havia aprendido a nadar, quando adolescente, sem a ajuda de ninguém, sozinha em um lago frio do Minnesota, com um livro que pegara emprestado na biblioteca da região chamado *Como Nadar*. Aos meus olhos, não havia nada que aquela mulher não fosse capaz de fazer sozinha.
Mas então tive uma conversa reveladora com minha mãe, pouco antes de viajar para Roma. Ela fora a Nova York almoçar comigo pela última vez e me perguntara francamente - quebrando todas as regras de comunicação na história da nossa família - o que havia acontecido entre mim e David. Ignorando ainda mais o Guia Padronizado de Regras de Comunicação da Família Gilbert, eu lhe disse a verdade, contei-lhe tudo. Contei-lhe o quanto amava David, mas como me sentia sozinha e desiludida estando com alguém que não parava de sumir da sala, da cama, do planeta.
- Está parecendo que ele é meio igual ao seu pai - disse ela. Um reconhecimento corajoso e generoso.
- O problema - disse eu - é que não sou igual à minha mãe. Não sou tão forte quanto você, mãe. Eu realmente preciso de um nível constante de proximidade da pessoa que amo. Queria conseguir ser mais parecida com você, então eu poderia viver esta história de amor com o David. Mas não poder contar com esse afeto quando preciso dele simplesmente me destrói.
Foi aí que minha mãe me chocou. Ela disse:
- Sabe todas essas coisas que você quer do seu relacionamento, Liz? Eu também sempre quis essas coisas.
Nesse instante, foi como se a minha mãe tão forte estendesse a mão por cima da mesa,

abrisse o punho fechado e finalmente me mostrasse a quantidade de sapos que tivera de engolir ao longo de tantas décadas para conseguir permanecer feliz no casamento com meu pai (e, considerando todos os prós e os contras, ela *é* feliz no casamento). Nunca tinha visto esse seu lado antes, nunca. Nunca havia imaginado o que ela poderia ter querido, o que poderia lhe ter faltado, por que coisas ela poderia ter decidido não lutar depois de considerar a situação de forma geral. Ao ver tudo isso, pude sentir minha própria visão de mundo começar a sofrer uma mudança radical.
Se até ela quer o que eu quero, então...?
Dando prosseguimento a essa sucessão inédita de intimidades, minha mãe falou:
- Você precisa entender que fui criada esperando merecer muito pouca coisa da vida, meu anjo. Lembre-se... sou de um tempo e de um lugar diferentes dos seus.
Fechei os olhos e vi minha mãe aos 10 anos de idade, na fazenda da família em Minnesota, trabalhando como uma condenada, criando os irmãos mais novos, usando as roupas da irmã mais velha, poupando centavos para conseguir sair de lá...
- E você precisa entender o quanto amo o seu pai - concluiu ela.
Minha mãe fez escolhas na vida, como todos nós precisamos fazer, e está em paz com elas. Posso ver a sua paz. Ela não julgou a si mesma. Os benefícios das suas escolhas são enormes - um casamento duradouro e estável com um homem a quem ela ainda chama de melhor amigo; uma família que agora inclui netos que a adoram; a certeza de sua própria força. Talvez algumas coisas tenham sido sacrificadas, e meu pai também fez lá os seus sacrifícios - mas qual de nós vive sem sacrifício?
E, agora, a pergunta para mim é: Quais serão as *minhas* escolhas? O que eu acho que mereço nesta vida? Onde posso aceitar fazer sacrifícios, e onde isso não será possível?
Tem sido muito difícil para mim imaginar a vida sem David. Tem sido difícil até imaginar que nunca haverá nenhuma outra viagem de carro com meu companheiro de viagem preferido, que nunca mais vou encostar no meio-fio em frente à casa dele com as janelas abertas e Bruce Springsteen tocando no rádio, um estoque imenso de papo-furado e besteiras para comer em cima do banco, e infinitos destinos despontando na auto-estrada. Mas como posso aceitar essa felicidade, quando ela vem acompanhada de um lado tão sombrio - um isolamento acachapante, uma insegurança corrosiva, um ressentimento insidioso e, é claro, a completa desintegração do meu ser que inevitavelmente acontece quando David pára de dar e começa a levar embora. Não consigo mais fazer isso. Alguma coisa em minha recente felicidade napolitana me fez ter certeza de que não apenas eu *posso* encontrar a felicidade sem David, mas que eu *preciso* fazer isso. Por mais que eu o ame (e eu o amo de verdade, de forma estupidamente excessiva), preciso dizer adeus a essa pessoa agora. E preciso me manter fiel a essa decisão.
Então escrevo um e-mail para ele.
Estamos em novembro. Não nos falamos desde julho. Eu lhe pedira para não entrar em contato comigo enquanto eu estivesse fora, sabendo que meu apego a ele era tão forte que seria impossível me concentrar na viagem se também estivesse acompanhando o que ele estava fazendo. Mas agora, com esse e-mail, estou entrando de novo na sua vida.
Eu lhe digo que espero que ele esteja bem e que estou bem. Faço algumas brincadeiras. Sempre fomos bons de brincadeiras. Em seguida, explico que acho que precisamos pôr um ponto final nesse relacionamento. Que talvez seja hora de reconhecer que nunca vai dar certo, que *não é* para dar certo. O tom não é excessivamente dramático. Deus sabe

que já houve drama suficiente entre nós. A mensagem é curta e simples. Mas há mais uma coisa que preciso acrescentar. Prendendo a respiração, escrevo: "Se você quiser procurar outra pessoa na sua vida, é claro que eu lhe desejo tudo de bom." Minhas mãos estão tremendo. Assino com "um beijo", tentando manter o tom mais descontraído possível.

Tenho a sensação de que alguém acaba de golpear meu peito com um bastão.

Não durmo muito nessa noite, imaginando-o a ler minhas palavras. Durante o dia seguinte, corro algumas vezes até o cybercafé à procura de uma resposta. Estou tentando ignorar aquela parte de mim morta de vontade de que ele responda: "VOLTE! NÃO VÁ EMBORA! EU VOU MUDAR!" Estou tentando ignorar a menininha dentro de mim que abriria mão alegremente de toda essa idéia grandiosa de viajar pelo mundo em troca apenas das chaves do apartamento de David. Mas, por volta das dez horas da noite, finalmente recebo minha resposta. Um e-mail maravilhoso, é claro. David sempre escreveu lindamente. Ele concorda que, sim, é hora de finalmente dizermos adeus para sempre. Diz que ele próprio vem pensando mais ou menos a mesma coisa. Não poderia ter sido mais gentil em sua resposta, e compartilha seus próprios sentimentos de perda e arrependimento com aquele imenso afeto que algumas vezes ele era tão comoventemente capaz de atingir. Ele espera que eu saiba o quanto ele me adora, e que não consegue sequer encontrar palavras para expressar isso." Mas a gente não é o que o outro precisa", diz ele. No entanto, ele tem certeza de que eu algum dia vou encontrar um grande amor na minha vida. Ele tem certeza disso. Afinal, ele diz, beleza atrai beleza".

E isso, de fato, é uma coisa muito linda de se dizer. E é praticamente a melhor coisa que o amor da sua vida poderia dizer, quando não está dizendo: "VOLTE! NÁO VÁ EMBORA! EU VOU MUDAR!"

Fico ali sentada encarando a tela do computador, sem dizer nada, durante um tempo longo e triste. É melhor assim, eu sei que é. Estou escolhendo a felicidade em lugar do sofrimento, eu sei que estou. Estou criando espaço para o futuro desconhecido encher minha vida com surpresas que ainda estão por vir. Eu sei tudo isso. Mas mesmo assim... É *David*. Eu agora o perdi.

Seguro o rosto com as mãos durante um tempo ainda mais longo e ainda mais triste. Por fim, ergo os olhos, e tudo que vejo é que uma das albanesas que trabalha no cybercafé parou de esfregar o chão como faz todas as noites para se encostar na parede e me olhar. Por um instante, encaramos uma à outra com nossos olhares cansados. Então sacudo a cabeça para ela pesarosamente e digo em voz alta:

- Que dureza. - Ela balança a cabeça de forma compreensiva. Não entendeu o que eu disse, mas é claro que, à sua maneira, entendeu totalmente.

Meu celular toca.

É Giovanni. Ele parece estar confuso. Diz que está me esperando há mais de uma hora na Piazza Fiume, que é onde sempre nos encontramos nas noites de quinta-feira para nossas conversas em duas línguas. Não está entendendo nada, porque normalmente é *ele* quem chega atrasado ou se esquece de aparecer para os nossos encontros, mas nesta noite excepcionalmente chegou na hora exata, e tinha quase certeza... nós não tínhamos marcado de nos encontrar?

Eu tinha me esquecido. Digo-lhe onde estou. Ele diz que vai vir me buscar com seu carro. Não estou com vontade de encontrar ninguém, mas e difícil demais explicar isso no *telefonino*, dadas nossas habilidades lingüísticas limitadas. Vou esperá-lo do lado de fora,

no frio. Alguns minutos depois, seu carrinho vermelho aparece e eu entro. Ele me pergunta, em um italiano cheio de gíria, o que está acontecendo. Abro a boca para responder e desato a chorar. Ou melhor - começo a uivar. Ou melhor - aquele tipo de choro terrível, convulso, que minha amiga Sally chama de "soluço dobrado", quando você precisa puxar duas desesperadas golfadas de oxigênio a cada soluço. Eu sequer chegara a perceber que esse terremoto de tristeza estava chegando, fui pega totalmente de surpresa.

Coitado de Giovanni! Em um inglês capenga, ele me pergunta se fez alguma coisa errada. Será que estou brava com ele? Será que ele me magoou? Não consigo responder, mas faço que não com a cabeça e continuo a uivar. Estou totalmente arrasada comigo mesma e com muita pena do querido Giovanni, encurralado ali naquele carro com uma mulher velha soluçante e incoerente que está totalmente a *pezzi* — destroçada.

Finalmente, consigo balbuciar uma explicação de que o meu estado não tem nada a ver com ele. Engasgando, peço desculpas por estar desse jeito. Giovanni assume o controle da situação de um modo muito mais maduro do que a sua pouca idade. Ele diz:

— Não peça desculpas por estar chorando. Sem emoção, a gente não passa de robôs. — Ele me estende uns lenços de papel de uma caixa no banco de trás do carro. — Vamos dar uma volta — diz.

Ele tem razão - a frente desse cybercafé é um lugar exposto e iluminado demais para se ter um colapso nervoso. Ele dirige um pouco, depois entra com o carro no meio da Piazza delia Repubblica, um dos espaços abertos mais nobres de Roma. Estaciona na frente daquele magnífico chafariz onde ousadas ninfas nuas dançam pornograficamente com seu bando fálico de cisnes gigantes de pescoço rijo. Esse chafariz foi construído bastante recentemente para os padrões romanos. Segundo o meu guia, as mulheres que serviram de modelos para as ninfas eram duas irmãs, dançarinas burlescas populares da época. Ganharam uma fama razoável depois de o chafariz ficar pronto; a Igreja passou meses tentando evitar que a obra fosse exposta, porque ela era sensual demais. As irmãs viveram até uma idade bastante avançada e, na década de 1920, essas duas dignas senhoras ainda podiam ser vistas caminhando juntas pela *piazza* todos os dias, para olhar o "seu" chafariz. E, a cada ano, uma vez por ano, durante toda a vida, o escultor francês que as havia retratado em mármore no auge da beleza vinha a Roma e levava as irmãs para almoçar, e os três ficavam relembrando juntos os dias em que eram todos tão jovens, bonitos e ousados. Então Giovanni estaciona ali e espera eu me controlar. Tudo que consigo fazer é pressionar os olhos com as palmas das mãos para tentar empurrar as lágrimas de volta para dentro. Eu e Giovanni nunca tivemos uma conversa pessoal. Durante todos esses meses, todos esses jantares juntos, tudo sobre o que conversamos foi filosofia, arte, cultura, política e comida. Não sabemos nada sobre a vida particular um do outro. Ele sequer sabe que eu sou divorciada ou que deixei um amor para trás nos Estados Unidos. Eu não sei nada sobre ele, a não ser que ele quer ser escritor e que nasceu em Nápoles. O meu choro, porém, está prestes a criar um nível inteiramente novo de conversa entre essas duas pessoas. Eu gostaria que isso não acontecesse. Não nessas circunstâncias terríveis.

Ele diz:

- Desculpe, mas não estou entendendo. Você perdeu alguma coisa hoje? Mas ainda estou com dificuldades para descobrir como falar. Giovanni sorri e, para me incentivar, diz:

— *Parla come mangi.*

Ele sabe que esta é uma das minhas expressões preferidas do dialeto romano. Significa: "Fale do mesmo jeito que você come", ou, na minha tradução pessoal, "Diga como se estivesse comendo". É um lembrete - quando você está se esforçando além da conta para explicar alguma coisa, quando está procurando as palavras certas - para manter sua linguagem simples e direta como a culinária romana. Não transforme isso em um bicho-de-sete-cabeças. Simplesmente fale.
Respiro fundo e faço, em italiano, uma versão muito resumida (mas, de certa forma, totalmente completa) da minha situação:
— É por causa de uma história de amor, Giovanni. Tive de me despedir de uma pessoa hoje.
Então minhas mãos tornam a se espalmar sobre meus olhos, e as lágrimas escorrem por entre meus dedos tensos. Graças a Deus, Giovanni não tenta me dar um abraço reconfortante, nem expressa qualquer desconforto em relação à minha explosão de tristeza. Em vez disso, fica sentado enquanto choro, sem dizer nada. Até eu me acalmar. E então, com uma empatia perfeita, escolhendo cuidadosamente cada palavra (como sua professora de inglês, senti *muito* orgulho dele nessa noite!), ele diz de forma lenta, clara e gentil:
- Eu entendo, Liz. Já passei por isso.

29

A chegada da minha irmã a Roma, alguns dias depois, ajudou a desviar minha atenção da tristeza por causa de David, que não queria ir embora, e me fez voltar ao ritmo normal. Minha irmã faz tudo depressa, e a energia rodopia à sua volta em pequeninos ciclones. Ela é três anos mais velha e 8 centímetros mais alta do que eu. É atleta, estudiosa, mãe e escritora. Durante o tempo todo que passou em Roma, treinou para uma maratona, o que significa que acordava de madrugada e corria quase 30 quilômetros durante o tempo que geralmente levo para ler um artigo de jornal e tomar dois *cappuccinos*. Na verdade, ela parece uma gazela quando corre. Quando estava grávida do primeiro filho, certa vez nadou de uma margem a outra de um lago, no escuro. Não quis acompanhá-la, e eu sequer estava grávida. Estava era com um medo danado. Mas a minha irmã não sabe o que é ficar com medo. Quando estava grávida do segundo filho, uma parteira perguntou se Catherine tinha algum medo que nunca houvesse revelado sobre qualquer coisa que pudesse dar errado com o bebê - por exemplo, defeitos genéticos ou complicações durante o parto. Minha irmã respondeu:
- Meu único medo é que o bebê vire republicano quando crescer. É esse o nome da minha irmã - Catherine. Ela é minha única irmã. Quando éramos crianças, na zona rural de Connecticut, éramos só nós duas morando em uma fazenda com nossos pais. Não havia outras crianças por perto. Ela era forte e dominadora, a comandante da minha vida inteira. Eu vivia em perpétua admiração e medo dela; a opinião de mais ninguém tinha importância, só a dela. Eu roubava quando jogava baralho com ela só para *perder*, para ela não ficar brava comigo. Nem sempre éramos amigas. Eu a irritava, e tive medo dela, acho, até fazer 28 anos e me cansar de ter medo. Esse foi o ano em que finalmente a enfrentei, e a reação dela foi algo do tipo: "Por que demorou tanto?"
Mal estávamos começando a estabelecer os novos termos do nosso relacionamento quando meu casamento começou a desandar. Teria sido tão fácil para Catherine obter sua

vitória graças à minha derrota. Eu sempre fora a amada, a sortuda, a preferida tanto da família quanto do destino. O mundo sempre fora um lugar mais confortável e acolhedor para mim do que para minha irmã, que se esforçou muito na vida, e algumas vezes tudo que conseguiu foi ser ferida por ela com bastante força. Teria sido tão fácil para Catherine ter reagido ao meu divórcio e à minha depressão com um "Ah! Olhe a menininha perfeita agora!". Em vez disso, ela me apoiou totalmente. Atendia ao telefone no meio da noite sempre que eu estava aflita e fazia ruídos reconfortantes. E ia comigo sempre que eu saía à procura dos motivos pelos quais estava tão triste. Durante muito tempo, ela praticamente me substituiu na minha terapia, tamanha a freqüência de sua participação. Eu ligava para ela depois de cada sessão para relatar tudo que havia compreendido no consultório da minha terapeuta, e ela largava o que quer que estivesse fazendo e dizia: "Ah... isso explica muita coisa." Ou seja, explica muita coisa sobre *nós duas.*

Agora nos ralamos pelo telefone quase todos os dias - ou pelo menos, nos falávamos antes de eu vir para Roma. Hoje em dia, antes de qualquer uma de nós duas entrar em um avião, sempre liga para a outra para dizer: "Sei que isto é mórbido, mas eu só queria dizer que te amo. Você sabe... só para garantir..." E a outra sempre diz: "Eu sei... só para garantir."

Ela chega a Roma preparada, como sempre. Traz cinco guias, todos os quais ela já leu, e tem a cidade já mapeada mentalmente. Já estava totalmente orientada antes mesmo de sair da Filadélfia. E isso é um exemplo clássico da diferença entre nós duas. Sou aquela que passou as primeiras semanas em Roma andando a esmo, 90% perdida e 100% feliz, vendo tudo à minha volta como um lindo mistério inexplicado. Mas é meio assim que o mundo sempre me parece ser. Aos olhos da minha irmã, não há nada que não possa ser explicado se a pessoa tiver acesso a uma biblioteca básica. Minha irmã é uma mulher que guarda a *Enciclopédia Columbia* na cozinha, ao lado dos livros de culinária — e que de fato a *lê*, por prazer.

Existe um jogo que às vezes gosto de jogar com meus amigos, chamado "Olhe só!". Sempre que alguém está em dúvida sobre algum fato obscuro (por exemplo: "Quem *foi* São Luís?"), eu digo: "Olhe só!", pego o telefone e disco o número da minha irmã. Algumas vezes, ela está no carro, levando seus filhos de volta para casa depois da escola, e diz pensativamente: "São Luís... bom, ele na verdade foi um rei francês asceta, o que é interessante porque..."

Então minha irmã vem me visitar em Roma - na minha nova cidade -, e é ela quem vai mostrá-la a mim. Isto aqui é Roma, *à la* Catherine. Cheia de fatos, datas e de uma arquitetura que não vejo, porque minha mente não funciona assim. A única coisa que quero saber sobre qualquer lugar ou qualquer pessoa é sua *história*, e essa é a única coisa na qual presto atenção - nunca nos detalhes estéticos. (Sofie veio ao meu apartamento um mês depois de eu ter me mudado para lá e disse: "Que banheiro cor-de-rosa lindo", e essa foi a *primeira* vez que percebi que ele era, de fato, cor-de-rosa. Cor-de-rosa choque, de cima a baixo, ladrilhos rosa choque por toda parte - eu sinceramente não tinha reparado antes.) Mas o olho treinado da minha irmã detecta os detalhes góticos, romanescos ou bizantinos de um prédio, o desenho do chão de uma igreja, ou o apagado esboço do afresco inacabado escondido atrás do altar. Ela percorre Roma com suas pernas compridas (costumávamos chamá-la de "Catherine das coxas de um metro"), e caminho apressada atrás dela, como venho fazendo desde que aprendi a andar, dando dois

passinhos aflitos para cada passo seu.
- Está vendo, Liz? - diz ela. - Está vendo como eles simplesmente colaram esta fechada novecentista por cima daqueles tijolos? Aposto que, se a gente virar a esquina, vai encontrar... isso!... Está vendo, eles usaram *mesmo* os monolitos romanos originais como vigas, provavelmente porque não tinham homens suficientes para tirá-los do lugar... É, eu gosto bastante da cara de segunda mão desta basílica...
Catherine carrega seu mapa e seu guia verde Michelin, eu carrego nosso piquenique para o almoço (dois daqueles pães redondinhos, uma lingüiça condimentada, sardinhas em conserva enroladas em volta de suculentas azeitonas verdes, um patê de cogumelos que tem gosto de floresta, bolas de *mozzarella* defumada, rúcula com pimenta grelhada, tomatinhos-cereja, queijo pecorino, água mineral e meia garrafa de vinho branco gelado), e, enquanto me pergunto onde vamos comer, ela pergunta em voz alta:
- Por que as pessoas *não* falam mais sobre o Concilio de Trento?
Ela me faz entrar em dúzias de igrejas romanas, e eu as confundo todas - Santo Isso e Santo Aquilo, e Santo Alguém dos Penitentes Descalços da Divina Misericórdia... mas o fato de eu não conseguir me lembrar nem dos nomes, nem dos detalhes de todos esses contrafortes e cornijas não quer dizer que não adore entrar nesses lugares com minha irmã, cujos olhos cor de cobalto não deixam escapar nada. Não me lembro do nome da igreja que tinha os afrescos tão parecidos com aqueles murais feitos pelos americanos em homenagem ao New Deal, mas lembro-me de Catherine mostrando-os para mim e dizendo:
- Não dá para não amar aqueles papas que são a cara do Franklin Roosevelt, ali em cima... -Também me lembro da manhã em que acordamos cedo e fomos assistir à missa em Santa Susanna, e ficamos de mãos dadas ouvindo as freiras entoarem seus cantos gregorianos da alvorada, ambas aos prantos por causa da magia ressonante de suas preces. Minha irmã não é uma pessoa religiosa. Na verdade, ninguém na minha família é. (Passei a gostar de me referir a mim mesma como a "ovelha branca" da família.) Minhas experiências espirituais interessam a minha irmã sobretudo pela curiosidade intelectual.
- Acho esse tipo de fé tão lindo - sussurra ela para mim na igreja -, mas não consigo, simplesmente não consigo...
Vejam outro exemplo das diferenças em nossa forma de encarar o mundo. Uma família que mora no bairro da minha irmã recentemente viveu uma tragédia dupla, quando tanto a jovem mãe quanto seu filho de 3 anos descobriram estar com câncer. Quando Catherine me contou isso, só consegui dizer, chocada:
- Essa família precisa é de *comida* - e dedicou-se a organizar o bairro inteiro para levar o jantar para aquela família, todas as noites, durante um ano inteiro. Não sei se minha irmã tem plena consciência de que isso é uma bênção.
Saímos de Santa Susanna e ela diz:
- Você sabe por que os papas precisavam de planejamento urbano na Idade Média? Porque a cidade recebia basicamente 2 milhões de peregrinos católicos por ano de todo o mundo ocidental, que vinham fazer a caminhada do Vaticano até São João Laterano, às vezes de joelhos, e essa gente toda precisava de *infra-estrutura.*
A fé da minha irmã é no aprendizado. Seu texto sagrado é o *Dicionário Oxford da Língua Inglesa*. Quando ela inclina a cabeça para estudar, correndo os dedos pelas páginas, ela está com seu Deus. Nesse mesmo dia, vejo minha irmã rezando outra vez - quando ela se ajoelha no meio do Fórum Romano, limpa um pouco de sujeira do chão (como se

estivesse apagando um quadro-negro) e em seguida empunha uma pedrinha e desenha para mim, na terra batida, a planta de uma basílica romanesca clássica. Aponta para o desenho, e depois para a ruína à sua frente, fazendo-me entender (até *eu*, que não presto atenção em nada, consigo entender!) como aquele prédio deveria ter sido 18 séculos antes. Com o dedo, esboça no ar vazio os arcos ausentes, a nave, as janelas há muito desaparecidas. Como um menino pintando o céu, ela preenche o cosmo deserto com sua imaginação e reconstrói o que foi destruído.

Em italiano, existe um tempo verbal raramente usado que se chama *passato remoto*, o passado remoto. Usa-se esse tempo quando se está falando de coisas em um passado muito, muito distante, coisas que aconteceram há tanto tempo atrás que não têm absolutamente mais nenhum impacto pessoal sobre você - por exemplo, a história antiga. Mas a minha irmã, se falasse italiano, não usaria esse tempo verbal para falar de história antiga. No mundo dela, o Fórum Romano não é remoto, nem tampouco é passado. É exatamente tão presente e próximo dela quanto eu.

Ela vai embora no dia seguinte.

- Escute - digo -, não deixe de me ligar quando seu avião aterrissar em segurança, tá? Não quero ser mórbida, mas...

- Eu sei, querida - diz ela. - Eu também amo você.

30

Algumas vezes, fico muito surpresa ao perceber que minha irmã é esposa e mãe, e eu não. De certa forma, sempre pensei que seria o contrário. Pensei que seria eu quem acabaria tendo uma casa cheia de botas sujas de lama e crianças aos berros, enquanto Catherine viveria solteira, em carreira solo, lendo sozinha na cama todas as noites. Nós crescemos e nos transformamos em adultas diferentes daquilo que qualquer um poderia ter previsto quando éramos crianças. Mas acho que é melhor assim Contrariando todas as previsões, cada uma de nós criou a vida que combina consigo. A natureza solitária de Catherine significa que ela precisa de uma família para mantê-la afastada da solidão; a minha natureza gregária significa que eu nunca precisarei me preocupar com o fato de estar sozinha, mesmo quando estiver solteira. Fico feliz por ela estar voltando para casa para encontrar sua família, e também fico feliz por ter mais nove meses de viagem pela frente, nos quais tudo o que preciso fazer é comer, ler, rezar e escrever.

Ainda não sei dizer se um dia vou querer ter filhos. Fiquei atônita ao descobrir que não queria tê-los aos 30 anos; a lembrança dessa surpresa me torna cautelosa antes de fazer qualquer prognóstico sobre como me sentirei aos 40. Só posso dizer como me sinto agora - grata por estar sozinha. Também sei que não vou ter filhos apenas para o caso de me arrepender de não tê-los tido mais tarde na vida; não acho que isso seja uma motivação forte o suficiente para colocar mais bebês no mundo. Embora suspeite que haja pessoas que de rato se reproduzem por esse motivo — um seguro contra arrependimentos futuros. Acho que as pessoas têm filhos pelos mais diversos motivos - às vezes por puro desejo de cuidar e de testemunhar o surgimento da vida, às vezes por falta de escolha, às vezes para segurar um parceiro ou criar um herdeiro, às vezes sem pensar no assunto de nenhuma maneira específica. Nem todos os motivos para se ter filhos são iguais, e nem todos eles são necessariamente altruístas. Mas tampouco todos os motivos para *não* se ter filhos são os mesmos. Nem todo esses motivos são necessariamente egoístas.

Digo isso porque ainda estou digerindo essa acusação, que me foi feita muitas vezes por meu marido enquanto nosso casamento estava vindo abaixo - egoísmo. Toda vez que ele dizia isso, eu concordava inteiramente, aceitava a culpa, vestia a carapuça. Meu Deus, eu sequer tivera os bebês e já os estava negligenciando, já estava escolhendo a mim mesma em detrimento deles. Eu já era uma mãe ruim. Esses bebês - esses bebês-fantasmas - apareciam muito em nossas discussões. Quem iria cuidar dos bebês? Quem ficaria em casa com os bebês? Quem sustentaria os bebês financeiramente? Quem daria comida aos bebês no meio da noite? Lembro-me de dizer certa vez para minha amiga Susan, quando meu casamento estava se tornando intolerável:
- Eu não quero que os meus filhos cresçam em uma casa assim.
- Por que você não deixa essas "crianças" fora da conversa? - falou Susan. - Elas ainda nem existem, Liz. Por que você não consegue simplesmente admitir que não quer mais viver infeliz? Que nenhum de vocês dois quer isso E é melhor perceber isso agora, aliás, do que na sala de pano, quando você estiver com 5 centímetros de dilatação.
Lembro-me de ir a uma festa em Nova York mais ou menos nessa época. Um casal, dois artistas plásticos de sucesso, havia acabado de ter um bebê, e a mãe estava comemorando a inauguração de uma exposição de seus trabalhos em uma galeria. Lembro-me de ficar olhando essa mulher, a nova mãe, minha amiga, a artista plástica, enquanto ela tentava ser a anfitriã da festa (que estava acontecendo no *loft* dela) ao mesmo tempo em que cuidava do filho e discutia seu trabalho profissionalmente. Nunca vi alguém com mais cara de quem não tem dormido o suficiente. Nunca vou conseguir me esquecer da imagem dela em pé na cozinha depois da meia-noite, com os braços mergulhados até os cotovelos em uma pia de louça suja, tentando arrumar tudo depois da festa. Seu marido (sinto muito por dizer isso e tenho plena consciência de que isso não é, *de jeito nenhum*, representativo de todos os maridos) estava no outro cômodo, literalmente com os pés em cima da mesa, vendo televisão. Ela finalmente perguntou se poderia ajudar a arrumar a cozinha, e ele disse:
- Deixe, amor... nós limpamos isso amanhã de manhã. - O bebê começou a chorar de novo. O leite da minha amiga vazava pelo seu vestido de festa.
Quase com certeza, as outras pessoas que foram a essa festa saíram com imagens diferentes das minhas. Muitos dos outros convidados podem ter sentido uma baita inveja daquela linda mulher com seu bebezinho saudável, inveja de sua bem-sucedida carreira de artista, de seu casamento com um homem legal, de seu apartamento maravilhoso, de seu vestido de festa. Havia pessoas naquela festa que provavelmente teriam trocado de vida com ela em um instante, se tivessem a oportunidade. Essa mulher provavelmente se lembra desse evento - se é que pensa nele - como uma noite cansativa, mas que valeu totalmente a pena em sua vida globalmente prazerosa feita de maternidade, casamento e carreira. Quanto a mim, porém, tudo que posso dizer é que passei a festa inteira tremendo de pânico, pensando: *Se você não admitir que esse é o seu futuro, Liz, então você está louca. Não deixe isso acontecer.*
Mas será que eu tinha a responsabilidade de ter uma família? Ai, meu Deus – *responsabilidade*. Essa palavra ficou martelando na minha cabeça até eu prestar atenção nela, observá-la com cuidado, e dela derivar duas palavras que compõem sua verdadeira definição: a habilidade, ou *capacidade*, de responder, ou de *reagir*. E aquilo a que eu, no final das contas, precisava reagir era à realidade de que cada partícula do meu ser estava me dizendo para sair do meu casamento. Em algum lugar dentro de mim, um sistema de

alerta antecipado estava prevendo que, se eu continuasse tentando sobreviver àquela tempestade na marra, acabaria ficando com câncer. E que, se eu pusesse crianças no mundo mesmo assim, só porque não queria lidar com a chateação e com a vergonha de revelar alguns fatos pouco práticos sobre mim mesma – *isso* sim seria um ato de tremenda irresponsabilidade.

No final, porém, o que mais me guiou foi uma coisa que minha amiga Sheryl me disse naquela mesma noite, naquela mesma festa, quando me descobriu escondida no banheiro do elegante *loft* da nossa amiga, tremendo de medo, jogando água no rosto. Naquela época, Sheryl não sabia o que estava acontecendo no meu casamento. Ninguém sabia. E eu não lhe contei naquela noite. Tudo que consegui dizer foi:

— Eu não sei o que fazer. — Lembro-me de ela me pegar pelos ombros e me olhar nos olhos com um sorriso calmo, e dizer apenas:

- Diga a verdade, diga a verdade, diga a verdade.

Então foi isso que tentei fazer.

Só que sair de um casamento é difícil, e não só por causa das complicações jurídicas/financeiras da enorme mudança de estilo de vida. (Como me aconselhou sabiamente certa vez minha amiga Deborah: "Ninguém nunca morreu do fato de dividir móveis.") E o impacto emocional que é de matar, o choque de sair do caminho conhecido de um estilo de vida convencional e perder todos os agradáveis confortos que mantêm tanta gente nesse caminho para sempre. Formar uma família com um cônjuge é uma das maneiras mais fundamentais pelas quais uma pessoa pode encontrar continuidade e significado na sociedade americana (ou em qualquer outra). Redescubro essa verdade sempre que vou a uma grande reunião da família da minha mãe em Minnesota e vejo como cada um é mantido na mesma posição, de forma tão segura, durante anos a fio. Primeiro você é criança, depois é adolescente, depois é recém-casado, depois é pai, depois é aposentado, depois é avô - em cada estágio, você sabe quem é, sabe qual é o seu dever e sabe onde se sentar na reunião. Até que, finalmente, vai sentar-se com os nonagenários na sombra, para observar satisfeito a sua prole. Quem você é? Fácil - você é a pessoa que criou *tudo isso*. A satisfação de saber isso é imediata e, além do mais, é internacionalmente reconhecida. Quanta gente já ouvi dizer que os filhos são a maior realização e o maior reconforto de suas vidas? São aqueles com quem eles sempre podem contar durante uma crise metafísica, ou em um momento de dúvida quanto a sua relevância – *Se eu não tiver feito mais nada nesta vida, então pelo menos terei criado bem os meus filhos.*

Mas e se, seja por escolha ou por uma relutante necessidade, você acabar não participando desse reconfortante ciclo de família e continuidade? E se você sair dele? Onde vai se sentar na reunião? Como vai marcar a passagem do tempo sem o medo de ter simplesmente desperdiçado seu tempo na Terra sem ser relevante? Você vai precisar encontrar outro propósito, outra medida pela qual avaliar se foi ou não um ser humano bem-sucedido. Adoro crianças, mas e se eu não tiver filhos? Que tipo de pessoa isso me torna?

Virginia Woolf escreveu: "Sobre o imenso continente da vida de uma mulher recai a sombra de uma espada." De um lado dessa espada, disse ela, estão a convenção, a tradição e a ordem, onde "tudo é correto". Mas, do outro lado dessa espada, se você for louca o suficiente para atravessar a sombra e escolher uma vida que não segue a convenção, "tudo é confusão. Nada segue um curso regular". Seu argumento era que

atravessar a sombra dessa espada pode proporcionar à mulher uma existência muito mais interessante, mas podem apostar que ela também será mais perigosa.
Tenho sorte de pelo menos ter a minha escrita. Isso é algo que as pessoas podem entender. *Ah, ela terminou seu casamento para preservar sua arte.* Isso é meio verdade, embora não completamente. Muitos escritores têm famílias. Toni Morrison, só para citar um exemplo, não deixou a criação de seu filho impedi-la de ganhar um pequeno agrado que chamamos de Prêmio Nobel. Mas Toni Morrison fez o seu próprio caminho, e eu devo fazer o meu. O Bhagavad Gita - aquele antigo texto iogue indiano - diz que é melhor viver o seu próprio destino de forma imperfeita do que viver a imitação da vida de outra pessoa com perfeição. Então agora comecei a viver a minha própria vida. Por mais imperfeita e atabalhoada que ela possa parecer, ela combina comigo, de alto a baixo.
De toda forma, só estou falando isso tudo para reconhecer que - em comparação com a existência da minha irmã, com sua casa, com seu bom casamento e com seus filhos - quem me vê hoje em dia me considera bastante instável. Não tenho sequer um endereço, e isso é uma espécie de crime contra a normalidade nesta minha avançada idade de 34 anos. Neste exato momento inclusive, todos os meus pertences estão guardados na casa de Catherine, e ela me deu um quarto temporário no andar de cima de sua casa (que todos chamamos de "Os Aposentos da Tia Solteirona", uma vez que de tem uma janelinha de sótão pela qual posso olhar as charnecas usando meu velho vestido de noiva, chorando minha juventude perdida). Catherine parece aceitar bem esse arranjo, e ele sem dúvida é conveniente para mim, mas tenho consciência do perigo de, se eu passar tempo demais à deriva neste mundo, um dia poder me transformar na Maluca da Família. Ou talvez isso já tenha acontecido. No verão passado, minha sobrinha de 5 anos convidou uma amiguinha para ir brincar na casa da minha irmã. Perguntei à menina quando era o aniversário dela. Ela me disse que era no dia 25 de janeiro.
- Ih! — falei. - Você é de Aquário! Namorei aquarianos suficientes para saber que eles são um *problema.*
As duas meninas de 5 anos me olharam com espanto e uma certa incerteza assustada. Tive um súbito e horrorizante lampejo da mulher na qual posso me transformar se não tomar cuidado: a Louca Tia Liz. A divorciada de vestido comprido, com os cabelos pintados de laranja, que não come laticínios, mas fuma cigarros mentolados, está sempre acabando de chegar de seu cruzeiro astrológico ou terminando com seu namorado aromaterapeuta, joga tarô para crianças pequenas e diz coisas do tipo: "Vá buscar outra bebida para a tia Liz, amoreco, e eu deixo você usar o meu anel que muda de cor..."
Sei muito bem que daqui a algum tempo posso ter de me tomar novamente uma cidadã mais sólida.
Mas ainda não... *por favor*. Ainda não.

31

Durante as seis semanas seguintes, visito Bolonha, Florença, Veneza, a Sicília, a Sardenha, desço outra vez até Napoles e depois vou à Calábria. Em sua maioria, são viagens curtas - uma semana aqui, um fim de semana acolá -, a quantidade de tempo exata para sentir o clima de um lugar, olhar em volta, perguntar às pessoas na rua onde se come a melhor comida, e em seguida ir comê-la. Desisto do meu curso de italiano, já que tenho a sensação de que ele estava interferindo em meus esforços para aprender italiano,

uma vez que me obrigava a ficar confinada na sala de aula em vez de passear pela Itália, onde posso treinar com pessoas de verdade.
Essas semanas de viagens espontâneas representam uma fase gloriosa, alguns dos dias mais soltos da minha vida, correndo até a estação de trem para comprar passagens aqui e ali, finalmente começando a aproveitar para valer minha liberdade porque finalmente percebi que *posso ir aonde eu quiser*. Passo algum tempo sem encontrar meus amigos romanos. Giovanni me diz ao telefone: *"Sei una trottola"* ("Você parece um pião"). Certa noite, em uma cidade em algum lugar do Mediterrâneo, em um quarto de hotel junto ao mar, o som da minha própria risada chega a me acordar no meio de um sono profundo. Fico espantada. *Quem é essa pessoa rindo na minha cama?* Quando percebo que sou eu mesma, isso me faz rir de novo. Não consigo mais me lembrar do que estava sonhando. Acho que talvez tivesse alguma coisa a ver com barcos.

32

Florença é só um fim de semana, uma viagem rápida de trem em uma manhã de sexta-feira para visitar meu tio Terry e minha tia Deb, que pegaram um avião de Connecticut para visitar a Itália pela primeira vez na vida, e para encontrar a sobrinha, é claro. Já é noite quando eles chegam, e eu os levo para um passeio para ver o Duomo, sempre uma visão muito impressionante, conforme fica claro pela reação do meu tio:
- *Oy vey!* - diz ele, usando uma expressão de assombro emprestada ao iídiche, em seguida faz uma pausa e acrescenta: - Ou talvez essas sejam as palavras erradas para elogiar uma igreja católica...
Observamos as sabinas serem estupradas bem ali, no meio do jardim de esculturas, sem que ninguém faça absolutamente nada para impedir, e prestamos nossa homenagem a Michelangelo, ao museu da ciência e as vistas das colinas em torno da cidade. Então eu deixo minha tia e meu tio aproveitarem o resto de sua viagem sem mim e vou sozinha até a rica e espaçosa Lucca, a pequena cidade toscana com seus famosos açougues, onde os mais refinados cortes de carne que já vi na Itália são exibidos com uma sensualidade que parece dizer "você sabe que me quer" em lojas espalhadas pela cidade. Embutidos de todos os tamanhos, cores e tipos imagináveis, recheados como pernas de mulher dentro de provocantes meias finas, balançam nos tetos dos açougues. Nádegas opulentas de presunto estão penduradas nas janelas, acenando para os passantes como as prostitutas mais chiques de Amsterdã. Os frangos parecem tão roliços e satisfeitos, mesmo mortos, que você imagina que eles se ofereceram orgulhosamente para o sacrifício, depois de competirem entre si em vida para ver quem se tornaria o mais suculento e o mais cevado. Mas não é só a carne que é maravilhosa em Lucca; são as castanhas, os pêssegos, os generosos arranjos de figos, meu Deus, os figos...
O lugar também é famoso por ser a cidade natal de Puccini Sei que provavelmente deveria me interessar por isso, mas estou muito mais interessada no segredo que um verdureiro da cidade compartilhou comigo - que os melhores cogumelos da cidade são servidos em um restaurante *bem em frente* ao lugar onde nasceu Puccini. Então passeio por Lucca, pedindo orientações em italiano: "Pode me dizer onde fica a casa de Puccini?", e um gentil habitante finalmente me conduz até lá, e então provavelmente fica muito surpreso quando digo: "*Grazie*", e em seguida dou meia-volta, saio andando

exatamente na direção oposta da entrada do museu, e entro em um restaurante do outro lado da rua para esperar a chuva passar com minha porção de *risotto ai funghi.*
Não me lembro agora se foi antes ou depois de Lucca que fui a Bolonha - uma cidade tão linda que eu não conseguia parar de cantarolar a musiquinha de um famoso comercial americano de mortadela (em inglês, *bologna*) durante todo o tempo que passei lá. Tradicionalmente, Bolonha - com sua linda arquitetura de tijolinhos e sua célebre riqueza - era chamada de *la grassa, la dotta, la rossa*: gorda, douta e vermelha. (E, sim, esse era um título alternativo para este livro.) A comida é definitivamente melhor aqui do que em Roma, ou talvez eles simplesmente usem mais manteiga. Até o *gelato* em Bolonha é melhor (e eu me sinto um pouco desleal dizendo isso, mas é verdade). Os cogumelos aqui parecem grandes línguas grossas e sensuais, e o *prosciutto* se dobra por cima das pizzas como um delicado véu de renda recaindo sobre o chapéu de uma senhora elegante. E, é claro, há também o molho à bolonhesa, que ri desdenhosamente de qualquer outra coisa que se meta a *ragù.*
Ocorre-me em Bolonha que não existe nenhum equivalente em inglês para a expressão *buon appetito*. Isso é uma pena, e também é muito revelador. Ocorre-me também que as paradas de trem italianos são um tour pelos nomes dos pratos e vinhos mais famosos do mundo: próxima parada, *Parma*... próxima parada, *Bologna*... próxima parada, aproximando-se de *Montepulciano*... Dentro dos trens também há comida, é claro - sanduichezinhos e um delicioso chocolate quente. Quando está chovendo do lado de fora, é ainda melhor fazer um lanchinho enquanto o trem corre pelos trilhos. Em uma das viagens, mais longa, divido a cabine do trem com um rapaz italiano atraente, que passa horas dormindo em meio á chuva, enquanto eu como minha salada de polvo. O rapaz acorda pouco antes de chegarmos a Veneza, esfrega os olhos, me olha cuidadosamente dos pés à cabeça e pontifica entre os dentes:
- *Carina*. - Tradução: bonitinha.
- *Grazie Mille* - respondo-lhe, com exagerada educação. Mil vezes obrigada.
Ele fica surpreso, pois não tinha percebido que eu falava italiano. Nem eu tinha percebido, na verdade, mas nós passamos vinte minutos conversando e percebo, pela primeira vez, que falo *mesmo.* Alguma fronteira foi ultrapassada, e eu de fato agora falo italiano. Não estou mais traduzindo: estou falando. Há um erro em cada frase, é claro, e só conheço três tempos verbais, mas consigo me comunicar com esse cara sem muito esforço. *Me la cavo,* é como se diria em italiano, o que significa basicamente "eu me viro", mas emprega o mesmo verbo que se usa para quando se saca a rolha de uma garrafa de vinho, ou seja: "Eu consigo usar esta língua para me livrar de situações difíceis."
Ele está me azarando, esse garoto! Não é de todo desagradável. Ele não é de todo feio. Embora não seja nem de longe modesto, tampouco. Em determinado momento, ele me diz em italiano, querendo ser elogioso, é claro:
- Você não é gorda demais para uma americana.
Respondo, em inglês:
- E você não é seboso demais para um italiano.
- *Come?*
Repito o que disse, em um italiano ligeiramente modificado:
- E você é muito gracioso, igualzinho a todos os italianos.
Sei falar essa língua! O garoto acha que gostei dele, mas estou flertando é com as

palavras. Meu Deus - eu decantei a mim mesma! Destravei minha língua como quem abre uma garrafa, e o italiano está fluindo! Ele quer que nos encontremos mais tarde em Veneza, mas não estou nem um pouco interessada nele. Estou só apaixonada pela língua, então o deixo ir embora. De toda forma, já tenho compromisso em Veneza. Vou me encontrar com minha amiga Linda.

A louca Linda, como gosto de chamá-la, muito embora ela não seja louca, está vindo para Veneza de Seattle, outra cidade cinza e úmida. Queria vir me visitar na Itália, então eu a convidei para essa perna da viagem porque me recuso - absolutamente não quero - visitar a cidade mais romântica da Terra sozinha, não, agora não, não este ano. Eu podia perfeitamente me imaginar sozinha, no fundo de uma gôdola, sendo arrastada em meio ao nevoeiro por um gondoleiro cantarolante, enquanto eu... lia uma revista? É uma imagem triste, mais ou menos como a idéia de subir uma colina sozinho em uma bicicleta feita para duas pessoas. Então Linda vai me fazer companhia, e boa compainha, aliás.

Conheci Linda (e seus *dreads* e seus *piercings*) em Bali, há quase dois anos, quando fui fazer aquele retiro de ioga. Desde então, nós também viajamos juntas para a Costa Rica. Ela é uma das minhas companheiras de viagem preferidas uma fadinha inabalável, divertida e surpreendentemente organizada com suas calças justas de veludo vermelho. Linda possui uma das psiques mais intactas do mundo, que absolutamente não entende o que seja depressão, e com um auto-estima que nunca sequer cogitou ser qualquer outra coisa que não alta. Ela certa vez me disse, enquanto se olhava no espelho:

- Reconheço que não fico bem com qualquer roupa, mas mesmo assim não consigo deixar de me amar. - Ela é capaz de me fazer calar a boca quando começo a ficar aflita com questões metafísicas como: "Qual a natureza do universo?" (resposta de Linda: "Minha única pergunta é: por que perguntar?") Linda gostaria de deixar seus *dreads* crescerem tanto que ela pudesse tecê-los para formar uma estrutura com suporte de metal no alto da cabeça, "como uma topiaria", e talvez guardar um passarinho lá dentro. Os balineses adoravam Linda. Os costa-riquenhos também. Quando ela não está cuidando de seus lagartos e furões de estimação, coordena uma equipe de criação de software em Seattle, e ganha mais dinheiro do que qualquer um de nós.

Então nos encontramos em Veneza, e Linda franze o cenho diante do mapa da cidade, vira-o de cabeça para baixo, localiza nosso hotel, orienta-se e anuncia, com sua humildade característica:

- Já está tudo dominado.

Sua alegria, seu otimismo - eles de forma alguma combinam com essa cidade fedorenta, lenta, afundada, misteriosa, silenciosa, estranha. Veneza parece uma cidade maravilhosa para se morrer lentamente de alcoolismo, ou para perder alguém que se ama, ou para perder a arma do crime que levou a pessoa amada. Ao ver Veneza, fico feliz por ter decidido morar em Roma. Não acho que eu teria parado de tomar os antidepressivos tão depressa aqui. Veneza é linda, mas é linda como um filme de Bergman; você pode admirá-la, mas não a ponto de querer morar lá.

A cidade inteira está descascarando e se apagando como aquelas alas inteiras de quartos que famílias outrora ricas deixam fechados nos fundos de suas mansões, quando a manutenção fica cara demais e é mais fácil simplesmente fechar as portas com pregos e esquecer dos tesouros que começam a morrer do outr lado - isso é Veneza. Riachos gordurosos da água suja do Adriático se aninham junto aos alicerces malratados desses prédios, testando a resistência desse experimento de feira de ciências do século XIV – *Ei,*

e se a gente construísse uma cidade que fica na água o tempo todo?
Veneza é assustadora sob os céus carregados de novembro. A cidade range e oscila como um píer de pesca. Apesar da segurança inicial de Linda de que a cidade estava dominada, nós nos perdemos todos os dias e mais especialmente ainda à noite, dobrando para o lado errado em direção a esquinas escuras que vão terminar perigosa e diretamente na água do canal Em uma noite enevoada, passamos por um prédio antigo que parece estar de fato gemendo de dor.
- Não se preocupe - diz Linda em tom alegre. - É só o ventre faminto de Satã.
Ensino a ela minha palavra preferida em italiano, *attraversiamo* ("vamos atravessar"), e juntas nos afastamos dali, nervosas.
A linda moça veneziana dona do restaurante perto de onde estamos hospedadas está muito infeliz com sua vida. Ela odeia Veneza. Jura que todos que moram em Veneza consideram a cidade um túmulo. Ela certa vez se apaixonou por um artista sardo, que lhe prometera um outro mundo de luz e sol, mas em vez disso a abandonara com três filhos e sem outra escolha que não voltar para Veneza e administrar o restaurante da família. Ela tem a minha idade, mas parece ainda mais velha do que eu, e não consigo imaginar o tipo de homem que faria *isso* com uma mulher tão bonita. ("Ele era poderoso", diz ela, "e eu morri de amor à sombra dele.") Veneza é conservadora. Essa mulher teve alguns casos na cidade, talvez até com alguns homens casados, mas tudo sempre termina em tristeza. Os vizinhos falam dela. As pessoas param de falar quando ela entra no aposento. Sua mãe lhe implora para que use uma aliança de casamento, só para preservar as aparências - dizendo: *Querida, isto aqui não é Roma, onde você pode viver escandalosamente como bem entender*. Toda manhã, quando Linda e eu vamos tomar o café-da-manhã e perguntar a nossa triste jovem/velha proprietária veneziana sobre a previsão do tempo para o dia, ela dobra os dedos da mão direita como um revólver, leva-os à têmpora e diz: "Mais chuva."
Apesar de tudo, não fico deprimida aqui. Por alguns dias, consigo suportar, e de certa forma até gostar, dessa melancolia veneziana de cidade afundada. Em algum lugar de mim mesma, sou capaz de reconhecer que essa não é a *minha* melancolia; essa é a melancolia específica da própria *cidade*, e ando saudável o suficiente ultimamente para ser capaz de perceber a diferença entre mim e ela. Não consigo evitar pensar que isso é um sinal de cura, de que o sangramento do meu ser foi estancado. Houve alguns anos, perdida em meu desespero sem tamanho, em que eu vivenciava toda a tristeza do mundo como se ela fosse minha. Absorvia tudo que era triste e deixava para trás rastros úmidos. De toda forma, é difícil ficar deprimida com Linda falando sem parar ao meu lado, tentando me fazer comprar um chapéu gigante de pelúcia roxa, e perguntando a respeito do jantar horrível que comemos certa noite: "Isto aqui é congelado?" Linda é um vaga-lume. Em Veneza, na Idade Média, existia uma profissão masculina chamada *codega* - um sujeito que você contratava para andar na sua frente à noite com uma lanterna acesa, mostrando-lhe o caminho, espantando ladrões e demônios, dando-lhe segurança e proteção pelas ruas escuras. Linda é assim - minha *codega* veneziana temporária, especialmente encomendada, em tamanho compacto para viagem.

33

Saio da chuva alguns dias depois e encontro uma Roma tomada por uma desordem

quente, ensolarada e eterna, onde — assim que piso na rua — posso ouvir os gritos de uma *manifestazione*, outra passeata trabalhista ali perto, que parecem a torcida de algum estádio de futebol. O taxista não sabe me dizer por que eles estão fazendo greve dessa vez, sobretudo, ao que parece, porque não está nem aí.
- *'Sti cazzi* - diz ele sobre os grevistas. (Tradução literal: "Esses colhões", ou, como poderíamos dizer, "Estou pouco me lixando".) É bom estar de volta. Depois da rígida sobriedade de Veneza, é bom estar de volta a um lugar onde posso ver um homem de jaqueta de pele de onça passando por um casal de adolescentes se amassando bem no meio da rua. A cidade parece tão pulsante e viva, tão bem produzida e sexy à luz do sol. Lembro-me de uma coisa que o marido da minha amiga Maria, Giulio, me disse certa vez. Estávamos sentados em um café ao ar livre, treinando nossa conversação, e ele me perguntou o que eu achava de Roma. Eu lhe disse que adorava a cidade, de verdade, mas que de alguma forma sabia que não era a minha cidade, que não era o lugar onde eu acabaria morando pelo resto da vida. Havia alguma coisa em Roma que não me pertencia, e eu não conseguia muito bem descobrir o que era. Bem na hora em que estávamos falando, um lembrete visual muito útil passou pela calçada. Era a típica romana – uma mulher de quarenta e poucos anos incrivelmenre bem conservada, coberta de jóias, calçando saltos de 10 centímetros uma saia bem justa com uma fenda comprida como um braço e um daqueles óculos escuros que mais parecem carros de corrida (e que provavelmente custam o mesmo preço). Ela passeava com seu cachorrinho de madame preso por uma coleira cravejada de pedras, e a gola de pele de seu casaco justo parecia ter sido feita da pelagem de seu cachorrinho de madame anterior. Ela exalava uma aura inacreditavelmente glamorosa de: "Você vai olhar para mim, mas eu me recuso a olhar para você." Era difícil imaginar que ela um dia, por dez minutos de sua vida que fosse, houvesse deixado de usar rímel. Essa mulher era o completo oposto de mim, que me visto em um estilo que minha irmã chama de "bicho-grilo vai à aula de ioga de pijama".
Apontei aquela mulher para Giulio e falei:
- Está vendo, Giulio... *aquilo* é uma romana. Roma não pode ser a cidade dela e a minha cidade também. Só uma de nós realmente pertence a este lugar. E eu acho que nós dois sabemos quem é.
Giulio falou:
- Talvez você e Roma só tenham palavras diferentes.
- Como assim?
Ele disse:
- Você não sabe que o segredo para entender uma cidade e seus habitantes é aprender qual a palavra da rua?
Ele prosseguiu explicando, em uma mistura de inglês, italiano e gestos, que toda cidade tem uma única palavra que a define, que identifica a maioria das pessoas que mora ali. Se você pudesse ler o pensamento das pessoas que passam por você nas ruas de qualquer cidade, descobriria que a maioria delas está tendo o mesmo pensamento. Qualquer que seja esse pensamento da maioria - essa é a palavra da cidade. E, se a sua palavra pessoal não combinar com a palavra da cidade, então ali não é realmente o seu lugar.
- Qual é a palavra de Roma? - perguntei.
- SEXO - anunciou ele.
- Mas isso não é um estereótipo a respeito de Roma?
- Não.

- Mas com certeza existem *algumas* pessoas em Roma que pensam emoutra coisa que não sexo?
Giulio insistiu:
— Não. Todas elas, o dia inteiro, só pensam em SEXO.
— Até lá no Vaticano?
— Aí é outra coisa. O Vaticano não faz parte de Roma- Eles lá têm um mundo diferente. A palavra deles é PODER.
— Eu chutaria FÉ.
— É PODER - repetiu ele- - Acredite em mim. Mas a palavra de Roma... é SEXO.
Se formos acreditar em Giulio, essa palavrinha - SEXO - calça as ruas que você pisa em Roma, jorra dos chafarizes daqui, enche o ar como o barulho do tráfego. Pensar nisso, vestir-se para isso, aceitar isso, recusar isso, fazer disso um esporte e um jogo - é só o que todo mundo está fazendo. O que faria um pouco de sentido para explicar por que, por mais linda que seja a cidade, eu não sinto que Roma seja exatamente o meu lar. Não neste momento da minha vida. Porque SEXO não é a minha palavra agora. Já foi, em outros momentos da minha vida, mas agora não é. Assim, a palavra de Roma, rodopiando pelas ruas, só faz esbarrar em mim e seguir seu caminho, sem causar nenhum impacto. Não participo da palavra, portanto não estou morando aqui por completo. É uma teoria maluca, impossível de se provar, mas eu até que gosto dela.
- Qual a palavra de Nova York? — perguntou Giulio. Pensei no assunto por um instante e me decidi.
- E um verbo, é claro. Eu acho que é CONQUISTAR.
(O que é sutil mas significativamente diferente da palavra de Los Angeles, acho eu, que também é um verbo: CONSEGUIR. Mais tarde, compartilharei essa teoria toda com minha amiga sueca Sofie, e ela emitirá a opinião de que a palavra das ruas de Estocolmo é CONFORMAR, o que deixa nós duas deprimidas.)
- Qual a palavra de Nápoles? - perguntei a Giulio. Ele conhece bem o sul da Itália.
- BRIGAR - decide ele. - Qual era a palavra da sua família quando você era pequena?
Essa era difícil. Eu estava tentando pensar em uma só palavra que, de alguma forma, conjugasse FRUGAL e IRREVERENTE. Mas Giulio já havia passado à pergunta seguinte e mais óbvia:
- Qual é a sua palavra?
Eu definitivamente não soube responder *isso.*
No entanto, depois de algumas semanas pensando no assunto, ainda não consigo responder. Conheço algumas palavras que com certeza não são. A minha palavra não é CASAMENTO, isso é óbvio. Não é FAMÍLIA (embora essa seja a palavra da cidade na qual vivi durante alguns anos com meu marido e, como não me encaixei nela, esse foi um dos grandes motivos para o meu sofrimento). A minha palavra não é mais DEPRESSÃO, graças a Deus. Não tenho medo de compartilhar a palavra de Estocolmo, CONFORMAR. Mas tampouco sinto que a palavra de Nova York, CONQUISTAR, seja mais tão condizente comigo, embora esse de fato tenha sido meu mundo dos 20 aos 30 anos. Minha palavra pode ser BUSCAR. (Mas, vamos ser honestos: poderia com a mesma facilidade ser ESCONDER-SE.) Durante os últimos meses na Itália, a minha palavrafoi basicamente PRAZER, mas essa palavra não combina com todas as parte de mim, ou então eu não estaria tão ansiosa para chegar à Índia. A minha palavra pode ser DEVOÇÃO, embora isso me faça soar mais boazinha do que sou e não leve em conta a

quantidade de vinho que tenho bebido.
Não sei a resposta, e imagino que seja essa a finalidade deste ano de viagem. Encontrar a minha palavra. Mas uma coisa eu posso dizer com segurança - ela não é SEXO.
Ou, pelo menos, é isso que eu digo. Vocês poderiam me explicar, então, por que hoje meus pés me levaram quase por moto próprio até uma lojinha discreta perto da Via Condotti, onde - guiada pelas mãos experientes da sensual jovem vendedora italiana - passei algumas horas de sonho (e gastei uma quantidade de dinheiro equivalente a uma passagem aérea de longa distância) comprando lingerie suficiente para vestir uma concubina do sultão durante mil e uma noites. Comprei sutiãs de todos os formatos e tamanhos. Comprei baby-dolls vaporosos, minúsculos, calcinhas estilosas de todas as cores do arco-íris, combinações feitas de cetim sedoso e sedas quase transparentes, fitinhas e outras coisas feitas a mão, e basicamente uma sucessão interminável de mimos aveludados, rendados e atrevidos dignos de uma comemoração de Dia dos Namorados. Nunca tive peças assim na vida. Então, por que agora? Enquanto saía da loja, carregando embaixo do braço minha sacola de safadezas embrulhadas em papel de seda, subitamente me lembrei da pergunta angustiada que ouvira um torcedor de futebol romano gritar na outra noite, durante o jogo do Lazio, quando o craque do time, Albertini, havia passado a bola para absolutamente ninguém em um momento crítico, sem nenhum motivo, arruinando totalmente a jogada.
- *Per chi?*- gritara o torcedor, quase ensandecido. – *Per chi???*
Para QUEM??? Para quem você está fazendo esse passe, Albertini? Não tem *ninguém* ali!
Já na rua, depois de minhas horas delirantes comprando lingerie, lembrei-me dessa pergunta e a repeti para mim mesma em um sussurro:
- *Per chi?*
Para quem, Liz? Para quem toda essa sensualidade decadente? Não tem *ninguém* ali. Só me restavam poucas semanas na Itália e eu não tinha absolutamente nenhuma intenção de transar com ninguém. Ou será que tinha? Será que finalmente havia sido afetada pela palavra das ruas de Roma? Seria aquilo um esforço final para me tornar italiana? Seria aquilo um presente para mim mesma, ou um presente para algum amante que sequer havia sido imaginado ainda? Seria uma tentativa de começar a curar minha libido depois do desastre de confiança sexual do meu último relacionamento?
— Você vai levar esses trecos todos para a *Índia*? - perguntei a mim mesma.

34

Este ano, o aniversário de Luca Spaghetti cai no dia de Ação de Graças americano, então ele quer preparar um peru para sua festa. Ele nunca sequer comeu um daqueles perus enormes, gordos e assados que as pessoas comem nos Estados Unidos nesse feriado, embora já os tenha visto em fotografias. Acha que seria fácil reproduzir um banquete assim (especialmente com a ajuda de uma americana de verdade, eu). Diz que podemos usar a cozinha de seus amigos Mario e Simona, que têm uma casa grande e agradável nas montanhas próximas a Roma, e sempre a oferecem para as festas de aniversário de Luca. Então o plano de Luca para as festividades era o seguinte: ele iria me buscar por volta das sete horas da noite, na saída do trabalho, e deixaríamos Roma rumo ao norte para chegar

à casa dos seus amigos dali a mais ou menos uma hora (lá encontraríamos os outros convidados da festa de aniversário), onde beberíamos um pouco de vinho e conversaríamos um pouco, e então, provavelmente por volta das nove da noite, começaríamos a assar um peru de 10 quilos...
Precisei explicar um pouco para Luca o tempo que se leva para assar um peru de 10 quilos. Disse-lhe que o seu banquete de aniversário estava pronto para ser comido provavelmente quando o dia seguinte estivesse nascendo. Ele ficou arrasado.
- Mas, e se a gente comprasse um peru bem pequenininho? Um peru recém-nascido?
- Luca - falei -, vamos simplificar tudo isso e comer pizza, como metade de todas as boas famílias disfuncionais americanas faz no dia de Ação de Graças.
Mas ele ainda está triste. Há, porém, uma tristeza generalizada em Roma neste momento, de toda forma. O tempo esfriou. Os funcionários dos esgostos, dos trens e da companhia aérea nacional todos fizeram greve no mesmo dia. Um estudo acaba de ser lançado dizendo que 36% das crianças italianas são alérgicas ao glúten usado para fazer macarrão, pizza e pão, o que é um golpe violento para a cultura italiana. Pior ainda, li recentemente um artigo com a chocante manchete: "*Insoddisfatte 6 donne su 10!*" O que significa que seis em cada dez italianas estão sexualmente insatisfeitas. Além disso, 35% dos homens italianos relatam dificuldades para manter *un'erezione*, deixandos os pesquisadores de fato muito *perplessi*, e fazendo-me pensar se, nofinal das contas, seria adequado permitir que SEXO continue a ser a palavra especial de Roma.
Uma notícia ruim mais séria: 19 soldados italianos foram mortos recentemente na Guerra dos Americanos (como é chamada aqui) no Iraque - o maior número de mortes militares na Itália desde a Segunda Guerra Mundial Os romanos ficaram chocados com essas mortes, e a cidade parou no dia em que os rapazes foram enterrados. A grande maioria dos italianos não quer ter nada a ver com a guerra de George Bush. O envolvimento foi uma decisão de Silvio Berlusconi, primeiro-ministro italiano (mais comumente chamado por aqui de *l'idiota*). Esse empresário desprovido de intelecto, proprietário de um clube de futebol, mergulhado em maracutaias e sordidez, que regularmente envergonha seus conterrâneos fazendo gestos obscenos no Parlamento europeu, que dominou a arte de falar *l'aria fritta* ("ar frito"), que manipula a mídia com astúcia (o que não é muito difícil, já que a mídia é sua), e que de modo geral não se comporta de forma alguma como um verdadeiro líder mundial, mas sim como o prefeito corrupto de uma cidade do interior, agora envolveu os italianos em uma guerra que eles consideram não ser absolutamente problema seu.
- Eles morreram em nome da liberdade - disse Berlusconi no enterro dos 19 soldados italianos, mas a maioria dos romanos tem uma opinião diferente: *Eles morreram em nome da vingança pessoal de George Bush.* Nessa atmosfera política, seria possível pensar que a vida de uma visitante americana fosse ser difícil. De fato, quando cheguei à Itália, eu esperava encontrar algum ressentimento mas, em vez disso, tive direito à empatia da maior parte dos italianos. Em qualquer referência a George Bush, as pessoas simplesmente fazem um movimento de cabeça em direção a Berlusconi e dizem: "A gente sabe como é: aqui também tem um desse tipo."
Nós já passamos por isso.
Assim, dadas essas circunstâncias, é estranho que Luca queira usar o seu aniversário para comemorar um dia de Ação de Graças à americana, mas eu bem que gosto da idéia. Ação de Graças é um feriado legal, do qual um americano pode sentir orgulho sem

constrangimento, nossa única festa nacional que permanece relativamente livre da exploração comercial. É um dia de gratidão, de agradecimentos, de comunidade, e - isso mesmo - de *prazer*. Poderia ser exatamente aquilo de que nós todos precisamos agora.
Minha amiga Deborah, da Filadélfia, veio passar o fim de semana em Roma para comemorar o feriado comigo. Deborah é uma psicóloga internacionalmente respeitada, escritora e teórica feminista, mas ainda penso nela como minha cliente regular preferida na época em que eu era garçonete em um restaurantezinho da Filadélfia, e ela vinha almoçar, tomar Coca *diet* sem gelo e me dizer coisas inteligentes por cima do balcão. Ela realmente dava um toque de classe àquele restaurante. Já fazia mais de 15 anos que éramos amigas. Sofie também irá à festa de Luca. Sofie e eu somos amigas há mais ou menos 15 semanas. Todo mundo é sempre bem-vindo no dia de Ação de Graças. Especialmente quando, por acaso, nesse dia também se comemora o aniversário de Luca Spaghetti.
No final da tarde, saímos de carro de uma Roma cansada, estressada, em direção às montanhas. Luca adora música americana, então escutamos The Eagles aos berros e cantamos: *"Take it... to the limit... one more time!!!!!!"* (vá até o limite mais uma vez!), o que fornece uma estranha trilha sonora californiana a nosso trajeto entre bosques de oliveiras e aquedutos antigos. Chegamos à casa dos velhos amigos de Luca, Mario e Simona, pais das gêmeas de 12 anos Giulia e Sara. Paolo - amigo de Luca, que eu já tinha encontrado em jogos de futebol - também está lá, com a namorada. É claro que a namorada do próprio Luca, Giuliana, está lá também, depois de ter feito a viagem mais cedo. A casa é lindíssima, escondida em meio a um bosque de oliveiras, tangerineiras e limoeiros. A lareira está acesa. O azeite é feito em casa.
Evidentemente, não temos tempo para assar um peru de 10 quilos, mas Luca doura lindos filés de peito de peru, e eu comando um esforço coletivo relâmpago para preparar um recheio de Ação de Graças com as migalhas de um delicioso pão italiano, fazendo as substituições culturais necessárias (tâma-ras em vez de damascos; funcho em vez de aipo). Não sei bem como, mas fica delicioso. Luca estava preocupado com a forma como a conversa iria evoluir durante a noite, já que metade dos convidados não fala inglês e a outra metade não fala italiano (e só Sofie fala sueco), mas essa parece ser uma daquelas noites milagrosas em que todo mundo consegue se entender perfeitamente ou, pelo menos, o vizinho consegue traduzir quando alguma palavra se perde.
Perco a conta de quantas garrafas de vinho sardo bebemos antes de Deborah sugerir, à mesa, que observemos um agradável costume americano típico dessa noite: darmos as mãos e - um de cada vez - falarmos sobre aquilo por que mais somos gratos. Essa montagem de gratidão, em três idiomas diferentes, vai então se desenhando, um testemunho por vez.
Deborah começa dizendo que se sente grata pelo fato de que os Estados Unidos em breve terão a oportunidade de escolher um novo presidente. Sofie diz (primeiro em sueco, depois em italiano, depois em inglês) que é grata pelo coração generoso dos italianos, e por aqueles quatro meses em que lhe foi permitido vivenciar tanto prazer nesse país. As lágrimas começam quando Mario - nosso anfitrião - começa a chorar de pura gratidão, enquanto agradece a Deus pelo trabalho que teve na vida, e que lhe permitiu ter essa linda casa para sua família e seus amigos desfrutarem. Paolo ri ao dizer que também se sente grato pelo fato de que os Estados Unidos em breve terão a oportunidade de eleger um novo presidente. Fazemos um silêncio de respeito coletivo pela pequena Sara, uma das

gêmeas de 12 anos, quando ela tem a coragem de compartilhar o fato de que se sente grata por estar aqui essa noite com pessoas tão legais, porque tem tido um período difícil na escola ultimamente - alguns dos outros alunos a estão maltratando -, "então obrigada por serem simpáticos comigo hoje e por não serem malvados comigo como eles são". A namorada de Luca diz que é grata pelos anos de lealdade que Luca lhe demonstrou e pelo calor com o qual ele cuidou da família dela em épocas difíceis. Simona — nossa anfitriã — chora ainda mais copiosamente do que o marido ao expressar sua gratidão pelo fato de um novo costume de celebração e agradecimento ter sido trazido para a sua casa por aquelas desconhecidas dos Estados Unidos, que na verdade não são nada desconhecidas, mas amigas de Luca, e, portanto, amigas da paz.
Quando chega a minha vez de falar, começo: *"Sono grata..."*, mas em seguida descubro que sou incapaz de dizer o que realmente estou pensando. A saber, que sou muito grata por, nessa noite, estar livre da depressão que vinha me roendo como um rato durante tantos anos, uma depressão que havia corroído a minha alma tão fundo que, em determinado momento, eu não teria sido capaz de desfrutar uma noite agradável como essa. Não menciono nada disso, porque não quero assustar as crianças. Em vez disso, digo uma verdade mais simples - que sou grata pelos amigos antigos e novos. Que, mais especialmente nessa noite, sou grata por Luca Spaghetti. Que espero que ele tenha um feliz aniversário de 33 anos, e espero que viva uma vida longa, de modo a servir de exemplo para outros homens de como ser uma pessoa generosa, leal e carinhosa. E que ninguém se importe de eu estar chorando ao dizer isso, embora eu não ache que eles vão se importar, já que todos os outros estão chorando também.
Luca está tão tomado pela emoção que não consegue encontrar palavras a não ser para nos dizer:
— As suas lágrimas são a minha prece.
O vinho sardo continua rolando. E, enquanto Paolo lava a louça, Mario leva as filhas cansadas para a cama, Luca toca violão e todos cantam embriagados canções de Neil Young com sotaques variados, Deborah, a psicóloga americana feminista, me diz em voz baixa:
- Olhe em volta para esses bons homens italianos. Olhe como eles são abertos a seus sentimentos, e como participam com carinho da vida familiar. Olhe a consideração e o respeito que demonstram pelas mulheres e crianças em suas vidas. Não acredite no que você lê no jornal, Liz. Este país vai muito bem.
Nossa testa só termina quase com o dia raiando. No final das contas, poderíamos ter assado aquele peru de 10 quilos e comido no café-da-manhã. Luca Spaghetti nos leva de volta para casa, eu, Deborah e Sofie. Tentamos ajudá-lo a ficar acordado enquanto o sol se levanta, cantando canções de Natal. Viajamos cantando "Noite Feliz" sem parar, em todas as línguas que conhecemos, enquanto voltamos todos juntos para Roma.

35

Não dava para segurar. Depois de quase quatro meses na Itália, nenhuma das minhas calças cabe mais em mim. Nem mesmo as roupas novas que comprei no mês passado (quando as calças do meu "Segundo Mês na Itália" já não cabiam em mim) cabem em mim. Não tenho dinheiro para renovar meu guarda-roupa inteiro a cada três semanas, e tenho consciência de que em breve estarei na Índia, onde os quilos simplesmente irão

derreter, mas mesmo assim - não posso andar mais com essas calças. Não consigo suportar.
Tudo isso faz sentido, já que recentemente subi na balança de um hotel italiano chique e descobri que tinha engordado 10 quilos durante meus quatro meses na Itália – uma estatística verdadeiramente admirável. Sete desses quilos eu realmente precisava engordar, já que havia ficado esquelética durante aqueles últimos anos difíceis de divórcio e depressão. Os outros 2 quios engordei só por diversão. E o último quilo? Só para reforçar a tendência, imagino.
Mas o fato é que me vejo comprando uma roupa que sempre irei guardar em minha vida como uma lembrança querida: "O Jeans do meu Último Mês na Itália". A mocinha da loja é simpática o suficiente para me trazer tamanhos cada vez maiores, entregando-os um depois do outro para mim pela cortina sem fazer nenhum comentário, apenas perguntando, preocupada, se dessa vez *esta* está mais perto de servir. Várias vezes precisei botar a cabeça para fora da cortina e perguntar:
- Desculpe... a senhorita teria outra *um pouquinho* maior? — Até a mocinha simpática finalmente me entregar um jeans com uma medida de cintura que faz meus olhos doerem só de olhar. Saio da cabine e me posto na frente da vendedora.
Ela nem pestaneja. Olha para mim como uma curadora de arte tentando estimar o valor de um vaso. Um vaso bem grande.
- *Carina* — decide ela, por fim. Bonitinha.
Pergunto-lhe, em italiano, se ela poderia por favor me dizer honestamente se aquele jeans está me deixando parecida com uma vaca.
Não, *signorina*, é a resposta. Não está parecendo uma vaca.
- Estou parecendo uma leitoa, então?
Não, garante-me ela muito séria. Também não me pareço nada com uma leitoa.
- Talvez uma búfala?
Isto está virando um bom treino de vocabulário. Também estou tentando arrancar um sorriso da vendedora, mas ela está decidida a permanecer profissional.
Tento outra vez:
- Talvez eu esteja parecendo uma *mozzarella* de búfala?
Tudo bem, *talvez*, admite ela, sorrindo de leve. Talvez esteja um pouco parecida com uma *mozzarella* de búfala...

36

Só tenho mais uma semana aqui. Estou planejando voltar para os Estados Unidos para passar o Natal antes de ir para a Índia, não apenas porque não consigo imaginar passar o Natal longe da minha família, mas também porque os próximos oito meses da minha viagem - Índia e Indonésia - exigem que eu refaça as malas inteiramente. Muito poucas das coisas de que você precisa quando está morando em Roma são as mesmas de que você precisa quando está viajando pela Índia.
E talvez seja como preparação para minha viagem à Índia que decido passar essa ultima semana viajando pela Sicília - a parte mais terceiro-mundista da Itália e, portanto, um bom lugar aonde ir caso você esteja precisando se preparar para vivenciar a pobreza extrema. Ou talvez eu só queira ir à Sicília por causa do que disse Goethe: "Sem ver a Sicília, não se pode ter uma idéia clara do que é a Itália."

Mas não é fácil chegar à Sicília ou movimentar-se por lá. Precisei usar todo o meu talento de detetive para encontrar um trem que circulasse aos domingos até o sul do país pela costa, e depois para encontrar um barco até Messina (cidade portuária siciliana assustadora e de ar suspeito, que parece uivar por trás das portas fechadas: "Não é culpa minha ser tão feia assim! Eu já passei por terremotos, bombardeios e também sofri nas mãos da Máfia!"). Quando chego a Messina, preciso descobrir uma rodoviária (encardida como os pulmões de um fumante) e encontrar o homem cujo trabalho é ficar sentado na bilheteria, maldizendo a própria vida, para ver se ele por favor pode me vender uma passagem para a cidade costeira de Taormina. Em seguida, chacoalho por entre as colinas e praias do estupendo e acidentado litoral leste da Sicília até chegar a Taormina, e então preciso encontrar um táxi, e em seguida preciso encontrar um hotel. Depois disso, preciso encontrar a pessoa certa a quem fazer minha pergunta preferida em italiano: "Onde se come a melhor comida desta cidade?" Em Taormina, essa pessoa acaba sendo um policial sonolento. Ele me dá uma das melhores coisas que qualquer pessoa pode me dar na vida - um pedacinho minúsculo de papel com o nome de um restaurante obscuro, e um mapa feito à mão mostrando como chegar lá.

Descubro que o restaurante é uma pequenina *trattoria* cuja simpática dona, já velhinha, prepara-se para a chegada dos clientes da noite pondo-se em pé em cima de uma mesa com os pés calçando meias finas, tentando não derrubar seu presépio de Natal enquanto limpa as vidraças do restaurante. Digo a ela que não preciso ver o cardápio, mas peço-lhe simplesmente para me trazer a melhor comida possível, porque essa é minha primeira noite na Sicília. Ela esfrega as mãos de prazer e grita alguma coisa em dialeto siciliano para sua mãe ainda mais vetusta, que está na cozinha, e vinte minutos depois estou ocupada comendo aquela que é, sem sombra de dúvida, a refeição mais sensacional que já comi na Itália toda. É um prato de massa, mas de um formato que nunca vi antes - grandes folhas de massa fresca dobradas ao estilo dos *raviólis* no formato (embora não do mesmo tamanho) de chapéus de papa, recheadas com um purê quente e aromático feito de crustáceos, polvo e lula, servidas como uma salada quente misturadas a mexilhões frescos e fatias de legumes variados, tudo nadando em um molho à base de azeite de oliva e caldo de frutos do mar. Seguido por um coelho de panela com tomilho.

Mas Siracusa, no dia seguinte, é melhor ainda. O ônibus me cospe em uma esquina de rua bem no meio da chuva fria, com o dia já bem avançado. Apaixono-me imediatamente por essa cidade. Em Siracusa, 3 mil anos de história repousam sob meus pés. É um lugar de civilização tão antiga que faz Roma parecer Dallas. O mito diz que Dédalo voou para cá vindo de Creta, e que Hércules já passou a noite aqui. Siracusa era uma colônia grega que Tucídides chamava de "uma cidade em nada inferior à própria Atenas". Siracusa é o vínculo entre a Grécia antiga e a Roma antiga. Muitos dramaturgos e cientistas famosos da Antigüidade viveram aqui. Platão pensou que a cidade seria o local ideal para um experimento utópico onde talvez, "por alguma divina fatalidade", os governantes pudessem se tornar filósofos, e os filósofos, governantes. Os historiadores dizem que a retórica foi inventada em Siracusa, assim como (e isso é só um detalhe) a noção de *trama*. Caminho pelos mercados dessa cidade em ruínas e meu coração se enche de um amor que não consigo identificar ou explicar, enquanto observo o velho de boina de lã preta limpar um peixe para um cliente (ele enfiou o cigarro no canto da boca para segurá-lo, do mesmo jeito que uma costureira mantém a boca cheia de alfinetes enquanto costura; sua faca trabalha nos filés do peixe com a perfeição de um devoto). Timidamente, pergunto

ao peixeiro onde deveria comer à noite, e termino a conversa segurando mais um pedacinho de papel que me leva até um restaurante sem nome, onde - assim que me sento - o garçom me traz nuvens etéreas de ricota salpicadas de pistaches, fatias de pão flutuando em azeites aromáticos, pequeninos pratos de carnes e azeitonas fatiadas, uma salada de gomos de laranja gelados com molho de cebolas cruas e salsa. Isso antes mesmo de eu ouvir falar na especialidade da casa: lulas.
"Nenhuma cidade pode viver em paz, quaisquer que sejam suas leis", escreveu Platão, "quando seus cidadãos... não fazem nada senão banquetear-se, beber e entregar-se até a exaustão às preocupações do amor."
Mas seria tão ruim assim viver desse jeito só por algum tempo? Só por alguns meses da vida de uma pessoa, seria tão terrível assim viajar pelo tempo sem outra ambição que não encontrar a próxima refeição deliciosa? Ou aprender a falar um idioma sem nenhum propósito maior do que o fato de que ele é agradável aos seus ouvidos? Ou tirar um cochilo em um jardim, em uma nesga de sol, no meio do dia, bem ao lado de seu chafariz preferido? E depois fazer a mesma coisa no dia seguinte?
É claro que não se pode viver assim para sempre. A vida real, as guerras, os traumas e a mortalidade acabarão por intervir. Aqui, na Sicilia, com sua pobreza assustadora, a vida real nunca está muito distante do pensamento de ninguém. Há séculos a Máfia é o único negócio que dá certo na Sicília (sua especialidade: proteger os cidadãos de si própria), e ela ainda tem influências na vida de todos os habitantes. Palermo - cidade que Goethe certa vez alegou possuir uma beleza impossível de descrever - talvez seja hoje a única cidade da Europa ocidental onde você ainda pode visitar destroços da Segunda Guerra Mundial, isso só para dar uma idéia do nível de desenvolvimento do lugar. A cidade foi sistematicamente enfeitada, além de qualquer descrição possível, pelos horrorosos e pouco seguros prédios de apartamentos construídos pela Máfia durante os anos 1980 para lavar dinheiro sujo. Perguntei a um siciliano se aqueles prédios eram feitos de concreto barato, e ele respondeu:
- Ah, não... esse concreto é muito caro. Cada leva sua contém alguns corpos de pessoas mortas pela Máfia, e isso custa dinheiro. Mas o concreto fica mesmo mais resistente ao ser reforçado com todos esses ossos e dentes.
Em um ambiente assim, será talvez um pouco superficial pensar apenas em sua próxima refeição maravilhosa? Ou será que isso é o melhor que você pode fazer, tendo em vista as realidades mais duras? Luigi Barzini, em sua obra-prima de 1964, *Os Italianos* (escrita depois de ele finalmente se cansar de estrangeiros escrevendo sobre a Itália, amando-a ou odiando-a demais), tentou colocar os pingos nos *is* em relação à sua própria cultura. Tentou explicar por que os italianos produziram as maiores mentes artísticas, políticas e científicas de todos os tempos, mas ainda assim não se tornaram uma potência mundial. Por que eles são os maiores mestres da diplomacia verbal do planeta, mas ainda são tão ineptos no governo de seu próprio país? Por que são individualmente tão corajosos e, no entanto, coletivamente tão malsucedidos em seu exército? Como podem ser comerciantes tão astutos no nível pessoal e, no entanto, capitalistas tão ineficientes como nação?
Suas respostas a essas perguntas são complexas demais para que eu as possa reproduzir aqui, mas têm muito a ver com uma triste história italiana de corrupção de líderes locais e de exploração por potências estrangeiras, que acabou levando os italianos, de forma geral, a chegarem à conclusão aparentemente certa de que ninguém nem nada neste mundo é digno de confiança. Já que o mundo é tão corrupto, mentiroso, instável,

exagerado e injusto, só se deveria confiar naquilo que se puder provar com os próprios sentidos, e *isso* torna os sentidos na Itália mais fortes do que em qualquer lugar da Europa. É por isso, diz Barzini, que os italianos toleram generais, presidentes, tiranos, professores, burocratas, jornalistas e industriais de medonha incompetência, mas jamais irão tolerar a incompetência de "cantores de ópera, regentes, bailarinas, cortesãs, atores, cineastas, cozinheiros, alfaiates...". Em um mundo de desordem, desastre e fraude, algumas vezes só a beleza merece confiança. Somente a excelência artística é incorruptível. O prazer não pode ser sucateado. E, algumas vezes, a comida é a única moeda real.

Dedicar-se à criação e ao usufruto da beleza pode ser, portanto, um negócio sério - nem sempre necessariamente uma forma de fugir da realidade mas, algumas vezes, uma forma de ater-se à realidade, quando todo o resto está se desfazendo em... retórica e trama. Não muito tempo atrás, as autoridades prenderam uma confraria de monges católicos na Sicília que estava em estreito conluio com a Máfia, então em quem se pode confiar? Em que se pode acreditar? O mundo é duro e injusto. Erga a voz contra essa injustiça e, pelo menos na Sicília, você vai acabar nos alicerces de um prédio novo e feio. Em um ambiente assim, o que você pode fazer para conservar uma noção de sua dignidade humana individual? Talvez nada. Nada, talvez, a não ser orgulhar-se do fato de sempre tirar filés perfeitos do seu peixe ou de fabricar a mais leve ricota da cidade inteira?

Não quero ofender ninguém fazendo uma comparação exagerada entre mim e o sofredor povo siciliano. As tragédias da minha vida foram de uma natureza pessoal, e em grande parte criadas por mim mesma, e não foram opressivas em proporções épicas. Enfrentei um divórcio e uma depressão, não séculos de tirania assassina. Tive uma crise de identidade, mas também tive recursos (financeiros, artísticos e emocionais) com os quais tentei resolvê-la. Mesmo assim, direi que a mesma coisa que ajudou gerações de sicilianos a manter sua dignidade ajudou-me a recuperar a minha - a saber, a idéia de que apreciar o prazer pode ser a âncora de humanidade de uma pessoa. Acho que foi isso que Goethe quis expressar quando disse que é preciso vir até aqui, à Sicília, para entender a Itália. E imagino que seja exatamente isso que senti quando precisei vir até aqui, à Itália, para entender a mim mesma.

Foi em uma banheira em Nova York, lendo em um dicionário palavras em italiano em voz alta, que comecei pela primeira vez a curar minha alma. Minha vida estava despedaçada, e eu estava tão irreconhecível para mim mesma que provavelmente não teria reconhecido meu próprio rosto em uma identificação policial. No entanto, quando comecei a aprender italiano, senti um vislumbre de felicidade, e, quando você sente um tênue potencial de felicidade depois de épocas tão sombrias, precisa agarrar essa felicidade com todas as suas forças, e não soltá-la até ela arrastar você para fora da lama - não se trata de egoísmo, mas sim de libertação. Você recebeu a vida; e seu dever (e também seu direito como ser humano) encontrar alguma coisa de belo nessa vida, por mais ínfima que seja.

Cheguei à Itália abatida e magra. Ainda não sabia o que eu merecia. Talvez eu ainda não saiba totalmente o que mereço. Porém, o que sei é que, ultimamente, eu me recuperei - graças à alegria de prazeres inofensivos - e tornei-me alguém muito mais intacto. A maneira mais fácil, mais fundamentalmente humana de dizer isso é que *eu engordei*. Existo mais agora do que há quatro meses atrás. Deixarei a Itália perceptivelmente maior do que quando cheguei aqui. E irei embora com a esperança de que a expansão de uma

pessoa - a ampliação de uma vida - seja realmente um ato de valor neste mundo. Mesmo que essa vida, só dessa vezinha, por acaso seja apenas minha e de mais ninguém.

Índia

ou

“Parabéns Por Conhecê-la.”

ou

Trinta E Seis Histórias Sobre A Busca da Devoção

37

Quando eu era pequena, minha família criava galinhas. Sempre tínhamos em casa mais ou menos uma dúzia dessas aves e, sempre que uma delas morria - levada por um gavião, por uma raposa ou por alguma misteriosa doença que dá em galinhas -, meu pai substituía a galinha perdida. Ele ia até uma granja próxima e voltava com uma nova galinha dentro de um saco. O problema é que você precisa tomar muito cuidado ao introduzir uma nova galinha no galinheiro. Não pode simplesmente jogá-la lá dentro com as galinhas mais velhas, ou estas a verão como uma invasora. O que você precisa fazer, isso sim, é colocar a nova ave dentro do galinheiro no meio da noite, enquanto as outras estiverem dormindo. Ponha-a em um poleiro ao lado das outras e saia de fininho. Pela manhã, quando as galinhas acordam, elas não reparam na recém-chegada e pensam apenas: "Ela já devia estar aqui, já que não a vi chegar." O melhor é que, ao acordar com as novas companheiras, a própria recém-chegada sequer se lembra de que é uma recém-chegada e pensa apenas: "Eu já devia estar aqui antes..."
É exatamente assim que eu chego à Índia.
Meu avião aterrissa em Mumbai por volta da uma e meia da manhã. Estamos no dia 30 de dezembro. Recolho minha bagagem e em seguida encontro o táxi que irá me levar até o *ashram* localizado em um vilarejo rural distante, a horas e horas da cidade. Adormeço durante essa viagem por uma Índia noturna, despertando algumas vezes para olhar pela janela, onde posso ver estranhas formas fantasmagóricas de mulheres magras de sári, caminhando ao lado da estrada com feixes de lenha sobre as cabeças. *A esta hora?* Ônibus sem faróis nos ultrapassam, e cruzamos com carroças puxadas a boi. As figueiras-de-bengala estendem suas raízes elegantes pelas valas dos acostamentos.
Chegamos ao portão principal do*ashram*, bem em frente ao templo, às três e meia da manhã. Quando estou saindo do táxi, um rapaz de roupas ocidentais e boina de lá surge das sombras e se apresenta - é Arturo, um jornalista mexicano de 24 anos, devoto da minha Guru, e está ali para me dar as boas-vindas. Enquanto nos apresentamos em voz sussurrada, posso ouvir os primeiros acordes conhecidos de meu hino preferido em sânscrito, vindos de dentro do templo. É o *arati* matinal, a primeira prece da manhã, entoada todos os dias às três e meia, enquanto o *ashram* desperta. Aponto para o templo, perguntando a Arturo:

- Posso...? - E ele faz um gesto dizendo que sim, por favor. Então pago o taxista, encosto minha mochila numa árvore, tiro os sapatos, ajoelho-me, toco o degrau do templo com a testa e entro discretamente, juntando-me ao pequeno grupo de mulheres, em sua maioria indianas, que estão entoando esse lindo hino.
Esse é o hino que chamo de "A Fabulosa Graça do Sânscrito", cheio de melancolia religiosa. É a única canção de devoção que aprendi de cor, nem tanto por esforço, mas por amor. Começo a entoar as conhecidas palavras em sânscrito, da simples introdução sobre os ensinamentos sagrados do ioga às tonalidades mais agudas da adoração ("Adoro a causa do universo... Adoro aquele cujos olhos são o sol, a lua e o fogo... você é tudo para mim, ó deus dos deuses..."), até chegar à soma maior de toda a fé, como uma pedra preciosa ("Isto é perfeito, aquilo é perfeito, se você tirar o perfeito do perfeito, resta o perfeito.")
As mulheres terminam de cantar. Fazem uma reverência silenciosa, e então saem por uma porta lateral e atravessam um pátio às escuras até um templo menor, debilmente iluminado por uma lamparina a óleo, e onde paira o perfume do incenso. Vou atrás delas. O aposento está cheio de devotos - indianos e ocidentais -, envoltos em xales de lã para se proteger do frio da madrugada. Todos estão sentados em meditação, quase que empoleirados ali, e eu me esgueiro até ao seu lado, a nova ave do galinheiro, sem que ninguém perceba a minha chegada. Sento-me de pernas cruzadas, ponho as mãos sobre os joelhos, fecho os olhos.
Faz quatro meses que não medito. Sequer *pensei* em meditar durante quatro meses. Fico sentada ali. Minha respiração se acalma. Digo o mantra para mim mesma uma vez, muito lenta e deliberadamente, sílaba por sílaba.
Om.
Na.
Mah.
Shi.
Va.
Ya.
Om Namah Shivaya.
Eu honro a divindade que reside em mim.
Então torno a repeti-lo. Outra vez e mais outra. Não estou exatamente meditando, mas sim desembalando cuidadosamente o mantra, como se desembala a melhor louça da vovó depois de ela ter passado muito tempo fechada em uma caixa, sem uso. Não sei se adormeço ou caio em algum tipo de transe, e tampouco sei quanto tempo passa. Mas, quando o sol finalmente nasce naquela manhã indiana, e todo mundo abre os olhos e olha em volta, a Itália me parece estar a mais de 15 mil quilômetros de distância, como se eu sempre tivesse estado ali, uma parte daquele grupo.

38

Por que a gente pratica ioga?
Tive um professor em Nova York que fez essa pergunta certa vez, durante uma aula de ioga particularmente difícil. Estávamos todos dobrados naquela exaustiva postura lateral do triângulo, e o professor nos fazia manter a posição durante um tempo demasiado longo para o gosto de qualquer um de nós.

- Por que a gente pratica ioga? — ele tornou a perguntar. — Será que é para ficarmos um pouco mais *flexíveis* do que os outros? Ou será que existe algum propósito maior?
Yoga, em sânscrito, pode ser traduzido como "união". A origem da palavra é o radical *yuj* que significa "pôr cangalha em", dedicar-se a uma tarefa com a disciplina de um boi. E a tarefa do ioga é encontrar união - entre mente e corpo, entre o indivíduo e o seu Deus, entre nossos pensamentos e a origem de nossos pensamentos, entre professor e aluno, e até mesmo entre nós e nossos semelhantes às vezes tão pouco flexíveis. No Ocidente, conhecemos o ioga sobretudo por meio de seus agora famosos exercícios para alongar o corpo, mas isso é apenas o Hatha Yoga, um dos ramos dessa filosofia. Os antigos desenvolveram esses alongamentos físicos não para deixar o corpo em forma, mas sim para soltar seus músculos e sua mente de modo a prepará-los para a meditação. Afinal de contas, é difícil permanecer sentado durante muitas horas se o seu quadril dói e impede você de contemplar a divindade que reside dentro de você porque está ocupado demais contemplando o seguinte pensamento: "Nossa, como o meu quadril está doendo."
Mas ioga também pode significar tentar encontrar Deus por meio da meditação, por meio do estudo erudito, por meio da prática do silêncio, por meio do serviço da devoção, ou por meio de um mantra - a repetição de palavras sagradas em sânscrito. Embora algumas dessas práticas pareçam ter uma derivação bastante hinduísta, ioga não é sinônimo de hinduísmo, nem todos os hindus são iogues. O verdadeiro ioga não compete com nenhuma religião, nem a exclui. Você pode usar o seu ioga - as suas práticas disciplinadas de união sagrada - para se aproximar de Krishna, Jesus, Maomé, Buda ou Javé. Durante o tempo que passei no *ashram*, conheci devotos que se identificavam como praticantes do cristianismo, do judaísmo, do budismo, do hinduísmo e até do islamismo. Conheci outros que preferiam não falar de sua filiação religiosa, algo pelo qual, neste nosso mundo de disputas, não se pode culpá-los.
O caminho do ioga consiste em desatar os nós inerentes à condição humana, algo que definirei aqui, de forma extremamente simplificada, como a desoladora incapacidade de sustentar o contentamento. Ao longo dos séculos, diferentes escolas de pensamento encontraram explicações diferentes para o estado de aparente falha inerente do ser humano. Os taoístas chamam-no de desequilíbrio; o budismo, de ignorância; o islamismo põe a culpa de nosso pesar na rebelião contra Deus; e a tradição judaico-cristã atribui todo o nosso sofrimento ao pecado original. Os freudianos afirmam que a infelicidade é o resultado inevitável de um embate entre nossas pulsões naturais e as necessidades da civilização. (Como explica minha amiga psicóloga, Deborah: "O desejo é uma falha de *design*") Os iogues, no entanto, dizem que o descontentamento humano é um simples caso de identidade equivocada. Nós somos infelizes porque achamos que somos meros indivíduos, sozinhos com nossos medos e falhas, com nosso ressentimento e nossa mortalidade. Acreditamos equivocadamente que nossos pequenos e limitados egos constituem toda a nossa natureza. Não conseguimos reconhecer nossa natureza divina mais profunda. Não percebemos que, em algum lugar dentro de todos nós, existe um Eu supremo que está eternamente em paz. Esse Eu supremo é a nossa verdadeira identidade, universal e divina. Se você não perceber essa verdade, dizem os iogues, estará sempre desesperado, idéia expressa de forma inteligente na seguinte frase irritada do filósofo estóico grego Epíteto: "Você leva Deus dentro de si, seu pobre desgraçado, e não sabe disso."
Ioga é o esforço que uma pessoa faz para vivenciar pessoalmente a sua divindade, e em

seguida para sustentar essa experiência para sempre. Ioga é domínio de si e esforço dedicado a desviar a atenção de reflexões intermináveis sobre o passado e preocupações infindáveis com o futuro para, em vez disso, conseguir buscar um lugar de eterna *presença*, de onde se possa olhar com tranqüilidade para si mesmo e para o mundo ao redor. Somente dessa perspectiva de equilíbrio da mente é que a verdadeira natureza do mundo (e de você próprio) lhe será revelada. Os verdadeiros iogues, de sua posição de equanimidade, vêem este mundo todo como a mesma manifestação da energia criativa de Deus - homens, mulheres, crianças, nabos, piolhos, corais: tudo isso é Deus disfarçado. Mas os iogues acreditam que a vida humana é uma oportunidade muito especial, pois somente na forma humana, e somente com uma mente humana, é que a percepção de Deus pode ocorrer. Os nabos, os piolhos, os corais - eles nunca têm a oportunidade de descobrir quem realmente são. Mas nós temos essa oportunidade.
"Nosso propósito nesta vida, portanto", escreveu Santo Agostinho, ele próprio um pouco iogue, "é recuperar a saúde do olho do coração através do qual se pode ver Deus."
Assim como todas as grandes idéias filosóficas, essa é simples de entender, mas praticamente impossível de absorver. Tudo bem - então somos todos um, e a divindade habita todos nós igualmente. Sem problemas. Entendido. Mas, agora, tente viver de acordo com isso. Tente pôr essa compreensão em prática 24 horas por dia. Não é tão fácil. E é por isso que, na Índia, parte-se do princípio de que você precisa de um instrutor para o seu ioga. A menos que você tenha nascido um daqueles raros santos de brilho incomum, que já vêm ao mundo inteiramente despertos, vai precisar de um guia em sua jornada rumo à iluminação. Se tiver sorte suficiente, encontrará um Guru vivo. E isso que os peregrinos têm vindo buscar na Índia há séculos. Alexandre, o Grande, enviou um embaixador à Índia no século IV a.C, com a incumbência de encontrar um daqueles célebres iogues e voltar com ele para a corte. (O embaixador de fato relatou ter encontrado um iogue, mas não conseguiu convencer o cavalheiro a viajar.) No século I d.C, Apolônio de Tirana, outro embaixador grego, escreveu sobre sua viagem pela Índia: "Vi brâmanes indianos vivendo sobre a Terra e ao mesmo tempo fora dela, e fortificados sem fortificações, e sem nada possuir, mas ainda assim donos da riqueza de todos os homens. O próprio Gandhi sempre quis estudar com um Guru mas, para seu pesar, nunca teve tempo ou oportunidade para encontrar um: "Acho que há muita verdade", escreveu ele, "na doutrina segundo a qual o verdadeiro conhecimento é impossível sem um Guru."
Um grande iogue é qualquer pessoa que tenha alcançado o estado permanente de júbilo iluminado. Um Guru é um grande iogue capaz de transmitir esse estado para outras pessoas. A palavra *guru* é composta por duas sílabas em sânscrito. A primeira significa "escuridão" e a segunda, "luz". Da escuridão rumo à luz. O que é transmitido do amestre para o discípulo é algo chamado de *mantravirya*: "O poder da consciência iluminada." Você vai até seu Guru, portanto, não apenas para receber lições, como de qualquer professor, mas para de fato receber o estado de graça do Guru.
Essas transferências de graça podem ocorrer até mesmo no mais breve dos encontros com um grande ser. Certa vez, fui assistir a uma palestra do grande monge, poeta e pacifista vietnamita Thich Nhat Hanh em Nova York. Era uma noite de de semana caótica na cidade, como todas as outras, e, à medida que a multidão se acotovelava para entrar no auditório, o próprio ar do lugar ia se enchendo da incômoda urgência do estresse coletivo de todas aquelas pessoas. Então o monge subiu ao palco. Passou um bom tempo sentado, imóvel, antes de começar a falar, e a platéia foi *colonizada* por essa imobilidade - dava

para sentir isso acontecer, fileira após fileira de nova-iorquinos nervosos. Em cerca de dez minutos, aquele vietnamita baixinho havia atraído cada um de nós para o seu silêncio. Ou talvez seja mais exato afirmar que ele atraiu cada um de nós para o *nosso* próprio silêncio, para aquela paz inerente que cada um de nós possuía, mas ainda não havia descoberto nem identificado. A capacidade daquele homem de provocar esse estado em todos nós por meio de sua simples presença no aposento — isso é poder divino. E é por isso que se procura um Guru: com a esperança de que os méritos do seu mestre revelem a você sua própria grandeza escondida.

Os sábios clássicos indianos escreveram que existem três fatores que indicam se uma alma foi abençoada com a maior e mais auspiciosa sorte do universo:

1. Ter nascido um ser humano, capaz de reflexão consciente.
2. Ter nascido com - ou ter desenvolvido - o desejo de entender a natureza do universo.
3. Ter encontrado um mestre espiritual vivo.

Existe uma teoria de que, se você anseia sinceramente o bastante por um Guru, encontrará um. O universo irá se mover, as moléculas do destino irão se organizar e o seu caminho em breve cruzará o caminho do mestre de que você precisa. Foi apenas um mês depois da minha primeira noite de prece desesperada no chão do meu banheiro – uma noite passada em prantos, suplicando a Deus por respostas - que encontrei a minha, depois de entrar no apartamento de David e me deparar com a fotografia de uma linda mulher indiana. É claro que eu era mais do que ambivalente em relação à idéia de ter uma Guru. Como regra geral, os ocidentais não se sentem à vontade com essa palavra. Temos uma história recente suspeita relacionada a ela. Durante os anos 1970, vários jovens discípulos ocidentais ricos, ansiosos e suscetíveis encontraram um punhado de Gurus indianos carismáticos, mas dúbios. A maior parte desse caos hoje já se acalmou, mas a desconfiança ainda perdura. Mesmo para mim, que depois de todo esse tempo, algumas vezes ainda me vejo relutante diante da palavra *guru*. Isso não é um problema para os meus amigos indianos; eles cresceram com o princípio do Guru e sentem-se à vontade com ele. Como me disse uma moça indiana: "Todo mundo na Índia quase tem um Guru!" Sei o que ela quis dizer (que *quase* todo mundo na Índia tem um Guru), mas gostei mais de sua frase involuntária, porque é assim que me sinto, às vezes - como se eu quase tivesse uma Guru. Algumas vezes, simplesmente parece que não consigo admitir isso porque, como boa nativa da Nova Inglaterra, o ceticismo e o pragmatismo são a minha herança intelectual. De toda forma, não saí conscientemente batendo perna para encontrar uma Guru. Ela simplesmente apareceu. E, na primeira vez em que a vi, foi como se ela tivesse olhado para mim de sua fotografia — com aqueles olhos escuros brilhando de compaixão inteligente — e dito: "Você me chamou e eu agora estou aqui. Então, quer mesmo fazer isso ou não?"

Deixando de lado todas as piadas nervosas e todos os desconfortos intraculturais, preciso sempre me lembrar do que respondi naquela noite: um direto e retumbante SIM.

39

Uma das minhas primeiras companheiras de quarto no *ashram* foi uma batista praticante e instrutora de meditação afro-americana de meia-idade da Carolina do Sul. Minhas outras companheiras de quarto, com o tempo, incluiriam uma dançarina argentina, uma homeopata suíça, uma secretária mexicana, uma australiana mãe de cinco filhos, uma

jovem programadora de informática de Bangladesh, uma pediatra do Maine e uma contadora filipina. Outras viriam e iriam embora, também, à medida que os devotos começavam e terminavam seus estágios.
O *ashram* não é um lugar em que se possa dar uma passadinha casual para fazer uma visita. Em primeiro lugar, não é muito acessível. Fica bem longe de Mumbai, em uma estrada de terra em um vale rural perto de um vilarejo bonito e humilde (composto de uma rua, um templo, um punhado de lojas e uma população de vacas que passeia livremente, às vezes entrando na alfaiataria e deitando-se bem no meio da loja). Certa noite, notei que havia uma lâmpada de 60 watts suspensa em uma árvore por um fio no meio da cidade; é o único poste de luz do lugar. A economia local, na verdade, gira basicamente em torno do *ashram*, e ele é também o orgulho da cidade. Do lado de fora de seus muros, tudo é poeira e pobreza. Do lado de dentro, há jardins irrigados, canteiros de flores, orquídeas escondidas, canto de pássaros, mangueiras, jaqueiras, cajueiros, palmeiras, magnólias, figueiras-de-bengala. As construções são agradáveis, embora não sejam extravagantes. Há um refeitório simples, no estilo de uma cafeteria. Há uma biblioteca completa que armazena os escritos espirituais de todas as tradições religiosas do mundo. Há alguns templos para diferentes tipos de reuniões. Há duas "cavernas" de meditação - subsolos escuros e silenciosos, com almofadas confortáveis, abertos dia e noite, para serem usados durante a prática da meditação. Há um pavilhão externo, coberto, onde pela manhã acontecem aulas de ioga, e uma espécie de parque rodeado por uma pista oval para caminhadas, onde os alunos podem correr para se exercitarem. Durmo em um alojamento de concreto.
Durante minha estadia no *ashram*, em nenhum momento houve mais de cem residentes ali. Se a Guru estivesse presente, esse número teria aumentado consideravelmente, mas ela não foi à Índia enquanto eu estava lá. De algum modo eu já esperava isso; ultimamente, ela vinha passando boa parte de seu tempo nos Estados Unidos, mas nunca se sabe quando pode aparecer em algum lugar de surpresa. Não é considerado essencial estar literalmente na sua presença para poder prosseguir os estudos com ela. Existe, é claro, a insubstituível "viagem" de se estar na presença de um mestre iogue vivo, e eu já tive essa experiência. Mas muitos devotos antigos concordam que, às vezes, isso também pode constituir uma distração - se você não tomar cuidado, pode se perder no redemoinho frenético causado pela celebridade que é a Guru, e perder o foco de sua verdadeira intenção. Enquanto que, se você simplesmente for para um de seus *ashrams* e se disciplinar para acompanhar a austera rotina de práticas, algumas vezes irá descobrir que é mais fácil se comunicar com sua mestra de dentro dessas meditações particulares do que ficar se acotovelando no meio de uma multidão de alunos ansiosos para dizer-lhe uma palavra pessoalmente.
Existem alguns funcionários pagos que trabalham por temporadas mais longas no *ashram*, mas a maioria do trabalho aqui é feito pelos próprios alunos. Alguns dos aldeões locais também são assalariados aqui. Outros habitantes da região são devotos da Guru e vivem aqui como alunos. Um adolescente indiano do *ashram* de alguma forma realmente despertou meu fascínio. Havia algo em sua (perdoem-me a palavra, mas...) *aura* que me atraía muito. Para começar, ele era incrivelmente magro (embora isso seja uma coisa relativamente normal por aqui; se existe alguma coisa neste mundo mais magra do que um adolescente indiano, eu teria medo de ver). Vestia-se do mesmo jeito que os meninos interessados em informática da minha escola de ensino fundamental costumavam se

vestir para shows de bandas - calças escuras e camisas de botão brancas compridas demais, que faziam seu pescoço fino, mais parecendo um caule, esticar-se para fora do colarinho como uma única margarida espichada para fora de um vaso gigante. Seus cabelos estavam sempre bem penteados e molhados. Ele usava um cinto de homem mais velho, que dava quase duas voltas no que devia ser uma cintura de 40 centímetros. Vestia as mesmas roupas todos os dias. Percebi que aquilo era o seu uniforme. Ele devia lavar a camisa à mão todas as noites e passá-la pela manhã. (Embora essa atenção com o vestuário também seja típica daqui; os adolescentes indianos, com suas roupas engomadas, rapidamente me fizeram sentir vergonha dos meus vestidos amassados de camponesa, e fizeram-me adotar roupas mais limpas, mais modestas.) Mas o que esse garoto tinha que me causava tanto impacto? Por que eu ficava tão comovida sempre que via seu rosto — um rosto tão cheio de luminosidade que parecia que ele havia acabado de chegar de longas férias na Via Láctea? Finalmente perguntei a outra adolescente indiana quem ele era. Ela respondeu com naturalidade:
- É filho de um dos comerciantes daqui. A família dele é muito pobre, e a Guru convidou-o para ficar aqui. Quando ele toca tambor, você escuta a voz de Deus.
Um dos templos do *ashram* fica aberto ao público em gerai, e muitos indianos o freqüentam durante o dia para prestar homenagem a uma estátua de Siddha Yogi (ou "mestre aperfeiçoado"), que estabeleceu sua linha de ensinamentos nos anos 1920 e ainda é reverenciado Índia afora como um grande santo. Mas o restante do *ashram* é só para alunos. Não é um hotel ou um ponto turístico. Parece mais uma universidade. É preciso candidatar-se para vir para cá e, para ser aceito para um estágio, você precisa mostrar que vem estudando ioga seriamente há um bom tempo. Exige-se uma permanência mínima de um mês. (Decidi ficar aqui por seis semanas, e depois viajar sozinha pela Índia, para explorar outros templos, *ashrams* e locais de devoção).
A proporção de alunos aqui é mais ou menos a mesma entre indianos e ocidentais (e os ocidentais dividem-se de forma mais ou menos equilibrada entre americanos e europeus). As aulas são ministradas em híndi e inglês. Quando você se candidata, precisa escrever um ensaio, apresentar cartas de referência e responder a perguntas sobre sua saúde mental e física, sobre qualquer histórico possível de abuso de drogas ou álcool e também sobre sua estabilidade financeira. A Guru não quer que as pessoas usem o seu *ashram* para fugir de qualquer confusão em que possam ter se metido em suas vidas reais; isso não ajudará ninguém. Ela também tem uma política segundo a qual, se a sua família ou as pessoas próximas a você, por algum motivo, opuserem-se terminantemente à idéia de você seguir os ensinamentos de uma Guru e morar em um *ashram*, então você não deve fazer isso, não vale a pena. Simplesmente fique em casa, em sua vida normal, e seja uma boa pessoa. Não há por que transformar isso em um drama mexicano.
O nível da sensibilidade prática dessa mulher sempre me reconforta.
Para vir para cá, portanto, você precisa demonstrar que também é um ser humano sensível e prático. Precisa demonstrar que é capaz de trabalhar, porque se espera que você contribua para o funcionamento global da instituição com cerca de cinco horas por dia de *seva*, ou "serviço altruísta". Se você tiver passado por um grande trauma emocional nos últimos seis meses (divórcio; morte na família), a administração do *ashram* também pede que você, por favor, adie sua visita para outra ocasião, porque a probabilidade de você não se concentrar nos estudos é grande e, se você tiver algum tipo de crise, só trará distração para os seus colegas. Acabo de sair desse período pós-divórcio. E, quando

penso na angústia mental que estava atravessando logo depois de sair do meu casamento, não tenho dúvida de que teria sido um enorme peso emocional para todo mundo neste *ashram* se eu tivesse vindo para cá naquele momento. Foi muito melhor descansar primeiro na Itália, recuperar a força e a saúde, e vir depois. Porque vou precisar dessa força agora.

Eles querem que você venha para cá forte, porque a vida no *ashram* é rigorosa. Não apenas do ponto de vista físico, com dias que começam às três da manhã e terminam às nove da noite, mas também sob um viés psicológico. Você precisa passar horas e horas por dia em meditação e contemplação silenciosa, sem muita distração ou trégua do aparato de sua própria mente. Viverá com desconhecidos em uma área rural da Índia. Ha insetos, cobras e roedores. O clima pode ser extremo - às vezes, chuvas torrenciais durante semanas a fio; outras vezes, 38°C à sombra antes do café-da-manhã. A realidade pode se tornar muito difícil de agüentar por aqui, muito depressa.

Minha Guru sempre diz que só uma coisa vai acontecer quando você vier ao *ashram* - você irá descobrir quem realmente é. Então, se já estiver à beira da loucura, ela de fato preferiria que você não viesse. Porque, francamente, ninguém quer ter de levar você embora deste lugar com uma colher de pau presa entre os dentes.

40

Minha chegada coincide agradavelmente com a chegada de um novo ano. Mal tenho um dia para conseguir me orientar no *ashram* e já é véspera de ano-novo. Depois do jantar, o pequeno pátio começa a se encher de gente. Nós todos nos sentamos no chão — alguns sobre o frio chão de mármore, outros sobre esteiras de palha. Todas as indianas se arrumaram como se fossem a um casamento. Seus cabelos estão reluzentes de óleo, escuros, trançados até as costas. Elas vestem seus mais elegantes sáris de seda e pulseiras de ouro, e cada mulher tem um *bindi* feito com uma pedra brilhante colado no meio da testa, como um tênue reflexo da luz das estrelas acima de nós. O plano é entoarmos cânticos nesse pátio ao ar livre até a meia-noite, até o ano mudar.

Cântico é uma palavra de que não gosto para uma prática de que gosto muito. Para mim, a palavra *cântico* denota um tipo de monotonia hipnótica e assustadora, como algo que druidas fariam em volta de uma fogueira sacrificial. No entanto, quando entoamos cânticos aqui no *ashram*, é como se fosse um canto angelical. De modo geral, os cânticos são entoados no formato de chamado e resposta. Um grupo de rapazes e mulheres com as vozes mais bonitas começa cantando uma frase harmônica, e o restante de nós repete. E uma prática meditativa - o difícil é manter a atenção presa à progressão da música e misturar a sua voz à voz do seu vizinho de forma que, depois de algum tempo, todos estejam cantando em uníssono. Estou cansada por causa da viagem e tenho medo de não conseguir ficar acordada até a meia-noite, quem dirá encontrar energia para entoar um cântico durante todo esse tempo. Mas então a noite de música começa, com um único violino escondido nas sombras tocando uma longa nota melancólica. Em seguida, vem o harmônio, sucedido pelos tambores lentos e, finalmente, pelas vozes...

Estou sentada na parte de trás do pátio junto com todas as mães, indianas muito à vontade na posição de pernas cruzadas, com os filhos adormecidos em seu colo como pequenas mantas humanas. O cântico nessa noite é uma canção de ninar, um lamento, uma tentativa de demonstrar gratidão, escrita na forma de uma *raga* (uma melodia) cujo

objetivo é sugerir compaixão e devoção. Cantamos em sânscrito, como sempre (uma língua antiga hoje extinta na Índia, exceto para a oração e o estudo religioso), e tento me transformar no espelho vocal das vozes dos cantores principais, dedilhando suas inflexões como pequenos fios de luz azul. Eles me passam as palavras sagradas, eu carrego as palavras durante algum tempo, e depois as devolvo, e é assim que conseguimos cantar por quilômetros e mais quilômetros de tempo sem nos cansarmos. Todos oscilamos como algas na escura corrente do mar da noite. As crianças à minha volta estão envoltas em sedas, como presentes.
Estou muito cansada, mas não largo meu pequeno fio azul de canção, e flutuo para um estado tal, que penso que talvez esteja chamando o nome de Deus enquanto durmo, ou talvez esteja apenas caindo no poço deste universo. Às onze e meia, porém, a orquestra já acelerou o ritmo do cântico até transformá-lo em pura alegria. Mulheres lindamente vestidas, com pulseiras chacoalhantes, batem palmas e dançam, tentando transformar os próprios corpos em instrumentos musicais. As percussões ressoam, rítmicas, entusiasmadas. Conforme os minutos passam, parece-me que estamos puxando coletivamente o ano de 2004 em nossa direção. Como se o houvéssemos laçado com nossa música, e agora o estivéssemos arrastando pelo céu noturno como se ele fosse uma imensa rede de pesca, repleta de todos os nossos destinos desconhecidos. E que rede pesada é essa, de fato, uma vez que carrega todos os nascimentos, mortes, tragédias, guerras, histórias de amor, invenções, transformações e calamidades que estão reservados para todos nós no ano que se inicia. Continuamos a cantar e a arrastar, mão por cima de mão, minuto após minuto, voz após voz, cada vez mais para perto. Os segundos se aproximam da meia-noite, e cantamos com nosso fôlego máximo até então e, nesse último e corajoso esforço, finalmente puxamos a rede do ano-novo *por cima* de nós, cobrindo com ela tanto o céu quanto nós mesmos. Só Deus sabe o que o novo ano pode conter, mas agora ele chegou e estamos todos debaixo dele.
Em toda a minha vida, essa é a primeira noite de ano-novo de que me lembro na qual eu não conhecia nenhuma das pessoas com quem estava comemorando. Em meio a toda essa dança e canto, não tenho ninguém para abraçar à meia-noite. Mas eu não diria que algo nessa noite foi solitário.
Não, eu não diria isso de jeito nenhum.

41

Nós todos aqui recebemos um trabalho para fazer, e minha tarefa acaba sendo lavar o chão do templo. Então, é lá que posso ser encontrada agora durante várias horas do meu dia – ajoelhada sobre o mármore frio, com uma escova e um balde, esfalfando-me como a irmã adotada de algum conto de fadas. (Falando nisso, estou consciente da metáfora - a limpeza do templo que é meu coração, o polimento da minha alma, o esforço concreto e cotidiano que se deve dedicar à prática espiritual de forma a purificar o eu etc.)
Meus colegas esfregadores de chão são, em sua maioria, um bando de adolescentes indianos. Eles sempre dão esse trabalho a adolescentes, porque requer muita energia física, mas não exige enormes reservas de responsabilidade; mesmo que você faça tudo errado, os estragos serão limitados. Gosto dos meus colegas. As meninas são pequenas borboletas esvoaçantes, que parecem muito mais novas do que meninas americanas de 18 anos de idade, e os meninos são pequenos autocratas sisudos que parecem muitíssimo

mais velhos do que meninos americanos de 18 anos de idade. A ordem é não falar nos templos, mas trata-se de adolescentes, então a falação enquanto trabalhamos é constante. Nem tudo é fofoca sem importância. Um dos meninos passa o dia inteiro esfregando ao meu lado, fazendo-me preleções animadas sobre a melhor maneira de fazer meu trabalho aqui:
- Leve a sério. Seja pontual. Seja fria e dócil. Lembre-se... tudo que você faz, faz por Deus. E tudo que Deus faz, Ele faz por você.
É um trabalho fisicamente exaustivo, mas minhas horas diárias de atividade são consideravelmente mais fáceis do que minhas horas diárias de meditação. A verdade é que não acho que seja boa em meditação. Sei que estou fora de forma, mas sinceramente nunca fui boa nisso. Não consigo fazer minha mente se aquietar. Certa vez, disse isso a um monge indiano, e ele falou: "É uma pena que você seja a única pessoa da história do mundo que já teve esse problema." Então o monge me citou um trecho do Bhagavad Gita, o mais sagrado dos textos antigos de ioga: "Ó Krishna, a mente é inquieta, turbulenta, fone e irredutível. Eu a considero tão difícil de domar quanto o vento."
A meditação representa, ao mesmo tempo, a âncora e as asas do ioga. A meditação é o *caminho*. Existe uma diferença entre meditação e oração, embora ambas as práticas busquem uma comunhão com o divino. Ouvi dizer que a oração é o ato de falar com Deus, enquanto a meditação é o ato de escutar. Adivinhem qual dos dois é mais fácil para mim. Posso passar o dia inteiro tagarelando com Deus sobre os meus sentimentos e os meus problemas mas, quando o negócio é entrar no silêncio e *escutar*... bom, aí a história é outra. Quando peço à minha mente para descansar e ficar imóvel, é surpreendente a rapidez com que ela se torna (1) entediada, (2) irritada, (3) deprimida, (4) ansiosa ou (5) todas as respostas acima.
Como a maior parte dos humanóides, carrego o fardo daquilo que os budistas chamam de "mente de macaco" - pensamentos que pulam de galho em galho, parando apenas para se coçar, cuspir e guinchar. Desde passado remoto até o futuro desconhecido, minha mente fica pulando a esmo pelo tempo, tendo dúzias de idéias por minuto, descontrolada e sem disciplina. Isso, em si, não é necessariamente um problema; o problema é o apego emocional que acompanha o pensamento. Pensamentos felizes me tornam feliz, mas - *vupt!* - com que rapidez torno a me prender a preocupações obsessivas, estragando a felicidade; e então basta a lembrança de um momento de raiva para eu começar a ficar exaltada e brava de novo; e então minha mente decide que aquela pode ser uma boa hora para começar a sentir pena de si mesma, e a solidão não demora a chegar. Afinal de contas, você é o que você pensa. As suas emoções são escravas dos seus pensamentos, e você é escravo de suas emoções.
O outro problema de toda essa pulação pelos galhos do pensamento é que você nunca está onde *está*. Você está sempre remoendo o passado ou especulando sobre o futuro, mas raramente pára no momento presente. É um pouco como o hábito da minha querida amiga Susan, que - sempre que vê um lugar bonito - exclama, quase em pânico, "Que lindo isto aqui! Quero voltar aqui algum dia!", e preciso lançar mão de todo o meu poder de persuasão para tentar convencê-la de que ela *já* está lá. Se você estiver buscando a união com o divino, esse tipo de oscilação para frente/para trás é um problema. Existe um motivo pelo qual Deus é chamado de *presença* - porque Deus está bem *aqui, agora*. O presente é o único lugar onde se pode encontrá-lo, e o agora é o único momento.

No entanto, permanecer no presente exige que a pessoa se concentre inteiramente em um só ponto. Diferentes técnicas de meditação ensinam a concentração de diferentes formas - por exemplo, fixar os olhos em um único ponto de luz ou observar o ir-e-vir da respiração. Minha Guru ensina meditação com o auxílio de um mantra, palavra ou sílabas sagradas que devem ser repetidas de maneira concentrada. O mantra tem uma dupla função. Por um lado, ele proporciona à mente algo para fazer. É como se você desse uma pilha de 10 mil botões para o macaco e dissesse: "Mova esses botões, um de cada vez, para formar uma nova pilha." Essa é uma tarefa consideravelmente mais fácil para o macaco do que se você simplesmente o pusesse em um canto e lhe pedisse para não se mexer. A outra função do mantra é transportar você para outro estado, como um barco a remo que atravessa as correntes agitadas da mente. Sempre que a sua atenção for atraída por uma contracorrente de pensamento, simplesmente volte ao mantra, torne a subir no barco e siga em frente. Dizem que os grandes mantras em sânscrito possuem poderes inimagináveis e, se você conseguir se ater a um deles, eles têm a capacidade de conduzi-lo até as margens da divindade.

Entre os meus inúmeros problemas com a meditação está o fato de que o mantra que recebi – *Om Namah Shivaya* - não se encaixa confortavelmente em minha mente. Adoro seu som e adoro seu significado, mas ele não me faz deslizar rumo à meditação. Nunca o fez, não durante os dois anos em que venho praticando esse ioga. Quando tento repetir o *Om Namah Shivaya* em minha mente, ele na verdade entala em minha garganta, fazendo meu peito se contrair com força, deixando-me nervosa. Nunca consigo fazer as sílabas se encaixarem com a minha respiração.

Certa noite, acabo comentando isso com minha companheira de quarto, Corella. Tenho vergonha de confessar a ela o quanto estou achando difícil manter a mente concentrada na repetição do mantra, mas ela é professora de meditação. Talvez possa me ajudar. Ela me diz que a sua mente também costumava se dispersar durante a meditação, mas que agora sua prática é alegria de sua vida: excelente, fácil, transformadora.

- Parece que eu simplesmente me sento e fecho os olhos - diz ela -, e tudo que preciso fazer é *pensar* no mantra, e imediatamente me materializo no paraíso.

Ao ouvir isso, tenho náuseas de tanta inveja. Corella pratica ioga há praticamente o mesmo número de anos que tenho de vida. Pergunto-lhe se ela poderia me mostrar *como* exatamente ela usa o *Om Namah Shivaya* em sua prática de meditação. Ela inspira uma vez para cada sílaba? (Quando faço isto, a sensação é de que o mantra é interminável e incômodo.) Ou seria uma palavra para cada respiração? (Mas as palavras têm tamanhos diferentes! Como fazer para igualá-las?) Ou será que ela diz o mantra inteiro uma vez ao inspirar, e depois outra vez ao expirar? (Porque, quando tento fazer isso, o processo todo se acelera e fico ansiosa.)

- Não sei - responde Corella. - Eu só, tipo... repito.

- Mas você repete cantando? - insisto, já desesperada. - Você impõe um ritmo?

- Eu simplesmente repito.

- Será que você pode repetir em voz alta do jeito que repete mentalmente quando está meditando?

Com boa vontade, minha companheira de quarto fecha os olhos e começa a repetir o mantra em voz alta, do modo como ele vai surgindo em sua mente. E, de fato, ela está apenas... repetindo. Pronuncia-o com tranqüilidade, de maneira normal, com um leve sorriso nos lábios. Ela o repete algumas vezes, na verdade, antes de eu ficar ansiosa e

interrompê-la.
- Mas você não fica entediada? - pergunto.
- Ah - responde Corella, abrindo os olhos e sorrindo. Ela olha para o relógio. - É, Liz, já passaram dez segundos. Você já está entediada?

42

Na manhã seguinte, chego bem na hora para a sessão de meditação das quatro da manhã, que sempre inicia o dia aqui. A idéia é passarmos uma hora sentados em silêncio, mas fico contando os minutos como se fossem quilômetros — 60 cruciantes quilômetros que preciso agüentar. Por volta do quilômetro/minuto 14, meus nervos começaram a sofrer, meus joelhos já doem e sou tomada pela irritação. O que é compreensível, já que a conversa entre mim e minha mente durante a meditação, em geral, é mais ou menos assim:

Eu: Tudo bem, vamos meditar agora. Vamos levar a atenção para a respiração e nos concentrar no mantra. *Om Namah Shivaya. Om Namah Shiv...*

Mente: Posso ajudar você a fazer isso, sabe?

Eu: Tudo bem, ótimo, porque preciso da sua ajuda. Vamos lá. *Om Namah Shivaya. Om Namah Shi...*

Mente: Posso ajudar você a pensar em imagens legais para meditação. Como, por exemplo... ei, essa aqui é boa. Imagine que você está em um templo. Um templo em uma ilha! E a ilha está no oceano!

Eu: Ah, essa imagem é legal *mesmo.*

Mente: Obrigada. Fui eu mesma que inventei.

Eu: Mas qual é esse oceano que a gente está imaginando?

Mente: O Mediterrâneo. Imagine que você está em uma daquelas ilhas gregas, com um antigo templo grego. Não, esqueça isso, é turístico demais. Sabe o que mais? Esqueça o oceano. Oceanos são perigosos demais. Tenho uma idéia melhor: em vez disso, imagine que você está em uma ilha em um *lago.*

Eu: Será que a gente pode meditar agora, por favor? *Om Namah Shiv...*

Mente: Isso mesmo! Ótimo! Mas tente não imaginar que o lago está coalhado de... como é que se chamam aqueles negócios...

Eu: *Jet-skis?*

Mente: Isso! *Jet-skis!* Como esses troços consomem gasolina! Eles são mesmo uma

ameaça para o meio ambiente. Você sabe o que mais usa muito combustível? Sopradores de folhas. É, não dá nem pra imaginar, mas...

Eu: Certo, mas agora vamos MEDITAR, por favor? *Om Namah...*

Mente: Isso! Quero mesmo ajudar você a meditar! E é por isso que a gente vai desistir da imagem da ilha no lago ou no oceano, porque é óbvio que não está funcionando. Então vamos imaginar que você está em uma ilha em... um rio!

Eu: Ah, você quer dizer tipo a Ilha Bannerman, no rio Hudson?

Mente: Isso! Exatamente! Perfeito! Portanto, para concluir, vamos meditar sobre essa imagem... imagine que você está em uma ilha no meio de um rio. Todos os pensamentos que passam flutuando enquanto você medita são só as correntes naturais do rio, que você pode ignorar, porque você é uma ilha.

Eu: Espere aí, pensei que você tivesse dito que eu era um templo.

Mente: É, é isso, desculpe. Você é um templo *sobre* uma ilha. Na verdade, você é ao mesmo tempo o templo *e* a ilha.

Eu: Eu sou o rio também?

Mente: Não. O rio são apenas os pensamentos.

Eu: Chega! Por favor, pare! VOCÊ ESTA ME DEIXANDO LOUCA!!!

Mente (magoada): Desculpe. Eu só estava tentando ajudar.

Eu: *Om Namah Shivaya... Om Namah Shivaya... Om Namah Shivaya...*

Há uma pausa promissora nos pensamentos que dura oito segundos. Mas então...

Mente: Você agora está brava comigo?

... e então, com um grande arquejo, subo à superfície para tomar ar, minha mente vence, meus olhos se abrem de repente e eu *desisto*. Aos prantos. Um *ashram* é supostamente um lugar aonde você vai para aprofundar a sua meditação, mas isto aqui é um desastre. A pressão é demais para mim. Não consigo. Mas o que eu deveria fazer? Sair correndo do templo chorando depois de 14 minutos, todos os dias?
Esta manhã, porém, em vez de lutar, simplesmente parei. Desisti. Deixei-me desabar junto à parede atrás de mim. Minhas costas doíam. Eu não tinha forças, minha mente fraquejava. Minha postura despencou como uma ponte que desmorona. Tirei o mantra de cima da minha cabeça (onde ele estava me empurrando para baixo como uma bigorna invisível), e coloquei-o no chão ao meu lado. E então disse a Deus: "Mil desculpas, mas isso foi o mais perto que consegui chegar do senhor hoje."

Os índios *sioux* lalcota dizem que uma criança incapaz de permanecer sentada é uma criança que só se desenvolveu pela metade. E um antigo texto em sânscrito diz: "Por meio de determinados sinais, é possível dizer se a meditação está sendo executada corretamente. Um deles é se um pássaro vier se sentar sobre a sua cabeça, pensando que você é uma coisa inerte." Isso ainda não aconteceu exatamente comigo. Porém, durante os quarenta minutos seguintes, ou por aí, tentei ficar o mais imóvel possível, presa naquela sala de meditação e enrolada em minha própria vergonha e inadequação, observando os devotos à minha volta sentados em suas posturas perfeitas, com os olhos perfeitamente fechados, os rostos superiores emanando calma enquanto eles, sem dúvida, se transportavam em direção a algum paraíso perfeito. Eu estava tomada por uma tristeza quente, poderosa, e adoraria ter me entregado ao reconforto das lágrimas, mas tentei com força não fazê-lo, lembrando-me de algo que minha Guru dissera cena vez: que você nunca deveria dar a si mesmo a oportunidade de se entregar porque, quando o faz, isso se torna uma tendência, e nunca mais pára de acontecer. Em vez disso, você precisa treinar ficar forte.
Mas eu não me sentia forte. Meu corpo estava dolorido em sua reles inutilidade. Perguntei-me quem seria o "eu" com quem eu conversava na minha mente, e quem era a "mente". Pensei no incessante processador de idéias, na máquina devoradora de alma que é o meu cérebro, e perguntei-me como era possível eu um dia conseguir dominá-la. Então lembrei-me do diálogo do filme *Tubarão* e não pude evitar sorrir:
"Vamos precisar de um barco maior."

43

Hora do jantar. Estou sentada sozinha, tentando comer devagar. Minha Guru sempre nos incentiva a praticar a disciplina quando se trata de comer. Ela nos incentiva a comer com moderação e sem bocadas desesperadas, de forma a não extinguir os fogos sagrados de nossos corpos jogando comida demais em nosso tubo digestivo depressa demais. (Tenho quase certeza de que a minha Guru nunca foi a Nápoles.) Quando os alunos a procuram para reclamar que estão tendo dificuldade para meditar, ela sempre pergunta como tem andado a sua digestão ultimamente. É evidente que você terá dificuldade para deslizar com leveza rumo à transcendência se as suas entranhas estiverem lutando para processar um *calzone* de lingüiça, meio quilo de asinhas de frango fritas e meia torta de creme de coco. É por isso que aqui eles não servem esse tipo de comida. A comida no *ashram* é vegetariana, leve e saudável. Ainda assim, é deliciosa. E é por isso que é difícil para mim não devorá-la como uma órfã faminta. Além disso, as refeições são servidas no sistema de bufê, e para mim nunca foi fácil resistir a repetir uma ou duas vezes, quando uma linda comida está simplesmente ali exposta, cheirando bem e sem custar nada.
Então estou ali sentada na mesa de jantar completamente sozinha, fazendo força para conter meu garfo, quando vejo um homem se aproximando com sua bandeja, à procura de uma cadeira livre. Com um gesto de cabeça, indico-lhe que ele pode se sentar ao meu lado. Ainda não vi esse cara no aqui. Ele deve ter acabado de chegar. O desconhecido tem um andar calmo, de alguém que não está com pressa, e move-se com a autoridade de um xerife de alguma cidade de fronteira, ou talvez de um veterano jogador de pôquer profissional. Parece ter cinqüenta e poucos anos, mas caminha como se houvesse vivido alguns séculos a mais do que isso. Ele tem cabelos brancos e uma barba branca, e usa

uma camisa de flanela quadriculada. Tem ombros largos e mãos gigantes que parecem capazes de causar estragos razoáveis, mas um rosto totalmente relaxado.
Senta-se bem na minha frente e diz em inglês, com um sotaque arrastado:
- Cara, aqui tem uns mosquitos com tamanho suficiente para currar uma galinha.
Senhoras e senhores, Richard do Texas chegou.

44

Entre muitos empregos que Richard do Texas já teve na vida – e sei que estou deixando muitos deles de fora – estão: petroleiro; caminhoneiro; o primeiro revendedor autorizado de Bickenstock dos estados de Dakota do Sul e do Norte; assentador de sacos em um aterro do meio-oeste (desculpe, mas realmente não tenho tempo para explicar o que é um "assentador de sacos"); operário na construção de rodovias; vendedor de carros usados; soldado do Vietnã; "revendedor de mercadorias" (sendo as mercadorias, em geral, drogas oriundas do México); drogado e alcoólatra (se é que se pode chamar isso de profissão); seguido por drogado e alcoólatra reabilitado (profissão bem mais respeitável); fazendeiro hippie em uma comunidade; anunciante de rádio em *voice-over*, e, por fim, comerciante bem-sucedido de equipamento médico de ponta (até seu casamento desmoronar e ele deixar o negócio todo para a ex-mulher, e ficar "mais uma vez sem grana e chupando o dedo"). Ele hoje reforma casas antigas em Austin.
- Nunca tive muito uma trajetória de carreira - diz ele. - Nunca consegui fazer nada direito, só coisa ilegal.
Richard do Texas não é um cara que se preocupa com muita coisa. Eu não diria que de é uma pessoa neurótica, não. Mas sou um pouco neurótica, e é por isso que passei a adorá-lo. A presença de Richard no *ashram* se transforma em meu grande e divertido porto seguro. Sua imensa autoconfiança de gigante aplaca todo o meu nervosismo e lembra-me que tudo realmente vai acabar bom. (E, se não acabar bem, pelo menos vai ser engraçado.) Lembram daquele personagem de desenho animado que era um galo, o Frangolino? Bom, Richard é mais ou menos assim, e me transformo em sua pequena comparsa que fala sem parar. Nas palavras do próprio Richard:
— Eu e a Sacolão, a gente está sempre rindo.
Sacolão.
Foi esse o apelido que Richard me deu. Ele o inventou na noite em que nos conhecemos, quando percebeu o quanto eu era capaz de comer. Tentei me defender ("Eu estava comendo com disciplina e intenção de propósito!"), mas o apelido pegou.
Talvez Richard do Texas não pareça um iogue típico. Embora meu tempo na Índia tenha me alertado para não tentar definir o que é um iogue típico, (Nem me peçam para falar sobre o criador de gado leiteiro da Irlanda que encontrei aqui outro dia, ou sobre a ex-freira sul-africana). Richard descobriu este ioga graças a uma ex-namorada, que o levou do Texas até um *ashram* em Nova York para escutar uma palestra da Guru. Richard diz:
— Pensei que o *ashram* fosse ser a coisa mais esquisita que já vi, e ficava me perguntando cadê a sala onde você teria de entregar todo o seu dinheiro a eles, sem falar na sua casa e no seu carro, mas isso nunca aconteceu...
Depois dessa experiência, que ocorreu há mais ou menos dez anos, Richard do Texas começou a rezar o tempo todo, para sua própria surpresa. Sua prece era sempre a mesma. He não parava de suplicar a Deus: "Por favor, por favor, abra o meu coração." Era só isso

que ele queria — um coração aberto. E sempre terminava a prece na qual pedia um coração aberto perguntando a Deus: "E, por favor, me mande um sinal quando isso acontecer." Hoje, lem-brando-se dessa época, ele diz:
— Cuidado com o que você pedir quando estiver rezando, Sacolão, porque você pode conseguir. - Depois de alguns meses rezando constantemente por um coração aberto, o que vocês acham que Richard conseguiu? Isso mesmo: uma cirurgia cardíaca de emergência. O peito dele foi literalmente aberto, as costelas afastadas uma da outra para fazer com que um pouco da luz do dia finalmente penetrasse no seu coração, como se Deus estivesse dizendo: "Que tal *esse* sinal?" Então agora Richard sempre toma cuidado com suas preces, segundo ele.
- Quando rezo por qualquer coisa hoje em dia, sempre termino dizendo: "Ah, e Deus? Por favor, me trate com delicadeza, tá?"
- O que eu deveria fazer em relação à minha prática de meditação? - pergunto a Richard certo dia, enquanto ele me observa esfregar o chão do templo. (Ele tem sorte - trabalha na cozinha, e sequer precisa aparecer por lá até uma hora antes do jantar. Mas ele gosta de me ver esfregar o chão do templo. Acha isso engraçado.)
- Por que você precisa fazer alguma coisa em relação a isso, Sacolão?
- Porque está horrível.
- Quem disse?
- Não consigo aquietar a minha mente.
- Lembre-se do que a Guru ensina para a gente: se você se sentar com a pura intenção de meditar, o que quer que aconteça depois é problema seu. Então, por que você está julgando a sua experiência?
- Porque o que está acontecendo na minha meditação *não pode* ser o objetivo deste ioga.
- Sacolão, meu amor: você não faz *idéia* do que está acontecendo lá.
- Eu nunca tenho visões, nunca tenho experiências transcendentes...
- Você quer ver cores bonitas? Ou quer descobrir a verdade sobre você mesma? Qual é a sua intenção?
- Quando tento meditar, parece que só estou discutindo comigo mesma.
- Isso é só o seu ego tentando garantir que vai sempre estar no controle. É para isso que o seu ego *serve*. Ele faz você se sentir afastada, faz você ter uma sensação de dualidade, tenta te convencer de que você é uma pessoa falha, imperfeita e sozinha, em vez de inteira.
- Mas como é que isso pode me ajudar?
- Isso *não* te ajuda. A função do seu ego não é te ajudar. A única função dele e se manter no poder. E, neste momento, o seu ego está morrendo de medo, porque as asas dele estão prestes a serem cortadas. Se você continuar neste caminho espiritual, *baby*, os dias desse menino mau estão contados. Muito em breve, o seu ego vai estar desempregado, e o seu coração vai estar tomando todas as decisões. Então o seu ego está lutando pela própria sobrevivência, jogando com a sua mente, tentando mostrar a autoridade dele, tentando te manter encurralada em um cubículo, afastada do resto do universo. Não dê ouvidos a ele.
- Como é que se faz para não dar ouvidos?
- Já tentou tirar um brinquedo de uma criança pequena? Eles não gostam, não é? Começam a espernear e berrar. A melhor maneira de tirar um brinquedo de uma criança é distrair o moleque, dar a ele alguma outra coisa para brincar. Mudar o foco da sua atenção. Em vez de tentar tirar os pensamentos da sua mente na marra, arrume alguma

coisa melhor para sua mente brincar. Alguma coisa mais saudável.
- Tipo o quê?
- Tipo amor, Sacolão. Puro e divino amor.

45

Supostamente, entrar naquela caverna de meditação todos os dias é um momento de comunhão divina, mas ultimamente tenho entrado lá resistindo, como minha cadela costumava resistir ao entrar no consultório do veterinário (pois sabia que, por mais simpático que todo mundo estivesse sendo naquele momento, tudo iria terminar com a picada pontiaguda de algum instrumento médico). Porém, depois da minha última conversa com Richard do Texas, esta manhã estou tentando uma nova abordagem. Sento-me para meditar e digo à minha mente:
— Escute: entendo que você esteja um pouco assustada. Mas prometo que não estou tentando te aniquilar. Estou só tentando te dar um lugar para descansar. Eu te amo.
Outro dia, um monge me disse:
- O local de descanso da mente é o coração. A única coisa que a mente escuta o dia inteiro são sinos dobrando, barulho e discussão, e tudo que ela quer é tranqüilidade. O único lugar em que a mente vai encontrar paz é dentro do silêncio do coração. É para lá que você tem de ir.
Também estou tentando um mantra diferente. E um mantra com o qual tive sorte no passado. É simples, formado por duas sílabas apenas:
Ham-sa.
Em sânscrito, significa: "Eu sou Isso."
Segundo os iogues, *Ham-sa* é o mais natural dos mantras, aquele que nós todos recebemos de Deus antes do nascimento. Ele é o som da nossa Própria respiração. *Ham* na inspiração, *sa* na expiração. (*Ham*, por sinal, deve ser pronunciado de forma suave, sem que o *h* seja transformado em r, assim: *hahhm*. E *sa* rima com "ahhhh...".) Enquanto vivemos, sempre que inspiramos e expiramos, estamos repetindo esse mantra. Eu sou Isso. Eu sou divino, eu estou com Deus, eu sou uma expressão de Deus, não estou afastado, não estou sozinho, não sou essa ilusão limitada de um indivíduo. Sempre achei *Ham-sa* fácil e reinante. É mais fácil meditar com ele do que com *Om Namah Shivaya*, o - como dizer - mantra "oficial" deste ioga. Mas eu estava conversando com um monge no outro dia, e ele me disse para ficar à vontade para usar *Ham-sa* se isso fosse me ajudar a meditar.
- Medite com qualquer coisa que cause uma revolução na sua mente — disse ele.
Então vou me sentar com ele aqui hoje.
Ham-sa.
Eu sou Isso.
Os pensamentos vêm, mas não presto muita atenção neles, a não ser para lhes dizer, de forma quase maternal:
- Ah, conheço vocês, seus *danadinhos*... vão brincar lá fora agora... Mamãe está escutando Deus.
Ham-sa.
Eu sou Isso.
Adormeço durante algum tempo. (Ou algo assim. Na meditação, você nunca consegue ter

certeza se o que você pensa que é sono é de fato sono; algumas vezes, é só um outro nível de consciência.) Quando acordo, ou algo assim, posso sentir uma energia suave, azul e elétrica pulsando pelo meu corpo, em ondas. E um pouco assustador, mas também incrível. Não sei o que fazer, então simplesmente converso internamente com essa energia. Digo a ela: "Eu acredito em você", e sua reação é aumentar, ganhar volume. Ela está assustadoramente intensa agora, como se estivesse tomando conta dos meus sentidos. Sua vibração vem da base da minha coluna. Meu pescoço parece querer se esticar e se torcer, portanto deixo que faça isso, e vejo então que estou sentada na mais estranha das posições - com as costas retas como uma boa jogue, mas com a orelha esquerda encostada no ombro esquerdo. Não por que minha cabeça e meu pescoço querem fazer isso, mas não vou discutir com eles; eles são insistentes. A energia azul pulsante continua a percorrer meu corpo, e posso ouvir uma espécie de zumbido cadenciado em meus ouvidos, agora tão alto que, na verdade, não consigo mais suportar- Ele me assusta tanto que eu lhe digo: "Ainda não estou pronta!", e abro os olhos de supetão. Tudo desaparece. Estou de volta a uma sala, de volta a meu ambiente conhecido. Olho para o meu relógio. Estou aqui - ou em algum lugar - há quase uma hora.
Estou ofegando, literalmente ofegando.

46

Para entender o que foi essa experiência, o que aconteceu ali (com "ali" estou me referindo tanto à "caverna de meditação" quanto a "dentro de mim"), é preciso abordar um tema um tanto esotérico e pouco compreendido — a saber, o tema da *kundalini shakti.*
Toda religião do mundo tem um ramo de devotos que busca uma experiência direta e transcendente de Deus, afastando-se dos estudos escriturais ou dogmáticos fundamentalistas para ter uma experiência pessoal do divino. O interessante a respeito desses místicos é que, quando eles descrevem suas experiências, todos acabam descrevendo exatamente a mesma coisa. Em geral, sua união com Deus acontece em um estado de meditação, e é possibilitada graças a uma fonte de energia que inunda o corpo inteiro com uma luz eufórica, elétrica. Os japoneses chamam essa energia de *ki*; os budistas chineses chamam-na de *chi*; os balineses chamam-na de *taksu*; os cristãos chamam-na de Espírito Santo; os habitantes originais do deserto do Kalahari chamam-na de *n/um* (seus homens santos a descrevem como um poder semelhante a uma cobra, que sobe pela coluna vertebral e abre um furo na cabeça, através do qual os deuses então entram). Os poetas sufistas islâmicos chamam essa energia-Deus de "A Bem-Amada", e escreveram poemas devocionais em sua homenagem. Os aborígenes australianos descrevem uma serpente no céu que desce e toma conta do xamã, atribuindo-lhe poderes intensos, de outro mundo. Na tradição judaica da cabala, dizem que essa união com o divino ocorre por meio de estágios de ascensão espiritual, com uma energia que sobe pela coluna vertebral ao longo de uma série de meridianos invisíveis.
Santa Teresa d'Ávila, a mais mística de todas as figuras do catolicismo, descreveu sua união com Deus como uma ascensão física de luz através de sete "mansões" interiores de seu ser, depois da qual ela irrompeu diante da presença de Deus. Ela costumava entrar em transes de meditação tão profundos que as outras religiosas não conseguiam sentir sua pulsação. Implorava a suas companheiras para não contarem a ninguém o que haviam

presenciado, já que aquilo era "uma coisa muito extraordinária, e que poderia dar origem a boatos consideráveis." (Sem falar em um possível encontro com a Inquisição.) O desafio mais difícil, escreveu a santa em suas memórias, era não despertar o intelecto durante a meditação, pois quaisquer pensamentos da mente - mesmo as mais fervorosas preces - extinguem o fogo de Deus. Quando a mente irrequieta "começa a construir discursos e sonhar argumentos, especialmente quando estes são astutos, ela logo irá imaginar que está fazendo um trabalho importante." Mas, se você conseguir superar esses pensamentos, explicava Teresa, e acender rumo a Deus, "é um assombro glorioso, uma loucura celestial, onde a verdadeira sabedoria é adquirida". Lembrando sem saber os poemas do místico sufista persa Hafiz, que perguntava por que, com um Deus que ama com tamanho abandono, não somos todos bêbados descontrolados, Teresa exclamava em sua biografia que, se essas experiências divinas fossem apenas loucura, então "eu lhe suplico, Pai, permita que sejamos todos loucos!".

Depois disso, nas frases seguintes de seu livro, é como se ela tomasse fôlego. Ao ler Santa Teresa hoje, é quase possível senti-la saindo dessa experiência delirante, e em seguida olhando em volta para o ambiente político da Espanha medieval (onde ela viveu sob uma das mais opressivas tiranias religiosas da história) e, com sobriedade e senso de dever, pedir desculpas por seu arrebatamento. Ela escreve: "Perdoem-me se me comportei de forma demasiado ousada", e repete que todos os seus clamores idiotas deveriam ser ignorados, porque, evidentemente, ela não passa de uma mulher, um verme, uma escória desprezível etc. E quase possível vê-la alisar o hábito de freira para tornar a colocá-lo no lugar, e prender os últimos fios soltos dos cabelos — enquanto seu segredo divino permanece uma fogueira flamejante e oculta.

Na tradição iogue indiana, esse segredo divino se chama *kundalini shak-ti*, e é retratado como uma cobra que jaz enrolada na base da coluna até ser libertada pelo toque de um mestre ou por um milagre, então subindo pelos sete chacras ou rodas (que também se pode chamar "as sete mansões da alma"), e finalmente saindo pela cabeça, explodindo na união com Deus. Esses chacras segundo os iogues, não existem no corpo físico, então não adianta procura- os ; eles só existem no corpo sutil, no corpo ao qual os professores de budismo estão se referindo quando incentivam seus alunos a retirar de dentro de sua bainha. Meu amigo Bob, que é ao mesmo tempo estudante de ioga e neurocientista, me disse que sempre ficou mexido com essa idéia dos chacras, que sempre quis vê-los de verdade, em um corpo humano dissecado, para acreditar que existiam. No entanto, depois de uma experiência de meditação particularmente transcendente, ele acabou adquirindo uma compreensão do que são os chacras. Ele disse:

- Assim como existe na escrita uma verdade literal e uma verdade poética, também no ser humano existe uma anatomia literal e uma anatomia poética. Uma delas você pode ver; a outra, não. Uma é feita de ossos, dentes e carne; a outra é feita de energia, memória e fé. Mas ambas são igualmente verdadeiras.

É como quando a ciência e a devoção têm pontos de interseção. Descobri recentemente um artigo no *New York Times* sobre uma equipe de neurologistas que havia colocado eletrodos em um monge tibetano durante uma experiência voluntária de *scanner* cerebral. Eles queriam ver o que acontece com uma mente transcendente, cientificamente falando, durante momentos de iluminação. Quando uma pessoa normal pensa, sua mente é constantemente percorrida pelos rodamoinhos dos pensamentos e impulsos, como uma tempestade elétrica, que são registrados no *scanner* cerebral como lampejos amarelos e

vermelhos. Quanto mais zangada ou exaltada a pessoa fica, mais intensos e profundos são esses lampejos vermelhos, Mas os místicos, independentemente de sua época ou cultura, mencionam uma imobilidade do cérebro durante a meditação, e dizem que a derradeira união com Deus é uma luz azul que eles podem sentir irradiando a partir do centro de seus crânios. Na tradição iogue, isso se chama "a pérola azul", e o objetivo de todo discípulo é encontrá-la. De fato, durante a meditação monitorada, o monge tibetano foi capaz de tranqüilizar sua mente de forma tão completa que nenhum lampejo vermelho ou amarelo pôde ser visto. Na verdade, toda a energia neurológica desse cavalheiro juntou-se e reuniu-se, por fim, no centro de seu cérebro - foi possível ver isso acontecer bem ali, no monitor -, formando uma pequena pérola de luz fria e azul. Exatamente como os iogues sempre descreveram.
É esse o objetivo da *kundalini shakti.*
Na Índia mística, como em muitas tradições xamânicas, a *kundalini shakti* é considerada uma força perigosa de se brincar sem supervisão; o iogue inexperiente poderia literalmente destruir sua mente com ela. Você precisa de um professor - um Guru - para guiá-lo nesse caminho, e idealmente de um lugar seguro - um *ashram* - onde praticar. Dizem que é o toque do Guru (seja seu toque literal, em pessoa, ou por meio de um encontro mais sobrenatural, como um sonho) que liberta a energia kundalini enrascada na base da coluna, e permite que você comece sua viagem rumo a Deus. Esse momento de liberação é chamado de *shaktipat,* iniciação divina, e é o maior presente que um mestre iluminado pode lhe dar. Depois desse toque, um discípulo ainda pode passar anos se esforçando para encontrar a iluminação, mas pelo menos a viagem começou. A energia foi libertada.
Recebi a iniciação *shaktipat* dois anos atrás, quando encontrei minha Guru pela primeira vez, em Nova York. Foi durante um retiro de fim de semana em seu *ashram* montanhas Catskills. Para ser honesta, não senti nada de especial depois. Eu acho que esperava um encontro esfuziante com Deus talvez algum relâmpago azul ou uma visão profética, mas vasculhei meu corpo à procura de efeitos especiais e senti apenas um pouco de fome, corno de hábito. Lembro-me de pensar que eu provavelmente não tinha fé suficiente para vivenciar algo de realmente intenso como a liberação da *kundalini shakti.* Lembro-me de pensar que eu era racional demais, não era intuitiva o suficiente, e que o meu caminho da devoção provavelmente seria mais intelectual do que esotérico. Eu rezaria, leria livros, teria pensamentos interessantes, mas provavelmente jamais alcançaria o tipo de êxtase meditativo divino descrito por Santa Teresa. Mas tudo bem. Mesmo assim, eu adorava a prática de devoção. Só que a *kundalini shakti* não era para mim.
No dia seguinte, porém, aconteceu uma coisa interessante. Estávamos todos novamente reunidos com a Guru. Ela nos conduziu à meditação e, no meio de tudo, adormeci (ou qualquer que fosse aquele estado) e tive um sonho. Nesse sonho, eu estava em uma praia, perto do mar. As ondas eram imensas e aterrorizantes, e cresciam rapidamente. De repente, um homem surgiu ao meu lado. Era o mestre da minha Guru — um grande iogue carismático a quem vou me referir aqui apenas como "Swamiji" (que, em sânscrito, quer dizer "monge adorado"). Swamiji havia morrido em 1982. Eu só o conhecia por causa das fotografias espalhadas pelo *ashram*. Mesmo nessas fotos - preciso confessar -, sempre achei o cara um pouco assustador demais, um pouco poderoso demais, um pouco ardente demais para o meu gosto. Já havia algum tempo que eu evitava pensar nele e, de modo geral, evitava seu olhar que pairava sobre mim vindo das paredes. Ele parecia

massacrante. Não era o meu tipo de Guru. Sempre preferi minha mestre viva, bonita, compassiva e feminina àquele personagem falecido (mas ainda cheio de energia).
Agora , porém, ali estava Swamiji no meu sonho, em pé ao meu lado na praia, em todo seu poderio. Fiquei aterrorizada. Ele apontou para as ondas que se aproximavam e disse, grave: "Quero que você descubra uma forma de impedir *isso* de acontecer." Em pânico, saquei um bloquinho de anotações e tentei desenhar inventos que pudessem impedir as ondas do mar de avançar. Desenhei imensos muros para conter o mar, canais, represas. Mas todos os meus desenhos eram estúpidos e inúteis. Eu sabia que aquilo estava além das minhas capacidades (eu não sou engenheira!), mas podia sentir Swamiji a me observar, impaciente e julgador. Por fim, desisti. Nenhuma das minhas invenções era inteligente ou forte o bastante para impedir aquelas ondas de estourarem.
Foi então que ouvi Swamiji rir. Ergui os olhos para aquele indiano mirrando, com suas vestes cor de laranja, e ele estava literalmente estourando de tanto dar risada, curvado para a frente em um frouxo de riso, enxugando lágrimas de gargalhada dos olhos.
- Diga-me, querida - falou ele, e apontou para o oceano colossal, poderoso, infinito, balouçante. - Diga-me, se tem a bondade, como exatamente *você* estava planejando deter *isso*?

47

Por duas noites seguidas, eu havia sonhado que uma cobra entrava no meu quarto. Já li que isso é espiritualmente auspicioso (e não apenas nas religiões orientais; Santo Inácio teve visões de serpentes durante todas as suas experiências místicas), o que, no entanto, não torna as cobras menos reais nem menos assustadoras. Tenho acordado suando. Pior ainda, depois que acordo, minha mente tem se descontrolado de novo, traindo-me e levando-me a um estado de pânico que eu não sentia desde o pior período dos meus anos de divórcio. Meus pensamentos voltam sem parar a meu casamento falido, e toda a vergonha e a raiva que acompanharam esse acontecimento. Pior ainda, voltei a pensar em David. Em minha mente, discuto com ele, zangada e sentindo-me sozinha, e lembro-me de cada coisa que ele disse ou fez para me magoar. Além disso, não consigo parar de pensar em nossa felicidade juntos, no delírio emocionante de quando as coisas iam bem. É o máximo que posso fazer para não pular da cama e ligar para ele da Índia, no meio da noite, e simplesmente - não sei bem o quê - simplesmente desligar na cara dele, imagino. Ou implorar-lhe para que volte a me amar. Ou desfiar para ele uma lista acusadora de todas as suas falhas de caráter.
Por que tudo isso está voltando à tona agora?
Eu sei o que eles diriam, aqueles que estão nisso há mais tempo. Diriam que isso é perfeitamente *normal*, que todo mundo passa por isso, que a meditação intensa traz tudo *à tona*, que você só está exorcizando o que sobrou dos *seus demônios*... mas, mesmo assim, meu estado de fragilidade emocional é tamanho que não consigo suportar, e não quero escutar nenhuma *teoria* hippie de ninguém. Estou vendo que tudo está vindo à tona, muito obrigada. Está tudo vindo à tona como se fosse *vômito.*
De alguma forma, consigo voltar a dormir, por sorte, e tenho outro sonho. Dessa vez não há cobras, mas um cachorro magro, mau, que me persegue e diz: "Eu vou te matar. Eu vou te matar e te comer!"
Acordo chorando e tremendo. Não quero incomodar minhas companheiras de quarto,

então vou me esconder no banheiro. O banheiro, sempre o banheiro! Que Deus me ajude, mas aqui estou eu novamente dentro de um banheiro, novamente no meio da noite, desabada no chão, aos prantos e sozinha. Ah, mundo frio - estou tão cansada de você e de seus horríveis banheiros.
Quando o choro não pára, vou pegar um bloquinho de anotações e uma caneta (o último refúgio dos covardes), e torno a me sentar ao lado da privada. Abro em uma página em branco e rabisco minha já conhecida súplica desesperada:
"PRECISO DA SUA AJUDA."
E então vem uma longa expiração de alívio quando, em minha própria caligrafia, minha amiga fiel (quem *será* ela?) começa fielmente a me salvar:
"Estou bem aqui. Está tudo bem. Eu te amo. Eu nunca vou abandonar você..

48

A meditação da manhã seguinte é um desastre. Desesperada, imploro à minha mente para, por favor, se afastar e me deixar encontrar Deus, mas minha mente só faz me olhar com seu poder frio e dizer: "Eu *nunca* vou deixar você se libertar de mim."
Durante esse dia inteiro, na verdade, fico tão ressentida e zangada que temo pela vida de qualquer pessoa que cruze o meu caminho. Dou um fora em uma pobre alemã porque ela não fala bem inglês, e não consegue entender quando lhe digo onde fica a livraria. Fico com tanta vergonha da minha raiva que vou me esconder em um banheiro (mais um!) para chorar, e em seguida fico morrendo de raiva de mim mesma por ter chorado, porque me lembro do conselho da minha Guru para não desmoronar o tempo todo ou então isso se torna um hábito... mas o que *ela* sabe sobre isso? Ela é *iluminada*. Ela não pode me ajudar. Ela não me *entende.*
Não quero que ninguém converse comigo. Não consigo suportar ver o rosto de ninguém neste momento. Consigo até me desvencilhar de Richard do Texas durante algum tempo, mas ele acaba me encontrando no jantar e, homem corajoso, senta-se bem no meio da fumaça preta do meu ódio por mim mesma.
- O que você tem que está toda ensimesmada? - pergunta ele com seu sotaque arrastado, com um palito na boca, como de hábito.
- Não pergunte - respondo, mas em seguida começo a falar e lhe conto tudinho, concluindo com: - E o pior de tudo é que não consigo deixar de pensar obsessivamente no David. Pensei que tivesse esquecido ele, mas está tudo voltando.
- Espere mais seis meses, vai se sentir melhor - diz ele.
- Eu já esperei 12 meses, Richard.
- Então espere mais seis. Vá somando mais seis meses até esquecer. Essas coisas levam tempo.
Solto o ar pelo nariz com força, como um touro.
- Escute aqui, Sacolão — diz Richard. — Algum dia você vai olhar para trás, para este momento da sua vida, e pensar que época deliciosa de luto ele foi. Vai ver que estava lamentando a sua perda, e que o seu coração estava despedaçado, mas que a sua vida estava mudando, e que você estava no melhor lugar possível do mundo para fazer isso: em um lindo lugar de adoração, cercada de graça. Aproveite esse tempo, aproveite cada minuto. Deixe as coisas se resolverem aqui na Índia.
- Mas eu amava ele de verdade.

- Grande coisa. Você se apaixonou por uma pessoa, e daí? Não entende o que aconteceu? Esse cara tocou um lugar do seu coração mais profundo do que você pensava que era capaz de alcançar. Em outras palavras, você foi *fisgada*, menina. Mas esse amor que você sentiu foi só o começo. Isso é só o amor mortal, limitado, café com leite. Espere para ver como você é capaz de amar mais profundamente do que isso. Nossa, Sacolão... você tem a capacidade de um dia amar o mundo inteiro. É o seu destino. Não ria.
- Não estou rindo. - Na verdade, eu estava chorando. - E, por favor, não vá você rir de mim agora, mas acho que o motivo pelo qual é tão difícil para mim esquecer esse cara é que eu realmente achava que o David fosse a minha alma gêmea.
- Provavelmente era. O problema é que você não entende o que essa expressão significa. As pessoas acham que a alma gêmea é o encaixe perfeito, e é isso que todo mundo quer. Mas a verdadeira alma gêmea é um espelho, a pessoa que mostra tudo que está prendendo você, a pessoa que chama a sua atenção para você mesmo para que você possa mudar a sua vida. Uma verdadeira alma gêmea é provavelmente a pessoa mais importante que você vai conhecer, porque elas derrubam as suas paredes e te acordam com um tapa. Mas viver com uma alma gêmea para sempre? Não. Dói demais. As almas gêmeas só entram na sua vida para revelar a você uma outra camada de você mesmo, e depois vão embora. Acabou, Sacolão. A missão do David era acordar você, tirar você daquele casamento do qual você precisava sair, destroçar um pouquinho o seu ego, mostrar para você os seus obstáculos e vícios, despedaçar o seu coração para uma nova luz poder entrar, deixar você tão desesperada e fora de controle que você *fosse obrigada* a transformar a sua vida, e depois apresentar você à sua mestra espiritual e *sair fora*. Essa era a função dele, e ele foi ótimo, mas agora acabou. O problema é que você não consegue aceitar isso, que esse relacionamento tinha um prazo de validade bem curto. Você parece um cachorro cheirando lixo, *baby*... fica lambendo uma lata vazia, tentando tirar mais comida lá de dentro. E, se você não tomar cuidado, essa lata vai ficar presa no seu focinho para sempre e tornar sua vida infeliz. Então largue isso.
- Mas eu amo ele.
- Então ame ele.
- Mas eu sinto saudade dele.
- Então sinta saudade. Mande um pouco de amor e de luz sempre que pensar nele, depois esqueça. Você só está com medo de largar os últimos pedacinhos do David porque aí vai estar sozinha de verdade, e Liz Gilbert morre de medo do que vai acontecer se ficar realmente sozinha. Mas o que você precisa entender é o seguinte, Sacolão. Se você liberar todo esse espaço na sua mente que está usando agora na sua obsessão por esse cara, vai descobrir um vazio ali, um espaço aberto... uma *entrada*. E adivinhe o que o universo vai fazer com essa entrada? Ele vai entrar... Deus vai entrar... e vai encher você com mais amor do que você jamais sonhou. Então pare de usar o David para fechar essa porta. Esqueça isso.
- Mas eu queria que eu e o David...
Ele me interrompe.
- Está vendo, é esse o seu problema. Você quer coisas demais, *baby*. Parece uma galinha tentando quebrar o próprio ossinho da sorte.
Essa frase me arranca a primeira risada do dia.
Então pergunto a Richard:
- Então, quanto tempo este luto vai demorar a passar?

- Você quer saber a data exata?
-É.
- Uma data que você possa marcar no seu calendário?
-É.
- Deixe eu te dizer uma coisa, Sacolão... você precisa parar com essa mania de querer controlar tudo.
Ao ouvir isso, minha raiva me consome como um fogo. *Mania de querer controlar tudo? EU?* Penso até em dar um tapa em Richard por causa desse insulto. E então, bem lá do fundo da intensidade da minha indignação ofendida, vem a verdade. A verdade imediata, evidente, risível.
Ele tem toda razão.
O fogo sai de mim tão depressa quanto entrou.
- Você tem toda razão — digo.
- Eu sei que tenho razão, *baby*. Escute, você é uma mulher poderosa e está acostumada a conseguir o que quer da vida, e não conseguiu o que queria da vida nos seus últimos relacionamentos, e isso te deixou toda travada. O seu marido não se comportou como você queria que ele se comportasse, e o David também não. Dessa vez, a vida não fez o que você queria. E nada deixa uma controladora mais puta da vida do que a vida não fazer o que ela quer.
- Por favor, não me chame de controladora.
- Mas você é controladora, Sacolão. Fale a verdade. Ninguém nunca disse isso para você antes?
(Bom... *já*. Mas, quando você se divorcia de uma pessoa, depois de algum tempo pára de escutar as coisas ruins que ela diz a seu respeito.)
Então tomo coragem e digo:
- Tudo bem, acho que provavelmente você tem razão. Talvez eu tenha mesmo mania de querer controlar tudo. Só acho estranho você ter reparado. Porque eu não acho que isso seja óbvio para quem vê de fora. Quero dizer... Aposto que a maioria das pessoas não consegue ver esse meu problema na primeira vez em que olha para mim.
Richard do Texas ri tanto que quase deixa cair o palito da boca.
- *Não consegue ver?* Benzinho... O Ray Charles conseguiria ver a sua mania de querer controlar tudo!
-Tudo bem, acho que para mim chega deste papo, obrigada.
- Você precisa aprender a se soltar, Sacolão. Senão vai ficar doente. Nunca mais vai conseguir ter uma boa noite de sono. Vai passar a vida inteira rolando de um lado para o outro, se culpando por ter sido tamanho fiasco na vida. *Qual é o meu problema? Como é possível eu estragar todos os meus relacionamentos? Por que eu sou um fracasso tão total?* Deixe eu adivinhar... foi provavelmente isso que você passou horas acordada fazendo ontem à noite, de novo.
-Tá bom, Richard, chega - digo. - Não quero mais você esccararunchando a minha mente.
- Então feche a porta - diz meu grande iogue do Texas.

49

Eu tinha 9 anos, quase 10, quando passei por uma verdadeira crise metafísica. Talvez essa pareça uma idade tenra para algo assim, mas sempre fui uma criança precoce. Tudo

aconteceu durante o verão entre a terceira e a quarta séries. Eu faria 10 anos em julho, e alguma coisa na transição dos 9 para os 10 - de um dígito para dois dígitos - me fez entrar em um verdadeiro pânico existencial, geralmente reservado para pessoas que fazem 50 anos. Lembro-me de pensar que a vida estava passando *muito depressa*. Parecia que, na véspera, eu ainda estava no jardim-de-infância, e ali estava eu agora, prestes a completar 10 anos. Eu logo seria uma adolescente, em seguida uma mulher de meia-idade, em seguida uma idosa e depois iria morrer. E todas as outras pessoas também estavam envelhecendo em velocidade acelerada. Todo mundo morreria dali a pouco tempo. Meus pais morreriam. Meus amigos morreriam. Meu gato morreria. Minha irmã mais velha já estava quase no *ensino médio*; eu parecia capaz de me lembrar dela entrando no C.A. segundos antes, com suas meinhas três-quartos, e agora ela estava no *ensino médio*? Era evidente que não demoraria muito para ela morrer. Qual era o sentido daquilo tudo?
O mais estranho dessa crise foi que ela não havia sido provocada por nada em especial. Nenhum amigo nem parente havia morrido, fazendo-me sentir pela primeira vez o gosto da mortalidade, nem tampouco eu lera ou vira nada de específico sobre a morte; sequer havia lido *A Teia de Charlotte* ainda- Esse pânico que eu estava sentindo aos 10 anos não era nada menos do que uma consciência espontânea e total da inevitável marcha da mortalidade, e eu não tinha nenhum vocabulário espiritual para me ajudar a lidar com ela. Éramos protestantes e, ainda por cima, não-praticantes. Só agradecíamos antes da ceia de Natal e do dia de Ação de Graças, e freqüentávamos a igreja esporadicamente. Meu pai preferia passar as manhãs de domingo em casa, e sua prática de devoção consistia em cuidar da fazenda. Eu cantava no coral porque gostava de cantar; minha bonita irmã era o anjo da procissão de Natal. Minha mãe usava a igreja como quartel-general para organizar trabalhos beneficentes voluntários para a comunidade. Porém, mesmo naquela igreja, não me lembro de as pessoas falarem muito em Deus. Afinal de contas, aquilo era a Nova Inglaterra, e a palavra *Deus* costuma deixar os ianques nervosos.
Minha sensação de impotência era acachapante. O que eu queria fazer era puxar algum gigantesco freio de emergência do universo, como os freios que eu vira no metrô em nossa excursão escolar para Nova York. Queria pedir um tempo, pedir para todo mundo PARAR até eu conseguir entender tudo. Imagino que essa ânsia de forçar o universo inteiro a deter sua marcha até eu conseguir me acalmar tenha sido o início daquilo que meu querido amigo Richard do Texas chama de minha "mania de querer controlar tudo". Minhas tentativas e minha preocupação, é claro, foram fúteis. Quanto mais eu prestava atenção no tempo, mais depressa ele corria, e aquele verão passou tão rápido que me deu dor de cabeça e ao final de cada dia lembro-me de pensar: "Lá se vai mais um", e desatar a chorar.
Tenho um amigo do ensino médio que hoje trabalha com deficientes mentais, e ele diz que os pacientes autistas têm uma consciência particularmente dolorosa de se ver em relação à passagem do tempo, como se nunca houvessem desenvolvido o filtro mental que permite ao restante de nós se esquecer da mortalidade de vez em quando e simplesmente viver. Um dos pacientes de Rob sempre lhe pergunta a data no início de cada dia e, quando o dia termina, ele pergunta: "Bob, quando é que vai ser dia 4 de fevereiro de novo?" E, antes de Rob conseguir responder, o cara sacode a cabeça de tristeza e diz: Eu sei, eu sei, deixe para lá... só no *ano que vem*, não é?"
Conheço muito bem essa sensação. Conheço o triste desejo de ser capaz de retardar o final de mais um dia 4 de fevereiro. Essa tristeza é um dos grandes desafios da

experiência humana. Até onde sabemos, somos a única espécie do planeta a quem foi dado o presente - ou talvez a maldição - de ter consciência de nossa própria mortalidade. Tudo sobre a Terra um dia morre; nós simplesmente somos os sortudos capazes de pensar nesse fato todos os dias. Como você vai lidar com essa informação? Quando eu tinha 9 anos, não conseguia fazer nada a não ser chorar. Mais tarde, com o passar dos anos, minha consciência subdesenvolvida da velocidade do tempo levou-me a me forçar a viver em ritmo máximo. Já que eu teria uma estada tão curta assim na Terra, precisava fazer tudo que fosse possível para vivenciá-la agora. Daí todas as viagens, todas as histórias de amor, toda a ambição, todo o macarrão. Minha irmã tinha uma amiga que costumava pensar que Catherine tinha duas ou três irmãs caçulas, porque estava sempre ouvindo histórias sobre a irmã que estava na África, a irmã que estava trabalhando em um rancho no Wyoming, a irmã que era *barwoman* em Nova York, a irmã que estava escrevendo um livro, a irmã que ia se casar - certamente não podiam ser todas a mesma pessoa. De fato, se eu pudesse ter me dividido em várias Liz Gilberts, teria feito isso de bom grado, de modo a não perder um só instante da vida. O que estou dizendo? Eu *de fato* me dividi em várias Liz Gilberts, e todas elas, certa noite, desabaram simultaneamente de exaustão no chão de um banheiro de subúrbio, por volta da idade de 30 anos.
Eu deveria dizer aqui que sei que nem todo mundo passa por esse tipo de crise metafísica. Alguns de nós são programados para ficarem ansiosos em relação à mortalidade, enquanto outros simplesmente parecem encarar o assunto todo com mais naturalidade. Você conhece um monte de pessoas apáticas neste mundo, é claro, mas também conhece outras capazes de aceitar com elegância a forma como o universo funciona, e que realmente parecem não se importar com seus paradoxos e injustiças. Tenho um amigo cuja avó costumava me dizer: "Não há nenhum problema tão sério neste mundo que não possa ser curado com um banho quente, um copo de uísque e um livro de preces." Para algumas pessoas, isso é mesmo verdade. Para outras, é preciso tomar medidas mais drásticas.
E agora *vou* falar sobre o meu amigo irlandês criador de gado leiteiro - à primeira vista, alguém altamente improvável de se encontrar em um *ashram* indiano. Mas Sean é uma daquelas pessoas que, assim como eu, nasceram com aquela ansiedade, com aquele afã louco e incansável de entender como funciona a existência. Sua pequena paróquia de County Cork não parecia ter nenhuma dessas respostas, então ele deixou a fazenda nos anos 1980 para viajar pela Índia à procura da paz interior por meio do ioga. Alguns anos depois, voltou para casa, para sua fazenda de gado leiteiro na Irlanda. Estava sentado na cozinha da antiga sede de pedra junto com seu pai - que fora fazendeiro a vida toda e era um homem de poucas palavras -, e Sean estava lhe contando tudo sobre suas descobertas espirituais no exótico Oriente. O pai de Sean escutava com interesse moderado, observando o fogo na lareira, fumando seu cachimbo. Não falou nada até Sean dizer: "Pai... essa história de meditação é fundamental para ensinar a serenidade. Isso pode realmente salvar a sua vida. Ensina você a aquietar a mente."
Seu pai virou-se para ele e disse, gentil: "Eu *já* tenho a mente aquietada, meu filho", e em seguida voltou a fitar o fogo.
Mas eu *não tenho*. Nem Sean. Muitos de nós não têm. Muitos de nós olham para o fogo e vêem apenas o inferno. Preciso muito aprender a fazer o que o pai de Sean parece ter nascido sabendo fazer - aprender, como escreveu Walt Whitman certa vez, a "afastar-se da azáfama... bem-humorado, complacente, compassivo, ocioso, íntegro... ao mesmo

tempo dentro e fora do jogo, observando e questionando tudo". Em vez de ficar bem-humorada, porém, fico apenas ansiosa. Em vez de observar, estou sempre testando e interferindo. No outro dia, durante a prece, falei para Deus: "Olhe... eu entendo que uma vida sem questionamento não vale a pena ser vivida, mas você acha que algum dia vou poder almoçar sem questionamentos?"

A tradição budista tem uma história sobre os momentos que se seguiram à transcendência de Buda rumo à iluminação. Quando - depois de 39 dias meditando — o véu da ilusão finalmente foi retirado, e o verdadeiro funcionamento do universo foi revelado ao grande mestre, dizem que ele abriu os olhos e disse, no mesmo instante: "Isso não pode ser ensinado." Em seguida, porém, mudou de idéia, e decidiu que sairia pelo mundo, sim, e tentaria ensinar a prática da meditação a um pequeno grupo de discípulos. Ele sabia que seus ensinamentos só poderiam ajudar (e interessar) a uma ínfima porcentagem de pessoas. A maior parte da humanidade, disse ele, tem os olhos tão fechados pela poeira da ilusão que jamais verá a verdade, por mais que se tente ajudá-la. Alguns outros (como o pai de Sean, talvez) têm os olhos já tão naturalmente claros, e são tão tranqüilos, que não precisam de nenhum tipo de instrução ou ajuda. Mas existem também aqueles cujos olhos estão só ligeiramente fechados pela poeira e que, com a ajuda do mestre certo, poderiam aprender um dia a ver com mais clareza. O Buda decidiu que se tornaria o professor dessa minoria - "aqueles com pouca poeira".

Espero sinceramente que eu seja uma dessas pessoas que têm uma quantidade mediana de poeira na frente dos olhos, mas não sei. Tudo que sei é que fui levada a encontrar a paz interior por métodos que podem parecer um pouco drásticos para a população em geral. (Por exemplo, quando contei a um amigo de Nova York que ia para a Índia morar em um *ashram* e buscar a divindade, ele suspirou e disse: "Ah, tem uma parte de mim que queria *tanto* que eu quisesse fazer isso... mas eu realmente não sinto a menor vontade.") Mas não sei se tenho muita escolha. Procurei freneticamente o contentamento durante tantos anos, de tantas maneiras, e todas essas aquisições e realizações - elas no fim acabam com a sua energia. Se você correr atrás da vida com sofreguidão demais, ela leva à morte. O tempo - quando perseguido como um bandido - se comporta como um bandido; está sempre uma fronteira ou uma sala na sua frente, mudando de nome e de cor de cabelo para enganar você, saindo pela porta dos fundos do hotel no mesmo instante em que você chega ao lobby com seu mais recente mandado de busca, deixando apenas um cigarro aceso no cinzeiro como provocação. Em determinado momento, você precisa parar, porque ele não vai parar. Você precisa reconhecer que não vai pegá-lo. Que a idéia não é pegá-lo. Em determinado momento, como Richard não pára de me repetir, você precisa relaxar, ficar sentado e deixar o contentamento vir até *você*.

Relaxar, obviamente, é uma empreitada assustadora para aqueles de nós que acreditam que o mundo só gira porque tem uma alavanca em cima que nós mesmos giramos e que, se largássemos essa alavanca por um instante que fosse, bem — seria o fim do universo. *Mas tente largar, Sacolão*. Essa é a mensagem que estou recebendo. Fique sentada bem quietinha agora e ponha um fim à sua participação incessante. Veja o que acontece. No final das contas, os pássaros não despencam mortos do céu no meio do vôo. As árvores não murcham nem morrem, os rios não se enchem de sangue rubro. A vida continua. Até mesmo o serviço de correio italiano prossegue na sua marcha trôpega, tocando sua vida sem você — o que lhe dá tanta certeza de que o seu microgerenciamento de cada instante deste mundo é tão essencial? Por que você não esquece isso?

Ouço essa argumentação e ela me atrai. Intelectualmente, acredito nela. Acredito mesmo. Mas, em seguida, eu me pergunto - com todo meu afã incansável, com todo meu fervor exaltado e com toda essa minha natureza estupidamente faminta: o que devo fazer com minha energia, então?
A resposta também chega:
Procure Deus, sugere minha Guru. Procure Deus corno um homem com a cabeça em chamas procura por água.

50

Na manhã seguinte, durante a meditação, todos os meus antigos pensamentos de ódio voltam à tona. Estou começando a pensar neles como irritantes operadores de telemarketing, sempre telefonando nos momentos mais inoportunos. O que fico alarmada ao descobrir na meditação é que minha mente, no final das contas, não é um lugar tão interessante assim. Na verdade, só penso em poucas coisas, e penso nelas constantemente. Acho que a palavra certa para descrever isso é "obsessão". Penso obsessivamente sobre o meu divórcio, e sobre toda a dor do meu casamento, e sobre os erros que cometi, e sobre todos os erros que o meu marido cometeu, e então (e não há como fugir desse assunto sombrio) começo a pensar obsessivamente em David...
O que, para ser sincera, está começando a ficar embaraçoso. Quero dizer - aqui estou eu, neste lugar sagrado de estudo no meio da Índia, e tudo em que consigo pensar é no meu *ex-namorado*? Em que série eu estou, sétima?
E então me lembro de uma história que minha amiga Deborah, a psicóloga, me contou certa vez. Durante os anos 1980, a cidade da Filadélfia perguntou-lhe se ela poderia ser voluntária para ministrar aconselhamento psicológico a um grupo de refugiados do Camboja - os chamados *boat people*- recém-chegados à cidade. Deborah é uma psicóloga excepcional, mas ficou terrivelmente intimidada por essa tarefa. Aqueles cambojanos haviam sofrido o pior que os seres humanos são capazes de infligir a outros seres humanos - genocídio, estupro, tortura, fome, assassinato de parentes diante de seus olhos, tudo isso seguido por longos anos em campos de refugiados e perigosas viagens de navio para o Ocidente, durante as quais pessoas morriam e cadáveres eram lançados aos tubarões -, então que tipo de ajuda *Deborah* poderia oferecer a essas pessoas? Como era possível para ela entender a extensão do seu sofrimento?
- Mas você sabe sobre o que essa gente toda queria falar quando conseguia encontrar psicólogos? - perguntou-me Deborah.
Era só: *Conheci um cara, quando estava morando no campo de refugiados, e a gente se apaixonou. Achei que ele me amasse de verdade, mas depois a gente foi separado em navios diferentes e ele ficou com a minha prima. Agora está casado com ela, mas diz que me ama de verdade, e fica me ligando o tempo todo, e sei que deveria dizer para ele ir embora, mas ainda o amo e não consigo parar de pensar nele. E eu não sei o que fazer...*
É assim que a gente é. Coletivamente, como espécie, é essa a nossa paisagem emocional. Certa vez, conheci uma velha senhora que tinha quase 100 anos de idade, e ela me disse: "Só existem dois assuntos pelos quais os seres humanos brigaram em toda a história: *Quanto você me ama? e Quem é o chefe?*" Todo o resto é, de alguma forma, administrável. Mas essas duas questões, o amor e o contro, são a perdição de todos nós, fazem-nos tropeçar e provocam guerras, tristeza e sofrimento. E é com essas duas

questões, infelizmente (ou talvez obviamente), que estou lidando aqui neste *ashram*. Quando estou sentada em meu silêncio, fitando minha própria mente, tudo que surge para me deixar agitada são questões sobre saudade e controle, e é essa agitação que me impede de evoluir.
Quando tentei, esta manhã, depois de mais ou menos uma hora de pensamentos infelizes, voltar a mergulhar em minha meditação, levei comigo uma idéia nova: compaixão. Perguntei a meu coração se ele poderia, por favor, insuflar minha alma com uma opinião mais generosa em relação ao funcionamento da minha mente- Em vez de pensar que eu era um fracasso, será que eu poderia talvez aceitar que sou apenas um ser humano — um ser humano normal, inclusive? Os pensamentos vieram como de hábito - tudo bem, é assim então —, e em seguida as emoções que os acompanham também surgiram. Comecei a me sentir frustrada e crítica em relação a mim mesma, solitária e zangada- Mas então uma violenta resposta surgiu de algum lugar nas profundezas mais remotas do meu coração e eu disse a mim mesma: "Eu *não vou* julgar você por esses pensamentos." Minha mente tentou protestar dizendo: "Tá, mas você é um fracasso tão grande, você é uma inútil tão completa, nunca vai conseguir ser nada..."
De repente, porém, foi como se um leão rugisse de dentro do meu peito, sufocando toda essa bobagem. Uma voz se ergueu dentro de mim, diferente de tudo que eu jamais havia escutado antes. Era tão interna e eternamente alta, que cheguei a apertar a mão em cima da boca, porque tive medo de que, se abrisse a boca e deixasse aquele som sair, ele sacudiria os alicerces dos prédios dali até Detroit.
E o que o rugido dizia era o seguinte:

VOCÊ NÃO FAZ *IDÉIA* DE COMO É FORTE O MEU AMOR!!!!!!!!!

Os pensamentos insistentes e negativos da minha mente espalharam-se aos quatro ventos diante dessa afirmação, como pássaros, lebres ou antílopes - saíram correndo dali, aterrorizados. Seguiu-se o silêncio. Um silêncio intenso, vibrante, admirado. O leão da savana gigante do meu coração observou satisfeito seu reino recém-silenciado. Lambeu as presas pontiagudas uma vez, fechou os olhos amarelos e voltou a dormir.
E então, naquele silêncio régio, enfim comecei a meditar sobre (e com) Deus.

51

Richard do Texas tem alguns hábitos fofinhos. Sempre que passa por mim no *ashram* e percebe, pela minha expressão distraída, que meus pensamentos estão a um milhão de quilômetros dali, ele pergunta:
- Como vai o David?
- Cuide da sua vida - respondo sempre. - Você não sabe em que estou pensando, seu moço.
Ele sempre tem razão, é claro.
Outro hábito que ele tem é me esperar quando saio da sala de meditação, porque gosta de ver a minha cara de chapada e de exausta quando me arrasto lá de dentro. Como se tivesse acabado de lutar com jacarés e fantasmas. Ele diz que nunca viu ninguém brigar tanto consigo mesmo. Não sei se *isso* é verdade, mas é verdade que o que acontece comigo naquela sala de meditação pode ser bastante intenso. As experiências mais

violentas acontecem quando me livro de alguma derradeira reserva temerosa e permito que uma verdadeira turbina de energia se liberte e comece a subir por minha coluna. Hoje eu rio por um dia ter desdenhado a idéia da *kundalini shakti*, considerando-a um simples mito. Quando essa energia me percorre, ela resfolega como um motor a diesel em marcha lenta, e tudo que me pede é uma coisa simples - *Será que você poderia, por favor, se virar do avesso, para que seus pulmões, seu coração e suas entranhas fiquem do lado de fora, e o universo inteiro fique do lado de dentro? E, emocionalmente, será que poderia fazer a mesma coisa?* O tempo fica meio maluco nesse espaço ruidoso, e sou levada - anestesiada, atônita e sem ação - para todo tipo de mundo, e vivencio todas as intensidades possíveis das sensações: fogo, frio, ódio, desejo, medo... Quando tudo termina, eu me levanto, trôpega, e saio cambaleando rumo à luz do dia em um estado lamentável - esfaimada, morrendo de sede, mais excitada do que um marinheiro em uma licença de três dias em terra firme. Richard geralmente está ali me esperando, pronto para começar a rir. Ao ver meu rosto confuso e exausto, ele sempre me provoca com a mesma frase:
- Você acha que algum dia vai valer alguma coisa, Sacolão?
Esta manhã, no entanto, na meditação, depois de ter ouvido o leão rugir VOCÊ NÃO FAZ IDÉIA DE COMO É FORTE o MEU AMOR, saí da caverna de meditação Parecendo uma rainha guerreira. Richard sequer teve tempo de perguntar se eu achava que algum dia iria valer alguma coisa antes de eu o olhar nos olhos e dizer:
— Eu já valho, seu moço.
— Olhe só para *ela* — falou Richard. — Isso merece uma comemoração. Venha, garota... vou te levar até a cidade e te pagar um Thumbs-Up.
Thumbs-Up é um refrigerante indiano, parecido com Coca-Cola, mas com mais ou menos nove vezes a quantidade de xarope de milho e o triplo de cafeína. Desconfio que também contenha metanfetaminas. Ele me faz ver tudo dobrado. Algumas vezes por semana, Richard e eu vamos à cidade e dividimos uma garrafa pequena de Thumbs-Up — uma experiência radical, depois da pureza da comida vegetariana do *ashram* —, tomando sempre cuidado para não tocar a garrafa com a boca. A regra de Richard para viajar pela Índia parece boa: "Não toque em nada a não ser em si mesmo." (E, sim, também pensei nessa frase como título para este livro.)
Temos os nossos lugares preferidos na cidade, e paramos sempre para prestar nossa homenagem ao templo, e para cumprimentar o sr. Panicar, o alfaiate, que aperta nossa mão e diz: "Parabéns em conhecê-los!". Ficamos olhando as vacas perambularem de um lado para o outro, aproveitando seu *status* sagrado (na verdade, acho que elas abusam desse privilégio, e só ficam deitadas no meio da rua para que todo mundo veja bem o quanto são sagradas), e vemos os cães se cocarem como se estivessem se perguntando como diabos foram parar ali. Olhamos as mulheres consertando a estrada, quebrando pedras debaixo do sol inclemente, brandindo marretas, descalças, parecendo estranhamente lindas com seus sáris de cores brilhantes e seus colares e pulseiras. Elas nos lançam sorrisos radiosos que não consigo entender de jeito nenhum — como podem ser felizes fazendo esse trabalho árduo em condições tão terríveis? Por que elas todas não desmaiam e morrem depois de 15 minutos no calor tórrido com essas marretas? Pergunto isso ao sr. Panicar, e ele diz que com os aldeões é assim, que as pessoas nesta parte do mundo nasceram para esse tipo de trabalho pesado, e que tudo com que estão acostumadas é trabalhar.

- Além disso - acrescenta ele, casual —, a gente por aqui não vive muito.
É um vilarejo pobre, é claro, mas não paupérrimo pelos padrões indianos; a presença (e a caridade) do *ashram* e um pouco de dinheiro ocidental circulando fazem uma diferença significativa. Não que haja muita coisa para comprar ali, embora Richard e eu gostemos de dar uma olhada em todas as lojas que vendem contas e estatuetazinhas. Alguns homens da Cachemira – vendedores muito astutos, realmente – estão sempre tentando nos vender suas mercadorias. Um deles chegou a vir atrás de mim hoje, perguntando se madame, por acaso, gostaria de comprar um belo tapete de Cachemira para sua casa?
Isso fez Richard rir. Entre outros esportes, ele gosta de gozar da minha cara pelo fato de eu não ter casa.
- Nem adianta tentar, irmão - disse ele ao vendedor de tapetes. - Esta moça aqui não tem chão para colocar nenhum tapete.
Sem se deixar abater, o vendedor da Cachemira sugeriu:
- Então madame gostaria, talvez, de pendurar um tapete na sua parede?
- Olhe - disse Richard -, o problema é justamente esse... ela também não tem muitas paredes ultimamente.
- Mas tenho um coração valente! - exclamei em minha própria defesa.
- E outras qualidades de valor - acrescentou Richard, fazendo-me um elogio por uma vez na vida.

52

Na verdade, o maior de todos os obstáculos em minha experiência no *ashram* não é a meditação. Meditar é difícil, é claro, mas não é impossível. Existe algo aqui que é ainda mais difícil para mim. Impossível é o que fazemos toda manhã depois da meditação e antes do café-da-manhã (meu Deus, como são compridas essas manhãs) - um cântico chamado Gurugita. Richard o chama de O Gita. Tenho uma dificuldade enorme com o Gita. Não gosto nem um pouco dele, nunca gostei, desde a primeira vez em que o ouvi ser cantado no *ashram* no interior do estado de Nova York. Adoro todos os outros cânticos e hinos desta tradição iogue, mas o Gurugita me parece longo, tedioso, barulhento e insuportável. Isso é só minha opinião, é claro; outras pessoas dizem que o adoram, embora eu não consiga imaginar por quê.
O Gurugita tem 182 versos de comprimento, para serem gritados bem forte (e algumas vezes eu grito mesmo), e cada um dos versos é um parágrafo em um sânscrito incompreensível. Junto com o cântico do preâmbulo e com o coro final, o ritual todo leva cerca de uma hora e meia para ser realizado. Isso tudo antes do café-da-manhã, lembrem-se, e depois de já termos feito uma hora de meditação e de termos passado vinte minutos cantando o primeiro hino da manhã. O Gurugita é basicamente a razão pela qual se tem de acordar às três horas da manhã aqui.
Não gosto da melodia e não gosto das palavras. Sempre que digo isso a alguém do *ashram*, eles falam: "Ah, mas é tão sagrado!" Sim, mas o Livro de Jó também é sagrado, e nem por isso resolvo cantá-lo em voz alta toda manhã antes do café.
O Gurugita, de fato, tem uma linhagem espiritual de respeito; é um trecho de uma antiga escritura sagrada do ioga chamada Skanda Purana, a maior parte da qual foi perdida, tendo apenas uma pequena parte sido traduzida do sânscrito. Como a maioria das escrituras iogues, está escrita sob a forma de uma conversa, um diálogo quase socrático.

A conversa é entre a deusa Parvati e o poderoso, onipresente deus Shiva. Parvati e Shiva são a personificação divina da criatividade (o feminino) e da consciência (o masculino). Ela é a energia geradora do universo; ele é sua sabedoria sem forma. O que quer que Shiva imagine, Parvati traz à vida. Ele sonha; ela materializa. Sua dança, sua união (seu *Ioga*) é, ao mesmo tempo, a causa do universo e sua manifestação.

No Gurugita, a deusa pede ao deus os segredos da realização terrena, e ele lhe diz. Esse hino me incomoda. Eu esperava que os meus sentimentos em relação ao Gurugita mudassem durante minha estada no *ashram*. Esperava que inseri-lo em um contexto indiano fosse me fazer aprender a gostar dele. Na verdade, o contrário aconteceu. Durante as poucas semanas desde que cheguei aqui, meus sentimentos em relação ao Gurugita mudaram de uma simples implicância para um desgosto declarado. Comecei a deixar de comparecer e a dedicar minhas manhãs a outras coisas que considero muito melhores para o meu crescimento espiritual, como escrever no meu diário, ou tomar uma chuveirada, ou telefonar para minha irmã lá na Pensilvânia e perguntar como vão as crianças.

Richard do Texas sempre me pega no flagra quando falto ao Gurugita. "Notei que você não estava no Gita hoje de manhã", diz ele, e eu respondo: "Estou me comunicando com Deus de outras formas", e ele diz: "Dormindo até mais tarde, você quer dizer?"

Mas, quando tento comparecer ao cântico, tudo que ele consegue é me deixar agitada. Fisicamente, quero dizer. Não tenho a sensação de estar cantando, e sim de estar sendo arrastada por ele. Ele me faz transpirar. Isso é muito estranho, porque tenho tendência a ser uma daquelas pessoas que está sempre com frio, e aqui nesta região da Índia faz frio em janeiro antes do amanhecer. Todas as outras pessoas ficam sentadas entoando o cântico enroladas em mantas de lã e usando chapéus para se manterem aquecidas, enquanto eu, à medida que o hino prossegue devagar, vou tirando uma camada de roupa atrás da outra, espumando como um cavalo de fazenda que trabalhou demais. Saio do templo depois do Gurugita, e o suor se ergue da minha pele ao ar frio da manhã como uma bruma - uma bruma horrível, verde, malcheirosa A reação física é moderada, se comparada às ondas quentes de emoção que me percorrem quando tento cantar o negócio. E não consigo sequer cantar. Só consigo grasnar. Ressentidamente.

Eu já disse que o hino tem 182 versos?

Assim, algumas semanas atrás, depois de uma sessão particularmente penosa do cântico, decidi buscar conselho com meu professor preferido por aqui - um monge com um nome em sânscrito maravilhosamente comprido que pode ser traduzido como "Ele que Mora no Coração do Senhor que Mora Dentro de Seu Próprio Coração". Esse monge é norte-americano, tem sessenta e poucos anos, é inteligente e educado. Ele era professor de teatro clássico na Universidade de Nova York, e sua postura ainda conserva uma dignidade um tanto venerável. Ele fez seus votos monásticos quase trinta anos atrás. Gosto dele porque vai direto ao assunto e é engraçado. Em um momento sombrio de confusão em relação a David, certa vez confidenciei minha tristeza a esse monge. Ele escutou respeitosamente, ofereceu o conselho mais compassivo que foi capaz de encontrar e em seguida falou:

- E agora vou beijar minhas vestes. — Ergueu um cantinho de suas vestes cor de açafrão e deu um beijo estalado. Pensando que aquilo provavelmente era algum costume religioso ultramisterioso, perguntei o que ele estava fazendo. Ele falou:

- A mesma coisa que sempre faço toda vez em que alguém vem me pedir conselhos sobre

relacionamentos. Só estou agradecendo a Deus por ser monge e não precisar mais me preocupar com essas coisas.
Então eu sabia que podia confiar nele para me deixar falar abertamente sobre meus problemas com o Gurugita. Fomos dar um passeio juntos no jardim certa noite depois do jantar, e eu lhe disse o quanto implicava com o cântico e perguntei-lhe se ele poderia, por favor, me dispensar de ter que cantá-lo. Ele começou a rir no mesmo instante:
- Você não precisa cantar se não quiser. Ninguém aqui nunca vai obrigar você a fazer nada que não queira fazer.
- Mas as pessoas dizem que ele é uma prática espiritual importante.
- E é. Mas não vou te dizer que você vai para o inferno se não cantar. A única coisa que vou te dizer é que a sua Guru foi muito clara em relação a isso: o Gurugita é o único texto essencial deste ioga, e talvez seja a prática mais importante que você pode fazer, junto à meditação. Se você está passando uma temporada no *ashram*, ela espera que você acorde para o cântico todo dia de manhã.
- Não é que eu me importe de acordar cedo de manhã...
- O que é então?
Expliquei ao monge por que eu passara a detestar o Gurugita e como ele me parecia tortuoso.
- Nossa, olhe só para você - disse ele. - Só de falar nele você já está se contorcendo toda.
Era verdade. Eu podia sentir um suor frio, pegajoso se acumular em minhas axilas.
- Não posso usar esse tempo para outras práticas? - perguntei. - Às vezes percebo que, quando vou para a caverna de meditação durante o Gurugita, consigo uma vibração boa para meditar.
- Ah... Swamiji teria gritado com você por causa disso. Teria chamado você de ladra de cântico por se aproveitar da energia do trabalho duro de todos os outros. Olhe, o Gurugita não é para ser uma canção divertida de se cantar. Ele tem uma função diferente. É um texto com poderes incalculáveis. É uma prática poderosa e purificadora. Ele queima todo o seu lixo, todas as suas emoções negativas. E eu acho que ele provavelmente está tendo um efeito benéfico sobre você, se você está sentindo emoções e reações físicas tão fortes enquanto canta. Esse tipo de coisa pode ser doloroso, mas é muito benéfico.
- Como faço para continuar motivada e seguir cantando?
- Qual a alternativa? Desistir sempre que alguma coisa fica difícil? Passar a vida inteira zoando, infeliz e incompleta?
- Você acabou mesmo de dizer "zoando"?
- Acabei, sim.
- O que devo fazer?
- Você precisa decidir sozinha. Mas o meu conselho, já que você perguntou, e que insista em cantar o Gurugita enquanto estiver aqui, *especialmente* por estar tendo uma reação tão extremada a ele. Se alguma coisa está te afetando tanto assim, pode ter certeza de que está funcionando para você. É isso que o Gurugita faz. Ele queima o ego, transforma você em cinza pura. É para ser difícil mesmo, Liz. Ele tem um poder além do que pode ser racionalmente compreendido. Você só vai ficar no *ashram* mais uma semana, não é? E depois está livre para viajar e se divertir. Então só cante o Gurugita mais sete vezes, e depois nunca mais precisa cantar. Lembre-se do que diz nossa Guru: seja a cientista da sua própria experiência espiritual. Você não está aqui como turista nem como jornalista; está aqui para buscar. Então explore.

- Então não vai me liberar?
- Você pode liberar a si mesma na hora em que quiser, Liz. Esse é o contrato divino de uma coisinha que a gente chama de *livre-arbítrio*.

53

Assim, compareci ao cântico na manhã seguinte, toda decidida, e o Gurugita me chutou por uma escadaria de vinte lances de degraus de cimento - ou, pelo menos, foi essa a sensação que tive. O dia seguinte foi ainda pior. Acordei em fúria e antes mesmo de chegar ao templo já estava suando, fervendo, *fumegando*. Não parava de pensar: "É só uma hora e meia... você pode fazer qualquer coisa por uma hora e meia. Pelo amor de Deus, você tem amigas que ficaram em *trabalho de parto* durante 14 horas..." Mesmo assim, eu não poderia ter me sentido menos à vontade naquela cadeira se houvesse sido grampeada ao assento. Não parava de sentir bolas de fogo de um calor digno da *menopausa* pulsando sobre mim e pensei que pudesse desmaiar ou morder alguém em minha fúria.
Minha raiva era gigante. Abarcava todas as pessoas deste mundo, mas era mais especificamente dirigida a Swamiji - o mestre da Guru, que fora o primeiro a instituir aquele cântico ritual do Gurugita. Esse não era meu primeiro encontro difícil com o falecido iogue. Fora ele quem aparecera no meu sonho da praia, exigindo saber como eu iria deter a maré, e eu sempre tinha a sensação de que ele estava por perto, pressionando-me.
Durante a vida inteira, Swamiji havia sido incansável, um revoltado espiritual. Como São Francisco de Assis, Swamiji nascera em uma família rica e fora criado para herdar os negócios da família. Porém, quando era apenas um menino, conheceu um homem santo em um pequeno vilarejo próximo ao seu e foi profundamente afetado por essa experiência. Ainda adolescente, Swamiji saiu de casa usando apenas um tapa-sexo e passou anos em peregrinação a todos os locais sagrados da Índia, em busca de um verdadeiro mestre espiritual. Dizem que ele conheceu mais de sessenta santos e Gurus, sem nunca encontrar o mestre que queria Passou fome, andou descalço, dormiu ao relento durante tempestades de neve no Himalaia, contraiu malária e disenteria - e chamou esses anos de os melhores de sua vida, simplesmente à procura de alguém que lhe mostrasse Deus. Durante esses anos, Swamiji se tornou um *hatha* iogue, especialista em medicina e culinária ayurvédica, arquiteto, jardineiro, músico e espadachim (adoro essa parte). Ao atingir a meia-idade, ainda não havia encontrado um Guru, até certo dia conhecer um sábio nu e louco que lhe disse para voltar para casa, para o vilarejo onde havia conhecido o sábio quando criança e estudar com aquele grande santo.
Swamiji obedeceu, voltou para casa e tornou-se o mais dedicado dos discípulos do homem santo, alcançando, por fim, a iluminação, graças à orientação de seu mestre. Swamiji acabou se transformando ele próprio em Guru. Com o tempo, seu *ashram* na Índia passou de três cômodos em uma fazenda modesta ao luxuoso jardim que é hoje. Então ele teve a inspiração de sair viajando e incitar uma revolução mundial pela meditação. Chegou aos Estados Unidos em 1970 e pirou a cabeça de todo mundo. Concedia iniciação divina - *shaktipat* - a centenas, milhares de pessoas por dia. Possuía um poder imediato, transformador. O reverendo Eugene Callender (respeitado líder de direitos civis, colega de Martin Luther King Jr. e ainda hoje pastor de uma igreja batista

no Harlem) se lembra de conhecer Swamiji durante os anos 1970 e cair de joelhos diante do homem santo, chocado, pensando consigo: "Não tem mais tempo para besteira, o negócio é *este aqui*... Este homem sabe tudo que há para saber sobre você."

Swamiji exigia entusiasmo, compromisso, autocontrole. Estava sempre repreendendo as pessoas por serem *jad*, palavra em híndi que significa "inerte". Trouxe antigos conceitos de disciplina para as vidas de seus muitas vezes rebeldes seguidores ocidentais, instando-os a parar de desperdiçar seu próprio tempo e energia (e os de todos os outros) com toda aquela baboseira hippie. Em um minuto, ele batia em você com a bengala e, no minuto seguinte, lhe dava um abraço. Era complicado, muitas vezes controverso, mas realmente possuía o poder de mudar o mundo. O motivo pelo qual hoje, no Ocidente, temos acesso a muitas antigas escrituras iogues é porque Swamiji organizou a tradução e a revitalização de textos filosóficos esquecidos havia muito tempo até mesmo na maior parte da Índia.

Minha Guru foi a aluna mais dedicada de Swamiji. Ela literalmente nasceu para ser sua discípula: seus pais indianos foram um de seus primeiros seguidores. Quando ela era apenas uma criança, muitas vezes passava 18 horas por dia entoando cânticos, incansável em sua devoção. Swamiji identificou seu potencial e adotou-a como sua tradutora, quando ela ainda era adolescente. Ela viajou o mundo inteiro com ele, prestando tanta atenção em seu Guru, conforme afirmou depois, que podia até senti-lo falando com ela com os joelhos. Ela se tornou sua sucessora em 1982, ainda com vinte e poucos anos.

Todos os verdadeiros Gurus são parecidos no fato de existirem em um estado constante de auto-realização, mas suas características externas são diferentes. As aparentes diferenças entre a minha Guru e seu mestre são imensas - ela é uma mulher feminina, poliglota, com formação universitária, uma profissional sagaz; ele é por vezes um caprichoso, por vezes um régio leão aguerrido do sul da Índia. Para uma boa moça da Nova Inglaterra como eu, é fácil seguir um mestre vivo, alguém reconfortante em seu decoro - exatamente o tipo de Guru que se poderia levar para casa para conhecer mamãe e papai. Mas Swamiji... ele era totalmente imprevisível. E, desde a primeira vez em que entrei no caminho de seu ioga e vi fotografias suas, e ouvi histórias a seu respeito, pensei: "Vou ficar bem longe desse sujeito. Ele é grande demais. Ele me deixa nervosa."

Mas agora que estou aqui na índia, aqui no *ashram* que era a casa dele, estou descobrindo que tudo que quero é Swamiji. Tudo que sinto é Swamiji. A única pessoa com quem converso durante minhas preces e minha meditação é Swamiji. E a rede Swamiji de televisão, 24 horas no ar. Aqui estou dentro da fornalha de Swamiji, e posso senti-lo operando dentro de mim. Mesmo ele estando morto, há algo de muito terreno e presente nele. Ele é o mestre de que preciso quando estou realmente em dificuldades, porque posso amaldiçoá-lo e mostrar-lhe todos os meus fracassos e falhas, e tudo que ele faz é rir. Rir e me amar. O seu riso me deixa com mais raiva, e a raiva me motiva a agir. E nunca o sinto mais próximo de mim do que quando estou lutando com o Gurugita, com seus incompreensíveis versos em sânscrito. Na minha mente, discuto com Swamiji o tempo inteiro, fazendo todo tipo de afirmação pesada como: "É melhor você estar fazendo alguma coisa por mim, porque estou fazendo isto por você! É melhor eu ver algum *resultado* aqui! É melhor que isso seja purificador!" Ontem me exaltei tanto ao baixar os olhos para meu livro de cânticos e perceber que ainda estávamos no Verso 25 e eu já estava queimando de tanto desconforto, já suada (e não suada como uma pessoa normal fica suada, mas como um queijo fica suado), que cheguei a exclamar bem alto:

- Vocês devem estar de *brincadeira* - e algumas mulheres se viraram e olharam para mim alarmadas, esperando, sem dúvida, ver minha cabeça começar a girar em torno do meu pescoço como um demônio.
De vez em quando, eu me lembro que já morei em Roma e costumava passar minhas manhãs descontraídas comendo doces, tomando *cappuccino* e lendo jornal.
Isso era mesmo agradável.
Mas parece muito distante agora.

54

Hoje de manhã, dormi demais. Quero dizer - preguiçosa que sou, fiquei remanchando na cama até o avançado horário de 4hl5 da manhã. Só acordei minutos antes de o Gurugita começar, motivei-me relutantemente para sair da cama, joguei um pouco de água no rosto, me vesti, e - sentindo-me enrijecida, dolorida, ressentida - fui abrir a porta do quarto em meio ao breu de antes do amanhecer... e descobri que minha companheira de quarto havia saído antes de mim e me trancado lá dentro.
Era algo muito difícil para ela ter feito. O quarto não é tão grande assim, e é difícil não perceber que a sua companheira ainda está dormindo na cama ao lado. E ela é uma mulher muito responsável, prática - uma australiana mãe de cinco filhos. Isso não é o estilo dela. Mas aconteceu. Ela literalmente me trancou no quarto.
Meu primeiro pensamento foi: *Se algum dia houve uma boa desculpa para faltar ao Gurugita, é esta*. Mas qual foi meu segundo pensamento? Bom — não foi nem um pensamento. Foi uma ação.
Pulei pela janela.
Para ser mais exata, rastejei para fora do quarto por cima da grade, agarrando-a com as mãos suadas, e fiquei pendurada ali por um instante, a uma altura de dois andares, no escuro, e só então fiz a mim mesma a razoável pergunta: "Por que você está pulando deste edifício?" Minha resposta chegou com uma determinação violenta, impessoal: *Tenho de ir ao Gurugita*. Então soltei a grade e caí de costas pelo ar escuro de uma altura de talvez 4 ou 5 metros, até a calçada de concreto lá embaixo, batendo no meio do caminho em alguma coisa que arrancou um comprido pedaço de pele da minha canela, mas não me importei. Levantei-me e corri descalça até o templo, com as batidas do coração pulsando nos meus ouvidos, encontrei um lugar para sentar, abri meu livro de preces bem na hora em que o cântico começava e - com a perna sangrando o tempo todo - comecei a cantar o Gurugita.
Foi somente depois de alguns versos que respirei fundo e consegui ter meu pensamento normal e instintivo de todas as manhãs: *Eu não quero estar aqui.* E, em seguida, ouvi Swamiji soltar uma gargalhada dentro da minha cabeça, dizendo: *Que engraçado - você está agindo como alguém que quer estar aqui.*
E eu lhe respondi: *Tudo bem então, você venceu.*
Fiquei ali sentada, cantando e sangrando, pensando que talvez fosse hora de mudar meu relacionamento com aquela prática espiritual específica. O objetivo do Gurugita é ser um hino de amor puro, mas alguma coisa estava me impedindo de oferecer esse amor com sinceridade. Então, conforme cantava cada verso, eu ia percebendo que precisava encontrar alguma coisa - ou alguém - a quem pudesse dedicar aquele hino, de modo a encontrar um lugar de puro amor dentro de mim. Quando cheguei ao Verso 20, descobri

quem era: *Nick.*
Nick, meu sobrinho, é um menino de 8 anos, magrelo para sua idade, assustadoramente inteligente, terrivelmente esperto, sensível e complexo. Minutos depois de nascer, entre todos os recém-nascidos que se esgoelavam no berçário, ele era o único que não chorava, mas olhava em volta com olhos adultos, experientes e preocupados, com uma cara de quem já havia feito aquilo tantas vezes antes que não tinha certeza de estar muito animado por ter que fazer tudo de novo. Nick é uma criança para quem a vida nunca é simples, uma criança que escuta, vê e sente tudo com intensidade, uma criança que às vezes pode ser dominada pela emoção tão depressa que deixa todos nós assustados. Amo esse menino profundamente e quero protegê-lo. Fazendo as contas da diferença de fuso horário entre a Índia e a Pensilvânia, percebi que estava quase na hora de ele ir para a cama. Então cantei o Gurugita para meu sobrinho Nick, para ajudá-lo a dormir. Ele às vezes tem dificuldade para dormir, porque não consegue aquietar a mente. Então dediquei cada palavra daquele hino de devoção a Nick. Enchi a canção com todas as coisas que gostaria de lhe ensinar sobre a vida. Tentei reconfortá-lo com cada estrofe, dizendo que o mundo às vezes é difícil e injusto, mas que está tudo bem, porque ele é muito amado. Está cercado por almas que fariam qualquer coisa para ajudá-lo. E não apenas isso - ele tem uma sabedoria e uma paciência próprias, escondidas bem lá no fundo do seu ser, que só se revelarão com o tempo, e que sempre o ajudarão a atravessar os momentos difíceis. Ele é uma dádiva de Deus para todos nós. Eu disse isso a ele por meio da antiga escritura em sânscrito, e logo percebi que estava chorando lágrimas frias. Porém, antes que eu conseguisse enxugar as lágrimas, o Gurugita terminou. A hora e meia havia passado. Eu tinha a sensação de que só haviam passado dez minutos. Percebi o que acontecera - Nicky *me* ajudara a entoar o cântico. A pequena alma que eu queria ajudar na verdade havia me ajudado.
Andei até a parte da frente do templo e fiz uma reverência, levando rosto até o chão em gratidão a Deus, ao poder revolucionário do amor, a mim mesma, à minha Guru e ao meu sobrinho - compreendendo por um breve instante, em um nível molecular (não em um nível intelectual), que não havia nenhuma diferença entre qualquer uma daquelas palavras ou qualquer uma daquelas idéias ou qualquer uma daquelas pessoas. Então entrei na caverna de meditação, onde pulei o café-da-manhã e passei quase duas horas sentada, vibrando de silêncio.
Nem é preciso dizer que nunca mais faltei ao Gurugita, e ele se tornou a mais sagrada das minhas práticas no *ashram*. É claro que Richard do Texas fez de tudo para zombar de mim por eu ter pulado do alojamento, e fazia questão de me dizer toda noite, antes do jantar: "Te vejo no Gita amanhã de manhã, Sacolão. E, ah... tente usar a escada desta vez, tá?" E, é claro, liguei para minha irmã na semana seguinte, e ela disse que - por motivos que ninguém conseguia entender - Nick de repente não estava mais tendo dificuldade para dormir. E, naturalmente, eu estava na biblioteca alguns dias depois, lendo um livro sobre o santo indiano Sri Ramakrishna, quando me deparei com uma história sobre uma discípula que certo dia foi encontrar o grande mestre e reconheceu que temia não ser uma devota boa o suficiente, temia não amar Deus o bastante. E o santo disse: "Não existe nada que você ame?" A mulher admitiu que amava seu pequeno sobrinho mais do que qualquer outra coisa na vida. O santo disse: "Então, pronto. Ele é o seu Krishna, o seu bem-amado. Quando você serve ao seu sobrinho, está servindo a Deus."
Mas nada disso tem importância. A coisa realmente incrível aconteceu no mesmo dia em

que pulei do prédio. Nessa tarde, esbarrei em Delia, minha companheira de quarto. Disse-lhe que ela havia me trancado lá dentro. Ela ficou boquiaberta.
- Não consigo imaginar por que eu teria feito isso! - disse ela. - Especialmente porque passei a manhã inteira pensando em você. Tive um sonho muito real com você na noite passada. Não consegui parar de pensar nele o dia inteiro.
- Conte — pedi.
- Sonhei que você estava pegando fogo - disse Delia -, e que a sua cama estava pegando fogo também. Eu pulava para tentar ajudar você mas, quando chegava lá, você já tinha virado só um monte de cinza branca.

55

Foi nesse momento que decidi que eu precisava ficar ali, no *ashram*. Isso estava longe de ser o meu plano original. Meu plano original era ficar ali por apenas seis semanas, ter uma experienciazinha transcendental e depois continuar a viajar por toda a Índia... hum... procurando por Deus. Eu tinha mapas guias, botas de caminhada, tudo! Planejara conhecer templos, mesquitas e homens santos específicos. Quero dizer - isto é a Índia! Há tanto para ver e vivenciar aqui. Tenho muito chão para percorrer, templos para explorar, elefantes e camelos para montar. E ficaria arrasada se não visse o Ganges, o grande deserto do Rajastão, as salas de cinema malucas de Mumbai, as montanhas do Himalaia, as velhas plantações de chá, os riquixás de Calcutá apostando corrida uns com os outros como na cena das carruagens de *Ben-Hur*. E eu estava até planejando encontrar o Dalai Lama em março, em Daramsala. Tinha esperanças de que *ele* pudesse me ensinar algo sobre Deus.
Mas ficar ali, imobilizar-me em um pequeno *ashram* em um diminuto vilarejo no meio do nada - não, esse não era o meu plano.
Por outro lado, os mestres zen sempre dizem que é impossível ver o próprio reflexo em águas movimentadas, que isso só é possível em águas paradas. Então, algo estava me dizendo que seria espiritualmente negligente sair correndo agora, quando tanta coisa estava acontecendo naquele lugar pequeno, resguardado, onde cada minuto do dia é organizado para facilitar a auto-exploração e a prática da devoção. Será que, a essa altura, eu realmente precisava pegar um monte de trens, contrair parasitas intestinais e arrumar uns amigos mochileiros? Não poderia fazer isso mais tarde? Não poderia encontrar o Dalai Lama em algum outro momento? O Dalai Lama não estaria sempre ali? (E, se ele morresse, que os céus não permitam, eles simplesmente não encontrariam outro?) Já não tenho um passaporte que mais parece uma artista de circo toda tatuada? Será que viajar mais vai de fato me deixar mais perto de um contato revelador com a divindade?
Eu não sabia o que fazer. Passei um dia sem conseguir tomar uma decisão. Como de hábito, Richard do Texas resolveu a questão.
- Fique aqui, Sacolão - disse ele. - Esqueça isso de viajar... você tem o resto da vida inteira para fazer isso. Você está em uma viagem espiritual, meu bem. Não escolha o caminho mais fácil e pare na metade do seu potencial.
Aqui você está recebendo um convite pessoal de Deus... vai mesmo deixar isso passar?
- Mas e todas as coisas lindas que tem para ver na Índia? - perguntei. - Não é uma pena viajar metade do mundo para só passar o tempo inteiro em um pequeno *ashram*?
- Sacolão, meu bem, escute o seu amigo Richard. Vá sentar essa sua bundinha branca

naquela caverna de meditação durante os próximos três meses e eu te prometo uma coisa: você vai começar a ver uns troços tão lindos, mas tão lindos, que eles vão te dar vontade de apedrejar o Taj Mahal.

56

Eis o que me peguei pensando durante a meditação hoje de manhã. Eu estava me perguntando onde deveria morar depois que terminasse esse ano de viagem. Não quero me mudar de volta para Nova York só por reflexo. Talvez escolha uma nova cidade. Dizem que Austin é legal. E Chicago tem toda aquela bela arquitetura. Mas os invernos são horríveis. Ou talvez eu vá morar no exterior. Ouvi falarem bem de Sydney... Se eu morasse em algum lugar mais barato do que Nova York, talvez pudesse ter um quarto a mais, e poderia ter uma sala especial para meditar! Isso seria legal. Poderia pintá-la de dourado. Ou talvez de um azul vivo. Não, dourado. Não, azul...

Quando finalmente percebi esse meu raciocínio, fiquei pasma. Pensei: *Aqui está você, na índia, em um ashram em um dos lugares de peregrinação mais sagrados da Terra. E, em vez de comungar do divino, está tentando planejar onde vai estar meditando daqui a um ano, em uma casa que ainda não existe, em uma cidade que ainda não foi escolhida. Que tal, sua idiota compulsiva — que tal se você tentasse meditar aqui, agora, bem aqui onde você de fato está?*

Voltei minha atenção novamente para a repetição silenciosa do mantra.

Alguns instantes depois, parei para retirar aquele comentário mesquinho chamando a mim mesma de idiota compulsiva. Decidi que talvez isso não fosse muito carinhoso.

Mas, pensei no instante seguinte, *uma sala de meditação dourada seria legal*.

Assim, naquela noite, tentei algo novo. Havia conhecido recentemente uma mulher no *ashram* que vinha estudando meditação Vipassana. A Vipassana é uma técnica de meditação budista ultra-ortodoxa, simples e muito intensiva. Basicamente, consiste apenas em *ficar sentado*. Um curso de introdução à Vipassana dura dez dias, e durante esse tempo você passa dez horas por dia sentado em períodos de silêncio que duram de duas a três horas por dia. É a versão esportes radicais da transcendência. Seu instrutor de Vipassana sequer lhe dá um mantra; isso é considerado uma espécie de tapeação. A meditação Vipassana é a prática da observação pura, é testemunhar o funcionamento da própria mente e oferecer sua total contemplação a seus padrões de pensamento, mas sem deixar que nada tire você do lugar onde está sentado.

Essa meditação é também fisicamente exaustiva. Não é permitido mover o corpo de forma alguma depois de se sentar, por maior que seja o desconforto. Você simplesmente fica sentado ali dizendo a si mesmo: "Não há nenhum motivo pelo qual eu precise me mexer durante as próximas duas horas." Se você estiver sentindo algum desconforto, então deve meditar sobre esse desconforto, observando o efeito que a dor física exerce sobre você. Nas nossas vidas reais, estamos constantemente pulando de um lugar para outro para nos ajustar ao desconforto — físico, emocional e psicológico - de modo a evitar a realidade da dor e do incômodo. A meditação Vipassana ensina que a dor e o incômodo são inevitáveis nesta vida mas, se você conseguir enraizar-se na imobilidade por tempo suficiente, com o tempo irá vivenciar a verdade de que tudo (tanto o que é desconfortável quanto o que é delicioso) um dia irá passar.

"O mundo é afligido pela morte e pela decadência, portanto os sábios não lamentam, pois

sabem como o mundo funciona", diz um velho ensinamento budista. Em outras palavras: vá se acostumando.
Não acho que a Vipassana seja necessariamente o meu caminho. Ela é austera demais para minhas definições de prática de devoção, que geralmente giram em torno da compaixão, do amor, das borboletas, da alegria e de um Deus amigo (o que minha amiga Darcey chama de "Teologia Festiva Adolescente"). Na Vipassana sequer se faz menção a "Deus", já que a noção de Deus é considerada, por alguns budistas, o derradeiro objeto da dependência, o último cobertor de segurança, a última coisa a ser abandonada no caminho rumo ao puro desapego. O fato é que tenho alguns problemas pessoais com a própria palavra *desapego*, uma vez que conheci líderes espirituais que já parecem estar vivendo em um estado de desconexão emocional completa em relação aos outros seres humanos e que, quando falam na busca sagrada do desapego, me dão vontade de sacudi-los e berrar: "Meu amigo, esta é a *última* coisa que você precisa praticar!"
Mesmo assim, posso entender de que forma cultivar um pouco de desapego inteligente em sua vida pode ser um valioso instrumento de paz. E, depois de ler sobre meditação Vipassana na biblioteca certa tarde, comecei a pensar em quanto tempo da minha vida eu gasto me debatendo de um lado para o outro como um peixão procurando ar, ou desvencilhando-me de alguma preocupação desconfortável, ou então saltitando alegremente em direção de mais prazer ainda. E me perguntei se poderia ser útil para mim (e para aqueles que carregam o fardo de me amar) se eu conseguisse aprender a ficar parada e suportar um pouco mais, sem me deixar sempre arrastar pela estrada esburacada das circunstâncias.
Todas essas perguntas tornaram a surgir em minha mente esta tarde, quando descobri um banco tranqüilo em um dos jardins do *ashram* e decidi ficar sentada meditando durante uma hora - ao estilo Vipassana. Nenhum movimento, nenhuma agitação, nem sequer um mantra - apenas a pura contemplação. Vamos ver o que pinta. Infelizmente, eu havia me esquecido do que "pinta" na Índia ao entardecer: mosquitos. Assim que me sentei naquele banco em meio ao lindo crepúsculo, pude ouvir os mosquitos voando em minha direção, roçando em meu rosto e aterrissando - em um ataque coletivo - na minha cabeça, tornozelos, braços. E, em seguida, senti suas picadas pequenas e vorazes. Não gostei daquilo. Pensei: "Esta é uma hora ruim do dia para praticar meditação Vipassana."
Por outro lado — *quando* seria uma boa hora do dia, ou da vida, para ficar sentada em alheia imobilidade? Quando é que *não* existe nada zumbindo em volta, tentando distrair você e provocar alguma reação? Então tomei uma decisão (inspirada, mais uma vez, pela instrução da minha Guru, segundo quem devemos nos tornar os cientistas da nossa experiência interior). Propus uma experiência a mim mesma - *e se eu agüentasse isto, para variar?* Em vez de tapas e beliscões, e se eu agüentasse o desconforto sentada durante apenas uma hora de minha longa vida?
Então foi o que fiz. Imóvel, observei meu próprio corpo ser devorado pelos mosquitos. Para ser sincera, parte de mim se perguntava o que exatamente aquela experiência machista deveria provar, mas outra parte de mim sabia muito bem - era uma tentativa amadora de autocontrole. Se eu conseguisse agüentar sentada aquele desconforto não-letal, então que outros desconfortos poderia um dia vir a agüentar sentada? E quanto aos desconfortos emocionais, que considero ainda mais difíceis de suportar? E o que dizer de ciúme, raiva, medo, decepção, solidão, vergonha, tédio?
A coceira no início foi enlouquecedora, mas depois de algum tempo tudo se tornou

difuso, uma sensação genérica de ardência, e cavalguei esse calor rumo a uma tênue euforia. Permiti que a dor perdesse suas associações específicas e se tornasse puramente sensorial - nem boa nem ruim, apenas intensa -, e essa intensidade me retirou de mim mesma rumo à meditação. Passei duas horas sentada ali. Um passarinho poderia muito bem ter pousado na minha cabeça; eu nem teria percebido.
Deixem-me esclarecer bem uma coisa. Reconheço que esta experiência não foi o mais estóico ato de bravura da história da humanidade e não estou pedindo que me dêem nenhuma medalha. Mas houve algo de levemente emocionante para mim ao perceber que, durante meus 34 anos na Terra, nunca deixei de dar um tapa em um mosquito que estivesse me picando. Fiz isso automaticamente, assim como reagi a milhões de outros sinais ao longo da vida, grandes e pequenos, de dor ou prazer. Sempre que alguma coisa acontece, eu reajo. Mas ali estava eu - ignorando o reflexo. Eu estava fazendo uma coisa que nunca tinha feito antes. Uma coisa pequena, tudo bem, mas quando foi que eu pude dizer isso? E o que serei capaz de fazer amanhã que ainda não sou capaz de fazer hoje?
Quando tudo terminou, levantei-me, andei até meu quarto e avaliei o estrago. Contei cerca de vinte picadas de mosquitos. Meia hora depois, porém, todas as picadas haviam diminuído de tamanho. Tudo passa. Depois de algum tempo, tudo acaba passando.

57

A busca por Deus é uma reversão da ordem mundial normal, mundana. Na busca por Deus, você se afasta do que atrai e nada em direção àquilo que é difícil. Abandona seus hábitos reconfortantes e conhecidos com a esperança (a mera esperança!) de que alguma coisa melhor lhe vai ser oferecida em troca daquilo de que você abriu mão. Toda religião do mundo opera sobre o mesmo conceito do que significa ser um bom discípulo - acordar cedo e rezar a Deus, aprimorar suas virtudes, ser um bom vizinho, respeitar a si mesmo e os outros, dominar seus anseios. Todos concordamos que seria mais fácil dormir até tarde, e muitos de nós fazem isso mas, durante milênios, houve outros que decidiram se levantar antes do sol, lavar o rosto e fazer suas orações. E, em seguida, tentar bravamente se manter fiel a suas convicções devocionais durante a loucura de mais um dia.
Os devotos deste mundo executam seus rituais sem garantia de que algo de bom irá deles. É claro que existem várias escrituras e vários sacerdotes que fazem várias promessas sobre o que suas boas obras irão produzir (ou ameaças em relação às punições que o aguardam, caso você caia em tentação), mas o simples ato de acreditar é um ato de fé, porque nenhum de nós conhece o desfecho. Devoção é diligência sem segurança. A fé é uma forma de dizer: "Sim, aceito previamente a maneira como o universo funciona, e acredito previamente naquilo que hoje sou incapaz de entender." Há um motivo pelo qual usamos a expressão "salto de fé" - porque a decisão de aceitar qualquer idéia de divindade é um salto tremendo do racional em direção ao desconhecido, e pouco me importa com quanto afinco os estudiosos de qualquer religião tentem fazer você se sentar junto a suas pilhas de livros e lhe provar, pela escritura, que sua fé na verdade é racional; não é. Se a fé fosse racional, não seria - por definição - fé. A fé é a crença naquilo que não se pode ver, provar ou tocar. Fé é mergulhar de cabeça e em velocidade total rumo à escuridão. Se de fato conhecêssemos previamente as respostas sobre o sentido da vida, a natureza de Deus e o destino de nossas almas, nossa crença não seria um salto de fé e não seria um corajoso ato de humanidade; seria apenas... uma prudente apólice de seguros.

Não estou interessada na indústria dos seguros. Estou cansada de ser cética, a prudência espiritual me irrita e fico entediada e exaurida com o debate empírico. Não quero mais ouvir isso. Estou pouco me lixando para provas, demonstrações e seguranças. Tudo que eu quero é Deus. Quero Deus dentro de mim. Quero Deus brincando na minha corrente sangüínea da mesma forma que a luz se diverte sobre a água.

58

Minhas preces estão se tornando mais deliberadas e mais específicas. Ocorreu-me que não adianta muito enviar preces preguiçosas para o universo. Toda manhã, antes da meditação, eu me ajoelho no templo e converso com Deus durante alguns minutos. Durante o início da minha estada aqui no *ashram*, descobri que, durante essas conversas divinas, eu muitas vezes estava meio distraída. Cansadas, confusas e entediadas, minhas preces soavam iguais. Lembro-me de me ajoelhar certa manhã, de encostar a testa no chão e de murmurar para meu criador:

- Ah, eu não sei do que preciso... mas você deve ter algumas idéias... então cuide disso, tá?

Do mesmo jeito que tantas vezes falei com a minha cabeleireira.

E, desculpe-me, mas isso é meio fraco. É possível imaginar Deus considerando essa prece com a sobrancelha arqueada, e devolvendo o seguinte recado: "procure-me de novo quando resolver levar isto a sério."

É *claro* que Deus sabe do que eu preciso. A pergunta é - será que *eu* sei? Atirar-se aos pés de Deus em desespero impotente é uma atitude de grande valor - o céu é testemunha de que eu mesma fiz isso inúmeras vezes - mas, no final das contas, é provável que você ganhe mais com a experiência se houver alguma ação da sua parte. Existe uma piada italiana maravilhosa sobre um homem pobre que vai à igreja todos os dias e reza diante da estátua de um grande santo, dizendo: "Querido santo, por favor, por favor, por favor... conceda-me a graça de ganhar na loteria." Esse lamento dura meses. Por fim, irritada, a estátua ganha vida, baixa os olhos para o suplicante e diz, com uma repulsa cansada: "Meu filho, por favor, por favor, por favor... *compre um bilhete*."

A prece é um relacionamento; metade do trabalho é meu. Se eu quiser transformação, mas sequer for capaz de articular qual exatamente é o meu objetivo, como ela poderá ocorrer? Metade do que se ganha com a prece está no próprio ato de pedir, de oferecer uma intenção claramente articulada e refletida. Se você não tiver isso, todas as suas súplicas e desejos não têm sustento, são desconjuntados, inertes; rodopiam a seus pés em uma bruma fria, mas nunca se erguem. Então, eu agora paro todas as manhãs para buscar dentro de mim mesma a especificidade daquilo que estou realmente pedindo. Ajoelho-me ali no templo com o rosto naquele mármore frio durante o tempo que for necessário para formular uma prece autêntica. Se não me sinto sincera, fico ali no chão até isso acontecer. O que funcionou ontem nem sempre funciona hoje. Caso você deixe sua atenção estagnar, as preces podem se tornar rançosas e transformarem-se em algo tedioso e conhecido. Ao me esforçar para me manter alerta, estou assumindo uma responsabilidade integral pela manutenção da minha própria alma.

Sinto que o destino também é um relacionamento - uma interação entre a graça divina e o esforço pessoal direcionado. Sobre metade dele você não tem o menor controle; a outra metade está completamente nas suas mãos, e as suas ações terão conseqüências

perceptíveis. O homem não é nem uma marionete dos deuses, nem tampouco é senhor do seu próprio destino; ele é um pouco de ambos. Galopamos pela vida como artistas de circo, equilibrados em dois cavalos que correm lado a lado a toda velocidade - com um pé sobre o cavalo chamado "destino", e o outro sobre o cavalo chamado "livre-arbítrio". E a pergunta que você precisa fazer todos os dias é: qual dos cavalos é qual? Com qual cavalo devo parar de me preocupar, porque ele não está sob meu controle, e qual deles preciso guiar com esforço concentrado?

Há tanta coisa no meu destino que não posso controlar, mas outras coisas estão, sim, sob a minha jurisdição. Existem determinados bilhetes de loteria que posso comprar, aumentando, assim, minhas chances de encontrar satisfação. Posso decidir como gasto meu tempo, com quem interajo, com quem compartilho meu corpo, minha vida, meu dinheiro e minha energia. Posso decidir o que como, o que leio e o que estudo. Posso escolher como vou encarar as circunstâncias desafortunadas da minha vida - se as verei como maldições ou como oportunidades (e, quando não tiver forças para adotar o ponto de vista mais otimista, porque estou sentindo pena demais de mim mesma, posso decidir continuar tentando mudar minha atitude). Posso escolher minhas palavras e o tom de voz com que falo com os outros. E, acima de tudo, posso escolher meus pensamentos.

Esse último conceito é uma idéia radicalmente nova para mim. Richard do Texas chamou minha atenção a seu respeito recentemente, quando eu estava reclamando da minha incapacidade de me livrar dos pensamentos obsessivos. Ele disse:

- Sacolão, você precisa aprender a escolher os seus pensamentos do mesmo jeito que escolhe as roupas que vai usar a cada dia. Isso é uma capacidade que você pode aprimorar. Se você quiser tanto assim controlar as coisas da sua vida, trabalhe com a mente. Ela é a única coisa que você deveria estar tentando controlar. Largue todo o resto, menos isso. Porque, se você não conseguir dominar seu pensamento, vai ter muitos problemas para sempre.

A primeira vista, isso parece uma tarefa quase impossível. Controlar seus *pensamentos*? Em vez de o contrário? Mas imaginem: e se fosse possível? Não se trata de repressão nem de negação. A repressão e a negação inventam jogos complicados para fingir que os pensamentos e sentimentos negativos não estão acontecendo. Mas Richard está falando de reconhecer a existência dos pensamentos negativos, entender de onde vieram e por que apareceram, e então - com grande capacidade de perdoar e com grande coragem - mandá-los embora. Essa é uma prática que se encaixa feito uma luva em qualquer trabalho psicológico que você possa fazer durante uma terapia. Você pode usar o consultório do analista para entender primeiro por que tem esses pensamentos destrutivos; e pode usar exercícios espirituais para superá-los. Deixá-los ir embora é um sacrifício, claro. É uma perda de antigos hábitos, de velhas implicâncias reconfortantes e de padrões conhecidos. Ê claro que tudo isso requer prática e esforço. Não é um ensinamento que você possa escutar uma vez e esperar dominar imediatamente. É uma vigilância constante, e eu quero isso. Preciso disso para ficar forte. *Devo farmi le ossa*, é o que dizem em italiano. "Preciso fazer meus ossos."

Assim, comecei a me forçar a prestar atenção em meus pensamentos o dia inteiro, e a monitorá-los. Repito essa decisão cerca de setecentas vezes por dia: "*Não vou mais abrigar pensamentos que não forem saudáveis*." Sempre que um pensamento desprezível surge, repito a decisão. Não vou mais abrigar pensamentos que não forem saudáveis. Na primeira vez em que me ouvi dizer isso, meu ouvido interior se espantou com a palavra

"abrigar" e com seu substantivo correspondente, "abrigo". Um abrigo, é claro, é um local de refugio, um porto seguro. Visualizei o porto seguro da minha mente - um pouco surrado, talvez, um pouco maltratado pelo tempo, mas bem situado e com boa profundidade. O porto seguro da minha mente é uma baía aberta, o único acesso à ilha do meu Eu (uma ilha jovem e vulcânica, sim, mas fértil e promissora). Essa ilha já passou por algumas guerras, é verdade, mas agora está comprometida com a paz, sob a batuta de um novo líder (eu) que instaurou novas políticas para proteger o lugar. E agora — que a boa-nova seja espalhada pelos sete mares - há nos autos leis muito, muito mais rígidas quanto a quem pode adentrar esse porto seguro.
Você não pode mais vir aqui com seus pensamentos duros e abusivos, com seus navios de pensamentos assolados pela peste, com seus navios negreiros de pensamentos, com seus navios de guerra de pensamentos — todos eles serão rechaçados. Da mesma forma, quaisquer pensamentos cheios de exilados zangados ou famintos, de descontentes e de panfleteiros, de amotinados e de assassinos violentos, de prostitutas desesperadas, de cafetões e de passageiros clandestinos - vocês também não podem mais vir aqui. Pensamentos canibais, por motivos óbvios, não serão mais recebidos. Até mesmo os missionários serão cuidadosamente revistados para avaliar sua sinceridade. Este é um porto pacífico, entrada para uma ilha bonita e orgulhosa que está apenas começando a cultivar a tranqüilidade. Se vocês respeitarem essas novas leis, meus caros pensamentos, então serão bem-vindos na minha mente - senão, eu os devolverei novamente ao mar de onde vieram.
Essa é a minha missão, e ela nunca vai terminar.

59

Fiquei bastante amiga de uma garota indiana de 17 anos chamada Tulsi. Ela trabalha comigo esfregando o chão do templo diariamente. Todas as tardes, passeamos juntas pelos jardins do *ashram* e conversamos sobre Deus e sobre hip-hop, dois assuntos aos quais Tulsi dedica igual devoção. Tulsi é provavelmente a rata de livros indiana mais fofa que você já viu na vida, mais fofa ainda desde que uma das lentes dos seus óculos quebrou na semana passada, formando um desenho de teia de aranha parecido com o de um desenho animado, o que não a impediu de usá-los. Tulsi é para mim muitas coisas interessantes e desconhecidas ao mesmo tempo - adolescente, moleca, indiana, a rebelde da família, uma menina tão louca por Deus que é quase como se nutrisse por Ele uma paixão de adolescente. Ela também fala um inglês delicioso, cadenciado - o tipo de inglês que você só encontra na Índia - que inclui expressões coloniais como "*splendid!*" (esplêndido) e "*nonsense!*" (bobagem) e, algumas vezes, produz frases eloqüentes do tipo: "É benéfico caminhar sobre a grama pela manhã quando o orvalho já se acumulou, pois isso diminui natural e agradavelmente a temperatura do corpo." Quando eu lhe disse certa vez que iria passar o dia em Mumbai, Tulsi falou:
- Por favor, fique em pé com cuidado, pois você vai ver que há muitos ônibus correndo por toda parte.
Ela tem exatamente metade da minha idade e praticamente metade da minha altura. Ultimamente, durante nossos passeios, Tulsi e eu temos conversado bastante sobre casamento. Ela logo irá completar 18 anos, e essa é a idade em que passará a ser vista como uma legítima noiva em potencial. Vai acontecer assim: depois de seu 18°

aniversário, ela deverá comparecer aos casamentos da família vestindo um sári, um sinal de sua maturidade. Alguma bondosa *amma* ("titia") virá sentar-se ao seu lado e começará a fazer perguntas e a conhecê-la melhor. "Quantos anos você tem? De onde é a sua família? O que o seu pai faz? A quais universidades você vai se candidatar? Quais são os seus interesses? Em que dia você faz aniversário?" Dali a pouquíssimo tempo, o pai de Tulsi receberá pelo correio um imenso envelope com uma foto do neto dessa mulher, que estuda ciência da computação em Délhi, junto com o mapa astral do garoto, suas notas na universidade e a inevitável pergunta: "Sua filha gosta-ria de se casar com ele?"
Segundo Tulsi: "É um porre."
Mas ver os filhos bem casados significa muito para a família Tulsi tem uma tia que acaba de raspar a cabeça em sinal de agradecimento porque sua filha mais velha - com a idade jurássica de 28 anos - finalmente se casou. E, além disso, ela era uma moça difícil de casar. Perguntei a Tulsi o que torna uma moça indiana difícil de casar, e ela disse que existem muitos motivos.
- Se ela tiver um mapa astral ruim. Se for velha demais. Se tiver a pele escura demais. Se for instruída demais, e você não conseguir encontrar um homem mais instruído do que ela, e isso é um problema freqüente hoje em dia, porque uma mulher não pode ser mais instruída do que o marido. Ou se ela teve um caso e a comunidade inteira sabe, ah, seria muito difícil arrumar um marido depois disso...
Repassei a lista rapidamente, tentando avaliar quais seriam as minhas chances de casamento na sociedade indiana. Não sei se o meu mapa astral é bom ou ruim, mas sem dúvida sou velha demais e certamente instruída demais, e já foi demonstrado publicamente que minha moral é bastante relapsa... Não sou um partido muito bom. Pelo menos minha pele é clara. É a única coisa que tenho a meu favor.
Tulsi precisou ir ao casamento de mais uma prima na semana passada e estava dizendo (ao contrário da maioria dos indianos) o quanto detesta casamentos. Todas aquelas danças e fofocas. Todas aquelas roupas. Ela preferiria estar no *ashram* esfregando o chão e meditando. Ninguém mais na sua família consegue entender isso; sua devoção a Deus vai além de qualquer coisa que eles considerem normal. Tulsi disse:
- Na minha família, eles já desistiram de mim e me classificaram como diferente demais. Criei a reputação de ser uma pessoa que, se alguém diz a ela para fazer alguma coisa, quase certamente fará o contrário. Também sou muito esquentada. E não sou dedicada aos estudos, só que agora vou começar a ser, porque vou para a universidade e posso decidir eu mesma pelo que vou querer me interessar. Quero estudar psicologia, igualzinho ao que a nossa Guru estudou na universidade. As pessoas me consideram uma garota difícil. Tenho a reputação de precisar ouvir um bom motivo para fazer alguma coisa antes de fazer. Minha mãe entende isso em mim e sempre tenta me dar boas razões, mas meu pai não entende. Ele me dá razoes, mas razões que eu não considero boas o suficiente. Às vezes me pergunto o que estou fazendo na minha família, porque não me pareço em nada com eles.
A prima de Tulsi que se casou na semana passada tem só 21 anos, e a mais velha de suas irmãs é a próxima na lista de casamento, aos 20 anos, o que significa que, depois disso, haverá uma forte pressão para Tulsi arranjar um marido. Perguntei se ela queria se casar um dia, e ela disse:
- Nããããããããããããããooooooooo...

... e a palavra durou mais do que o poente que admirávamos acima do jardins.
- Eu quero correr o mundo - disse ela. - Como você.
- Sabe, Tulsi, eu nem sempre pude viajar assim. Já fui casada.
Ela me olhou com o cenho franzido através dos óculos rachados, estudando-me com um ar intrigado, quase como se eu houvesse acabado de lhe dizer que um dia havia sido morena e ela estivesse tentando imaginar como teria sido. Ao final, ela falou:
- Você, casada? Não consigo imaginar isso.
- Mas é verdade... eu fui.
- Foi você quem terminou o casamento?
- Foi.
- Acho muito louvável que você tenha terminado o seu casamento - disse ela. - Você parece muito feliz agora. Mas eu... como vim parar aqui? Por que nasci indiana? É incompreensível! Por que nasci nesta família? Por que preciso ir a tantos casamentos?
E então Tulsi começou a correr em círculos, frustrada, gritando (um tanto alto para os padrões do *ashram*):
- Eu quero morar no Havaí!

60

Richard do Texas também já foi casado. Teve dois filhos, ambos hoje homens-feitos e próximos do pai. Algumas vezes, Richard menciona a ex-mulher em alguma anedota e sempre parece falar tela com carinho. Fico com um pouco de inveja sempre que ouço isso, imaginando a sorte que Richard tem de ainda ser amigo da ex-mulher, mesmo depois de se separar. Esse é um efeito colateral estranho do meu terrível divórcio; sempre que ouço falar em casais que se separam amigavelmente, fico com inveja. É pior do que isso - eu de fato passei a considerar romântico quando um casamento termina de forma civilizada. Tipo: "Ah... que fofo... eles devem ter sido mesmo apaixonados..."
Então, certo dia, perguntei sobre isso a Richard.
- Parece que você tem carinho pela sua ex-mulher - falei. - Vocês ainda são próximos?
- Que nada - respondeu ele, casual. - Ela acha que eu mudei meu nome para filho-da-puta.
A falta de preocupação de Richard com esse fato me impressionou. No caso, o meu ex-marido também acha que eu mudei de nome, e isso me parte o coração. Uma das coisas mais difíceis em relação a esse divórcio foi o fato de que o meu ex-marido nunca me perdoou por tê-lo deixado, que pouco importaram as toneladas de desculpas e explicações que eu tenha depositado aos seus pés, o quanto de culpa eu assumi, ou quantos bens ou atos de contrição me dispus a lhe oferecer em troca da minha partida - ele certamente nunca iria me dar os parabéns e dizer: "Olhe, fiquei muito impressionado com a sua generosidade e com a sua honestidade, e só quero te dizer que foi um enorme prazer me divorciar de você." Não. Eu era imperdoável. E esse buraco negro imperdoável ainda estava aberto dentro de mim. Até mesmo em momentos de felicidade e entusiasmo (especialmente em momentos de felicidade e entusiasmo), eu nunca conseguia esquecê-lo por muito tempo. *Ele ainda me odeia*. E eu tinha a sensação de que isso nunca iria mudar, de que eu nunca me libertaria.
Certo dia, eu estava conversando sobre isso com meus amigos do *ashram* - grupo onde o mais novo membro é um bombeiro hidráulico da Nova Zelândia, um cara que conheci

porque ele ouvira falar que eu era escritora e me procurou para me dizer que ele também era. Ele é um poeta que acabou de publicar na Nova Zelândia um incrível livro de memórias chamado *Evolução de um Bombeiro*, sobre sua própria viagem espiritual. O bombeiro/poeta da Nova Zelândia, Richard do Texas, o criador de gado leiteiro irlandês, a moleca adolescente indiana Tulsi e Vivian, a mulher mais velha de cabelos brancos crespos e olhos incandescentes de bom humor (que já foi freira na África do Sul) - era esse o meu círculo de amigos íntimos ali, um elenco vibrante de personagens que eu nunca teria esperado conhecer em um *ashram* na Índia.
Então, certo dia, durante o almoço, estávamos todos conversando sobre casamento, e o bombeiro/poeta da Nova Zelândia disse:
- Vejo o casamento como uma operação que costura duas pessoas uma na outra, e o divórcio é um tipo de amputação que pode levar muito tempo para sarar. Quanto mais tempo se fica casado, ou quanto mais violenta a amputação, mais difícil é se recuperar. Isso explica as sensações pós-divórcio, pós-amputação que venho tendo há alguns anos, a impressão de ainda estar balançando esse membro inexistente, sempre a derrubar coisas das prateleiras.
Richard do Texas perguntava-se se eu estaria planejando permitir a meu ex-marido ditar pelo resto da vida a maneira como eu me sentia em relação a mim mesma, e eu disse que, na verdade, não tinha muita certeza quanto a isso - até ali, meu ex-marido parecia ter um voto bem forte e, para ser sincera, eu ainda estava um pouco esperando que aquele homem me perdoasse, me libertasse e me permitisse seguir em paz.
O criador de gado leiteiro da Irlanda observou:
- Esperar esse dia chegar não é exatamente um uso racional do seu tempo.
- O que eu posso dizer, gente? A culpa me cai muito bem. Mais ou menos da mesma maneira que o bege cai bem em outras mulheres.
A ex-freira católica (que, afinal de contas, devia saber alguma coisa sobre culpa) não quis nem ouvir falar no assunto.
- A culpa é só a maneira que o seu ego encontrou para fazer você pensar que está fazendo algum progresso moral. Não caia nessa, querida.
- O que eu detesto no jeito como meu casamento terminou é que ficou tudo muito mal resolvido - falei. - E uma ferida aberta que não some.
- Se você faz questão de pensar assim — disse Richard. — Se foi assim que você decidiu pensar no assunto, não me deixe estragar a sua festa.
- Um dia desses isso tem de acabar — falei. — Eu só queria saber como.
Quando o almoço terminou, o bombeiro/poeta da Nova Zelândia me passou um recado. Dizia para encontrá-lo depois do jantar; ele queria me mostrar uma coisa. Assim, depois do jantar daquele dia, fui encontrá-lo perto das cavernas de meditação, e ele me disse para segui-lo, porque ele tinha um presente para mim. Pediu-me para acompanhá-lo até o outro lado do *ashram*, e em seguida me conduziu até um prédio no qual eu nunca havia entrado, destrancou uma porta e me fez subir um lance de escadas nos fundos. Imaginei que ele conhecesse aquele lugar, porque é ele quem conserta os aparelhos de ar-condicionado, e alguns deles ficam lá em cima. No alto da escada havia uma porta, que ele precisou destrancar com um segredo; fez isso depressa, pois sabia a combinação de cor. Então saímos para uma linda laje revestida de cacos de cerâmica que reluziam ao crepúsculo como o fundo de um espelho d'água. Ele me fez atravessar a laje até uma pequena torre, na verdade um minarete, e mostrou-me outro estreito lance de escadas, que

conduziam ao topo da torre. Apontou para a torre e disse:
- Agora vou deixar você sozinha. Você vai subir até ali. Fique lá até terminar.
- Até o que terminar? - perguntei.
O bombeiro apenas sorriu e estendeu-me uma lanterna, "para descer direitinho quando terminar", e entregou-me também um pedaço de papel dobrado. Então foi embora.
Subi até o alto da torre. Eu agora estava no lugar mais alto do *ashram*, com uma vista que abarcava todo o vale daquele rio indiano. Montanhas e terras aráveis estendiam-se até onde a minha vista alcançava. Tive a sensação de que não era um lugar onde normalmente se permitisse aos alunos ficar, mas era lindo demais ali no alto. Talvez fosse ali que a minha Guru admirasse o pôr-do-sol enquanto estava no *ashram*. E o sol estava se pondo naquele exato instante. A brisa estava morna. Desdobrei o pedaço de papel que o bombeiro/poeta havia me entregado.
Ele havia digitado:

INSTRUÇÕES PARA A LIBERDADE

1. As metáforas da vida são as instruções de Deus.
2. Você acaba de subir até o topo do telhado. Não há nada entre você e o Infinito. Agora, liberte-se.
3. O dia está terminando. E hora de alguma coisa que foi bonita se transformar em outra coisa que também seja bonita. Agora, liberte-se.
4. O seu desejo de resolução foi uma prece. O fato de você estar aqui é a resposta de Deus. Liberte-se e veja as estrelas surgirem — do lado de fora e do lado de dentro.
5. Com todo seu coração, peça a graça e liberte-se.
6. Com todo seu coração, perdoe-o, PERDOE A SI MESMA e liberte-o.
7. Permita que sua intenção seja a liberdade do sofrimento inútil. Então, liberte-se.
8. Veja o calor do dia se transformar em noite fresca. Liberte-se.
9. Quando o carma de um relacionamento termina, resta apenas o amor. E seguro. Liberte-se.
10. Quando o passado finalmente tiver saído de você, liberte-se. Depois desça e comece o resto da sua vida. Com grande alegria.

Durante os primeiros minutos, não consegui parar de rir. Eu podia ver o vale inteiro, por cima das copas das mangueiras, e o vento soprava em meus cabelos, enfunando-os como uma bandeira. Vi o sol se pôr e, em seguida, deitei-me de costas e vi as estrelas surgirem. Entoei uma curta prece em sânscrito, repetindo-a sempre que via uma nova estrela surgir no céu cada vez mais escuro, quase como se estivesse chamando as estrelas, mas então elas começaram a pipocar depressa demais, e não consegui mais acompanhá-las. Logo o céu inteiro era um espetáculo cintilante de estrelas. A única coisa entre mim e Deus era... nada.
Então fechei os olhos e disse:
- Querido Deus, por favor, me mostre tudo que preciso entender sobre o perdão e a entrega.
O que eu vinha querendo há muito tempo era ter uma conversa de verdade com meu ex-marido, mas obviamente isso jamais iria acontecer. Eu ansiava por uma solução, por uma cúpula de paz da qual pudéssemos emergir com uma compreensão unificada do que havia

acontecido em nosso casamento e com um perdão mútuo pela feiúra de nosso divórcio. Porém, meses de advogados e mediadores só haviam nos separado ainda mais e tornado nossas posições solidificadas, transformando-nos em duas pessoas absolutamente incapazes de libertar o outro. No entanto, eu tinha certeza de que era disso que nós dois precisávamos. E também tinha certeza do seguinte - de que as regras da transcendência insistem que você não chegará nenhum centímetro mais perto da divindade, enquanto se prender a qualquer sedutora lasquinha de culpa. O ressentimento faz com a alma a mesma coisa que o fumo faz com os pulmões; até uma única tragada faz mal. Quero dizer, como seria repetir a seguinte prece: "A mágoa nossa de cada dia nos dai hoje"? Se você de fato precisa continuar a culpar alguma outra pessoa pelas limitações da sua própria vida, seria melhor desistir e despedir-se de Deus. Assim, o que pedi a Deus naquela noite no telhado do *ashram* foi - dada a realidade de que eu provavelmente nunca mais falaria com meu ex-marido - será que poderia haver algum nível em que *conseguíssemos* nos comunicar? Algum nível no qual conseguíssemos perdoar?
Fiquei deitada ali em cima, bem no topo do mundo, e estava completamente sozinha. Comecei a meditar e esperei que me dissessem o que fazer. Não sei quantos minutos ou quantas horas passaram antes de eu saber o que fazer. Percebi que vinha pensando naquilo tudo de forma demasiado literal. Eu estava querendo falar com meu ex-marido? Então *fale* com ele. Eu vinha esperando que ele me oferecesse o perdão? Ofereça-o pessoalmente, então. Agora. Pensei em quantas pessoas deixaram irmãos, amigos, filhos ou amantes desaparecerem de suas vidas antes de trocarem palavras preciosas de clemência ou de absolvição. Como os sobreviventes de relacionamentos terminados conseguem suportar a dor dos assuntos mal resolvidos? Ali, naquele lugar de meditação encontrei a resposta - você pode terminar o assunto você mesmo, de dentro de você mesmo. Isso não é apenas possível, é essencial.
E então, para minha surpresa, ainda na meditação, fiz uma coisa esquisita. Convidei meu ex-marido a, por favor, juntar-se a mim ali naquele telhado na Índia. Perguntei-lhe se ele teria a bondade de me encontrar ali para aquela despedida. Então esperei até senti-lo chegar. E ele de fato chegou. Sua presença subitamente tornou-se absoluta e tangível. Eu praticamente pude sentir seu cheiro.
- Oi, meu bem - falei.
Quase comecei a chorar ali mesmo, mas logo percebi que não precisava fazer isso. Lágrimas fazem parte desta vida corpórea, e o lugar onde aquelas duas almas estavam se encontrando naquela noite na Índia não tinha nada a ver com o corpo. As duas pessoas que precisavam conversar uma com a outra ali no telhado sequer eram mais pessoas. Elas sequer iriam conversar. Não eram nem mesmo ex-cônjuges, não eram uma mulher teimosa do meio-oeste e um ianque nervosinho, não eram um cara de quarenta e poucos anos e uma mulher de trinta e poucos, não eram duas pessoas limitadas que haviam batido boca durante anos sobre sexo, dinheiro e móveis — nada disso era relevante. No que dizia respeito àquele encontro, no âmbito daquela reunião, eram apenas duas almas de um azul frio que já compreendiam tudo. Sem estarem presas a seus corpos, sem estarem presas à complexa história de seu relacionamento, elas se uniram acima daquele telhado (acima de mim, até) em infinita sabedoria. Ainda meditando, vi aquelas duas frias almas azuis rodearem uma à outra, fundirem-se, tornarem a se dividir e observar a perfeição e a semelhança uma da outra. Elas sabiam tudo. Sabiam tudo havia muito tempo e sempre saberão tudo. Não precisavam perdoar uma à outra; elas haviam *nascido*

perdoando uma à outra.
A lição que elas me ensinaram com seu lindo balé foi: "Fique fora disso, Liz. Sua participação neste relacionamento terminou. Deixe a *gente* resolver as coisas de agora em diante. Vá tocar a sua vida."
Muito tempo depois, abri os olhos e soube que havia *terminado*. Não apenas o meu casamento e não apenas o meu divórcio, mas toda aquela tristeza inacabada e oca... tudo estava terminado. Eu podia sentir que estava livre. Deixem-me ser clara - não é que eu nunca mais fosse pensar no meu ex-marido, nem nunca mais ter quaisquer emoções ligadas à lembrança dele. Só que aquele ritual no telhado finalmente havia me proporcionado um lugar onde eu pudesse guardar esses pensamentos e sentimentos sempre que eles surgissem no futuro - e eles sempre surgirão. Porém, da próxima vez em que surgirem, posso simplesmente mandá-los de volta para cá, de volta a essa lembrança do telhado, de volta ao cuidado daquelas duas almas azuis e frias que já e sempre haviam entendido tudo.
É para isso que servem os rituais. Realizamos cerimônias espirituais como seres humanos de forma a criar um lugar seguro onde os nossos sentimentos mais complicados de alegria ou de trauma possam descansar, para não precisarmos carregar esses sentimentos conosco para sempre, como um peso a nos atrapalhar. Nós todos precisamos desses esconderijos rituais. E eu acredito que, se a sua cultura ou a sua tradição não tiverem os rituais específicos pelos quais você anseia, então decididamente você tem permissão para elaborar a sua própria cerimônia usando a própria imaginação, consertando seus sistemas emocionais escangalhados com todos os recursos do tipo faça-você-mesmo de um generoso bombeiro/poeta. Se você se dedicar realmente à sua cerimônia feita em casa, Deus irá trazer a graça. E é por isso que precisamos de Deus.
Levantei-me e plantei bananeira no telhado da minha Guru, para comemorar a idéia da liberação. Senti as telhas empoeiradas sob minhas mãos. Senti a suave brisa da noite nas solas dos meus pés descalços. Esse tipo de coisa - de repente plantar uma bananeira — não é algo que uma alma azul e fria, desprovida de corpo, possa fazer, mas um ser humano pode. Nós temos mãos; podemos nos apoiar nelas se quisermos. E o nosso privilégio. E essa a alegria de um corpo mortal, E é por isso que Deus precisa de nós. Porque Deus ama sentir as coisas por intermédio de nossas mãos.

61

Richard do Texas foi embora hoje. Pegou um avião de volta para Austin. Fui com ele de carro até o aeroporto, e nós dois estávamos tristes. Ficamos parados um tempão na calçada em frente ao aeroporto antes de entrarmos.
- O que vou fazer quando a Liz Gilbert não estiver mais por perto para eu poder encher o saco dela? - Ele suspirou. Então disse: - Você teve uma experiência boa no *ashram*, não teve? Está muito diferente de poucos meses atrás, como se talvez tivesse jogado fora um pouco daquela tristeza que vinha carregando.
- Tenho me sentido muito feliz estes dias, Richard.
- Bom, mas lembre-se de uma coisa: toda a sua infelicidade vai estar esperando por você na porta quando sair, se quiser pegá-la de novo, quando for embora.
- Não vou pegá-la de novo.
- Boa menina.

- Você me ajudou muito. Penso em você como um anjo de mãos peludas e unhas dos pés cascudas.
- É, minhas unhas nunca se recuperaram totalmente do Vietnã, coitadinhas.
- Poderia ter sido pior.
- E *foi* pior para um monte de caras. Pelo menos fiquei com as pernas. Não, tive uma encarnação bem confortável nesta vida, garota. Você também... não se esqueça nunca disso. Na sua próxima vida, você pode voltar como uma daquelas pobres mulheres indianas que ficam quebrando pedras na beira da estrada, e descobrir que a vida não é tão divertida assim. Então valorize o que você tem, tá? Continue a cultivar a gratidão. Você vai viver mais. E, Sacolão? Me faz um favor? Toque a sua vida para a frente, tá bom?
- Eu *estou* tocando.
- O que eu quero dizer é... encontre alguém novo para amar um dia. Leve o tempo que precisar para sarar, mas não se esqueça de um dia compartilhar o seu coração com outra pessoa. Não transforme a sua vida em um monumento ao David ou ao seu ex-marido.
- Não vou transformar, não — falei.
E subitamente soube que isso era verdade — eu *não transformaria*. Podia sentir toda aquela dor antiga de amor perdido e erros passados se atenuando diante dos meus olhos, finalmente diminuindo graças aos famosos poderes de cura do tempo, da paciência e da graça de Deus.
E então Richard tornou a falar, fazendo meus pensamentos voltarem em um estalo para as realidades mais básicas do mundo:
- Afinal, meu benzinho, lembre-se do que dizem... algumas vezes, a melhor maneira de deixar alguém para trás é subir em cima de outro alguém.
Eu ri.
- Tá bom, Richard, chega. Pode voltar para o Texas agora.
- É bom mesmo - disse ele, olhando em volta para o desolado estacionamento do aeroporto indiano. - Porque não estou ficando mais bonito parado aqui em pé.

62

Na viagem de volta até o *ashram*, depois de ter levado Richard ao aeroporto, chego à conclusão de que tenho falado demais. Para ser honesta, tenho falado demais minha vida inteira, mas realmente tenho falado demais durante minha estada no *ashram*. Ainda tenho mais dois meses aqui e não quero desperdiçar a maior oportunidade espiritual da minha vida passando o tempo inteiro sendo sociável e falastrona. Tem sido fantástico para mim descobrir que, mesmo aqui, mesmo em um ambiente sagrado de retiro espiritual do outro lado do mundo, consegui criar ao meu redor um ambiente parecido com o de uma festa. Não é só com Richard que venho falando sem parar - embora tenha sido com ele que mais tagarelei -, estou sempre falando com alguém. Até já me peguei - em um *ashram*, vejam vocês! - marcando encontros com conhecidos e precisando dizer para alguém: "Desculpe, não vou poder ficar com você hoje na hora do almoço, porque prometi para a Sakshi que comeria com ela... quem sabe a gente poderia marcar para terça-feira que vem?"
Essa tem sido a história da minha vida. É assim que eu sou. Mas tenho pensado ultimamente que talvez isso seja um defeito espiritual. O silêncio e a solidão são práticas espirituais universalmente reconhecidas e existem bons motivos para isso. Aprender a

disciplinar sua fala é uma forma de evitar que suas energias se esvaiam de você pelo buraco da sua boca, exaurindo você e enchendo o mundo de palavras, palavras, palavras, em vez de serenidade, paz e contentamento. Swamiji, o mestre da minha Guru, fazia questão do silêncio no *ashram*, mantendo-o com rigor, por ser uma prática de devoção. Ele dizia que o silêncio era a única religião verdadeira. É ridículo o quanto tenho falado neste *ashram,* o único lugar do mundo onde o silêncio deveria - e pode - reinar.
Então não vou ser mais a socialitezinha do *ashram*. Resolvi isso. Não vou mais correr de um lado para o outro, não vou mais fofocar nem fazer piadas. Não vou mais virar o centro das atenções nem dominar as conversas. Não vou mais fazer aquele sapateado verbal em troca de migalhas de afirmação. Chegou a hora de mudar. Agora que Richard foi embora, vou transformar o resto da minha estada em uma experiência completamente tranqüila. Isso vai ser difícil, mas não impossível, porque o silêncio é universalmente respeitado no *ashram*. A comunidade inteira apoiará isso, reconhecendo a decisão como um ato disciplinado de devoção. Na livraria, eles até vendem uns brochezinhos para você usar que dizem: "Estou em Silêncio."
Vou comprar quatro brochezinhos desses.
No caminho de volta ao *ashram*, realmente deixo-me mergulhar em uma fantasia sobre o quão silenciosa vou me tornar agora. Serei tão silenciosa que ficarei famosa por isso. Imagino a mim mesma tornando-me conhecida como Aquela Moça Quietinha. Simplesmente irei respeitar os horários do *ashram*, fazer minhas refeições sozinha, meditar durante incontáveis horas por dia e esfregar o chão do templo sem dar um pio. Minha única interação com os outros será sorrir-lhes extaticamente do meu mundo protegido de imobilidade e fé. As pessoas irão falar sobre mim. Elas perguntarão: "Mas *quem* é Aquela Moça Quietinha no Fundo do Templo, sempre ajoelhada a esfregar o chão? Ela não fala nunca. E tão discreta. É tão mística. Sequer consigo imaginar como seria o som da sua voz. Não dá nem para ouvir quando ela chega por trás de você na trilha do jardim, quando está caminhando... seu andar é silencioso como a brisa. Ela deve viver em um estado constante de comunhão meditativa com Deus. *Ela é a moça mais silenciosa que eu já vi."*

63

Na manhã seguinte, eu estava ajoelhada no templo, esfregando mais uma vez o chão de mármore, irradiando (supunha eu) uma aura sagrada de silêncio, quando um adolescente indiano veio me procurar com um recado - dizendo que eu deveria me apresentar imediatamente no Escritório da Seva. *Seva* é uma palavra em sânscrito que significa a prática espiritual do serviço altruísta (por exemplo, esfregar o chão de um templo). O Escritório da Seva administra todas as tarefas executadas no *ashram*. Então fui até lá, muito curiosa quanto ao motivo de ter sido convocada, e a simpática senhora atrás da mesa me perguntou:
- Você é Elizabeth Gilbert?
Sorri para ela com a mais calorosa das devoções e aquiesci. Em silêncio.
Ela então me disse que minha tarefa fora mudada. Devido a um pedido especial da direção, eu não faria mais parte da equipe que esfregava o chão. Eles estavam pensando em um novo cargo para mim no *ashram*.
E o título do meu novo trabalho era - escutem só - "Recepcionista-Chefe".

Óbvio que isso era mais uma das brincadeiras de Swamiji.
Você queria ser a Moça Quietinha do Fundo do Templo? Bom, adivinhe só...
Mas é isso que sempre acontece no *ashram*. Você toma alguma decisão grandiosa sobre o que precisa fazer, ou sobre quem precisa ser, e então as circunstâncias mudam e imediatamente lhe revelam o quão pouco você sabe sobre si mesmo. Não sei quantas vezes Swamiji disse isso durante a vida, e não sei quantas outras vezes minha Guru o repetiu desde a morte dele, mas parece que ainda não entendi muito bem a verdade de sua frase mais insistente:
"Deus vive dentro de você, como você."
COMO você.
Se existe uma única verdade nesse ioga, essa frase a resume. Deus vive dentro de você como *você mesmo*, exatamente da maneira que você é. Deus não está interessado em ver você executar uma pantomima de personalidade, de forma a corresponder a alguma idéia maluca que tenha sobre a aparência ou o comportamento de alguém espiritualizado. Nós todos parecemos ter uma idéia de que, para sermos sagrados, precisamos operar alguma mudança imensa e dramática em nosso caráter, precisamos renunciar a nossa individualidade. Esse é um exemplo clássico do que, no Oriente, é chamado de pensamento errado". Swamiji costumava dizer que, a cada dia, as pessoas que renunciam encontram algo novo a que renunciar, mas que, em geral, o que elas conseguem é uma depressão, não a paz. Ele ensinava constantemente que a austeridade e a renúncia - por si sós - não são aquilo de que você precisa. Para conhecer Deus, você só precisa renunciar a uma coisa - à noção de que é algo distinto de Deus. Fora isso, simplesmente permaneça como foi criado, dentro do seu caráter natural.
Então, qual é o meu caráter natural? Adoro estudar neste *ashram*, mas o meu sonho de encontrar a divindade passeando silenciosamente por aqui com um sorriso delicado e etéreo - quem é essa pessoa? Provavelmente alguém que vi em um programa de TV. A realidade é que é um pouco triste para mim reconhecer que nunca serei essa pessoa. Sempre fui tão fascinada por essas almas etéreas, delicadas. Sempre quis ser a moça silenciosa. Provavelmente, justamente porque *não* sou. É o mesmo motivo que me leva a achar tão bonitos cabelos grossos, escuros - justamente porque não os tenho, porque não posso tê-los. Em algum momento, porém, é preciso se contentar com aquilo que se recebeu e, se Deus quisesse que eu fosse uma moça tímida de cabelos grossos e escuros, Ele teria me criado assim, mas não criou. Talvez, então, seja útil aceitar como fui criada e assumir plenamente a mim mesma desse jeito.
Ou então, como dizia Sexto, o antigo filósofo pitagoriano: "O homem sábio é sempre semelhante a si mesmo."
Isso não significa que eu não possa ser devota. Não significa que eu não possa ser inteiramente derrubada e soterrada pelo amor de Deus. Não significa que eu não possa servir à humanidade. Não significa que não possa melhorar a mim mesma como ser humano, aprimorando minhas virtudes e trabalhando diariamente para minimizar meus vícios. Por exemplo, nunca serei uma pessoa calada, mas isso não significa que eu não possa dar uma boa olhada nos meus hábitos de fala e alterar alguns aspectos, melhorando-os - trabalhar *dentro* da minha personalidade. Sim, eu gosto de falar, mas

talvez não precise dizer tantos palavrões, e talvez nem sempre precise despertar o riso fácil, e talvez não precise falar sobre mim mesma de forma tão constante. Ou então, um conceito mais radical - talvez eu possa parar de interromper os outros quando eles estiverem falando. Porque, por mais que eu seja criativa no meu hábito de interromper, não consigo encontrar outra maneira de vê-lo que não: "Acho que o que estou dizendo é mais importante do que o que você está dizendo." E não consigo encontrar outra maneira de ver *isso* que não: "Acho que sou mais importante do que você." E isso precisa parar.
Todas essas mudanças seriam úteis. Mas mesmo assim, mesmo com modificações significativas nos meus hábitos de fala, provavelmente jamais serei conhecida como Aquela Moça Quietinha. Por mais que essa imagem seja atraente, e por mais força que eu faça, Porque precisamos ser totalmente honestos em relação a com quem estamos lidando aqui. Quando a mulher do Centro Seva do *ashram* me deu minha nova tarefa de Recepcionista-Chefe, ela disse:
- A gente tem um apelido especial para esse cargo, sabe. Ele é chamado de "A Menininha dos Doces", porque quem ocupa esse cargo precisa ser sociável, simpático e sorridente o tempo inteiro.
O que eu poderia dizer?
Simplesmente estendi a mão para apertar a dela, dei um adeus silencioso a todas as minhas antigas ilusões sonhadoras e anunciei:
- Minha senhora, sou a pessoa certa.

65

Para ser exata, o que irei recepcionar é uma série de retiros que serão realizados no *ashram* nesta primavera. Durante cada retiro, cerca de cem devotos do mundo inteiro virão para cá por um período de uma semana a dez dias, para aprofundar sua prática de meditação. Meu papel é cuidar dessas pessoas durante sua estadia aqui. Na maior parte do retiro, os participantes ficarão em silêncio. Para alguns deles, será a primeira vez que usarão o silêncio como prática espiritual, e essa experiência pode ser intensa. No entanto, serei a única pessoa no *ashram* com quem eles terão permissão para falar caso alguma coisa dê errado.
É isso mesmo - o meu trabalho exige *oficialmente* que eu seja o ponto focal das conversas.
Escutarei os problemas dos participantes do retiro e, em seguida, tentarei encontrar soluções para eles. Talvez eles precisem trocar de companheiros de quarto por causa de algum problema de ronco, ou talvez precisem falar com o médico por causa de algum problema digestivo relacionado à Índia - eu tentarei resolver. Precisarei saber o nome de todo mundo e de onde vem cada um. Andarei de um lado para o outro com uma prancheta, anotando e acompanhando coisas. Eu sou a tia Stella da sua excursão de ioga. E sim, o cargo inclui um *bip*.
Quando o retiro começa, fica logo evidente que fui feita para essa tarefa. Estou sentada à Mesa de Boas-Vindas com meu broche que diz *Oi, meu nome é*, e as pessoas estão chegando de trinta países diferentes, algumas delas veteranas, mas muitas nunca estiveram na Índia antes. São dez da manhã e já faz mais de 37°C, e a maioria dessas pessoas passou a noite inteira viajando de ônibus. Algumas delas chegam ao *ashram* parecendo ter acabado de acordar dentro do porta-malas de um carro - como se não

tivessem a menor idéia do que estão fazendo aqui. Qualquer que tenha sido o desejo de transcendência que as fez se inscreverem no retiro espiritual, elas já o esqueceram há muito tempo, provavelmente por volta do momento em que sua bagagem foi extraviada em Kuala Lumpur. Estão com sede, mas ainda não sabem se podem beber a água. Estão com fome, mas não sabem a que horas sai o almoço ou onde fica a cafeteria. Estão vestidos de forma totalmente errada, com tecidos sintéticos e botas pesadas sob o calor tropical. Não sabem se tem alguém ali que fale russo.

Eu falo um pouquinho de russo...

Eu posso ajudá-los. Tenho tudo que é preciso para ajudá-los. Todas as antenas que já desenvolvi durante a vida e que me ensinaram a ler o que as pessoas estão sentindo, toda a intuição que desenvolvi enquanto crescia como a ultra-sensível caçula da família, todas as habilidades de escuta que aprendi como *barwoman* interessada e jornalista curiosa, toda a cuidadosa atenção que aperfeiçoei depois de anos sendo a mulher ou a namorada de alguém - tudo isso foi acumulado de modo que eu pudesse ajudar essas pobres pessoas na difícil tarefa a que elas se propuseram. Vejo-as chegarem do México, das Filipinas, da África, da Dinamarca, de Detroit, e parece aquela cena em *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* em que Richard Dreyfuss e todas aquelas outras pessoas em busca de extraterrestres são levados até o meio do Wyoming por motivos que não entendem, atraídos pela chegada da nave espacial. Fico maravilhada com a coragem dessas pessoas. Elas deixaram suas famílias e suas vidas para trás durante algumas semanas para fazer um retiro silencioso na companhia de completos desconhecidos na Índia. Nem todo mundo faz isso ao longo da vida.

Eu amo todas essas pessoas, de forma automática e incondicional. Amo até mesmo os chatos. Posso desvendar suas neuroses e reconhecer que tudo que eles sentem é um medo terrível do que vão encontrar quando iniciarem os sete dias de silêncio e meditação. Amo o indiano que vem ao meu encontro indignado, dizendo que no seu quarto há uma estátua do deus Ganesh de mais de um metro de altura à qual falta um pé. Ele está furioso, acha que isso é um mau presságio horrível e quer que retirem a estátua - idealmente quer que isso seja feito por um sacerdote brâmane durante uma cerimônia de purificação "tradicionalmente adequada". Eu o reconforto e escuto sua raiva, e em seguida mando minha amiga adolescente moleca, Tulsi, ir até o quarto do cara livrar-se da estátua enquanto ele estiver almoçando. No dia seguinte, passo um recado para o homem, dizendo-lhe que espero que ele esteja se sentindo melhor agora que a estátua quebrada se foi e lembrando-lhe que estou aqui caso ele precise de qualquer outra coisa; ele me retribui com um sorriso gigantesco e aliviado. Está apenas com medo. A francesa que quase tem um ataque de pânico por causa de suas alergias ao glúten - ela também está com medo. O argentino que quer uma reunião especial com a equipe inteira do departamento de *hatha* ioga para que lhe dêem conselhos sobre como se sentar adequadamente durante a meditação de modo que seu tornozelo não doa; ele só está com medo. Todos eles estão com medo. Eles vão adentrar o silêncio, vão mergulhar profundamente em suas mentes e almas. Mesmo para um meditador experiente, nada é mais desconhecido do que esse território. Qualquer coisa pode acontecer aí. Durante esse retiro, eles serão guiados por uma mulher maravilhosa, uma monja de cinqüenta e poucos anos, de quem cada gesto e cada palavra são a personificação da compaixão, mas mesmo assim eles têm medo, porque - por mais amorosa que seja essa monja - ela não pode acompanhá-los ao lugar aonde estão indo. Ninguém pode.

Quando o retiro estava começando, por acaso recebi pelo correio uma carta de um amigo americano que filma animais selvagens para a National Geographic. Ele me disse que acabava de ir a um jantar elegante no hotel Waldorf-Astoria, em Nova York, em homenagem aos membros do Clube dos Exploradores. Disse que era fantástico estar diante de pessoas tão corajosas, todas as quais haviam arriscado as vidas tantas vezes para descobrir as mais distantes e perigosas cordilheiras, desfiladeiros, rios, oceanos, falhas oceânicas, geleiras e vulcões. Disse que muitos deles haviam perdido pedacinhos de si mesmos - artelhos, narizes e dedos sacrificados ao longo dos anos a tubarões, gangrena e outros perigos.
"Nunca se viu tantas pessoas corajosas reunidas no mesmo lugar ao mesmo tempo", escrevia ele.
Pensei comigo mesma: *Você não viu nada, Mike.*

66

O tema do retiro, e seu objetivo, é o estado de *turiya* - o fugidio quarto nível da consciência humana. Segundo os iogues, durante a experiência humana típica, a maioria de nós está sempre transitando entre três níveis diferentes de consciência - acordado, sonhando ou imerso em um sono profundo e sem sonhos. Mas existe também um quarto nível. Esse quarto nível é a testemunha de todos os outros três estados, a consciência integral que liga os três outros estados entre si. Trata-se da consciência pura, uma consciência inteligente que pode - por exemplo - relatar-lhe seus próprios sonhos pela manhã, quando você acorda. Você estava apagado, estava dormindo, mas alguém observava seus sonhos enquanto você dormia - quem era essa testemunha? E quem é aquela que está sempre em pé afastada da atividade da mente, observando seus pensamentos? É simplesmente Deus, dizem os iogues. E, se você conseguir atingir esse estado de testemunha-consciência, então poderá estar presente com Deus o tempo todo. Essa consciência e experiência constante da presença-Deus dentro de você só pode ocorrer no quarto nível da consciência humana, chamado *turiya*.
Eis como você pode saber se atingiu o estado de *turiya* - se estiver em um estado constante de contentamento. Alguém que vive em *turiya* não é afetado pelos humores inconstantes da mente, tampouco teme o tempo ou é prejudicado pela perda. "Puro, limpo, vazio, tranqüilo, sem ar, sem eu, sem fim, sem corrupção, constante, eterno, que nunca nasceu, independente, ele reside em sua própria grandeza", dizem os Upanishads, as antigas escrituras iogues, descrevendo qualquer um que tenha atingido o estado de *turiya*. Os grandes santos, os grandes Gurus, os grandes profetas da história - todos eles viviam o tempo inteiro no estado de *turiya*. Quanto ao restante de nós, a maioria também já esteve lá, mesmo que apenas por breves e efêmeros instantes. A maioria de nós, mesmo que apenas por dois minutos de nossas vidas, vivenciou em algum momento uma sensação inexplicável e completa de total contentamento, em nada relacionada ao que acontecia no mundo externo. Em um instante, você é apenas uma pessoa normal, arrastando-se por sua vida mundana, e então, de repente — o que é isso? — nada mudou, e, no entanto, você se sente tocado pela graça, inflado de assombro, transbordante de felicidade. Tudo - absolutamente sem nenhum motivo — está perfeito.
É claro que, para a maioria de nós, esse estado passa com a mesma rapidez com que chegou. É quase como se lhe mostrassem sua perfeição interior para provocá-lo, e em

seguida você cai de volta na "realidade" muito depressa, desabando encolhido outra vez por cima de todas as suas antigas preocupações e desejos. Ao longo dos séculos, as pessoas tentaram se agarrar a esse estado de perfeição e contentamento por meio de todo tipo de recurso externo - drogas, sexo, poder, adrenalina, acúmulo de coisas sem importância -, mas ele não se mantém. Nós buscamos a felicidade por toda parte, mas somos como o mendigo da fábula de Tolstoi, que passou a vida sentado em cima de um pote de dinheiro, mendigando centavos de todos os passantes, sem saber que sua fortuna estava bem debaixo dele o tempo todo. O seu tesouro - a sua perfeição - já está dentro de você. Porém, para acessá-lo, você precisa deixar para trás o frenesi da mente e abandonar os desejos do ego, e adentrar o silêncio do coração. A *kundalini shakti* - a energia suprema do divino - levará você até isso.

Foi por esse motivo que toda essa gente veio para cá.

Quando escrevi essa frase pela primeira vez, o que quis dizer com ela foi: "Foi por esse motivo que esses cem participantes do retiro, vindos do mundo inteiro, vieram parar neste *ashram* na Índia." Na verdade, porém, os santos e filósofos iogues teriam concordado com o escopo da minha primeira afirmação: "Foi por esse motivo que *toda essa gente* veio para cá." Segundo os místicos, essa busca pelo contentamento divino é o propósito da vida humana. É por isso que todos nós escolhemos nascer, e é por isso que todo o sofrimento e toda a dor da vida sobre a Terra valem a pena - somente pela oportunidade de vivenciar esse amor infinito. E, depois de encontrar essa divindade interior, você será capaz de conservá-la? Porque, se for... *contentamento*.

Passo o retiro inteiro no fundo do templo, observando os participantes, enquanto eles meditam à meia-luz e em completo silêncio. Minha tarefa é zelar por seu conforto, prestando muita atenção para ver se alguém está com problemas ou precisa de ajuda. Todos eles fizeram votos de silêncio enquanto durar o retiro, e a cada dia posso senti-los mergulhar mais fundo nesse silêncio, até o *ashram* inteiro embeber-se de sua imobilidade. Por respeito aos participantes do retiro, nós todos agora passamos nossos dias andando na ponta dos pés e fazemos até as refeições em silêncio. Todos os vestígios de caráter desapareceram. Até eu estou calada. Agora reina por aqui um silêncio digno da alta madrugada, aquela ausência de tempo silenciosa que você geralmente só vivência por volta das três horas da manhã, quando está totalmente sozinho - e, no entanto, essa ausência perdura sob a luz do dia e é abraçada por todo o *ashram*.

Enquanto essas cem almas meditam, não faço idéia do que estão pensando ou sentindo, mas sei o que querem vivenciar, e vejo-me em estado constante de prece a Deus em seu nome, fazendo para eles acordos estranhos como: *Por favor, dê a essas pessoas maravilhosas todas as bênçãos que você tiver guardado para mim*. Minha intenção não é entrar em meditação ao mesmo tempo que os participantes do retiro estão meditando. Minha tarefa é ficar de olho neles, sem me preocupar com minha própria jornada espiritual. A cada dia, porém, vejo-me carregada pelas ondas de sua intenção coletiva de devoção, mais ou menos como determinadas aves de rapina são capazes de cavalgar as correntes térmicas que sobem da terra e que as elevam muito mais alto no ar do que elas jamais poderiam ter voado com a força de suas asas. Então, provavelmente não é de espantar que seja esse o momento em que acontece. Em uma tarde de quinta-feira, no fundo do templo, bem no meio de minhas tarefas como Recepcionista-Chefe, de crachá e tudo - sou repentinamente transportada pelo portal do universo e levada ao centro da palma da mão de Deus.

67

Como leitora e discípula, sempre fico frustrada nesse ponto das memórias espirituais de outra pessoa - o momento em que a alma pede licença do tempo e do espaço e se funde ao infinito. De Buda a Santa Teresa, aos místicos sufistas, à minha própria Guru - muitas grandes almas, ao longo dos séculos, tentaram expressar em palavras a sensação de unir-se ao divino, mas nunca fico totalmente satisfeita com essas descrições. Muitas vezes, você verá o enlouquecedor adjetivo *indescritível* usado para descrever esse acontecimento. Mas até mesmo os mais eloqüentes repórteres da experiência de devoção - como Rumi, que escreveu sobre ter abandonado todo esforço e se amarrado à manga de Deus, ou Hafiz, que disse que ele e Deus haviam se transformado em dois homens gordos em um barquinho - "estamos sempre esbarrando um no outro e rindo" -, nem mesmo esses poetas me satisfazem. Não quero ler sobre isso; quero sentir também. Sri Ramana Maharshi, um guru indiano muito querido, costumava dar longas palestras para seus alunos sobre a experiência transcendental, e sempre terminava com a instrução: "Agora vão descobrir."
Então, agora, eu descobri. E não quero dizer que o que senti naquela tarde de quinta-feira na Índia foi indescritível, embora tenha sido. Mesmo assim, vou tentar explicar. Para dizer de uma forma simples, fui sugada pelo buraco negro do absoluto e, nesse turbilhão, subitamente entendi por completo o funcionamento do universo. Saí do meu corpo, saí do aposento, saí do planeta, passei através do tempo e entrei no vácuo. Eu estava dentro do vácuo, mas também era o vácuo, e estava olhando o vácuo, tudo ao mesmo tempo. O vácuo era um lugar de paz e sabedoria ilimitadas. O vácuo era consciente e inteligente. O vácuo era Deus, o que significa que eu estava dentro de Deus. Mas não de uma forma grosseira e física - não como se eu fosse Liz Gilbert cravada dentro do músculo da coxa de Deus. Eu simplesmente fazia parte de Deus. Além de ser Deus. Eu era, ao mesmo tempo, um pedacinho do universo e exatamente do mesmo tamanho que o universo. ("Todos sabem que a gota se mistura ao oceano, mas poucos sabem que o oceano se mistura à gota , escreveu o sábio Kabir - e hoje posso afirmar, por experiência própria, que isso é verdade.)
O que eu estava sentindo não era alucinógeno. Era o mais básico dos acontecimentos. Era o paraíso, sim. Era o amor mais profundo que eu já havia vivenciado, além de qualquer coisa que eu poderia ter imaginado antes, mas eu não estava eufórica. Aquilo não era emocionante. Não havia em mim ego ou paixão suficiente para criar euforia e excitação. Era apenas óbvio. Como quando se está olhando para uma ilusão de óptica há muito tempo, forçando os olhos para desvendar o truque, e de repente sua cognição muda, e pronto - agora você está vendo claramente! -, os dois vasos, na verdade, são dois rostos. E, depois de desvendar a ilusão de óptica, você nunca mais consegue deixar de vê-la. "Então isto é Deus", pensei. "Parabéns em conhecê-lo."
O lugar onde eu estava não poderia ser descrito como algum local terreno. Não era nem escuro nem claro, nem pequeno nem grande. Tampouco era um lugar, nem eu estava tecnicamente lá, nem eu era mais exatamente "eu". Ainda tinha meus pensamentos, mas estes eram muito modestos, silenciosos e observadores. Não apenas eu sentia uma compaixão e uma unidade infinita com tudo e todos, mas era vaga e curiosamente estranho para mim perguntar-me como alguém podia, algum dia, sentir outra coisa que

não aquilo. Eu também me sentia levemente seduzida por minhas antigas idéias sobre quem sou e como sou. *Sou mulher, sou americana, sou falastrona, sou escritora* - tudo isso parecia tão engraçadinho e obsoleto. Imaginem contorcer-se para caber em uma caixinha bem pequenininha de identidade, quando você pode, em vez disso, vivenciar a sua infinitude.
Perguntei-me: "Por que passei toda a minha vida correndo atrás da felicidade, quando o contentamento estava aqui o tempo todo?"
Não sei por quanto tempo fiquei pairando nesse esplêndido éter de união antes de ter um pensamento súbito e urgente: "Eu quero manter essa experiência para sempre!" E foi então que comecei a sair dela. Bastaram duas palavrinhas - *Eu quero!* -, e comecei a escorregar de volta para a Terra. Então minha mente começou a protestar de verdade - *Não!Eu não quero sair daqui!* -, e eu escorreguei ainda mais.
Eu quero!
Eu não quero!
Eu quero!
Eu não quero!
A cada repetição desses pensamentos desesperados, eu podia me sentir despencar através de sucessivas camadas de ilusão, como um protagonista de um filme de comédia despencando por uma dúzia de toldos de lona ao cair de um prédio. Essa volta do desejo inútil estava me trazendo outra vez de volta a minhas próprias pequenas fronteiras, meus próprios confins mortais, meu mundo limitado de história em quadrinhos. Vi meu ego voltar da mesma forma que se vê uma fotografia Polaroid surgir, mais definida a cada instante que passa - primeiro um rosto, depois as linhas ao redor da boca, depois as sobrancelhas - sim, agora está completa: eis um retrato do meu antigo eu normal. Senti um estremecimento de pânico, levemente arrasada por ter perdido aquela experiência divina. Mas, exatamente em paralelo a esse pânico, pude sentir uma testemunha, um eu mais sábio e mais velho, que simplesmente sacudiu a cabeça e sorriu, sabendo o seguinte: se eu acreditava que aquele estado de contentamento fosse algo que pudesse ser tirado de mim, então era óbvio que eu ainda não o compreendia. E, portanto, ainda não estava pronta para habitá-lo completamente. Precisaria praticar mais. Foi nesse instante de compreensão que Deus me soltou, e deixou-me deslizar por entre os Seus dedos com esta derradeira mensagem de compaixão, transmitida sem palavras:
Você poderá voltar para cá quando tiver compreendido totalmente que sempre está aqui.

68

O retiro terminou dois dias depois, e todos saíram do silêncio. Recebi muitos abraços de pessoas me agradecendo por tê-las ajudado.
"Ah, não! Sou *eu* quem agradeço!", eu não parava de dizer, frustrada ao ver como essas palavras soavam inadequadas, como era impossível expressar uma gratidão irrestrita por eles terem me elevado a uma altura tão colossal.
Outros cem discípulos chegaram uma semana depois para mais um retiro, e os ensinamentos, as corajosas tentativas de penetrar em si mesmos e o silêncio que a tudo encobria se repetiram com a prática dessas novas almas. Cuidei delas também e tentei ajudá-las de todas as maneiras possíveis, e também tornei a deslizar para a *turiya* algumas vezes em sua companhia. Depois, todo que conseguia fazer era rir, quando muitos deles

saíam de suas meditações e me diziam que eu havia representado para eles, durante o retiro, uma "presença silenciosa, deslizante, etérea". Então seria essa a última brincadeira que o *ashram* estava fazendo comigo? Depois de eu aprender a aceitar minha natureza social exuberante e falastrona, e de assumir sem restrições minha Recepcionista-Chefe interna - só então, afinal, é que eu poderia me tornar a Moça Quietinha do Fundo do Templo?

Durante minhas últimas semanas aqui, o *ashram* impregnou-se de uma sensação de certa forma melancólica, como nos últimos dias de um acampamento de verão. Parecia que, a cada manhã, mais pessoas e mais bagagem subiam em algum ônibus e iam embora. Estávamos quase em maio, o início da estação mais quente na Índia, e o ritmo do lugar ficaria mais lento durante algum tempo. Não haveria mais retiros, de forma que fui novamente realocada, e passei a trabalhar no Escritório de Inscrições, onde tinha a tarefa um pouco triste de "despedir" oficialmente todos os meus amigos no computador depois de eles terem ido embora do *ashram*.

Eu dividia a sala com uma ex-cabeleireira nova-iorquina de Madison Avenue, muito divertida. Fazíamos as preces matutinas juntas, somente as duas entoando nosso cântico a Deus.

- Você acha que hoje a gente consegue acelerar o ritmo deste hino? - perguntou a cabeleireira certa manhã. - E talvez subir uma oitava? Para eu não ficar parecendo uma versão espiritual do Count Basie?

Agora tenho passado bastante tempo sozinha aqui. Passo de quatro a cinco horas por dia nas cavernas de meditação. Já consigo ficar sentada na minha própria companhia durante horas a fio, à vontade na presença de mim mesma. Sem me deixar perturbar por minha própria existência no planeta. Algumas vezes, minhas meditações são experiências surreais e físicas de *shakti* — cheias de torções de coluna e de um frenesi de ferver o sangue. Tento ceder a isso com o mínimo de resistência possível. Outras vezes, sinto um contentamento agradável, tranqüilo, e tudo bem também. As frases ainda se formam na minha mente, e os pensamentos ainda fazem sua dancinha exibicionista, mas agora conheço tão bem meus padrões de pensamento que eles não me incomodam mais. Meus pensamentos se transformaram em algo como velhos vizinhos, um pouco chatos mas, no fim das contas, fofinhos até - o Sr. e a Sra. Papapá-pepe-pé e seus três filhos bobões, Blá, Blá e Blá. Mas eles não bagunçam a minha casa. Há lugar para todos nós neste bairro.

Quanto a quaisquer outras mudanças que possam ter ocorrido dentro de mim durante os últimos meses, talvez eu ainda sequer consiga senti-las. Meus amigos que estudam ioga há muito tempo dizem que você não percebe o impacto que um *ashram* teve em você até sair de lá e voltar para sua vida normal. "É só então , disse a ex-freira sul-africana, "que você começa a perceber que os seus armários internos foram todos rearrumados." É claro que, neste exato momento, não tenho muita certeza de qual seja minha vida normal. Quero dizer, eu talvez esteja prestes a ir morar com um velho xamã indonésio - será que é essa a minha vida normal? Pode ser, quem sabe? De toda forma, porém, meus amigos dizem que a mudança só aparece depois. Você pode constatar que obsessões de uma vida toda desapareceram, ou que padrões ruins, indissolúveis enfim se modificaram. Irritações mesquinhas que costumavam enlouquecê-lo não representam mais um problema, enquanto antigas infelicidades colossais, que você outrora suportava por hábito, agora não serão mais toleradas sequer durante cinco minutos. Relacionamentos venenosos são arejados ou descartados, e pessoas mais solares, mais benéficas, começam a entrar no seu

mundo.
Na noite passada, não consegui dormir. Não por ansiedade, mas por causa de um intenso prazer antecipado. Vesti-me e saí para caminhar pelos jardins. A lua estava cheia, esplendorosa, e pairava bem acima de mim, espalhando uma luz prateada por toda parte. O ar estava perfumado com jasmim e também com o aroma estonteante do arbusto cheiroso e florido que existe por aqui e que só floresce à noite. O dia havia sido úmido e quente, e agora estava apenas levemente menos úmido e quente. O ar morno se movia à minha volta, e eu percebi: "Estou na Índia!"
Estou de sandália e estou na Índia!
Comecei a correr, galopando para longe da trilha e descendo até a campina, simplesmente varando aquele mar de grama iluminado pelo luar. Sentia meu corpo muito vivo, muito saudável depois daqueles meses todos de ioga, comida vegetariana e noites indo dormir cedo. Minhas sandálias sobre a grama macia e molhada de orvalho faziam o seguinte barulho: *ship-ship-ship*, e esse era o único som em todo o vale. Fiquei tão exultante que corri direto para o bosque de eucaliptos no meio do terreno (onde diziam que ficava um antigo templo em homenagem ao deus Ganesh - o removedor de obstáculos), e lancei os braços em volta de uma daquelas árvores, ainda morna do calor do dia, e beijei-a com paixão. Quero dizer, beijei aquela árvore com todo meu coração, sem sequer pensar, na hora, que esse é o grande pesadelo de todos os pais americanos cujos filhos jamais fugiram para a Índia para encontrar a si mesmos - que eles acabem fazendo orgias com árvores ao luar.
Mas aquele amor que eu sentia era puro. Era divino. Olhei em volta para o vale escuro e não consegui ver nada que não fosse Deus. Sentia-me profunda, incrivelmente feliz. Pensei comigo mesma: "O que quer que seja este sentimento - é por isso que tenho rezado. E também é *para* isso que tenho rezado."

69

Falando nisso, encontrei minha palavra.
Encontrei-a na biblioteca, é claro, como boa rata de livros que sou. Eu vinha pensando em qual seria minha palavra desde aquela tarde lá em Roma, quando meu amigo italiano Giulio me dissera que a palavra de Roma é SEXO e perguntara qual era a minha. Na época eu não sabia a resposta, mas já imaginei que minha palavra acabaria aparecendo, e que eu a reconheceria quando a visse.
Então eu a vi durante minha última semana no *ashram*. Estava lendo um texto antigo sobre ioga quando encontrei uma descrição de antigos discípulos espirituais. Uma palavra em sânscrito aparecia no parágrafo: ANTEVASIN. Significa "aquele que mora na fronteira". Antigamente, essa era uma descrição literal. Significava alguém que havia abandonado o centro agitado da vida mundana para ir morar no limite da floresta, onde viviam os mestres espirituais. O *antevasin* deixava de ser um aldeão - não era uma pessoa com uma vida convencional. Mas ele também não era um transcendente - não era um daqueles sábios que vivem bem lá no fundo das matas intocadas, plenamente realizados. O *antevasin* era alguém que vivia no meio. Era um habitante da fronteira. Vivia em um lugar de onde podia ver os dois mundos, mas olhava rumo ao desconhecido. E era um estudioso.
Quando li essa descrição do *antevasin*, fiquei tão entusiasmada que soltei um pequeno

grunhido de reconhecimento. Essa é a minha palavra, cara! Na época moderna, é claro, essa floresta virgem teria de ser em sentido figurado, e a fronteira também. Mas ainda é possível viver aí. Ainda é possível viver nessa linha tremeluzente entre seus velhos pensamentos e sua nova compreensão, em um eterno estado de aprendizagem. No sentido figurado, trata-se de uma fronteira que está sempre em movimento - conforme você avança em seus estudos e em suas realizações, essa floresta misteriosa do desconhecido está sempre alguns metros à sua frente, de modo que você precisa viajar com pouca bagagem para conseguir acompanhá-la. Precisa manter-se móvel, maleável, flexível. Escorregadio, até. O que é engraçado, pois, no dia anterior, meu amigo, o poeta/bombeiro da Zelândia, havia ido embora do *ashram* e, quando estava passando pela porta, entregara-me um simpático poema de despedida sobre a minha viagem. Lembro-me da seguinte estrofe:

Elizabeth, nem isso nem aquilo
Ditos da Itália e sonhos de Bali,
Elizabeth, nem aquilo nem isso
Às vezes como um peixe arisco...

Durante estes últimos anos, passei muito tempo perguntando-me o que devo ser. Esposa? Mãe? Amante? Celibatária? Italiana? Glutona? Viajante? Artista? Iogue? Mas não sou nenhuma dessas coisas, pelo menos não completamente. E também não sou a Maluca da Tia Liz. Sou apenas uma arisca *antevasin* - nem isso nem aquilo - uma aprendiz da fronteira em eterna mutação, próxima à floresta maravilhosa e assustadora do novo.

70

Eu acredito que todas as religiões do mundo compartilham, em seu âmago, um desejo de encontrar uma metáfora para se transportar. Quando você quer alcançar a comunhão com Deus, o que você está tentando fazer, na verdade, é afastar-se do mundano rumo ao eterno (do vilarejo rumo à floresta, pode-se dizer, para continuar na temática do *antevasin*), e precisa de algum tipo de idéia magnífica para transportá-lo até lá. Essa metáfora precisa ser grande - realmente grande, mágica e poderosa, porque precisa carregar você por uma distância enorme. Ela tem de ser o maior barco que se possa imaginar.
Os rituais religiosos muitas vezes nascem da experimentação mística. Algum corajoso explorador sai à procura de um novo caminho rumo ao divino, tem uma experiência transcendente e volta para casa profeta. Ele ou ela traz de volta para a comunidade histórias do paraíso e um mapa que ensina a chegar lá. Os outros repetem as palavras, as ações, as preces e os atos desse profeta, de forma a passarem, eles também, para o outro lado. Algumas vezes conseguem - algumas vezes, a mesma conhecida combinação de sílabas e práticas de devoção, repetida ao longo das gerações, pode levar muitas pessoas para o outro lado. Algumas vezes, porém, isso não funciona. Inevitavelmente, até mesmo as idéias mais originais acabarão endurecendo e se transformando em dogma, ou pararão de funcionar para todo mundo.
Os indianos desta região repetem uma fábula de alerta sobre um grande santo que estava sempre cercado, em seu *ashram*, por devotos leais. Durante horas por dia, o santo e seus

seguidores meditavam sobre Deus. O único problema era que o santo tinha um gato jovem, uma criatura irritante, que costumava atravessar o templo miando, ronronando e incomodando todo mundo durante a meditação. Então o santo, com toda sua sabedoria prática, ordenou que o gato fosse amarrado a um poste do lado de fora durante algumas horas por dia, apenas enquanto durasse a meditação, para não incomodar ninguém. Isso se tornou um hábito - amarrar o gato ao poste e, em seguida, meditar sobre Deus - mas, com o passar dos anos, o hábito se consolidou, transformando-se em um ritual religioso. Ninguém conseguia meditar a menos que o gato fosse amarrado ao poste primeiro. Então, um dia, o gato morreu. Os discípulos do santo entraram em pânico. Foi uma enorme crise religiosa - como poderiam meditar agora sem um gato para amarrar no poste? Como conseguiriam alcançar Deus? Em suas mentes, o gato tornara-se o meio.
Tomem muito cuidado, alerta essa história, para não se tornarem obcecados demais com o ritual religioso por si só. Sobretudo neste mundo dividido, onde o talibã e a coalizão cristã seguem travando sua guerra internacional de patentes para resolver quem detém os direitos em relação à palavra *Deus*, e quem tem os rituais adequados para alcançar esse Deus, pode ser útil lembrar que amarrar o gato ao poste nunca levou ninguém à transcendência, mas sim o desejo individual constante de um discípulo de vivenciar a eterna compaixão do divino. A flexibilidade é tão essencial para a divindade quanto a disciplina.
A sua tarefa, portanto, se você decidir aceitá-la, é prosseguir em sua busca pelas metáforas, rituais e mestres que o ajudem a se aproximar ainda mais da divindade. As escrituras iogues dizem que Deus reage às preces sagradas e aos esforços dos seres humanos, *qualquer que seja a maneira* como os mortais decidirem venerá-lo - contanto que as preces sejam sinceras. Como sugere uma linha dos Upanishads: "As pessoas seguem caminhos diferentes, retos ou tortuosos, de acordo com seu temperamento, dependendo daquilo que julgam ser melhor, ou mais apropriado - e todas alcançam Você, da mesma forma que os rios desaguam no oceano."
O outro objetivo da religião, é claro, é tentar compreender o sentido de nosso mundo caótico e explicar as coisas inexplicáveis que vemos espalhadas pela Terra todos os dias: o sofrimento dos inocentes, a recompensa dos malvados - que sentido tem tudo isso? A tradição ocidental diz: "Tudo irá se resolver após a morte, no céu e no inferno." (E a justiça será distribuída, é claro, por aquilo que James Joyce costumava chamar de "Deus Carrasco" - uma figura paterna que fica sentada em Seu severo trono de justiça, punindo o mal e recompensando o bem.) No Oriente, porém, os Upanishads rejeitam qualquer tentativa de dar sentido ao caos do mundo. Eles sequer têm certeza de que o mundo é caótico, mas sugerem que ele talvez só nos pareça assim por causa de nossa visão limitada. Esses textos não prometem justiça nem vingança para ninguém, embora de fato digam que toda ação gera conseqüências - portanto, escolha seu comportamento segundo essa afirmação. Mas talvez você só veja essas conseqüências bem mais tarde. O ioga pensa sempre a longo prazo. Além do mais, os Upanishads sugerem que o suposto caos pode, na verdade, ter uma função divina, mesmo que você pessoalmente não consiga reconhecê-la agora: "Os deuses gostam do crítico e desdenham o evidente." O melhor que podemos fazer em relação a nosso mundo incompreensível e perigoso, portanto, é praticar o equilíbrio *interno* - por maior que seja a insanidade que exista do lado de fora.
Sean, meu iogue irlandês criador de gado leiteiro, explicou-me isso da seguinte maneira: "Imagine que o universo é uma imensa máquina giratória", disse ele. "Você quer ficar

perto do centro da máquina — bem no eixo da roda -, e não nas extremidades, onde os giros são mais violentos, onde você pode se assustar e enlouquecer. O eixo da calma fica no seu coração. É aí que Deus reside dentro de você. Então, pare de procurar respostas no mundo. Simplesmente retorne sempre a esse centro, e sempre vai encontrar a paz."

Nada nunca fez mais sentido para mim, espiritualmente falando, do que essa idéia. Ela funciona para mim. E, se eu algum dia encontrar alguma coisa que funcione melhor, garanto a vocês que vou usá-la.

Tenho muitos amigos em Nova York que não são religiosos. A maioria deles, eu diria. Ou afastaram-se dos ensinamentos espirituais de sua juventude, ou então já foram criados sem nenhum Deus. Naturalmente, alguns deles ficaram assustadíssimos com meus recentes esforços para alcançar a santidade. Houve piadas, é claro. Como brincou meu amigo Bobby, enquanto tentava consertar meu computador: "Não quero ofender a sua *aura*, mas você continua sem saber porra nenhuma sobre baixar programas." Levo as piadas na esportiva. Também acho isso engraçado. É claro que é.

O que vejo em alguns dos meus amigos, porém, à medida que envelhecem, é um desejo de ter *alguma coisa* em que acreditar. Mas esse desejo se depara com um sem-número de obstáculos, incluindo seu intelecto e seu bom-senso. Apesar de todo seu intelecto, porém, essas pessoas ainda vivem em um mundo frenético, dominado por uma série de espasmos violentos, devastadores e inteiramente desprovidos de sentido. A vida de todas essas pessoas inclui experiências grandiosas e terríveis, sejam elas de sofrimento ou alegria, assim como a vida do restante de nós, e mas megaexperiências tendem a nos fazer ansiar por um contexto espiritual onde expressar lamento ou gratidão, ou buscar entendimento. O problema é - o que venerar, para quem orar?

Tenho um amigo querido cujo primeiro filho nasceu logo depois da morte de sua amada mãe. Depois dessa confluência de milagre e perda, meu amigo sentiu o desejo de ter algum tipo de lugar sagrado para ir, algum ritual para executar, de modo a lidar com toda aquela emoção. Meu amigo era católico de criação, mas não suportava a idéia de voltar a essa igreja depois de adulto. ("Não consigo mais acreditar nela", dizia ele, "sabendo o que sei.") Ele ficaria envergonhado, é claro, de se tornar hinduísta ou budista, ou algo esquisito assim. Então, o que poderia fazer? Conforme me disse, "Não dá para sair por aí catando qualquer religião".

Respeito inteiramente esse sentimento, a não ser pelo fato de discordar totalmente dele. Acho que você tem todo o direito de sair por aí catando aquilo que irá comover seu espírito e lhe permitir encontrar a paz em Deus. Acho que você é livre para procurar qualquer metáfora que o faça ir além das fronteiras do mundo até o lugar onde você precisa chegar para ser transportado ou reconfortado. Não há nada de que se envergonhar. Essa é a história da busca da humanidade por santidade. Caso a humanidade nunca houvesse avançado nessa exploração do divino, muitos de nós ainda estariam venerando estátuas douradas egípcias de gatos. E essa evolução do pensamento religioso supõe uma grande quantidade de escolha. Você escolhe o que quer que funcione para você, onde puder encontrá-lo, e segue andando na direção da luz.

Os índios hopi acreditavam que cada uma das religiões do mundo continha um fio espiritual, e que esses fios estavam sempre à procura uns dos outros, buscando unir-se. Quando todos os fios finalmente se entrelaçarem, irão formar uma corda que nos içará para fora deste sombrio círculo de história, rumo ao outro mundo. Mais contemporaneamente, o Dalai Lama repetiu essa mesma idéia, assegurando

repetidamente aos discípulos ocidentais que eles não precisavam se tornar budistas tibetanos para serem seus discípulos. Ele os deixa à vontade para pegar quaisquer idéias do budismo tibetano e integrar essas idéias a suas próprias práticas religiosas. Mesmo nos lugares mais improváveis e conservadores possíveis, você às vezes consegue encontrar essa idéia cintilante de que Deus talvez seja maior do que nos ensinaram nossas doutrinas religiosas limitadas. Em 1954, o papa Pio XI, logo ele, enviou uma delegação do Vaticano à Líbia com as seguintes instruções escritas: "NÃO pensem que estão indo encontrar infiéis. Os muçulmanos também alcançam a salvação. Os caminhos da Providência são infinitos."

Mas será que isso não faz sentido? O infinito poder ser, de fato... infinito? E até mesmo o mais sagrado entre nós ser capaz de ver apenas pedaços dispersos do quadro inteiro, a qualquer momento que se considere? E talvez se conseguirmos reunir esses pedaços e compará-los, possamos começar a ver surgir uma história sobre Deus que se pareça com todos e que inclua a todos? E será que a nossa busca individual por transcendência não é apenas parte dessa busca humana maior pela divindade? Será que cada um de nós não tem o direito de não parar de procurar até chegar o mais perto possível da origem do assombro? Mesmo que isso signifique ir à Índia e passar algum tempo beijando árvores ao luar?

Em outras palavras, essa sou eu. Sou eu quem está em cena. Escolhendo minha religião.

71

Meu vôo sai às quatro da manhã, algo típico da maneira como a Índia funciona. Decido não dormir e passar a noite inteira em uma das cavernas de meditação, orando. Não sou alguém que goste de ficar acordado até tarde, mas alguma coisa em mim quer passar essas últimas horas no *ashram* acordada. Muitas coisas na vida já me fizeram passar a noite sem dormir - fazer amor, discutir com alguém, dirigir por longas distâncias, dançar, chorar, preocupar-me (e algumas vezes, na verdade, todas essas coisas ao longo de uma mesma noite) -, mas nunca sacrifiquei meu sono por uma noite exclusivamente dedicada à prece. Por que não agora?

Faço minha mala e a deixo próxima ao portão do templo, de modo a poder pegá-la com facilidade e sair quando o táxi chegar, antes do amanhecer. Em seguida, subo a colina, entro na caverna de meditação e sento-me. Estou sozinha lá dentro, mas sento-me em um lugar de onde posso ver a grande fotografia de Swamiji, o mestre da minha Guru, fundador deste *ashram*, o leão que há muito já partiu mas que, de alguma forma, ainda está aqui. Fecho os olhos e deixo o mantra vir. Vou descendo rumo a meu próprio eixo de silêncio. Ao chegar lá, posso sentir o mundo parar, do modo como eu sempre quis que parasse, quando tinha 9 anos de idade e estava em pânico com a incessante passagem do tempo. Em meu coração, o relógio pára, e as páginas do calendário param de sair voando. Fico sentada em silêncio, assombrada com tudo que compreendo. Não estou orando ativamente. Eu *me tornei* uma prece.

Posso passar a noite inteira sentada ali.

Na verdade, é isso que faço.

Não sei o que me avisa quando é hora de ir pegar meu táxi, mas, depois de várias horas de imobilidade, alguma coisa me dá um cutucão e, quando olho para o relógio, está bem na hora de ir. Agora preciso voar para a Indonésia. Como isso é engraçado e estranho.

Então me levanto e faço uma mesura diante da fotografia de Swamiji - o mandão, o maravilhoso, o terrível. Em seguida, deslizo um pedaço de papel sob o tapete, bem embaixo de sua imagem. No papel estão dois poemas que escrevi durante meus quatro meses na Índia. São os primeiros poemas de verdade que escrevi. Um bombeiro da Nova Zelândia me incentivou a tentar a poesia - foi por isso que o fiz. Escrevi um desses poemas quando fazia apenas um mês que estava aqui. O outro foi escrito hoje de manhã mesmo.
No espaço entre os dois poemas, encontrei hectares e mais hectares de graça.

72

Dois Poemas de um *Ashram* na Índia

Primeiro

Todo esse papo de néctar e contentamento está começando a me irritar.
Não sei quanto a você, amigo,
mas o meu caminho até Deus não é uma nuvem aromática de incenso.
É um gato solto em uma gaiola de pombos,
e eu sou o gato - mas também sou os pombos a se esgoelarem quando são pegos.

Meu caminho para Deus é uma revolta operária,
não haverá paz até que se crie um sindicato.
Seu piquete é tão feroz,
que nenhuma polícia chega perto.
Meu caminho foi aberto inconscientemente à minha frente
por um homenzinho de pele escura que nunca cheguei a ver,
que perseguiu Deus pela Índia, chapinhando na lama,
descalço e faminto, com malária no sangue,
dormindo em vãos de porta, debaixo de pontes - um errante.
(Mas que, ao mesmo tempo, estava a caminho de casa.)
E ele agora me persegue, perguntando: "Entendeu agora, Liz?
O que significa CASA? O que é de fato A CAMINHO?"

Segundo

Porém.
Se me deixassem usar calças feitas com a
grama recém-cortada deste lugar,
eu o faria.

Se me deixassem agarrar
cada um dos eucaliptos do Bosque de Ganesh,
eu juro que o faria.

Passei estes dias suando orvalho,

chapinhando a borra,
esfregando o queixo na casca das árvores,
pensando serem as pernas do meu mestre.

Não consigo entrar o suficiente.

Se me deixassem comer o chão deste lugar
servido em um leito de ninhos de pássaros,
eu comeria só metade do prato,
e depois passaria a noite inteira dormindo no resto.

Indonésia

ou

"Até De Roupa De Baixo Eu Me Sinto Diferente."

ou

Trinta E Seis Histórias Sobre A Busca Do Equilíbrio

73

Nunca tive menos planos na vida do que quando cheguei a Bali. Em toda a minha história de viagens despreocupadas, essa foi a vez em que aterrissei mais despreocupada em um lugar. Não sei onde vou morar, não sei o que vou fazer, não sei qual a taxa de câmbio, não sei como pegar um táxi no aeroporto - nem sequer sei para onde pedir que o táxi me leve. Ninguém está me esperando chegar. Não tenho amigos na Indonésia. Não tenho sequer amigos-de-amigos. E eis o problema de se viajar com um guia antigo, e em seguida de não lê-lo: não percebi que, na verdade, não posso passar quatro meses na Indonésia, mesmo que queira. Só descubro isso ao entrar no país. Descubro que só tenho direito a um visto de turista de um mês. Não havia me ocorrido que o governo indonésio ficaria outra coisa que não encantado em me receber em seu país pelo tempo que eu quisesse ficar.
Enquanto o simpático funcionário da imigração carimba meu passaporte com a permissão para ficar em Bali durante apenas e exatos trinta dias, pergunto-lhe, no meu tom mais agradável, se seria possível ficar mais tempo.
- Não — responde ele, no seu tom mais agradável. Os balineses são famosos por sua simpatia.
- É que eu pretendia passar três ou quatro meses aqui, entende? - digo.
Não menciono que isso é uma *profecia* - que o fato de eu passar três ou quatro meses aqui foi previsto dois anos atrás por um xamã balinês idoso e possivelmente perturbado, durante uma leitura de mão que durou dez minutos. Não tenho certeza de como explicar isso.
Mas o *que* exatamente o xamã me disse, agora que penso no assunto? Ele disse mesmo que eu voltaria a Bali e passaria três ou quatro meses morando com ele? Disse mesmo

"morando com ele"? Ou será que simplesmente queria que eu tornasse a aparecer algum dia, se estivesse por perto, e lhe desse mais dez dólares por outra sessão de quiromancia? Ele disse que eu *voltaria* ou que eu *deveria* voltar? Ele disse mesmo: "A gente se vê"? Ou será que foi "A gente se vê por aí"?
Desde aquela única noite, eu não havia me comunicado com o xamã nenhuma vez sequer. De toda forma, não saberia como entrar em contato com ele. Qual poderia ser seu endereço? "Xamã, em frente à casa dele, Bali, Indonésia"? Não sei se ele está vivo ou morto. Lembro-me que, há dois anos, quando nos conhecemos, ele parecia incrivelmente velho; desde então, qualquer coisa poderia ter acontecido com ele. Tudo que sei ao certo é o seu nome - Ketut Liyer -, e lembro-me que ele mora em um vilarejo próximo à cidade de Ubud. Mas não me lembro do nome do vilarejo. Talvez eu devesse ter planejado isto tudo melhor.

74

Mas Bali é um lugar bem simples para uma pessoa se locomover. Não é como se eu tivesse aterrissado no meio do Sudão sem a mínima idéia do que fazer em seguida. Isto aqui é uma ilha mais ou menos do mesmo tamanho do estado americano do Delaware, pouco mais de 5 mil quilômetros quadrados e é um destino turístico popular. O lugar inteiro é organizado para ajudar o visitante, o ocidental com seu cartão de crédito, a movimentar-se com facilidade. Fala-se inglês por toda parte e com boa vontade. (O que me deixa, não sem culpa, aliviada. Minhas sinapses cerebrais estão tão sobrecarregadas com meu esforço para aprender italiano moderno e sânscrito antigo durante estes últimos meses que sou simplesmente incapaz de assumir a tarefa de tentar aprender indonésio ou, mais difícil ainda, balinês — uma língua mais complexa do que o marciano.) Na verdade, estar aqui não é nenhum problema. Pode-se trocar dinheiro no aeroporto, encontrar um táxi com um motorista simpático que irá sugerir um hotel bacana - nada disso é difícil de se conseguir. E, já que a indústria turística sofreu um colapso depois do bombardeio terrorista de dois anos atrás (que ocorreu logo depois da minha primeira visita a Bali), agora é mais fácil se locomover; todo mundo está desesperado para ajudar você, desesperado para trabalhar.
Assim, pego um táxi até a cidade de Ubud, que parece um bom lugar para começar minha viagem. Encontro um hotel pequeno e gracioso, em uma rua de nome maravilhoso: rua da Floresta do Macaco. O hotel tem uma bonita piscina c um jardim coalhado de flores tropicais com botões maiores do que bolas de vôlei (cercados por uma organizada equipe de beija-flores e borboletas). O pessoal do hotel é balinês, o que significa que, assim que você entra, eles automaticamente começam a adorar você e a lhe fazer elogios por sua beleza. O quarto tem vista para as copas das árvores tropicais, e o café-da-manhã está incluído na diária, com pilhas de frutas tropicais frescas. Para resumir, é um dos lugares mais agradáveis onde já fiquei hospedada, e está me custando menos de dez dólares por dia. É bom estar de volta.
Ubud fica no centro de Bali, nas montanhas, cercada por terraços de arrozais em nível e incontáveis templos hinduístas, com rios a correr velozes por entre profundos desfiladeiros de florestas e vulcões visíveis no horizonte. Há muito tempo, Ubud é considerada o centro cultural da ilha, lugar onde florescem a pintura, a dança, a escultura e as cerimônias religiosas balinesas tradicionais. Como não fica perto de nenhuma praia,

os turistas que vêm a Ubud formam um grupo seleto e bastante refinado; prefeririam assistir a uma antiga cerimônia em um templo a beber *piñas coladas* à beira-mar. Independente do que acontecer com a profecia do meu xamã, este poderia ser um lugar maravilhoso para passar algum tempo. A cidade parece uma pequena versão de Santa Fé no Pacífico, só que com macacos passeando soltos e famílias balinesas de roupas típicas por toda parte. Há bons restaurantes e livrarias legais. Seria possível passar o meu tempo inteiro aqui em Ubud fazendo o que as americanas divorciadas comportadas vêm fazendo com seu tempo desde a invenção da Associação Cristã de Moças — inscrevendo-se em uma série interminável de cursos: *batik*. percussão, joalheria, cerâmica, dança e culinária indonésias típicas... Do outro lado da rua, bem em frente ao meu hotel, fica um lugar chamado "Loja da Meditação" — uma lojinha com um cartaz anunciando sessões diárias e abertas de meditação, das seis às sete da noite. "Que a paz prevaleça sobre a Terra", diz o cartaz. Concordo em gênero, número e grau.
Quando termino de desfazer as malas já passa do meio-dia, então decido ir dar um passeio e me reorientar nesta cidade que não visito há dois anos. Em seguida, tento decidir como começar a procurar meu xamã. Imagino que será uma tarefa difícil, que pode levar dias, ou até mesmo semanas. Não tenho certeza de onde começar a procurar, então paro na recepção do hotel antes de sair e pergunto a Mario se ele pode me ajudar.
Mario é um dos caras que trabalha no hotel. Já fiquei sua amiga, quando fiz o *check-in*, em grande parte por causa de seu nome. Não muito tempo atrás, eu estava viajando por um país onde muitos homens se chamavam Mario, mas nenhum deles era um balinês baixinho, musculoso e cheio de energia, vestindo um sarongue de seda e com uma flor atrás da orelha. Então tive de perguntar:
- O seu nome é mesmo Mario? Não parece muito indonésio.
- Não meu nome de verdade - respondeu ele. - Meu nome de verdade é Nyoman.
Ah - eu deveria ter adivinhado. Deveria saber que tinha uma chance de 25% de adivinhar o verdadeiro nome de Mario. Em Bali, se me permitem mudar de assunto, só existem quatro nomes com os quais a maioria da população batiza seus filhos, independente de o bebê ser menino ou menina. Os nomes são Wayan (pronuncia-se "uai-ân"), Made ("ma-dêi"), Nyoman e Ketut. Traduzidos, esses nomes significam simplesmente Primeiro (a), Segundo(a), Terceiro(a) e Quarto(a) e informam a ordem de nascimento. Se você tiver um quinto filho, recomeça o ciclo dos nomes, de modo que o quinto filho, na verdade, passa a ser conhecido como algo assim: "Wayan do Segundo Poder". E assim por diante. Caso tenha gêmeos, você os batiza na ordem em que nasceram. Como praticamente só existem quatro nomes em Bali (as elites mais abastadas têm seus próprios nomes), é totalmente possível (na verdade, é bastante comum) que dois Wayans formem um casal. E o seu primeiro filho irá se chamar Wayan também.
Isso dá uma leve idéia da importância da família em Bali e da importância da sua posição dentro dessa família. Seria de se pensar que esse sistema pudesse se complicar mas, de alguma forma, os balineses dão um jeito. De forma compreensível e necessária, os apelidos são muito comuns. Por exemplo, uma das profissionais mais bem-sucedidas de Ubud é uma mulher chamada Wayan que tem um restaurante movimentado chamado Café Wayan e, portanto, é conhecida como "Wayan Café" — ou seja, "Wayan dona do Café Wayan". Outra pessoa poderia ser conhecida como "Made gordo", ou "Nyoman que aluga carros", ou "Ketut-idiota-que-pôs-fogo-na-casa-do-tio". Meu novo amigo balinês, Mario, resolveu o problema simplesmente fazendo-se chamar Mario.

— Por que Mario?
— Porque adoro tudo que é italiano — disse ele.
Quando eu lhe disse que havia passado quatro meses na Itália recentemente, ele considerou esse fato tão incrivelmente espantoso que saiu de trás de sua escrivaninha e disse:
- Venha, sente aqui, vamos conversar.
Fui, sentei-me e conversamos. E foi assim que nos tornamos amigos.
Então, nesta tarde, decido começar minha busca pelo xamã perguntando a meu amigo Mario se ele, por acaso, conhece um homem chamado Ketut Lyier.
Mario franze o cenho, pensativo.
Imagino que ele vá me responder alguma coisa como: "Ah, sim! Ketut Liyer! Um velho xamã que morreu na semana passada... é tão triste quando um velho xamã venerável morre..."
Mario me pede para repetir o nome e, dessa vez, eu o escrevo em um papel, imaginando que esteja pronunciando alguma coisa errada. De fato: o rosto de Mario se ilumina ao reconhecer o nome.
- Ketut Liyer!
Então imagino que ele vá dizer alguma coisa como: "Ah, sim! Ketut Liyer! O louco! Ele foi preso na semana passada por ser maluco..."
Mas, em vez disso, ele diz:
- Ketut Liyer é xamã famoso.
- Isso! É ele mesmo!
- Conheço ele. Fui casa dele. Semana passada levei minha prima, ela precisa cura para bebê chorando a noite inteira. Ketut Liyer resolve. Uma vez levei moça americana feito você à casa do Ketut Liyer. Moça queria mágica para ficar mais bonita para os homens. Ketut Liyer fez pintura mágica para ajudar ela a ficar mais bonita. Depois disso provoquei ela. Todo dia digo a ela: "Pintura está funcionando! Olhe como você está bonita! Pintura funcionando!"
Lembrando-me da imagem que Ketut Liyer havia desenhado para mim alguns anos antes, digo a Mario que eu também já havia recebido uma pintura mágica do xamã.
Mario ri.
- Pintura funcionando para você, também!
- O meu desenho foi para me ajudar a encontrar Deus — explico.
- Você não quer ficar mais bonita para os homens? - pergunta ele, compreensivelmente confuso.
- Ei, Mario - digo -, você acha que poderia me levar para visitar Ketut Liyer algum dia? Se não estiver ocupado demais?
- Agora, não — diz ele.
Bem quando estou começando a me sentir decepcionada, ele acrescenta:
- Mas talvez daqui a cinco minutos?

75

Então é assim que - na mesma tarde em que chego a Bali - vejo-me subitamente na garupa de uma motocicleta, agarrada a meu novo amigo Mario, o ítalo-indonésio, que dispara comigo pelos arrozais em direção à casa de Ketut liyer. Apesar de ter pensado

muito nesse reencon-tro com o xamã ao longo dos dois últimos anos, na verdade não tenho a menor idéia do que vou lhe dizer quando chegar. E é claro que nós não marcamos hora. Aparecemos sem avisar. Reconheço a placa do lado de fora da porta dele, a mesma da última vez, que diz: "Ketut Liyer - pintor". É uma típica e tradicional propriedade familiar balinesa. Um muro alto de pedra marca o perímetro, no meio há um quintal e, nos fundos, um templo. Várias gerações moram juntas nas diversas casinhas interligadas dentro desses muros. Entramos sem bater (não há porta, mesmo), somos recebidos pela magreza ruidosa de típicos cães de guarda baiineses (esqueléticos, irados) e, bem ali no quintal, está Ketut Liyer, o velho xamã, vestido com seu sarongue e sua camisa de golfe, exatamente com a mesma aparência de dois anos antes, quando o encontrei pela primeira vez. Mario diz alguma coisa para Ketut, e meu balinês não é exatamente fluente, mas o que ele diz parece ser uma apresentação genérica, algo como: "Esta é uma moça dos Estados Unidos... vá fundo."
Ketut volta para mim seu sorriso modesto, banguela, com a força de um extintor de incêndio de compaixão, e sua expressão é profundamente reconfortante: minha lembrança estava correta, ele é *mesmo* extraordinário. Seu rosto é uma complexa enciclopédia de gentileza. Ele me cumprimenta com um aperto de mão animado e firme.
— Estou muito feliz em conhecer você — diz.
Ele não faz idéia de quem eu seja.
— Venha, venha — diz ele, e sou conduzida até a varanda de sua casinha, onde esteiras de bambu fazem as vezes de móveis.
O lugar está exatamente igual a dois anos atrás. Nós dois nos sentamos. Sem hesitar, ele segura minha mão com a sua — imaginando que, como a maioria de seus visitantes ocidentais, eu tenha vindo visitá-lo para que lesse a minha mão, Ele faz uma leitura rápida e reconforta-me constatar que se trata de uma versão resumida exatamente do que me disse da última vez. (Ele pode não se lembrar do meu rosto mas, a seus olhos experientes, o meu destino não mudou.) Seu inglês é melhor do que eu me lembrava, e também é melhor do que o de Mario. Ketut fala como o velho sábio chinês dos filmes clássicos de kung fu, uma forma de inglês que se poderia chamar de "gafanhotês", porque seria possível inserir o tratamento carinhoso "gafanhoto" no meio de qualquer frase e fazê-la soar muito sábia- "Ah... você tem destino de muita sorte, *gafanhoto*..."
Espero uma pausa nas previsões de Ketut, e então o interrompo para lembrar-lhe que já estive ali para visitá-lo, dois anos atrás.
Ele fez cara de intrigado.
- Não é primeira vez em Bali?
- Não, senhor
Ele faz um esforço, pensando.
- Você moça da Califórnia?
- Não - respondo, ficando ainda mais desanimada. - Sou a moça de Nova York.
Ketut me diz (e não tenho certeza do que isso tem a ver com qualquer coisa):
- Não sou mais tão bonito, perdi muitos dentes. Talvez eu vá a dentista um dia, pôr dentes novos. Mas tenho medo demais de dentista.
Ele abre a boca sem dentes e me mostra o estrago. De fato, faltam-lhe quase todos os dentes do lado esquerdo da boca, e do lado direito estão todos quebrados, tocos amarelados que parecem doer muito. Ele me conta que caiu. Foi assim que perdeu os

dentes.
Digo-lhe que sinto muito por ouvir isso e, em seguida, tento novamente, falando devagar.
- Não acho que você se lembre de mim, Ketut. Eu vim aqui dois anos atrás com uma professora de ioga americana, uma mulher que morou muitos anos em Bali.
Ele sorri, enlevado.
- Eu conheço Ann Barros!
- Isso. A professora se chama Ann Barros. Mas eu me chamo Liz. Vim aqui daquela vez pedir a sua ajuda, porque eu queria chegar mais perto de Deus. Você me fez um desenho mágico.
Ele dá de ombros, dócil, sem parecer se preocupar nem um pouco.
- Não lembro — diz.
Isso é tão ruim que chega a ser engraçado. O que vou fazer em Bali agora? Não sei ao certo como imaginei que seria encontrar Ketut de novo, mas esperava que fôssemos ter algum tipo de reencontro supercármico regado a lágrimas. E, embora eu de fato tivesse medo de que ele estivesse morto, não me ocorrera que — caso ainda estivesse vivo — ele pudesse não se lembrar de mim. Apesar de agora parecer o auge da estupidez eu um dia ter imaginado que nosso primeiro encontro tivesse sido tão memorável para ele quanto para mim. Talvez eu devesse ter planejado isto tudo melhor, mesmo.
Então descrevo-lhe o desenho que ele fez para mim, a figura com quatro pernas ("plantadas com muita firmeza"), sem cabeça ("sem ver o mundo através do intelecto"), e com o coração no lugar do rosto ("olhando para o mundo através do coração"), e ele me escuta com educação, com leve interesse, como se estivéssemos falando da vida de outra pessoa totalmente diferente.
Detesto fazer isso, porque não quero pressioná-lo, mas é algo que precisa ser dito, então simplesmente ponho para fora. Digo:
— Você me disse que eu deveria voltar aqui para Bali. Me disse para passar três ou quatro meses aqui. Disse que eu poderia ajudar você a aprender inglês e você poderia me ensinar as coisas que sabe. - Não gosto do som da minha voz: estou soando um tiquinho desesperada. Não digo nada sobre o convite que de fizera para que eu fosse morar com sua família. Parece-me que isso seria. um exagero, dadas as circunstâncias.
Ele me escuta com educação, sorrindo e sacudindo a cabeça, como quem diz: *Não é engraçado o que as pessoas dizem?*
Nesse momento, quase desisto. Mas já cheguei tão longe que preciso fazer um último esforço. Digo:
— Eu sou a escritora, Ketut. Sou a escritora de Nova York.
E, por algum motivo, isso funciona. De repente, seu rosto fica translúcido de alegria, tornando-se brilhante, puro e transparente. Uma intensa luz de reconhecimento ganha vida em sua mente.
— VOCÊ! - diz ele. - VOCÊ! EU lembrar de VOCÊ! - Ele se inclina para a frente, segura meus ombros com as mãos e começa a me sacudir amigavelmente, do mesmo jeito que uma criança sacode um presente de Natal que ainda não abriu para tentar adivinhar o que há lá dentro. — Você voltou! Você VOLTOU!
— Eu voltei! Eu voltei! — digo.
— Você, você, você!
— Eu, eu, eu!
Agora estou com os olhos marejados de lágrimas, mas tento não mostrar isso. E difícil

explicar a intensidade do meu alívio. Ela surpreende até a mim. E o seguinte: é como se eu estivesse em um acidente de carro, e meu carro tivesse voado por cima de uma ponte e ido parar no fundo de um rio, e eu, de alguma forma, tivesse conseguido sair do carro afundado nadando através de uma janela aberta, e em seguida batendo as pernas e os braços para tentar nadar até a luz do dia lá em cima através da água fria e verde, e estivesse quase sem oxigênio, com as artérias explodindo no pescoço e as bochechas infladas com meu último suspiro, e então - AHHHH! - irrompesse à superfície e sorvesse o ar com sofreguidão. E sobrevivesse. Essa inspiração, esse irromper à superfície - é essa a sensação que tenho quando o xamã indonésio diz: "Você voltou!" Meu alívio é grande assim.
Não consigo acreditar que deu certo.
- É, eu voltei - digo. - É claro que voltei.
- Eu tão feliz! - diz ele. Estamos de mãos dadas, e ele agora está muito animado. - Não me lembrar de você no começo! Faz tanto tempo a gente se ver! Você estar diferente agora! Tão diferente de dois anos atrás! Da última vez, você mulher com ar muito triste. Agora... tão feliz! Parece outra pessoa!
Essa idéia - a idéia de alguém ter uma aparência tão diferente assim depois de apenas dois anos - parece provocar nele um acesso de risadinhas.
Desisto de tentar esconder minhas lagrimas e simplesmente deixo tudo sair.
- É, Ketut. Eu antes estava muito triste. Mas a vida agora está melhor.
- Da última vez, você em divórcio ruim. Nada bom.
- Nada bom — confirmo.
- Da última vez, você ter preocupações demais, tristeza demais. Da última vez, parecer velha triste. Agora parecer menininha nova. Da última vez, você feia! Agora, você bonita!
Mario começa a aplaudir entusiasticamente e pronuncia, vitorioso:
- Viu! Pintura *funcionando*!
- Você ainda quer que eu ajude você com seu inglês, Ketut? — pergunto.
Ele me diz que posso começar a ajudá-lo ali mesmo, e se levanta com agilidade, como um gnomo. Saltita para dentro da casinha e sai com uma pilha de cartas que recebeu do exterior ao longo dos últimos anos (então ele *tem mesmo* um endereço!). Pede-me para ler-lhe as cartas em voz alta; ele compreende bem o inglês, mas não sabe ler muito bem. Eu já sou a sua secretária. Sou secretária de um xamã. Isso é fantástico. As cartas são de colecionadores de arte estrangeiros, pessoas que, de alguma forma, conseguiram comprar seus famosos desenhos e pinturas mágicos. Uma das cartas é de um colecionador australiano, que parabeniza Ketut por suas habilidades de pintor, dizendo: "Como você pode ser tão esperto a ponto de pintar com tamanho detalhe?" Ketut responde a mim, como se estivesse ditando:
- Porque eu treinar muitos, muitos anos.
Quando as carta, terminam, ele me conta o que aconteceu em sua vida nos últimos dois anos. Algumas mudanças ocorreram. Por exemplo, ele agora tem uma mulher. Aponta para o quintal indicando uma mulher corpulenta, em pé junto à sombra da porta de sua cozinha, olhando para mim com raiva, como se não tivesse certeza se deveria me dar um tiro, ou envenenar-me primeiro e, em seguida, me dar um tiro. Da última vez em que estive aqui, Ketut me mostrou com pesar fotografias de sua mulher que morrera recente-mente - uma bela balinesa de idade avançada, que parecia inteligente e jovial mesmo com

seus muitos anos de vida. Aceno em direção ao quintal para a nova mulher, que desaparece cozinha adentro.
- Boa mulher - proclama Ketut olhando na direção das sombras da cozinha, - Muito boa mulher.
Ele prossegue dizendo que tem andado muito ocupado com seus pacientes balineses, que há sempre muito a fazer, que ele precisa fazer muitas mágicas para recém-nascidos, cerimônias para os mortos, curas para os doentes, cerimônias de casamento. Na próxima vez em que for a um casamento balinês, diz ele:
— A gente pode ir junto! Eu levar você! - O único problema é que ele não recebe mais muitas visitas de ocidentais. Ninguém mais vem visitar Bali desde o bombardeio terrorista. Isso o faz se sentir "muito confuso na cabeça". Também o faz se sentir "muito vazio no banco".
— Você vir à minha casa todos os dias treinar inglês comigo agora? - pergunta ele.
Aquiesço alegremente, e ele diz: — Eu ensinar você meditação balinesa, tá bom?
— Tá bom — respondo.
— Acho que três meses tempo suficiente para ensinar você meditação bali-nesa, encontrar Deus para você assim — diz ele. — Talvez quatro meses. Você gostar de Bali?
- Adoro Bali.
— Você casar em Bali?
- Ainda não.
- Acho que talvez em breve. Você voltar amanhã?
Prometo voltar. Ele não diz nada sobre eu vir morar com sua família, então não menciono o assunto, lançando uma última olhadela para a assustadora mulher na cozinha. Talvez, em vez disso, eu simplesmente passe o tempo todo na gracinha do meu hotel. De toda forma, é mais confortável. Água encanada, essas coisas. Vou precisar de uma bicicleta, porém, para vir visitá-lo todos os dias...
Então chega a hora de ir embora.
- Estou muito feliz em conhecer você - diz ele, apertando minha mão. Ofereço-lhe minha primeira lição de inglês. Explico-lhe a diferença entre *happy to meet you*, "prazer em conhecê-lo", e *happy to see you*, "prazer em vê-lo". Explico que só se diz "prazer em conhecê-lo" na primeira vez em que se encontra alguém. Depois disso, diz-se "prazer em vê-lo" todas as vezes. Porque só se conhece alguém uma vez. Mas agora vamos nos encontrar muitas vezes, todos os dias.
Ele gosta disso. Dá uma treinada rápida.
- Prazer em ver você! Estou muito feliz em ver você! Posso ver você! Não sou surdo!
Isso faz todos nós rirmos, inclusive Mario. Nós nos despedimos e combinamos que virei novamente na tarde do dia seguinte. Até lá, ele diz:
- A gente se vê.
- Por aí - completo.
- Deixar sua consciência ser seu guia. Se você ter algum amiga ocidental vir a Bali, mandar eles aqui para eu ler a mão deles... estou muito vazio no meu banco agora desde a bomba. Eu sou autodidata. Estou muito feliz em ver você, Liss!
- Também estou muito feliz em ver você, Ketut!

Bali é uma pequena ilha localizada no centro do arquipélago indonésio, que tem 3.200 quilômetros de comprimento e constitui a nação muçulmana mais populosa da Terra. Bali é, portanto, algo estranho e maravilhoso; não deveria sequer existir, mas existe. O hinduísmo da ilha foi importado da Índia via Java. Comerciantes indianos levaram a religião para o leste durante o século IV d.C. Os reis javaneses fundaram uma poderosa dinastia hinduísta, da qual pouco resta hoje em dia a não ser pelas impressionantes ruínas dos templos de Borobudur. No século XVI, uma violenta rebelião islâmica varreu a região, e a realeza hinduísta adoradora de Shiva fugiu de Java, partindo em grandes grupos para ir se refugiar em Bali durante o que seria lembrado como o Êxodo de Majapahit. Os javaneses abastados, de alta casta, trouxeram consigo para Bali apenas suas famílias reais, seus artesãos e seus sacerdotes - portanto, não é um exagero quando se diz que todo mundo em Bali é descendente de rei, sacerdote ou artista, e que é por isso que os balineses são tão orgulhosos e inteligentes.
Os colonos javaneses também trouxeram para Bali o sistema hinduísta de castas, embora as divisões de casta nunca tenha sido aplicadas aqui com tanta brutalidade quanto um dia o foram na Índia. Mesmo assim, os balineses respeitam uma complexa hierarquia social (existem cinco divisões só de brâmanes), e eu pessoalmente teria mais chances de decodificar o genoma humano do que de tentar entender o complicado e emaranhado sistema de clãs que ainda vigora aqui. (Os muito bons ensaios escritos por Fred B. Eiseman sobre a cultura balinesa vão muito mais a fundo nos detalhes que explicam essas sutilezas, e foi de sua pesquisa que tirei a maior parte de minhas informações genéricas, não apenas aqui, mais ao longo de todo este livro.) Basta dizer que, para os nossos padrões, todo mundo em Bali pertence a um clã, todo mundo sabe a que clã pertence, e todo mundo sabe a que clã pertecem todos os outros. E, caso você seja expulso do seu clã devido a alguma desobediência grave, isso realmente seria igual a se atirar dentro de um vulcão porque, sinceramente, você está praticamente morto.
A cultura balinesa é um dos sistemas de organização social e religiosa mais metódicos da Terra, uma maravilhosa colmeia de tarefas, papéis e cerimônias. Os balineses estão *inseridos*, e completamente presos, a uma elaborada trama de costumes. Essa rede foi criada por uma combinação de diversos fatores, mas, basicamente, podemos dizer que Bali é o que ocorre quando os luxuriantes rituais do hinduísmo tradicional são superimpostos a uma grande sociedade agrária onde se cultiva arroz e que, por necessidade, funciona na base de uma elaborada cooperação comunitária. O cultivo do arroz em terraços de nível exige uma incrível quantidade de trabalho, manutenção e engenharia coletivos para poder prosperar e, portanto, cada vilarejo balinês tem o seu *banjar* - uma organização unida de habitantes que administra, por meio de um consenso, as decisões políticas, econômicas, religiosas e agrícolas do vilarejo. Em Bali, o coletivo é totalmente mais importante do que o individual, senão ninguém come.
As cerimônias religiosas têm uma importância crucial aqui em Bali (que, não se esqueçam, é uma ilha onde existem sete vulcões imprevisíveis – você também estaria rezando). Segundo estimativas, um balinês típico passa um terço de suas horas de vida acordado preparando-se para uma cerimônia, ou purificando-se depois de uma cerimônia. A vida aqui é um ciclo constante de oferendas e rituais. É preciso executá-los todos, na ordem correta e com a intenção correta, ou então o universo inteiro irá se desequilibrar. Margaret Mead escreveu sobre "a incrível energia" dos balineses, e é verdade - raramente se vê um momento de ócio em um complexo residencial familiar balinês. Existem

cerimônias que precisam ser executadas cinco vezes por dia, e outras que precisam ser executadas uma vez por dia, uma vez por semana, uma vez por mês, uma vez por ano, uma vez a cada dez anos, uma vez a cada cem anos, uma vez a cada mil anos. Os sacerdotes e homens santos mantêm o controle de todas essas datas e rituais, graças a um incompreensível sistema composto de três calendários distintos.
São 13 os principais ritos de passagem de qualquer ser humano em Bali, cada qual marcado por uma cerimônia altamente organizada. Cerimônias elaboradas de apaziguamento espiritual são conduzidas ao longo de toda a vida, de forma a proteger a alma dos 108 vícios (108 - olhem este número aí de novo!), que incluem mazelas como violência, roubo, preguiça e mentira. Toda criança balinesa passa por uma momentosa cerimônia de puberdade durante a qual os dentes caninos, ou "presas", são lixados até ficarem da altura dos outros, para melhorar o aspecto estético. A pior coisa que se pode ser em Bali é rude e animalesco, e essas presas são consideradas remanescentes de nossa natureza mais brutal e, portanto, precisam ser eliminadas. Em uma cultura tão coesa, é perigoso ser brutal. Toda a rede de cooperação de um vilarejo poderia ser destruída pela tendência assassina de uma só pessoa. Portanto, a melhor coisa que se pode ser em Bali é *alus*, que significa "refinado" ou mesmo "embelezado". A beleza em Bali é algo bom, tanto para homens quanto para mulheres. A beleza é reverenciada. Beleza representa segurança. As crianças aprendem a enfrentar qualquer dificuldade e desconforto com "um rosto brilhante", com um gigantesco sorriso.
Bali é inteiramente estruturada em torno da noção de uma matriz, de uma imensa e invisível grade de espíritos, diretrizes, caminhos e costumes. Orientados por esse mapa intangível, cada balinês ou balinesa conhece exatamente o seu lugar certo. Basta olhar para os quatro nomes de quase todos os cidadãos balineses - Primeiro (a), Segundo(a), Terceiro (a), Quarto(a) -, lembrando a todos de quando nasceram na família e de qual o seu lugar. Não seria possível ter um sistema de mapeamento mais claro se os seus filhos se chamassem Norte, Sul, Leste e Oeste. Mario, meu novo amigo ítalo-indonésio, disse-me que só é feliz quando consegue se manter - mental e espiritualmente - na interseção de uma linha vertical com outra horizontal, em um estado de equilíbrio perfeito. Para isso, precisa saber exatamente onde está a cada instante, tanto em seu relacionamento com o divino quanto com sua família aqui na Terra. Se ele perder o equilíbrio, perde seu poder.
Não se trata de uma hipótese absurda dizer que os balineses são os especialistas mundiais do equilíbrio, gente para quem a manutenção do equilíbrio Perfeito é uma arte, uma ciência e uma religião. Como estou em uma busca pessoal pelo equilíbrio, eu esperava aprender muito com os balineses sobre manter-me equilibrada neste mundo caótico. No entanto, quanto mais leio e vejo sobre essa cultura, mais percebo como me afastei da grade de equilíbrio, pelo menos de uma perspectiva balinesa. Meu hábito de passear pelo mundo sem dar a mínima para minha orientação física, somado à minha decisão de sair da rede protetora do casamento e da família, fez de mim - pelos padrões balineses - algo como um fantasma. Gosto de viver assim mas, segundo os padrões de qualquer balinês que se dê ao respeito, trata-se de uma vida de pesadelo. Se você não sabe onde está ou o clã a que pertence, então como poderá encontrar o equilíbrio?
Visto tudo isso, não tenho tanta certeza de quanto da visão de mundo balinesa incorporarei à minha própria visão de mundo, já que, no momento, pareço estar adotando uma definição mais moderna e ocidental da palavra *equilíbrio*. (Atualmente a estou traduzindo como "liberdade igual" ou a possibilidade igual de pender para qualquer

direção a qualquer momento, dependendo de... vocês sabem... como as coisas acontecerem.) Os balineses não esperam para ver "como as coisas acontecem". Isso seria aterrorizante. Eles *organizam* a maneira como as coisas acontecem, de modo a evitar que elas desmoronem.

Quando você está andando pela rua em Bali e cruza com um desconhecido, a primeira pergunta que ele ou ela irá lhe fazer é: "Para onde você está indo?" A segunda pergunta é: "De onde você está vindo?" Para um ocidental, essas podem parecer perguntas bastante invasivas vindas de um total desconhecido, mas eles estão apenas tentando se orientar em relação a você, tentando inserir você na grade em nome da segurança e do conforto. Se você lhes disser que não sabe aonde está indo, ou que está apenas andando a esmo, pode provocar uma certa angústia no coração de seu novo amigo balinês. E bem melhor escolher algum tipo de direção específica — *para qualquer lugar* — e todo mundo irá se sentir melhor.

A terceira pergunta que um balinês quase com certeza lhe fará é: "Você é casado(a)?" Aqui também, trata-se de uma pergunta de posicionamento e orientação. Eles precisam saber isso para se certificarem de que você está completamente em ordem na sua vida. Realmente querem que você responda sim. Ficam imensamente aliviados quando você responde que sim. Se você for solteiro(a), é melhor não dizer isso diretamente. E realmente recomendo que você não faça nenhuma menção a seu divórcio, caso tenha se divorciado. Isso só faz preocupar os balineses. A única coisa que a sua solidão lhes prova é sua perigosa distância da grade. Se você for uma mulher solteira viajando por Bali, e alguém lhe perguntar: "Você é casada?", a melhor resposta possível é: "Ainda não." Isso é uma maneira educada de dizer "não", e ao mesmo tempo sinalizar suas intenções otimistas de resolver esse problema assim que possível.

Mesmo que você tenha 80 anos de idade, seja lésbica, feminista convicta ou freira, ou seja uma freira lésbica feminista convicta de 80 anos de idade que jamais se casou e jamais pretende se casar, mesmo assim a resposta mais educada possível é: "Ainda não."

77

Pela manhã, Mario me ajuda a comprar uma bicicleta. Como um perfeito quase-italiano, ele diz:

- Eu conheço um cara -, e me leva até a loja do primo, onde compro uma bela mountain bike, um capacete, uma tranca e uma cestinha por pouco menos de cinqüenta dólares norte-americanos. Agora tenho mobilidade na minha nova cidade de Ubud ou, pelo menos, a maior mobilidade que posso ter com segurança nestas estradas estreitas, sinuosas e malconservadas, cheias de motocicletas, caminhões e ônibus de turismo.

À tarde, vou de bicicleta até o vilarejo de Ketut, para passar algumas horas com o meu xamã em nosso primeiro dia de... o que quer que seja que façamos juntos. Para ser honesta, não tenho certeza. Aulas de inglês? Aulas de meditação? O bom e velho costume de ficar sentados em frente à porta de casa? Não sei o que Ketut tem em mente para mim, mas estou simplesmente feliz por ter sido convidada para entrar em sua vida.

Quando chego, ele está com visitas. É uma pequena família de balineses da zona rural, que trouxe a filha de um ano para Ketut ajudá-la. Os dentes da pobre bebezinha estão nascendo e ela vem chorando há várias noites. Papai é um belo rapaz de sarongue; tem as panturrilhas musculosas de uma estátua de herói de guerra soviético. Mamãe é bonita e

tímida, e me olha escondido debaixo das pálpebras timidamente abaixadas. Eles trouxeram uma pequena oferenda para Ketut em troca de seus serviços: 2 mil rupias, o equivalente a mais ou menos 25 centavos de dólar, arrumadas dentro de uma cesta feita à mão com folhas de palmeira, pouco maior do que um cinzeiro de bar de hotel. Dentro da cesta há um botão de flor, junto com o dinheiro e alguns grãos de arroz. (Sua pobreza os coloca em uma posição de total contraste com a família mais rica da capital, Denpesar, que vem visitar Ketut mais para o final da tarde, cuja mãe equilibra sobre a cabeça uma cesta de três níveis cheia de frutas, flores e um pato assado - um esplendor tão magnífico e impressionante que Carmen Miranda teria se curvado humildemente à sua frente.)
Ketut se mostra relaxado e gracioso na companhia de seus visitantes Ouve os pais explicarem os problemas de seu bebê. Então vasculha dentro de um pequeno baú na varanda em frente à sua casa e tira lá de dentro um antigo registro escrito em sânscrito balinês em caligrafia miúda. Consulta esse livro como um estudioso, procurando alguma combinação de palavras que lhe convenha, sem nunca deixar de conversar e rir com os pais. Ele então tira uma página em branco de um bloco de anotações em cuja capa há o desenho do sapo dos Muppets e escreve o que me diz ser uma receita para a menininha. A criança está sendo atormentada por um pequeno demônio, diagnostica ele, além do desconforto físico dos dentes nascendo. Para os dentes, ele recomenda aos pais simplesmente esfregar as gengivas do bebê com suco de cebola roxa. Para acalmar o demônio, eles precisam fazer uma oferenda de um frango pequeno morto e um porco pequeno, junto com um pedaço de bolo, misturados a ervas especiais que sua avó certamente encontraria em seu próprio herbário. (Essa comida não será desperdiçada; depois da cerimônia da oferenda, sempre é permitido às famílias balinesas comer suas próprias oferendas aos deuses, já que a oferenda é mais metafísica do que literal. Segundo a visão dos balineses, Deus pega o que pertence a Deus - o gesto —, enquanto o homem pega o que pertence ao homem — a comida em si.)
Depois de escrever a receita, Ketut vira-se de costas para nós, enche uma tigela de água e entoa acima dela um mantra espetacular, silenciosamente assustador. Ketut então abençoa o bebê com a água que acaba de impregnar com poder sagrado. Mesmo com apenas um ano de idade, a criança já sabe como receber uma bênção sagrada à maneira tradicional balinesa. A mãe a segura e o bebê estica as mãozinhas rechonchudas para receber a água, dá um golinho, dá outro golinho e derrama o resto em cima da própria cabeça - um ritual perfeitamente executado. Ela não tem medo algum desse velhote desdentado a entoar-lhe cânticos. Então Ketut pega o resto da água benta e a despeja dentro de um pequeno saco plástico, daqueles feitos para carregar lanches, amarra o saco na ponta e entrega a água à família para que seja usada depois. Ao sair, a mãe leva consigo esse saco plástico cheio d'água; parece que ela acaba de ganhar um peixe dourado na feira, só que se esqueceu de levar o peixe.
Ketut Liyer deu a essa família cerca de quarenta minutos de total atenção, pela tarifa de aproximadamente 25 centavos de dólar. Sc eles não tivessem dinheiro nenhum, ele teria feito a mesma coisa; esse é seu dever de xamã. Ele não pode se recusar a atender ninguém, senão os deuses levarão embora seu talento para a cura. Ketut recebe mais ou menos dez visitantes desses por dia, balineses que precisam de sua ajuda ou de seu conselho sobre alguma questão sagrada ou médica. Em dias altamente auspiciosos, quando todos querem uma bênção especial, ele pode chegar a receber mais de cem visitantes.

- Você não fica cansado?
— Mas isto é minha profissão - responde-me ele. - Isto é meu hobby... xamã.
Alguns outros pacientes se sucedem ao longo da tarde, mas Ketut e eu também conseguimos passar algum tempo sozinhos na varanda. Sinto-me muito à vontade com esse xamã, tão relaxada quanto se estivesse com meu próprio avô. Ele me dá minha primeira aula de meditação balinesa. Diz que existem muitas maneiras de encontrar Deus, mas que a maioria delas é complicada demais para os ocidentais, então ele vai me ensinar uma meditação simples. Meditação essa que consiste essencialmente no seguinte: fique sentada em silêncio e sorria. Eu adoro. Enquanto me ensina, ele já começa a rir. Sente-se e sorria. Perfeito.
— Você estudar ioga na Índia, Liss?
— Estudei sim, Ketut,
— Você saber fazer ioga — diz ele —, mas ioga difícil demais. — Dizendo isso, ele se contorce até ficar numa desconfortável postura de lótus, e estica o rosto para cima, fingindo o esforço cômico de alguém que parece estar sofrendo de prisão de ventre. Então sai da postura e ri, perguntando: - Por que as pessoas sempre cara tão séria quando fazer ioga? Fazer cara séria assim, você assustar energia boa. Para meditar, só precisar sorrir. Sorrir com rosto, sorrir com mente, e boa energia vem até você, e limpa energia suja. Sorrir até no seu fígado. Treinar hoje no hotel. Sem pressa, sem se esforçar demais. Séria demais, fica doente. Você poder chamar energia boa com sorriso. Por hoje, terminado. A gente se vê. Voltar amanhã. Estou muito feliz em ver você, Liss. Deixe sua consciência ser sua guia. Se amigos ocidentais seus vir visitar Bali, trazer eles para eu ler a mão. Estou muito vazio no meu banco desde a bomba.

78

Esta é a história de vida de Ketut Liyer, mais ou menos da maneira que ele conta: "Faz nove gerações que minha família é xamã. Meu pai, meu avô, meu bisavô, todos eles xamã. Todos querem eu xamã porque vêem eu ter luz. Vêem que eu ter bonito e ter inteligente. Mas eu não quero ser xamã. Estudo demais! Informação demais! E eu não acredito em xamã! Querer ser pintor! Querer ser artista! Ter bom talento para isso.
"Quando eu moço ainda, conhecer homem americano, muito rico, talvez até a pessoa de Nova York, como você. Ele gosta da minha pintura. Quer comprar pintura grande minha, talvez um metro de grande, por muito dinheiro. Dinheiro suficiente para ser rico. Então eu começar a pintar quadro para ele. Todo dia eu pintar, pintar, pintar. Até à noite eu pintar. Nessa época, muito tempo atrás, não ter lâmpada feito hoje, então eu ter lamparina. Lamparina a óleo, sabe? Bombear lamparina, precisa bombear para fazer óleo subir. E eu sempre pintar toda noite com lamparina a óleo.
"Uma noite, lamparina a óleo escura, então eu bombear, bombear, bombear, e ela explodir! Fazer meu braço pegar fogo! Eu passar um mês no hospital com braço queimado, ele infeccionar. Infecção chegar até meu coração. Médico me dizer para ir a Cingapura cortar o braço, amputar. Não gosto disso. Mas médico diz eu ter de ir a Cingapura, fazer operação para cortar braço. Eu digo ao médico: primeiro vou para casa, para minha aldeia.
"Nessa noite na aldeia, tenho sonho. Pai, avô, bisavô - todos eles vêm no sonho juntos à minha casa, e me dizem como curar meu braço queimado. Me dizem para fazer suco de

açafrão e sândalo. Colocar esse suco na queimadura. Depois fazer pó de açafrão e sândalo. Esfregar esse pó na queimadura. Eles me dizem que eu tenho de fazer isso, então não perder o braço. Esse sonho tão real, como se eles em casa comigo, todos juntos.
"Eu acordo. Não sei o que fazer, porque algumas vezes os sonhos estão só brincando, sabe? Mas volto para minha casa e pôr esse suco de açafrão e sândalo no braço. Depois passar pó de açafrão e sândalo no braço. Meu braço muito infeccionado, dor muita, deformado, inchado. Mas depois do suco e do pó ficar muito fresco. Ficar muito frio. Começar melhorar. Dez dias depois, meu braço está bom. Todo curado.
Por isso, eu começar a acreditar. Então tenho sonho de novo, com pai, avô, bisavô. Dizem que agora tenho de ser xamã. Minha alma, tenho de dar para Deus. Para fazer isso, preciso jejuar por seis dias, sabe? Sem comida, sem água. Sem bebida. Sem café-da-manhã. Nada fácil. Eu com tanta sede do jejum, vou para os arrozais de manhã, antes de o sol nascer. Fico sentado no arrozal com a boca aberta pegando a água do ar. Como se chama isso, a água que tem no ar do arrozal de manhã? Orvalho? Isso. Orvalho. Passo seis dias comendo só esse orvalho. Nenhuma outra comida, só esse orvalho. No dia número cinco, desmaio. Vejo tudo da cor amarela em todo lugar. Não, não da cor amarela - DOURADA. Vejo a cor dourada em todo lugar, até dentro de mim. Muito feliz. Agora entender. Essa cor dourada é Deus também dentro de mim. Mesma coisa que é Deus é mesma coisa dentro de mim. Mesma-mesma.
"Então agora tenho de ser xamã. Agora tenho de aprender livros médicos do meu avô. Esses livros não feitos de papel, feitos de folhas de palmeira. Chamadas *lontars*. É a enciclopédia médica balinesa. Preciso aprender todas as plantas diferences de Bali. Nada fácil. Uma por uma, aprendendo tudo. Aprendo a cuidar das pessoas com muitos problemas. Um problema é quando alguém está doente do físico. Eu ajudo essa doença física com ervas. Outro problema é quando a família está doente, quando a família está sempre brigando. Eu ajudo isso com harmonia, com desenho mágico especial, também com conversa para ajudar. Ponho desenho mágico na casa, nada mais de brigas. Algumas vezes pessoas doentes de amor, não encontram par certo. Eu conserto problema de amor com mantra e desenho mágico, traz amor para você. Também aprendo magia negra, para ajudar pessoas com feitiços ruins de magia negra nelas. Meu desenho mágico, você pôs na sua casa, trazer energia boa para você.
"Ainda gosto de ser artista, gosto de fazer pintura quando tenho tempo, vender para galeria. Meu quadro, sempre mesmo quadro - quando Bali era paraíso, talvez mil anos atrás. Quadro de selva, animais, mulheres com - qual é a palavra? Peito. Mulheres com peito. Difícil para mim encontrar tempo para fazer quadro por causa do xamã, mas preciso ser xamã. E a minha profissão. É o meu *hobby*. Preciso ajudar as pessoas ou Deus zanga comigo. Algumas vezes, preciso fazer parto de bebê, fazer cerimônia para homem que morreu ou fazer cerimônia para lixar dentes ou para casamento. Algumas vezes acordo, três da manhã, faço quadro junto lâmpada elétrica - única hora que posso fazer quadro para mim. Gosto sozinho nessa hora do dia, bom para fazer quadro.
"Faço mágica de verdade, sem brincadeira. Digo sempre verdadeiro, mesmo se notícia ruim. Preciso fazer bom caráter na minha vida sempre, ou vou estar no inferno. Falo balinês, indonésio, pouquinho de japonês, pouquinho de inglês, pouquinho de holandês. Durante guerra, muitos japoneses aqui, Não tão ruim para mim - leio mão dos japoneses, faço amizade. Antes da guerra, muitos holandeses aqui. Agora, muitos ocidentais aqui, todos falando inglês. Meu holandês está - como se diz? Qual palavra você me ensinou

ontem? Enferrujado? Isso - enferrujado. Meu holandês está enferrujado. Ah!
"Sou da quarta casta de Bali, de casta muito baixa, como agricultor. Mas recebo muita gente da primeira casta nem tão inteligente quanto eu. Meu nome é Ketut Liyer. Liyer é nome meu avô me deu quando eu era menino. Quer dizer luz brilhante. Esse sou eu."

79

Sou tão livre aqui em Bali que quase chega a ser ridículo. A única coisa que preciso fazer todos os dias é visitar Ketut Liyer durante algumas horas à tarde, o que está muito longe de ser um fardo. O resto do meu dia é dedicado a diversas atividades despreocupadas. Medito durante uma hora todas as manhãs usando as técnicas iogues que minha Guru me ensinou, e em seguida medito durante uma hora todas as tardes com as práticas que Ketut me ensinou ("sente-se e sorria"). No meio-tempo, passeio e ando de bicicleta, e algumas vezes converso com pessoas e almoço. Achei uma pequena biblioteca tranqüila aqui onde se pode pegar livros emprestados, fiz minha carteirinha, e agora uma grande e luxuosa parte do meu tempo é dedicada à leitura no jardim. Depois da intensidade da vida no *ashram*, e até mesmo depois de toda aquela decadência de percorrer a Itália inteira comendo tudo que via pela frente, esse é um período muito novo e radicalmente pacífico da minha vida. Tenho tanto tempo livre que seria possível medi-lo em toneladas.
Sempre que saio do hotel, Mario e os outros funcionários da recepção me perguntam aonde estou indo e, sempre que volto, perguntam-me onde estive Quase posso imaginar que eles guardam nas gavetinhas da mesa pequeninos mapas de todas as pessoas que amam, com sinais indicando onde cada uma está em cada instante, apenas para garantir que a colmeia inteira tenha seu paradeiro conhecido o tempo todo.
A noite, subo bem no alto da colina com minha bicicleta e atravesso os hectares de arrozais cultivados em terraços em nível ao norte de Ubud, onde as vistas são esplêndidas e verdejantes. Posso ver as nuvens cor-de-rosa refletidas nas águas paradas dos arrozais, como se houvesse dois céus — um lá em cima para os deuses, e outro aqui embaixo, na água lamacenta, só para nós mortais. No outro dia, fui de bicicleta até o santuário da garça, com sua relutante placa de boas-vindas ("Tudo bem, dá pra ver garças daqui"), mas nesse dia não havia garça nenhuma, apenas patos, então passei um tempinho olhando os patos e, em seguida, fui até o vilarejo seguinte. No caminho, passei por homens, mulheres, crianças, frangos e cachorros, todos, à sua maneira, ocupados com seu trabalho, mas nenhum deles tão ocupado a ponto de não parar para me cumprimentar:
Algumas noites atrás, no alto de um lindo promontório na floresta, vi uma placa: "Aluga-se casa de artista, com cozinha". Como o universo é generoso, três dias depois estou morando lá. Mario me ajudou com a mudança, e todos os seus amigos no hotel se despediram de mim com lágrimas nos olhos.
Minha nova casa fica em uma rua silenciosa, cercada de arrozais por todos os lados. É um lugarzinho parecido com um chalé, rodeado por muros cobertos de hera. A proprietária é uma inglesa, mas ela está passando o verão em Londres, de modo que entro em sua casa e a substituo nesse espaço milagroso. Há uma cozinha vermelha e brilhante, um laguinho cheio de peixes doura dos, uma varanda com piso de mármore, um chuveiro externo com piso feito de mosaicos brilhantes; enquanto passo xampu nos cabelos, posso ver as garças aninhando-se nas palmeiras. Pequenas trilhas escondidas cortam um jardim realmente encantador. A casa tem jardineiro, de modo que tudo que tenho a fazer é admirar as

flores. Não sei como se chama nenhuma dessas extraordinárias flores equatoriais, então invento nomes para elas. E por que não? É o meu Éden, não é? Logo já inventei apelidos para todas as plantas que há por aqui - árvore de narcisos, palmeira-repolho, grama vestido-de-baile, exibida espiralada, botão peso-pluma, vinha-melancolia e uma orquídea cor-de-rosa espetacular que batizei de "Primeiro Aperto de Mão do Bebê". A quantidade desnecessária c supérflua de pura beleza por aqui é inacreditável. Posso colher mamões e bananas direto do pé do lado de fora da janela do meu quarto. Aqui mora um gato que se mostra extraordinariamente afetuoso comigo durante meia hora por dia, antes de eu lhe dar comida, e depois passa o resto do tempo gemendo loucamente como se estivesse tendo flashbacks da guerra do Vietnã. Estranhamente, não ligo para isso. Não ligo para nada nesses dias. Não consigo imaginar nem me lembrar do que seja o descontentamento. O universo de sons por aqui também é espetacular. Ao entardecer, há uma orquestra de grilos, para a qual os sapos fornecem a linha melódica mais grave. No meio da noite, os cães uivam por serem incompreendidos. Antes de amanhecer, galos a um raio de muitos quilômetros anunciam como é legal ser galo. ("Somos GALOS!", berram eles. "Somos os únicos que podem ser GALOS!") Toda manhã, mais ou menos na hora em que o sol desponta, há uma competição de canto de pássaros tropicais, e o campeonato sempre termina com um empate entre os dez concorrentes. Quando o sol sai, o lugar silencia, e as borboletas começam a trabalhar. A casa inteira é coberta de vinhas; sinto que qualquer dia ela irá desaparecer por completo em meio à folhagem, e eu própria me transformarei em uma flor silvestre. O aluguel custa menos do que eu costumava pagar para andar de táxi em Nova York a cada mês.
A palavra *paraíso*, aliás, que vem do persa, significa literalmente "jardim fechado".

80

Dito isso, preciso ser honesta aqui e comunicar que me bastam três tardes de pesquisa na biblioteca local para perceber que todas as minhas idéias originais sobre o paraíso balinês estavam um pouco equivocadas. Desde que estive em Bali pela primeira vez, dois anos atrás, eu vinha dizendo às pessoas que esta ilhazinha era a única verdadeira utopia do mundo, um lugar que só conheceu a paz, a harmonia e o equilíbrio durante toda sua história. Um Éden perfeito, sem nenhum histórico de violência ou banho de sangue. Não tenho certeza de onde tirei essa idéia grandiosa, mas a defendi com total segurança.
- Até os policiais usam flores no cabelo -, dizia eu, como se isso provasse alguma coisa.
Na realidade, porém, descobri que Bali tem uma história tão sangrenta, violenta e opressiva quanto qualquer outro lugar da Terra que tenha sido habitado por seres humanos. Quando os reis javaneses emigraram para cá pela primeira vez, no século XVI, o que fundaram foi basicamente uma colônia feudal, com um rígido sistema de castas que — como todo sistema de castas que se preze - tendia a não se preocupar com quem estivesse na base. No começo, a economia balinesa era abastecida por um lucrativo tráfico de escravos (que não apenas precedeu, em vários séculos, a participação européia no tráfico internacional de escravos, mas também durou mais um bom tempo do que o tráfico europeu de vidas humanas). Internamente, a ilha estava constantemente em guerra, com reis rivais organizando ataques (incluindo estupros e assassinatos em massa) contra seus vizinhos. Até o final do século XIX, os balineses tinham entre os comerciantes e marinheiros a reputação de serem guerreiros terríveis. (A palavra *amok*, usada na

expressão em inglês "*to run amok*" ou enlouquecer, é balinesa, e refere-se a uma técnica de batalha que consistia em lançar-se subitamente sobre os inimigos em uma fúria ensandecida, travando um combate corpo-a-corpo suicida e sangrento; os europeus ficavam totalmente aterrorizados com essa prática.) Com um exército disciplinado composto por 30 mil homens, os balineses derrotaram seus invasores holandeses em 1848, depois em 1849, e mais uma vez, para ter certeza, em 1850. Somente se renderam ao controle holandês quando os reis rivais de Bali se separaram e traíram uns aos outros para tentar conquistar o poder, aliando-se ao inimigo em troca da promessa de bons negócios no futuro. Portanto, envolver a história da ilha hoje em um sonho de paraíso é um pouco insultuoso em relação à realidade; essas pessoas estão longe de terem passado o último milênio sentadinhas sorrindo e cantando canções felizes.
Nos anos 1920 e 1930, porém, quando uma elite de viajantes ocidentais descobriu Bali, todo esse passado sangrento foi ignorado, quando os recém-chegados concordaram que isto aqui era realmente "A Ilha dos Deuses", onde "todos são artistas" e onde a humanidade vive em um estado intocado de contentamento. Essa idéia perdurou muito tempo, esse sonho; a maioria dos que visitam Bali (incluindo eu própria, na primeira viagem) ainda a confirma. "Fiquei furioso com Deus por não ter nascido balinês", disse o fotógrafo alemão George Krauser, depois de visitar Bali na década de 1930. Atraídos por relatos de beleza e serenidade incomparáveis, alguns turistas notáveis começaram a visitar a ilha - artistas como Walter Spies, escritores como Nöel Coward, bailarinos como Claire Holt, atores como Charlie Chaplin, estudiosos como Margaret Mead (que, apesar de todos os seios nus, sabiamente definiu a civilização balinesa como aquilo que realmente era, uma sociedade tão puritana quanto a Inglaterra vitoriana: "Não há um grama de libido livre na cultura inteira.")
A festa terminou nos anos 1940, quando o mundo entrou em guerra. Os japoneses invadiram a Indonésia, e os extáticos expatriados em seus jardins balineses com seus bonitos pajens foram obrigados a ir embora. Na luta pela independência da Indonésia que sucedeu à guerra, Bali tornou-se exatamente tão dividida e violenta quanto o restante do arquipélago e, na década de 1950 (segundo um estudo chamado *Bali: Um Paraíso Inventado*), se um estrangeiro ousasse sequer pôr os pés em Bali, poderia ser uma boa idéia dormir com uma arma debaixo do travesseiro. Durante os anos 1960, a luta pelo poder transformou a Indonésia inteira em um campo de batalha entre nacionalistas e comunistas. Depois de uma tentativa de golpe em Jacarta, em 1965, soldados nacionalistas foram enviados a Bali com os nomes de todos aqueles suspeitos de comunismo na ilha. Em mais ou menos uma semana, sempre contando com a ajuda da polícia local e das autoridades dos vilarejos, as forças nacionalistas percorreram cada cidade assassinando diligentemente. Quando a matança terminou, algo como 100 mil cadáveres abarrotavam os lindos rios de Bali.
O renascimento do sonho de um Éden fabuloso ocorreu no final dos anos 1960, quando o governo da Indonésia decidiu reinventar Bali para o mercado internacional de turismo como "A Ilha dos Deuses", lançando uma ultrabem-sucedida campanha de marketing. Os turistas atraídos novamente para Bali formavam um grupo bastante refinado (afinal, isto aqui não era a Flórida), e sua atenção era atraída pela beleza artística e religiosa inerente à cultura balinesa. Elementos históricos mais sombrios foram ignorados. E continuaram ignorados desde então.
Ler sobre tudo isso durante minhas tardes na biblioteca local me deixa um pouco confusa.

Esperem - por que voltei a Bali? Para procurar o equilíbrio entre prazer mundano e devoção espiritual, certo? Será este, de fato, o ambiente certo para essa busca? Será que os balineses são realmente imbuídos desse poderoso equilíbrio, mais do que qualquer outra pessoa no mundo? Quero dizer, eles *parecem* equilibrados, com todas essas danças, preces, comemorações, belezas e sorrisos, mas não sei o que acontece de verdade por baixo disso tudo. Os policiais *de fato* usam flores enfiadas atrás das orelhas, mas Bali, assim como o restante da Indonésia, é um lugar onde há corrupção por toda parte (como descobri em primeira mão no outro dia, ao pagar algumas centenas de dólares de suborno a um homem uniformizado para ele estender ilegalmente o meu visto, de modo que eu afinal pudesse passar quatro meses em Bali). Os balineses literalmente vivem de sua imagem de serem o povo mais pacífico, religioso e artisticamente expressivo do mundo, mas quanto disso é intrínseco e quanto é economicamente calculado? E até que ponto uma forasteira como eu pode vir a conhecer as tensões escondidas que podem estar à espreita por trás desses "rostos brilhantes"? Aqui acontece a mesma coisa que em qualquer outro lugar - se você olhar de perto demais para a imagem, todas as linhas sólidas começam a se dissolver em uma massa indistinta de pinceladas embaçadas e pixels manipulados.

Por ora, tudo que posso dizer com certeza é que adoro a casa que aluguei e que as pessoas em Bali foram uma simpatia comigo, sem exceção. Considero sua arte e suas cerimônias lindas e restauradoras; eles também parecem pensar assim. Essa é a minha experiência empírica de um lugar provavelmente muito mais complexo do que eu algum dia poderei compreender. No entanto, o que quer que os balineses precisem fazer para manter seu próprio equilíbrio (e para ganhar a vida) é totalmente problema seu. O que estou tentando fazer é trabalhar para encontrar meu próprio equilíbrio, e aqui ainda parece, pelo menos por enquanto, um ambiente propício para se fazer isso.

81

Não sei quantos anos tem o meu xamã. Já lhe perguntei, mas ele não tem certeza. Acho que me lembro, quando estive aqui há dois anos, de o tradutor dizer que ele tinha 80 anos. Mas Mario perguntou-lhe no outro dia quantos anos ele tinha, e Ketut respondeu:

- Sessenta e cinco, talvez, não tenho certeza.

Quando lhe perguntei em que ano ele nasceu, ele disse que não se lembrava de ter nascido. Sei que ele já era adulto quando os japoneses ocuparam Bali durante a Segunda Guerra Mundial, o que o faria ter mais ou menos 80 anos agora. Mas, quando ele me contou a história do braço queimado quando era jovem, e eu lhe perguntei em que ano isso havia acontecido, ele respondeu:

- Não sei. Talvez 1920?

Nesse caso, se ele tinha mais ou menos 20 anos em 1920, que idade tem agora? Talvez 105 anos? Então podemos estimar que ele tem entre 65 e 105 anos de idade.

Também percebi que sua estimativa da própria idade muda dependendo do dia, baseado na forma como está se sentindo. Quando ele está realmente cansado, suspira e diz: "Oitenta e cinco hoje, talvez", mas, quando está mais disposto, ele diz: "Acho que hoje estou com 60 anos." Talvez essa seja uma maneira tão boa de estimar a idade quanto qualquer outra - que idade você *sente* que tem? Pensando bem, o que mais importa? Mesmo assim, estou sempre tentando descobrir. Certa tarde, resolvi simplificar as coisas

e perguntei:
— Ketut... quando você faz aniversário?
— Quinta-feira — respondeu ele.
— Quinta-feira agora?
— Não. Não nesta quinta-feira. Em uma quinta-feira.
É um bom começo... mas será que não existe mais informação além disso? Uma quinta-feira de que mês? De que ano? Não há jeito de descobrir. De toda forma, em Bali, o dia da semana em que você nasceu é mais importante do que o ano, e é por isso que, embora Ketut não saiba a própria idade, foi capaz de me contar que o patrono das crianças nascidas nas quintas-feiras é Shiva, o Destruidor, e que o dia tem dois espíritos-guias animais: o leão e o tigre. A árvore oficial das crianças nascidas em quintas-feiras é a figueira-de-bengala. Seu pássaro oficial é o pavão. Quem nasceu em uma quinta-feira é sempre o primeiro a falar, sempre interrompe todos os outros, pode ser um pouco agressivo, tende a ser bonito ("um homem-objeto ou uma mulher-objeto", segundo Ketut), mas, de forma geral, tem um caráter decente, com uma memória excelente e um desejo de ajudar os outros.
Quando seus pacientes balineses vêm procurar Ketut com problemas sérios de saúde, de dinheiro ou de relacionamento, ele sempre pergunta em que dia da semana eles nasceram, de modo a compilar as preces e os remédios certos para ajudá-las. Pois, segundo Ketut, algumas vezes "as pessoas estão doentes de aniversário", e precisam de um pouco de ajuste astrológico para fazê-las recuperar o equilíbrio. No outro dia, uma família da região trouxe seu caçula para uma consulta com Ketut. O menino devia ter uns 4 anos. Perguntei qual era o problema, e Ketut traduziu que a família estava preocupada com "problemas com menino muito agressivo. Este menino não aceita ordens. Comporta mal. Não presta atenção. Todo mundo em casa cansado do menino. De vez em quando também, menino tonto demais".
Ketut perguntou aos pais se podia segurar a criança por alguns instantes. Eles puseram o menino no colo de Ketut, e a criança se recostou no peito do velho xamã, relaxada e sem medo nenhum. Ketut o segurou com carinho, pousou a palma da mão sobre a testa do menino, fechou os olhos. Então pousou a palma da mão sobre a barriga do menino e tornou a fechar os olhos. Durante esse tempo todo, sorria e conversava gentilmente com o menino. O exame terminou rapidamente. Ketut devolveu o menino a seus pais, e eles logo foram embora com uma receita e um pouco de água benta. Ketut me disse que havia perguntado aos pais as circunstâncias do nascimento do menino e descobrira que ele havia nascido sob uma má estrela e em um dia de sábado - dia de nascimento que contém elementos de espíritos potencialmente maus, como os do corvo, da coruja, do galo (é isso que torna a criança briguenta) e da marionete (era o que estava causando sua tontura). Mas nem tudo eram más notícias. Tendo nascido em um sábado, o corpo do menino também encerrava o espírito do arco-íris e da borboleta, e estes podiam ser fortalecidos. Uma série de oferendas deveria ser feita, e o menino iria novamente se reequilibrar.
- Por que você pôs a mão na testa e na barriga do menino? — perguntei. - Queria ver se ele estava com febre?
- Eu estava checar o cérebro dele - disse Ketut. - Para ver se ele tinha espíritos maus na mente.
- Que tipo de espíritos maus?
- Liss - disse ele. - Eu sou balinês. Eu acredito na magia negra. Eu acredito que espíritos

maus saem dos rios e machucam gente.
- O menino tinha espíritos maus?
- Não. Ele só está doente do aniversário. A família dele vai fazer sacrifício. Vai ficar tudo bem. E você, Liss? Você praticando meditação balinesa todas as noites? Manter mente e coração limpos?
- Todas as noites - garanti.
- Você aprender a sorrir até no fígado?
- Até no meu fígado, Ketut. Sorriso bem grande no meu fígado.
- Muito bem. Esse sorriso vai fazer você mulher bonita. Vai te dar poder de ser muito bonita. Você pode usar esse poder... poder bonito!... para conseguir o que quer da vida.
- Poder bonito! - Repeti a expressão, adorando-a. Parecia uma Barbie meditando. - Eu quero o poder bonito!
- Você ainda pratica meditação indiana, também?
- Todas as manhãs.
- Muito bem. Não esqueça seu ioga. Faz bem a você. Bom para você praticar duas formas de meditação: indiana e balinesa. As duas diferentes, mas igualmente boas. Mesmo-mesmo. Penso em religião, a maioria é mesmo-mesmo.
- Nem todo mundo pensa assim, Ketut. Algumas pessoas gostam de discutir sobre Deus.
- Não é necessário - disse ele. - Tenho boa idéia, para se você conhece alguém de outra religião e ele quer discutir sobre Deus. Minha idéia é, você escuta tudo que esse homem diz sobre Deus. Nunca discute sobre Deus com de. Melhor coisa a dizer é: "Concordo com você." Depois vai pra casa, reza o que quiser. Essa é minha idéia para as pessoas terem paz sobre religião.
Percebi que Ketut mantém o queixo empinado o tempo todo, com a cabeça um pouco inclinada para trás, parecendo ao mesmo tempo intrigado e elegante. Como um velho rei curioso, ele vê o mundo todo por cima do próprio nariz. Sua pele é lustrosa, de um marrom dourado. Ele é quase completamente calvo, mas compensa isso com longas e macias sobrancelhas que parecem ansiosas para levantar vôo. Com exceção dos dentes que faltam e do braço esquerdo com a cicatriz da queimadura, ele parece em perfeita saúde. Disse-me que, quando jovem, era dançarino nas cerimônias do templo, e que, nessa época, era lindo. Acredito nele. Ele faz apenas uma refeição por dia - um prato típico balinês, simples, feito de arroz misturado com pato ou peixe. Gosta de beber uma xícara de café com açúcar por dia, principalmente só para celebrar o fato de ter dinheiro para comprar café e açúcar. Com uma dieta dessas, você também poderia, com facilidade, viver até os 105 anos. Segundo ele, mantém o corpo forte meditando toda noite antes de dormir e puxando a energia saudável do universo para seu próprio centro. Ele diz que o corpo humano é feito de nada mais, nada menos do que os cinco elementos da criação - água (*apa*), fogo (*tejo*), vento (*bayu*), céu (*akasa*) e terra (*pritiwi*) -, e que tudo que você precisa fazer é se concentrar nessa realidade durante a meditação para receber energia de todas essas fontes, e ficará forte. Demonstrando seu ouvido ocasionalmente muito bom para as expressões da língua inglesa, ele disse:
- O microcosmo vira o macrocosmo. Você, microcosmo, vai virar o mesmo que universo, macrocosmo.
Ele hoje esteve muito ocupado, cheio de pacientes balineses amontoados por seu quintal como contêineres de carga, todos com bebês ou oferendas no colo. Havia agricultores e homens de negócios, pais e avós. Havia pais com bebês que não conseguiam segurar

comida no estômago e velhos assombrados por maldições de magia negra. Havia rapazes atormentados pela agressão e pela luxúria, e moças à procura de parceiros no amor, enquanto crianças sofredoras reclamavam de seus problemas de pele. Tudo desequilibrado; todo mundo precisando recuperar o equilíbrio.

No entanto, a atmosfera do quintal da casa de Ketut é sempre de paciência total. Algumas vezes, as pessoas precisam esperar três horas até Ketut ter uma oportunidade de atendê-las, mas elas nunca batem o pé no chão nem reviram os olhos, irritadas. Também é extraordinária a maneira como as crianças esperam, apoiadas em suas lindas mães, brincando com os próprios dedos para fazer passar o tempo. Sempre acho graça depois, quando se descobre que essas mesmas crianças tranqüilas foram trazidas para uma consulta com Ketut, porque a mãe e o pai decidiram que a criança é "levada demais" e precisa de uma cura. *Aquela* menininha? *Aquela* menininha de 3 anos que ficou sentada em silêncio, debaixo do sol quente, durante quatro horas a fio, sem reclamar, sem fazer nenhum lanche e sem nenhum brinquedo? Ela é *levada*? Eu gostaria de poder dizer: "Gente, se vocês quiserem ver o que é uma criança levada, levo vocês para os Estados Unidos e mostro umas crianças que vão fazer vocês acreditarem na alopatia pesada." Mas, aqui, os padrões para o bom comportamento infantil são simplesmente diferentes.

Ketut tratou todos os pacientes com boa vontade, um após o outro, aparentemente sem se preocupar com a passagem do tempo, dando a todos exatamente a atenção de que precisavam, independente de quem estava esperando para ser atendido depois. Estava tão ocupado que sequer fez sua única refeição, na hora do almoço, mantendo-se em vez disso colado à sua varanda, obrigado, por seu respeito a Deus e a seus ancestrais, a passar horas intermináveis ali sentado, curando todo mundo. Quando a noite chegou, seus olhos estavam cansados como os olhos de um cirurgião de campanha da Guerra Civil americana. Seu último paciente do dia fora um balinês de meia-idade intensamente perturbado, que reclamava de não conseguir dormir bem há semanas; ele dizia estar sendo assombrado por um pesadelo de "afogar-se em dois rios ao mesmo tempo".

Até esta noite, eu ainda não tinha certeza de qual era o meu papel na vida de Ketut Liyer. Todos os dias, pergunto se ele tem certeza de que vai me querer aqui, e ele continua a insistir para eu vir ficar com ele. Sinto-me culpada por ocupar uma parte tão grande de seu dia, mas ele sempre parece decepcionado quando vou embora no final da tarde. Não estou lhe ensinando nenhum inglês, não para valer. De toda forma, a esta altura, qualquer inglês que ele tenha aprendido muitas décadas atrás, como quer que tenha sido, já se cristalizou em sua mente, e não há muito espaço para correção ou vocabulário novo. Tudo que consigo é fazê-lo dizer: "Prazer em ver você" quando chego em vez de "Prazer em conhecer você".

Nessa noite, depois de seu último paciente ter ido embora, quando Ketut estava exausto, parecendo um ancião de tão cansado de trabalhar, perguntei-lhe se eu deveria ir embora agora e deixá-lo um pouco sozinho, e ele respondeu:

— Sempre tenho tempo para você.

Em seguida, pediu-me para lhe contar histórias sobre a Índia, sobre os Estados Unidos, sobre a Itália, sobre a minha família. Foi então que me dei conta de que não sou a professora de inglês de Ketut Liyer, nem sou exatamente sua aluna de teologia, mas sou o mais básico e o mais simples dos prazeres desse velho xamã — sou sua companhia. Sou alguém com quem ele pode conversar, porque ele gosta de ouvir falar sobre o mundo, e não teve muita oportunidade de vê-lo.

Durante as horas que passamos juntos nessa varanda, Ketut me fez perguntas sobre tudo, de quanto custam os carros no México ao que provoca a AIDS. (Fiz o que pude com os dois assuntos, embora acredite que haja especialistas que poderiam ter respondido com mais embasamento.) Ketut nunca saiu da ilha de Bali na vida. Na verdade, ele passou muito pouco tempo fora dessa varanda. Certa vez, fez uma peregrinação até o monte Agung, o maior e espiritualmente mais importante vulcão de Bali, mas disse que a energia lá era tão poderosa que ele mal conseguia meditar, por medo de ser consumido pelo fogo sagrado. Ele vai aos templos para as grandes cerimônias importantes e é convidado à casa dos vizinhos para celebrar casamentos ou rituais de puberdade, mas, durante a maior parte do tempo, pode ser encontrado ali mesmo, de pernas cruzadas sobre sua esteira de bambu, cercado pelas enciclopédias médicas de folha de palmeira do bisavô, cuidando das pessoas, enfraquecendo demônios e, ocasionalmente, oferecendo a si mesmo o luxo de uma xícara de café com açúcar.
- Tive um sonho de você ontem à noite - disse-me ele hoje. - Tive um sonho que você anda de bicicleta em qualquer lugar.
Como ele fez uma pausa, sugeri uma correção gramatical.
- Você quer dizer que sonhou que eu andava de bicicleta *por toda parte*?
- Isso! Sonhei ontem à noite que você anda de bicicleta em qualquer lugar e por toda parte. Você está tão feliz no meu sonho! Pelo mundo inteiro, você anda na sua bicicleta. E eu seguindo você!
Talvez ele gostasse de poder fazer isso...
- Quem sabe você vai me visitar nos Estados Unidos um dia, Ketut - falei.
- Não posso, Liss. - Ele sacudiu a cabeça, alegremente resignado a seu destino. - Não tenho dentes suficientes para andar no avião.

82

Quanto à mulher de Ketut, levo algum tempo para me alinhar com ela. Nyomo, como ele a chama, é grande e gordota, manca por causa de uma rigidez no quadril, e tem os dentes manchados de vermelho de tanto mascar fumo com noz de bétel. Seus dedos dos pés são dolorosamente retorcidos por causa da artrite. Ela tem olhos cruéis. Senti medo dela desde a primeira vez em que a vi. Ela irradia aquela energia de velha brava que, às vezes, se vê nas viúvas italianas e nas matronas negras sérias e beatas. Parece pronta a lhe dar uma sova pela menor das contravenções. No início, ficou visivelmente desconfiada de mim — *Quem é esse flamingo passeando pela minha casa todo dia?* Ficava me encarando de dentro das sombras fuliginosas de sua cozinha, nada convencida de meu direito de existir. Eu sorria para ela, e ela simplesmente continuava a me encarar, em dúvida se deveria me enxotar dali com uma vassoura ou não.
Um dia, porém, alguma coisa mudou. Foi depois do incidente da xerox.
Ketut Liyer tem pilhas e mais pilhas de cadernos pautados e velhos livros-registro, repletos de antigos mistérios de cura escritos em sânscrito balinês em uma caligrafia muito miúda. Ele copiou essas anotações para os cadernos lá nos anos 1940 ou 1950, em algum momento depois da morte do avô, para poder ter toda a informação médica registrada. É algo de valor incalculável. Há volumes e mais volumes de dados sobre árvores e plantas raras, e sobre suas propriedades medicinais. Ele tem mais ou menos sessenta páginas de diagramas sobre quiromancia, e mais cadernos repletos de dados

astrológicos, mantras, feitiços e curas. O único problema é que esses cadernos atravessaram décadas de mofo e camundongos, e estão quase inteiramente despedaçados. Amarelos esfarelados e úmidos, parecem pilhas de folhas outonais em desintegração. Sempre que ele vira uma página, arranca-a.
- Ketut - disse-lhe eu na semana passada, segurando um dos seus cadernos surrados -, não sou médica feito você, mas acho que este livro está morrendo.
Ele riu.
- Você acha que está morrendo?
- Meu senhor - disse eu, com voz grave -, minha opinião profissional é a seguinte: se este livro não for tratado logo, terá no máximo seis meses de vida.
Em seguida, perguntei se poderia levar o caderno para a cidade comigo e xerocá-lo antes de ele morrer. Precisei explicar o que era xerocar e prometer que só ficaria com o caderno por 24 horas, e que não o estragaria. Por fim, ele concordou em me deixar tirá-lo do perímetro da varanda com minhas mais enfáticas garantias de que eu tomaria cuidado com a sabedoria de seu avô. Fui até a cidade, entrei na loja que tinha os computadores com acesso à internet e as copiadoras, delicadamente dupliquei cada página e, em seguida, mandei encadernar as cópias xerox novas e limpas com uma bela capa em espiral. No dia seguinte, antes do meio-dia, levei de volta as versões velha e nova do caderno. Ketut ficou surpreso e encantado, muito feliz porque, segundo ele, tinha aquele caderno há cinqüenta anos. O que poderia significar literalmente "cinqüenta anos" ou poderia simplesmente significar "um tempão".
Perguntei se poderia xerocar o restante de seus cadernos, para manter essa informação segura também. Ele estendeu outro documento murcho, roto, esfrangalhado, desmilingüido, cheio de anotações em sânscrito balinês e de desenhos complicados.
— Outro paciente! — disse ele.
- Deixe eu curar ele! — retruquei.
Foi outro grande sucesso. Ao final da semana, eu já havia xerocado vários dos antigos manuscritos. Todos os dias, Ketut chamava sua mulher e lhe mostrava as novas cópias, louco de alegria. A expressão facial dela não mudou um milímetro, mas ela estudou os documentos com atenção.
E, na segunda-feira seguinte, quando cheguei para minha visita, Nyomo me trouxe café quente, servido em um vidro de geléia. Eu a vi trazendo a bebida pelo quintal sobre um pires de porcelana, mancando devagarzinho durante o longo trajeto de sua cozinha até a varanda de Ketut. Imaginei que o café fosse para Ketut, mas não - de já bebera o seu café. Aquele era para mim. Ela o fizera para mim. Tentei agradecer-lhe, mas ela pareceu irritada com meu agradecimento, e me enxotou do mesmo jeito que enxota o galo que sempre tenta ficar em cima da mesa ao ar livre de sua cozinha, quando ela está preparando o almoço. No dia seguinte, porém, ela me trouxe um copo de café com uma tigela de açúcar do lado. E, no dia seguinte, foi um copo de café, uma tigela de açúcar e uma batata cozida fria. A cada dia daquela semana, ela acrescentava um novo agrado. Estava começando a parecer aquela brincadeira que as crianças fazem com o alfabeto quando viajam de carro: "Vou à casa da vovó e estou levando um abacaxi... Vou à casa da vovó e estou levando um abacaxi e uma bola... Vou à casa da vovó e estou levando um abacaxi, uma bola, um copo de café em um vidro de geléia, uma tigela de açúcar e uma batata fria...
Então, ontem, eu estava em pé no quintal, despedindo-me de Ketut, quando Nyomo

passou por mim arrastando sua vassoura, varrendo e fingindo não estar prestando atenção a tudo que acontece em seu império. Eu estava em pé, com as mãos unidas nas costas, e ela veio por trás e segurou uma das minhas mãos. Mexeu na minha mão como se estivesse tentando desembaralhar o segredo de uma tranca e encontrou meu indicador. Então envolveu esse dedo com todo o seu punho grande, duro, e me deu um apertão forte e demorado. Pude sentir seu amor pulsando no aperto de sua mão, subindo pelo meu braço e descendo até minhas entranhas. Ela então soltou minha mão e saiu mancando com sua artrite, sem dizer uma única palavra, continuando a varrer como se nada houvesse acontecido. Enquanto eu ficava ali em pé, afogando-me em silêncio em dois rios de felicidade ao mesmo tempo.

83

Tenho um novo amigo. O nome dele é Yudhi, que se pronuncia "You-day". Ele é indonésio, nascido em Java. Eu o conheci porque foi ele quem me alugou minha casa; ele trabalha para a proprietária inglesa da casa, cuidando de sua propriedade, enquanto ela passa o verão em Londres. Yudhi tem 27 anos de idade, uma estrutura atarracada e fala como se fosse um surfista californiano. Está sempre me chamando de "cara" e "bróder". Tem um sorriso que seria capaz de pôr fim à criminalidade. E uma vida comprida e complicada para alguém tão jovem.
Ele nasceu em Jacarta; sua mãe era dona de casa, seu pai um fã indonésio de Elvis Presley que tinha uma pequena empresa de ar-condicionado e refrigeração. A família era cristã - uma raridade nesta parte do mundo, e Yudhi conta histórias interessantes sobre as gozações dos meninos muçulmanos do bairro por defeitos como "Você come porco!" e "Você ama Jesus!". Yudhi não ligara para as gozações; por natureza, Yudhi não liga para muita coisa. Sua mãe, porém, não gostava que ele brincasse com as crianças muçulmanas, principal-mente devido ao fato de que elas andavam sempre descalças, coisa que Yudhi também gostava de fazer, mas que ela considerava anti-higiênico e, portanto, deu uma escolha ao filho - ele poderia calçar sapatos e brincar na rua, ou continuar descalço e ficar dentro de casa. Yudhi não gosta de calçar sapatos, então passou uma boa parte da infância e adolescência dentro de seu quarto, e foi lá que aprendeu a tocar violão. Descalço.
O cara talvez tenha o melhor ouvido musical de todas as pessoas que já conheci, Toca violão lindamente; nunca teve aulas, mas entende melodia e harmonia como se elas fossem as irmãs caçulas com quem ele foi criado. Mistura música oriental e ocidental, combinando cantigas de ninar indonésias com *grooves* de reggae e funks da primeira fase de Stevie Wonder - é difícil de explicar, mas ele deveria ser famoso. Nunca conheci ninguém que tivesse escutado a música de Yudhi e não achasse que ele deveria ser famoso.
O que ele sempre quis fazer, mais do que tudo, é o seguinte: morar nos Estados Unidos e trabalhar na indústria do espetáculo. O sonho do mundo inteiro. Assim, quando Yudhi era um adolescente javanês, conseguiu, não se sabe como (sem falar ainda quase nada de inglês), um emprego em um navio da Carnival Cruise Lines e, graças a ele, pôde sair de seu limitado universo javanês e mergulhar no grande mundo azul. O emprego que Yudhi conseguiu no cruzeiro era um daqueles trabalhos malucos para imigrantes bem-dispostos - morar debaixo do convés, trabalhar 12 horas por dia - com uma folga por mês - e fazer

faxina. Seus colegas de trabalho eram filipinos e indonésios. Os indonésios e filipinos dormiam e comiam em áreas diferentes do navio, sem nunca se misturar (muçulmanos contra cristãos, sabem como é), mas Yudhi, em um comportamento típico seu, ficou amigo de todo mundo e tornou-se uma espécie de emissário entre os dois grupos de trabalhadores asiáticos. Via mais semelhanças do que diferenças entre aquelas camareiras, zeladores e lava-louças, todos os quais trabalhavam sem descanso para mandar mais ou menos cem dólares para suas famílias em casa.

Na primeira vez em que o navio entrou no porto de Nova York, Yudhi passou a noite inteira acordado, encarapitado no deque mais alto, vendo a linha de prédios da cidade surgir por sobre o horizonte, com o coração martelando de emoção. Horas depois, desceu do navio em Nova York e chamou um táxi amarelo, igualzinho ao que acontece no cinema. Quando o recém-chegado imigrante africano que dirigia o táxi lhe perguntou aonde ele gostaria de ir, Yudhi falou:

- A qualquer lugar, cara... só me leve para passear. Quero ver tudo. Alguns meses depois, o navio voltou a Nova York, e, dessa vez, Yudhi desembarcou para valer. Seu contrato com a empresa de cruzeiro havia terminado, e ele agora queria morar nos Estados Unidos.

Entre todos os lugares possíveis, acabou indo parar em um subúrbio de Nova Jersey, onde passou algum tempo morando com um indonésio que conhecera no navio. Arrumou um emprego em uma lanchonete do shopping - onde também trabalhava 12 horas por dia, ao estilo dos imigrantes, só que dessa vez com mexicanos, em vez de filipinos. Durante esses primeiros meses, aprendeu mais espanhol do que inglês. Em seus raros momentos de lazer, Yudhi subia no ônibus e ia até Manhattan, onde ficava perambulando pelas ruas, ainda tão apaixonado pela cidade que mal conseguia falar — uma cidade que ele hoje descreve como "o lugar mais cheio de amor do mundo inteiro". De alguma forma (novamente o mesmo sorriso), conheceu em Nova York um grupo de jovens músicos do mundo inteiro e começou a tocar violão com eles, improvisando a noite toda com garotos talentosos da Jamaica, da África, da França, do Japão... E, em uma dessas apresentações, conheceu Ann — uma bonita loura do Connecticut que tocava baixo. Apaixonaram-se. Casaram-se. Encontraram um apartamento no Brooklyn e viviam cercados por amigos legais com quem faziam viagens de carro até as ilhas de Florida Keys. A vida era inacreditável de tão feliz. Seu inglês logo ficou perfeito. Ele pensava em cursar a universidade.

No dia 11 de setembro, Yudhi viu as torres caírem de sua laje no Brooklyn. Como todo mundo, ficou paralisado de tristeza com o que havia acontecido - como alguém podia infligir tamanha atrocidade à cidade mais cheia de amor do que qualquer outro lugar do mundo? Não sei se Yudhi estava prestando atenção quando o Congresso norte-americano, em resposta à ameaça terrorista, aprovou, em seguida, o Ato Patriota - uma legislação que incluía novas e draconianas leis de imigração, muitas das quais diretamente previstas para atingir nações islâmicas como a Indonésia. Uma das novas leis exigia que todos os cidadãos indonésios que morassem nos Estados Unidos se registrassem no Departamento de Segurança Interna. Os telefones começaram a tocar, enquanto Yudhi e seus jovens amigos imigrantes indonésios tentavam resolver o que fazer - muitos deles haviam permanecido mais tempo no país do que o permitido por seus vistos, e tinham medo de serem deportados, caso se registrassem. Por outro lado, tinham medo de *não* se registrarem, pois estariam agindo como criminosos. É de se supor que os terroristas

islâmicos fundamentalistas soltos pelos Estados Unidos tenham ignorado essa lei do registro, mas Yudhi decidiu que queria se registrar. Ele era casado com uma americana e queria regularizar seu status de imigrante e tornar-se um cidadão legal. Não queria viver escondido.
Ele e Ann consultaram todo tipo de advogados, mas ninguém sabia como aconselhá-los. Antes de 11 de setembro, não teria havido problemas - Yudhi, agora casado, poderia simplesmente ir ao escritório de imigração, regularizar a situação do seu visto e começar o processo de aquisição da cidadania. Mas e agora? Quem poderia saber? "As leis ainda não foram testadas", diziam os advogados especializados em imigração. "As leis serão testadas em vocês." Assim, Yudhi e a mulher se reuniram com um simpático funcionário da imigração e contaram sua história. Ele disse ao casal que Yudhi deveria voltar depois na mesma tarde, para uma "segunda entrevista". Nessa hora, eles deveriam ter desconfiado; Yudhi recebeu instruções claras para voltar sem a mulher, sem advogado e sem trazer nada no bolso. Esperando que tudo desse certo, de voltou sozinho e de mãos vazias para a segunda entrevista - e foi então que o prenderam.
Yudhi foi levado para um centro de detenção em Elizabeth, Nova Jersey, onde passou semanas junto a um grupo grande de imigrantes, todos presos recentemente devido ao Ato de Segurança Interna, e muitos dos quais viviam e trabalhavam nos Estados Unidos havia anos, e a maioria dos quais não falava inglês. Alguns, ao serem presos, não haviam conseguido entrar em contato cora suas famílias. No centro de detenção, eram invisíveis; ninguém mais sabia que eles existiam. Uma Ann histérica levou vários dias para descobrir para onde tinham levado seu marido. Aquilo de que Yudhi mais se lembra em relação ao centro de detenção é da dúzia de nigerianos negros como carvão, magros e aterrorizados, que haviam sido encontrados em um cargueiro, dentro de um contêiner de aço; antes de serem descobertos, haviam passado quase um mês escondidos naquele contêiner no fundo daquele navio, tentando chegar aos Estados Unidos - ou a qualquer lugar. Não faziam idéia de onde estavam agora. "Tinham os olhos tão arregalados", disse Yudhi, "que parecia que ainda estavam sendo cegados pelos holofotes."
Depois de um período de detenção, o governo norte-americano mandou meu amigo cristão Yudhi - agora aparentemente suspeito de ser um terrorista islâmico - de volta para a Indonésia. Isso foi no passado. Não sei se algum dia ele vai ter permissão para sequer chegar perto dos Estados Unidos. Ele e a mulher ainda estão tentando resolver o que fazer com suas vidas agora; seus sonhos não incluíam passar a vida morando na Indonésia. Incapaz de suportar as favelas de Jacarta depois de ter morado no Primeiro Mundo, Yudhi viera para Bali ver se conseguia ganhar a vida aqui, embora esteja sendo difícil para ele ser aceito nesta sociedade, uma vez que não é balinês - ele nasceu em Java. E os balineses não gostam nadinha dos javaneses, a quem consideram ladrões e mendigos. Então, Yudhi encontra mais preconceito aqui - em seu próprio país, a Indonésia - do que chegou a encontrar lá em Nova York. Ele não sabe o que fazer agora. Talvez sua mulher, Ann, venha morar com ele aqui. Mas... pode ser que não. O que ela faria aqui? Seu casamento recente, que agora só existe via e-mail, está por um triz. Ele aqui se sente um peixe fora d'água, completamente desnorteado. É mais americano do que qualquer outra coisa; Yudhi e eu usamos as mesmas gírias, conversamos sobre nossos restaurantes nova-iorquinos preferidos e gostamos dos mesmos filmes. Ele vem à minha casa à noite e toca músicas incríveis em seu violão. Gostaria que ele fosse famoso. Se existisse alguma justiça, ele hoje seria famosíssimo.

- Bróder... por que a vida é louca assim? - pergunta ele.

84

Ketut, por que a vida é louca assim? — perguntei a meu xamã no dia seguinte.
- *Bhuta ia, dewa ia* — respondeu ele.
- O que isso quer dizer?
- O homem é um demônio, o homem é um deus. Os dois verdade.
Essa era uma idéia que eu conhecia bem. É muito indiana, muito iogue. A idéia é que, como explicou muitas vezes a minha Guru, os seres humanos nascem com o mesmo potencial tanto para a contração quanto para a expansão. Os ingrediente tanto da escuridão quanto da luz estão igualmente presentes em todos nós, e cabe ao indivíduo (ou à família, ou à sociedade) decidir o que irá prevalecer - as virtudes ou a malevolência. A loucura deste planeta é em grande parte resultado da dificuldade do ser humano de encontrar um equilíbrio virtuoso consigo mesmo. O resultado é a loucura (tanto coletiva quanto individual).
- Então o que a gente pode fazer quanto à loucura do mundo?
- Nada. - Ketut riu, mas com uma cena gentileza. - Essa é natureza do mundo. Isso é destino. Se preocupe só com a sua loucura... deixa você em
- Mas como a gente consegue encontrar paz dentro da gente mesmo? - perguntei a Ketut.
- Meditação - disse ele, - Propósito da meditação é só felicidade e paz... muito fácil. Hoje vou ensinar uma meditação nova, fazer você pessoa ainda melhor. Chama Meditação dos Quatro Irmãos.
Ketut prosseguiu explicando que os balineses acreditam que cada um de nós, quando nasce, vem acompanhado de quatro irmãos invisíveis, que vêm ao mundo conosco e que nos protegem durante a vida. Quando a criança está no útero, seus quatro irmãos estão li com ela também - são representados pela placenta, pelo líquido amniótico, pelo cordão umbilical e pela substância amarela e sebenta que protege a pele do bebê. Quando o bebê nasce, os pais recolhem o máximo possível dessas substâncias externas relacionadas ao nascimento, depositam-nas dentro de um coco vazio e enterram-nas junto à porta da frente da casa da família. Segundo os balineses, esse coco enterrado é o local sagrado de descanso dos quatro irmãos que não nasceram, e esse lugar é cuidado para sempre, como um santuário.
Desde que começa a adquirir consciência, a criança aprende que esses quatro irmãos a acompanham no mundo aonde quer que vá, e que eles sempre cuidarão dela. Os irmãos encarnam as quatro virtudes de que uma pessoa necessita para ter segurança e felicidade na vida: inteligência, amizade, força e (adoro esta) *poesia*. Os irmãos podem ser chamados em qualquer situação crítica para resgatar e ajudar. Quando você morre, seus quatro irmãos espirituais recolhem sua alma e levam você para o céu.
Hoje, Ketut me disse que ainda não ensinou a nenhum ocidental a Meditação dos Quatro Irmãos, mas acha que estou pronta para ela. Primeiro, ele me ensinou os nomes de meus irmãos invisíveis - Ango Patih, Maragio Patih, Banus Patih e Banus Patih Ragio. Instruiu-me a decorar esses nomes e a pedir a ajuda de meus irmãos ao longo da minha vida, sempre que precisar deles. Diz que não preciso ser formal ao falar com eles, da maneira que somos formais quando rezamos a Deus. Tenho permissão para falar com meus irmãos com um afeto familiar, porque "Isso só sua família!". Ele me diz para pronun-ciar

seus nomes enquanto estiver tomando banho de manhã, e eles virão se juntar a mim. para pronunciar novamente seus nomes a cada vez antes de comer, e assim permitirei que meus irmãos também apreciem a comida. Para chamá-los antes de ir dormir, dizendo: "Estou dormindo agora, então vocês precisam ficar acordados c me proteger", e meus Irmãos me protegerão durante a noite, detendo demônios e pesadelos.
— Isso é ótimo — disse-lhe eu —, porque algumas vezes tenho problemas com pesadelos.
— Que pesadelos?
Expliquei ao xamã que eu vinha tendo o mesmo terrível pesadelo desde a infância, aquele no qual um homem com uma faca está em pé ao lado da minha cama. Esse pesadelo é tão vívido, o homem é tão real, que algumas vezes me faz gritar de tanto medo. Meu coração fica batendo feito louco todas as vezes (e isso tampouco foi divertido para quem dorme comigo). Venho tendo esse pesadelo repetida mente, a um intervalo de poucas semanas, até onde minha memória alcança.
Contei isso a Ketut, e ele me disse que há anos eu vinha interpretando a visão de forma equivocada. O homem com a faca no meu quarto não é um inimigo; é apenas um dos meus quatro irmãos. Ele é o irmão espiritual que representa a força. Não está ali para me atacar, mas para me proteger enquanto durmo. Provavelmente estou acordando, porque sinto a emoção do meu irmão espiritual, enquanto combate algum demônio que possa estar tentando me machucar. O que meu irmão segura não é uma faca, mas um *kris* - uma pequena e poderosa adaga. Não preciso ficar com medo. Posso voltar a dormir, sabendo que estou protegida.
— Você sortuda - disse Ketut. - Sortuda de poder ver ele. Eu de vez em quando vejo meus irmãos na meditação, mas muito raro pessoa normal ver assim. Acho que você tem grande poder espiritual. Espero talvez um dia você vire xamã.
— Tudo bem - falei, rindo —, mas só se eu puder ter o meu próprio programa de TV.
Ele riu comigo, sem entender a piada, mas adorando a idéia de as pessoas fazerem piadas.
Ketut então me instruiu que, o que quer que eu diga para meus quatro irmãos espirituais, devo lhes dizer quem sou, para que eles possam me reconhecer. Devo usar o apelido secreto que eles têm para mim. Devo dizer: "Sou Lagoh Prano."
Lagoh Prano significa "Corpo Feliz".
Voltei para casa de bicicleta, empurrando meu corpo feliz ladeira acima em direção à minha casa sob o sol do final de tarde. Quando estava passando pelo mato, um macaco macho bem grande saltou de uma árvore bem na minha frente e me mostrou os dentes afiados. Eu nem titubeei.
- Pode ir saindo na frente, amigão - falei. - Tenho quatro irmãos para me dar guarida. - E simplesmente passei por ele sem olhar para trás.

85

No entanto, no dia seguinte (apesar dos irmãos protetores) fui atropelada por um ônibus. Era um ônibus meio pequeno, mas, momo assim, me fez cair da bicicleta, enquanto eu descia a estrada sem acostamento. Fui jogada em uma vala de irrigação de cimenta Cerca de trinta balineses de motocicleta pararam para me ajudar, depois de testemunhar o acidente (o ônibus já tinha ido embora há muito tempo), e todos me convidaram para tomar chá em sua casa ou se ofereceram para me levar ao hospital, pois todos se sentiam

muito mal com o incidente. Mas não foi um acidente tão grave assim, considerando o que poderia ter acontecido. Minha bicicleta não ficou muito estragada, embora a cestinha tenha sido amassada e meu capacete tenha rachado. (Nesses casos, melhor o capacete do que a cabeça.) O pior estrago foi um corte profundo no meu joelho, cheio de pedrinhas e terra, que depois - ao longo dos dias seguintes, sob o úmido ar tropical - ficou bem infeccionado.
Eu não queria preocupá-lo, mas, alguns dias depois, finalmente enrolei a perna da calça na varanda de Ketut Liyer, retirei o Band-Aid amarelado e mostrei meu machucado ao velho xamã. Ele olhou com atenção, preocupado.
- Infeccionado - diagnosticou. - Dolorido.
- É - falei.
- Você deveria ver médico.
Isso foi um pouco surpreendente. Não era *ele* o médico? Porém, por algum motivo, ele não se ofereceu para ajudar, e eu não insisti. Talvez ele não medique ocidentais. Ou talvez Ketut simmplesmenre tivesse um plano secreto escondido, porque foi o meu joelho machucado, no final das contas, que me fez conhecer Wayan. E, a partir desse encontro, tudo que estava previsto para acontecer... aconteceu.

86

Wayan Nuriyasih, assim como Ketut Liyer, é uma xamã balinesa. Mas há algumas diferenças entre os dois. Ele é mais velho e homem; ela é uma mulher que ainda não fez 40 anos. Ele mais parece um sacerdote, de alguma forma mais místico, enquanto Wayan é uma médica no sentido mais literal do termo, misturando ervas e remédios em sua própria loja e cuidando dos pacientes lá mesmo.
Wayan tem uma lojinha que dá para a rua, bem no centro de Ubud, chamada "Centro de Cura Balinês Tradicional". Eu já tinha passado por lá de bicicleta muitas vezes, a caminho da casa de Ketut, e havia reparado no lugar por causa de todos os vasos de plantas do lado de fora e do quadro-negro com o curioso anúncio manuscrito do "Almoço Especial Multivitaminado". Mas nunca entrara naquele lugar, antes de machucar o joelho. Porém, depois de Ketut me mandar arrumar um médico, lembrei-me da loja e passei lá de bicicleta, esperando que alguém ali conseguisse me ajudar a lidar com a infecção.
A loja de Wayan é, ao mesmo tempo, pequeníssima clínica médica, casa e restaurante. No andar de baixo há uma pequena cozinha e uma modesta área de jantar aberta ao público, com três mesas e algumas cadeiras. No andar de cima fica uma área privativa onde Wayan faz massagens e tratamentos. Há apenas um quarto de dormir escuro, nos fundos.
Entrei na loja mancando com meu joelho dolorido e apresentei-me a Wayan, a curadora — uma balinesa muito atraente, com um sorriso largo e cabelos pretos brilhantes até a cintura. Duas moças jovens e tímidas se escondiam atrás dela na cozinha e sorriram quando acenei para elas, tornando a se encolher em seguida. Mostrei meu machucado infeccionado a Wayan e perguntei se ela podia ajudar. Logo, Wayan havia colocado água e ervas para ferver em cima do fogão, e estava me fazendo beber *jamu* - uma mistura medicinal indonésia tradicional, feita em casa. Colocou folhas verdes quentes em cima do meu joelho, que começou a melhorar no mesmo instante.
Começamos a conversar. O inglês dela era excelente. Sendo balinesa, ela imediatamente

me fez as três perguntas introdutórias obrigatórias - *Aonde você vai hoje? De onde você está vindo? Você é casada?*
Quando eu lhe disse que não era casada ("Ainda não!"), ela pareceu estupefata.
- Nunca foi casada? - perguntou ela.
— Não - menti. Não gosto de mentir, mas constatei que é mais fácil não falar em divórcio com os balineses, porque eles ficam muito perturbados.
— É mesmo, nunca foi casada? - ela tornou a perguntar, e agora me olhava com grande curiosidade.
— Sério — menti. — Nunca fui casada.
— Tem certeza? - Isso estava ficando esquisito.
— Tenho certeza absoluta!
— Nem uma vezinha? — perguntou ela.
Tudo bem, então ela consegue ler meus pensamentos.
— Bom - confessei —, teve uma vez...
E o rosto dela se iluminou como quem diz: *É, eu bem que achei.*
— Divorciada? — perguntou ela.
— É — respondi, agora envergonhada. — Divorciada.
— Dá para ver que você é divorciada.
— Isso não é muito comum aqui, não é?
— Mas eu também sou - disse Wayan, pegando-me inteiramente de surpresa. — Eu também sou divorciada.
— *Você?*
— Eu fiz tudo que pude — disse ela. — Tentei de tudo antes de me divorciar, rezei todos os dias. Mas eu precisava me afastar dele.
Seus olhos ficaram marejados de lágrimas e, antes de me dar conta do que estava acontecendo, eu estava segurando a mão de Wayan, pois havia acabado de conhecer minha primeira divorciada balinesa, e dizendo:
— Tenho certeza de que você fez o melhor que pôde, meu bem. Tenho certeza de que tentou de tudo.
— Divórcio é uma coisa triste demais — disse ela.
Concordei.
Passei as cinco horas seguintes ali na loja de Wayan, conversando com minha nova melhor amiga sobre seus problemas. Ela limpou meu joelho infeccionado e escutei sua história. Wayan contou-me que seu marido balinês era um homem que "bebe o tempo todo, está sempre jogando, perde todo o nosso dinheiro, depois bate em mim quando não dou a ele mais dinheiro para jogar e para beber". Ela disse:
— Ele me bateu a ponto de eu ir parar no hospital várias vezes. - Repartiu os cabelos, mostrou-me as cicatrizes no couro cabeludo e disse: - Isto aqui foi quando ele me bateu com o capacete da moto. Ele sempre me batia com o capacete da moto quando bebia, quando eu não ganhava dinheiro. Me batia tanto que eu desmaiava, ficava tonta, sem ver nada. Acho que tenho sorte de ser curadora, minha família é de curadores, porque sei como tratar de mim mesma depois que ele me bate. Acho que, se eu não fosse curadora, perderia os ouvidos, sabe, não conseguiria mais escutar as coisas. Ou talvez perdesse o olho, não conseguiria mais ver. — Ela me contou que o deixou depois de ele bater tanto nela "que eu perdi meu bebê, meu segundo filho, dentro da minha barriga". Depois desse incidente, sua primogênita, uma menininha inteligente apelidada de Tutti, disse:

— Mamãe, eu acho que você deveria se separar. Sempre que você vai para o hospital, deixa muito trabalho em casa para Tutti.
Tutti tinha 4 anos de idade quando disse isso.
Em Bali, sair de um casamento deixa a pessoa sozinha e desprotegida de formas quase impossíveis para um ocidental conceber. A unidade familiar balinesa, delimitada pelos muros da propriedade familiar, representa simplesmente tudo — quatro gerações de irmãos, primos, pais, avós e filhos, todos vivendo juntos em uma série de pequenos bangalôs em volta do templo da família, cuidando uns dos outros do nascimento até a morte. A propriedade familiar é fonte de força, segurança financeira, cuidado com a saúde, cuidado com as crianças, educação e — o mais importante de tudo para os balineses — conexão espiritual.
A propriedade familiar é tão importante que os balineses a consideram uma única entidade, viva. A população de um vilarejo balinês é tradicionalmente contada não segundo o número de indivíduos, mas segundo o número de propriedades. A propriedade familiar é um universo auto-sustentável. Então você não sai dele. (A menos, é claro, que você seja mulher, e nesse caso você só se muda uma vez — da propriedade familiar do seu pai para a do seu marido.) Quando esse sistema funciona — algo que acontece quase o tempo todo nesta sociedade saudável —, produz os seres humanos mais sãos, protegidos, calmos, felizes e equilibrados do mundo. Mas, e quando não funciona? Como no caso da minha nova amiga Wayan? Os excluídos se perdem em uma órbita vazia. Sua escolha era permanecer dentro da rede de proteção da propriedade, com um marido que a estava sempre mandando para o hospital, ou salvar a própria vida e ir embora, o que a deixava sem nada.
Bom, na verdade não era bem *nada*. Ela levou consigo um conhecimento enciclopédico sobre a arte de curar, sua bondade, sua ética profissional e sua filha Tutti - por cuja guarda precisou brigar muito. Bali é um patriarcado até o último fio de cabelo. Na rara eventualidade de um divórcio, as crianças pertencem automaticamente ao pai. Para recuperar Tutti, Wayan precisou contratar um advogado, a quem pagou com todas as coisas que possuía. Quero dizer, todas *mesmo*. Ela vendeu não apenas seus móveis e suas jóias, mas também seus garfos e colheres, suas meias e sapatos, seus velhos panos de prato e velas queimadas pela metade - tudo foi usado para pagar o advogado. Mas, no final das contas, depois de uma batalha que durou dois anos, ela conseguiu a filha de volta. Wayan tem muita sorte de Tutti ser menina; se fosse um menino, Wayan nunca teria visto a criança de novo. Meninos são muito mais valiosos.
Há alguns anos, desde então, Wayan e Tutti moram sozinhas - completamente sozinhas na colmeia de Bali! -, mudando-se de um lugar para o outro a cada poucos meses, à medida que o dinheiro vem e vai, sempre perdendo o sono de tão preocupadas que estão com o lugar para onde irão depois. Coisa que vem sendo complicada porque, sempre que ela muda de casa, seus pacientes (em sua maioria balineses, todos também enfrentando dificuldades nos últimos tempos) têm problemas para tornar a encontrá-la. A cada mudança, também, a pequena Tutti precisa ser tirada da escola. Antigamente, Tutti era sempre a primeira da turma, mas, desde a última mudança, caiu para a vigésima posição em um grupo de cinqüenta crianças.
No meio do relato que Wayan está me fazendo dessa história, a própria Tutti entra correndo na loja, vinda da escola. Ela agora está com 8 anos e é um animadíssimo espetáculo de carisma e vivacidade. Essa menina espoleta (de rabo-de-cavalo, magrinha e

animada) perguntou-me, em um inglês cheio de energia, se eu queria almoçar, e Wayan disse:
- Eu esqueci! Você deveria almoçar! — E mãe e filha correram para a cozinha e, com a ajuda das duas meninas tímidas escondidas lá dentro, voltaram algum tempo depois com a melhor comida que eu havia comido em Bali até então.
A pequena Tutti trazia cada prato da refeição com uma explicação, em voz animada, do que era o prato, sempre com um enorme sorriso, e tão espevitada que parecia uma animadora de torcida.
- Suco de açafrão da terra, para manter os rins limpos! - anunciava ela.
- Algas do mar, para cálcio!
- Salada de tomates, para vitamina D!
- Mistura de ervas, para não pegar malária!
Finalmente, falei:
- Tutti, onde você aprendeu a falar inglês tão bem assim?
- Em um livro! — declarou ela.
— Acho que você é uma menina muito esperta - informei-a.
- Obrigada! - disse ela e fez uma dancinha da felicidade espontânea. - Você também é uma menina muito esperta!
Aliás, as crianças balinesas. em geral, não são assim. Geralmente são caladas e educadas, sempre escondidas atrás das saias das mães. Mas Tutti não. Ela era puro espetáculo. Parecia que estava se apresentando na frente da classe.
- Vou ver para você meus livros! - cantarolou Tutti e subiu correndo as escadas para pegá-los.
- Ela quer ser médica de animais - contou-me Wayan. - Como se diz isso em inglês?
- Veterinária?
- Isso. Veterinária. Mas ela tem muitas perguntas sobre animais, não sei como responder-Ela diz: "Mamãe, se alguém me trouxer um tigre doente, eu primeiro faço um curativo nos dentes, para ele não me morder? Sc uma cobra ficar doente e precisar de remédio, onde fica a abertura?" Não sei onde ela arruma essas idéias. Espero que ela possa ir para a universidade.
Tutti despencou escada abaixo, com os braços repletos de livros, e saltou para o colo da mãe. Wayan riu e beijou a filha, e toda a tristeza relacionada ao divórcio de repente sumiu de seu rosto. Fiquei olhando para elas, pensando que menininhas que dão alegria a suas mães crescem e se tornam mulheres muito poderosas. No espaço de uma tarde, eu já estava totalmente apaixonada por aquela criança. Enviei para Deus uma prece espontânea: *Que Tutti Nuriyasih um dia faça curativos nos dentes de mil tigres brancos!*
Também adorei a mãe de Tutti. Mas agora já fazia horas que eu estava na loja, e senti que deveria ir embora. Alguns outros turistas haviam entrado e esperavam que lhes servissem o almoço. Um dos turistas, uma vistosa australiana mais velha, perguntava com a voz muito alta se Wayan, por favor, poderia ajudá-la a curar sua "prisão de ventre dos infernos". Eu pensava cá comigo: *Fale um pouco mais alto, meu bem, acho que nem todo mundo escutou...*
- Volto amanhã - prometi a Wayan —, e vou pedir o almoço especial muitivitaminado de novo.
- Seu joelho está melhor agora - disse Wayan. - Logo melhora. Não tem mais infecção.
Ela limpou o resto da gororoba verde de ervas da minha perna, depois deu umas

sacudidelas na minha rótula, tateando à procura de alguma coisa. Em seguida, apalpou o outro joelho, fechando os olhos. Abriu os olhos, exibiu os dentes em um sorriso e falou:
- Posso ver pelos seus joelhos que você não tem transado muito ultimamente.
- Por quê? - perguntei. - Porque eles estão muito juntos?
Ela riu.
- Não... é a cartilagem. Muito seca. Hormônios do sexo lubrificam as articulações. Quanto tempo faz que você não transa?
- Mais ou menos um ano e meio.
- Você precisa de um bom homem. Vou encontrar um para você. Vou rezar no templo por um homem bom para você, porque você agora é minha irmã. Se você voltar amanhã, também vou limpar seus rins para você.
- Além de um homem bom, rins limpos? Parece um ótimo negócio.
- Nunca contei para ninguém essas coisas sobre o meu divórcio - disse-me ela. - Mas a minha vida também é pesada, muita tristeza, muito difícil. Não entendo por que a vida é tão difícil.
Então fiz uma coisa estranha. Segurei as duas mãos da curadora com as minhas e disse, com a mais fervorosa das convicções:
- A parte mais difícil da sua vida já ficou para trás, Wayan.
Em seguida saí da loja, inexplicavelmente trêmula, cheia de uma poderosa intuição ou impulso que ainda não era capaz de identificar ou de libertar.

87

Agora meus dias se dividem naturalmente em três. Passo as manhãs com Wayan na loja, rindo e comendo. Passo as tardes com o xamã Ketut, conversando e tomando café. Passo as noites em meu lindo jardim, às vezes sozinha, lendo um livro, e outras vezes conversando com Yudhi, que vem tocar seu violão. Todas as manhãs, medito enquanto o sol surge sobre os arrozais, e antes de ir dormir converso com meus quatro irmãos espirituais e peço-lhes para velar meu sono.
Faz apenas poucas semanas que estou aqui, mas já tenho praticamente a sensação de missão cumprida. Minha tarefa na Indonésia era procurar o equilíbrio, mas não tenho a sensação de estar procurando mais *nada*, porque o equilíbrio de alguma forma veio naturalmente. Não que eu esteja me tornando balinesa (não mais do que cheguei a me tornar italiana ou indiana), mas o que acontece é que posso sentir minha própria paz e adoro o ritmo dos meus dias, divididos entre práticas devocionais tranqüilas e os prazeres de uma bela paisagem, amigos queridos e boa comida. Tenho rezado muito ultimamente, com conforto e freqüência. Durante a maior parte do tempo, descubro que quero rezar quando estou andando de bicicleta, voltando da casa de Ketut pela floresta dos macacos e pelos terraços de arrozais, sob o crepúsculo de final de tarde. Rezo, é claro, para não ser atropelada por outro ônibus, nem surpreendida por um macaco ou mordida por um cachorro, mas isso é só o supérfluo; a maioria das minhas preces são expressões da minha gratidão pela intensidade do meu contentamento. Nunca me senti menos soterrada pelo peso de mim mesma ou do mundo.
Estou sempre me lembrando de um dos ensinamentos da minha Guru sobre felicidade. Ela diz que as pessoas tendem a pensar universalmente que a felicidade é um golpe de sorte, algo que talvez lhe aconteça se você tiver sorte suficiente, como o tempo bom. Mas

não é assim que a felicidade funciona. A felicidade é conseqüência de um esforço pessoal. Você luta por ela, fez força para obtê-la, insiste nela, e algumas vezes viaja o mundo à sua procura. Você precisa participar o tempo todo das manifestações de suas próprias bênçãos. E, uma vez alcançado um estado de felicidade, nunca deve relaxar em sua manutenção, deve fazer um esforço sobre-humano para continuar para sempre nadando contra a corrente rumo a essa felicidade, para permanecer flutuando em cima dela. Se não fizer isso, seu contentamento interno irá se esvair. É muito fácil rezar quando se está passando por um momento difícil, mas continuar a rezar mesmo quando a sua crise já passou é como um processo de selamento, que ajuda sua alma a se aferrar às coisas boas que conquistou.

Lembrando esses ensinamentos enquanto passeio tão livremente de bicicleta pelo entardecer de Bali, faço preces que na verdade são promessas, nas quais apresento meu estado de harmonia a Deus e digo: "É isto que eu gostaria de manter. Por favor, ajude-me a memorizar esta sensação de contentamento e ajude-me a sustentá-la." Estou colocando essa felicidade em um banco em algum lugar, não apenas garantida pelo governo contra uma eventual bancarrota, mas protegida por meus quatro irmãos espirituais, mantida ali como um seguro contra as futuras dificuldades da vida. Essa é uma prática que passei a chamar de "Alegria Atenta". Enquanto me concentro na Alegria Atenta, continuo também a me lembrar de uma idéia simples que minha amiga Darcey me falou certa vez - que toda a tristeza e dificuldade deste mundo é causada por pessoas infelizes. Não apenas do ponto de vista global» como Stalin e Hitler, mas também no nível menor, pessoal. Até mesmo na minha própria vida, posso ver exatamente onde meus acessos de infelicidade causaram sofrimento, preocupação ou (no melhor dos casos) incômodo para as pessoas à minha volta. A busca pelo contentamento, portanto, não é apenas um ato de autopreservação e de autobenefício, mas também um generoso presente ao mundo. *Eliminar toda a sua infelicidade tira você do caminho.* Você deixa de ser um obstáculo não apenas para si mesmo, mas para qualquer outra pessoa. Só então fica livre para ajudar e desfrutar outras pessoas.

No momento, a pessoa que mais desfruto é Ketut. Esse velho - realmente uma das pessoas mais felizes que já encontrei - está me dando acesso total liberdade para fazer todas as perguntas que eu tiver para fazer sobre divindade sobre a natureza humana. Gosto da meditação que ele me ensinou, da cômica simplicidade do "sorria no seu fígado" e da presença reconfortante dos quatro irmãos espirituais. No outro dia, o xamã me disse que conhece 16 técnicas de meditação diferentes, c muitos mantras com todo tipo de finalidade. Alguns deles servem para proporcionar paz ou felicidade, outros para trazer saúde, mas alguns deles são puramente místicos - servem para transportá-lo até outros estados de consciência. Por exemplo, disse ele, conhece uma meditação que o leva "para o cima".

- Para o cima? - perguntei. - O que é para o cima?

- Para sete níveis acima — disse ele. — Para o céu.

Ao ouvir a conhecida idéia dos "sete níveis", perguntei-lhe se ele queria dizer que sua meditação o fazia passar pelos sete chacras sagrados do corpo mencionados no ioga.

- Não, chacras não — disse ele. — Lugares. Esta meditação me leva a sete lugares no universo. Para o cima e para o cima. Ultimo lugar que vou é céu.

- Você já foi ao céu, Ketut? - perguntei.

Ele sorriu. É claro que já havia estado lá. É fácil ir ao céu.

- Como é lá?
- Lindo. Tudo lá é lindo. Todas as pessoas lindas estão lá. Tudo lindo de comer está lá. Tudo lá é amor. Céu é amor.
Então Ketut disse que conhece outra meditação.
- Para o baixo. - Essa meditação para baixo o leva sete níveis abaixo do mundo. É uma meditação mais perigosa. Não serve para iniciantes, apenas para um mestre.
- Então - perguntei -, se você sobe ao céu na primeira meditação, então, na segunda meditação, você deve descer até o...?
- Inferno - disse ele, terminando a frase.
Que interessante. Céu e inferno não são idéias sobre as quais eu tenha ouvido falar muito no hinduísmo. Os hinduístas vêem o universo em relação ao carma. como um processo de circulação constante, ou seja, você na verdade não "vai parar" em nenhum lugar ao final da vida - nem no céu, nem no inferno -, mas simplesmente se recicla de volta à Terra novamente sob outra forma, de modo a solucionar quaisquer relacionamentos ou erros que tenha deixado sem conclusão da última vez. Quando finalmente atinge a perfeição, você sai completamente do círculo e se dissolve no Vazio. A idéia de carma pressupõe que céu e inferno só são encontrados aqui na Terra, onde temos a capacidade de criá-los, fabricando o bem ou o mal conforme nosso destino e nosso caráter.
Sempre gostei da idéia de carma. Nem tanto por seu significado literal. Não necessariamente porque acredito que já fui a *barwoman* de Cleópatra - mas de maneira mais metafórica. A filosofia cármica só me atrai em um nível metafórico, porque, mesmo no espaço de uma vida, é óbvia a freqüência com que precisamos repetir os mesmos erros, batendo com a cabeça nos mesmos velhos vícios e compulsões, gerando as mesmas conhecidas conseqüências tristes e muitas vezes catastróficas, até finalmente conseguirmos parar e consertar isso. Essa é a maior lição do carma (assim como da psicologia ocidental, por sinal) — cuide dos problemas agora ou vai ter de sofrer de novo mais tarde, quando estragar tudo da próxima vez. E a repetição do sofrimento — isso é o inferno. Sair dessa repetição sem fim para um novo nível de compreensão - é aí que você irá encontrar o céu.
Mas agora Ketut estava falando do céu e do inferno de uma forma diferente, como se fossem lugares reais no universo que ele, de fato, visitou. Pelo menos, acho que foi isso que ele quis dizer.
Para tentar entender melhor, perguntei:
- Você já foi ao inferno, Ketut?
Ele sorriu. É claro que já tinha ido lá.
- Como é a vida no inferno?
- Igual a no céu — disse ele.
Ao ver minha expressão de confusão, ele tentou explicar.
- Universo é um círculo, Liss.
Eu ainda não tinha certeza de ter entendido.
- Para o cima, para o baixo... tudo a mesma coisa, no final - disse ele.
Lembrei-me de uma antiga idéia mística cristã: *Assim na terra como no céu.*
- Então como é possível saber a diferença entre o céu e o inferno? - perguntei.
Por causa de como você vai. Céu, você vai para cima, passa por sete lugares felizes. Inferno, você vai para baixo, passa por sete lugares tristes. É por isso que é melhor você ir para cima, Liss. - Ele riu.

- Você quer dizer - perguntei - que é melhor passar a vida indo para cima, passando pelos lugares felizes, já que o céu e o inferno... os destinos... no final das contas são a mesma coisa?
- Mesmo-mesmo - disse ele. — O mesmo no final, então melhor ser feliz na viagem.
- Então, se o céu é amor - falei -, então o inferno é...
- Amor, também - disse ele.
Fiquei sentada pensando nisso durante algum tempo, tentando fazer a conta fechar. Ketut tornou a rir e deu um tapinha afetuoso no meu joelho. - Sempre tão difícil para pessoa jovem entender isso!

88

Eu estava na loja de Wayan outra vez hoje de manhã, e ela tentava descobrir como fazer meus cabelos crescerem mais depressa e mais grossos. Dona de fabulosos cabelos grossos, brilhantes, que lhe descem até o bumbum, ela sente pena de mim com minha mirrada mecha loura. Como curadora, é claro, da tem um remédio para ajudar a deixar meus cabelos mais grossos, mas não vai ser fácil. Primeiro preciso encontrar uma bananeira e abatê-la eu mesma. Preciso "jogar fora a copa da árvore" e, em seguida, raspar o tronco e as raízes (que ainda estão dentro da terra), para formar um recipiente grande, profundo, "como uma piscina". Depois preciso pôr um pedaço de madeira por cima desse buraco, para a água da chuva e o orvalho não entrarem. Depois volto dali a alguns dias e vejo que a piscina está agora cheia de um líquido repleto de nutrientes, saído da raiz da bananeira, que devo pôr em garrafas e trazer para Wayan. Ela irá abençoar o suco de raiz de banana para mim no templo e esfregar o suco no meu couro cabeludo diariamente. Em poucos meses, assim como Wayan, terei cabelos grossos e brilhantes que irão descer até o meu bumbum.
- Mesmo se você for careca - disse ela -, isso vai fazer você ter cabelo.
Enquanto conversamos, a pequena Tutti - que acaba de chegar do colégio - está sentada no chão, fazendo um desenho de uma casa. Ultimamente, o que Tutti mais desenha são casas. Está morrendo de vontade de ter uma casa só sua. No fundo de seus desenhos há sempre um arco-íris e uma família sorridente - com pai e tudo.
É isso que fazemos o dia inteiro na loja de Wayan. Ficamos sentadas conversando, Tutti desenha, e eu e Wayan fofocamos e fazemos gracinhas uma com a outra. Wayan tem um senso de humor atrevido, sempre falando em sexo, gozando de mim por eu ser solteira, especulando sobre os dotes genitais de todos os homens que vêm à sua loja. Ela não pára de me dizer que tem ido ao templo todos os dias e rezado para um homem bom aparecer na minha vida, para ser meu namorado,
— Não, Wayan - disse-lhe eu mais uma vez hoje de manhã -, não preciso disso. Meu coração já foi partido muitas vezes.
— Conheço uma cura para coração partido - disse ela. Com a autoridade e a desenvoltura de um médico, Wayan enumerou com os dedos os seis elementos de seu Tratamento Infalível para a Cura de um Coração Partido. - Vitamina E, dormir bastante, beber bastante água, viajar para um lugar bem longe da pessoa que você amou, meditar e ensinar a seu coração que isso é o destino.
— Tenho feito isso tudo, menos tomar vitamina E.
— Então agora você está curada. E agora precisa de um homem novo. Eu trago um para

você, rezando.
— Bom, não estou rezando por um homem novo, Wayan. A única coisa pela qual estou rezando ultimamente é para ter paz comigo mesma.
Wayan revirou os olhos como quem diz *Tá bom, tá certo, se você diz que é assim, sua branquela esquisita,* e falou:
— Isso é porque você tem um problema de memória ruim. Não se lembra mais de como sexo é bom. Eu antes tinha problema de memória ruim, também, quando era casada. Sempre que via um homem bonito andando na rua, esquecia que tinha um marido dentro de casa.
Ela quase caiu da cadeira de tanto rir. Em seguida, se recompôs e concluiu:
— Todo mundo precisa de sexo, Liz.
Nesse instante, uma mulher lindíssima entrou na loja sorrindo como um farol. Tutti se levantou em um pulo e correu para abraçá-la, gritando: "Armênia! Armênia! Armênia!", o que descobri ser o nome da mulher - não algum tipo de estranho grito de batalha nacionalista. Apresentei-me a Armênia, e ela me disse que era brasileira. Essa mulher era muito dinâmica - muito brasileira. Era linda, estava vestida com elegância, tinha carisma, simpatia e uma idade indeterminada, e sua sensualidade era *insistente.*
Armênia também é uma amiga de Wayan que vem sempre à loja para almoçar e à procura de diversos tratamentos tradicionais de medicina e beleza. Ela se sentou e conversou conosco durante mais ou menos uma hora, participando de nossa rodinha de fofoca quase adolescente. Vai passar mais uma semana em Bali, antes de pegar um avião para a África, ou talvez seja de volta para a Tailândia, para cuidar de seus negócios. Acabo descobrindo que esta tal Armênia teve uma vida um tiquinho glamorosa. Ela trabalhava para a Alta Comissão para Refugiados das Nações Unidas. Durante os anos 1980, foi aviada para as selvas de El Salvador e da Nicarágua, no auge da guerra para negociar a paz, usando sua beleza, charme e inteligência para fazer todos os generais e rebeldes se acalmarem e escutarem a razão. (Olhem o poder bonito aí!) Ela agora tem uma empresa internacional de marketing chamada Novica, que apóia artistas locais do mundo inteiro vendendo seus produtos pela internet. Fala sete ou oito línguas diferentes. E tem os sapatos mais incríveis que já vi desde que saí de Roma.
Olhando para nós duas, Wayan diz:
- Liz, você nunca tenta se vestir de um jeito sexy, como a Armênia? Você é uma moça tão bonita, tem um ótimo capital de rosto legal, corpo legal, sorriso legal. Mas sempre usa essa mesma camiseta velha, esses mesmos jeans surrados. Você não quer ser sexy como ela?
- Wayan - falei -, a Armênia é *brasileira*. É uma situação completamente diferente.
- Diferente, como assim?
- Armênia - falei, virando-me para minha nova amiga. - Você pode, por favor, tentar explicar para Wayan o que significa ser uma mulher brasileira?
Armênia riu, mas em seguida pareceu considerar seriamente a pergunta e respondeu:
- Bom, sempre tentei ficar bonita e ser feminina mesmo em zonas de guerra c campos de refugiados da América Central. Mesmo no meio das piores tragédias c crises, não há por que aumentar a tristeza de todo mundo mantendo, você mesma, uma aparência triste. Essa é a minha filosofia. E por isso que sempre usei maquiagem e jóias na seiva... nada extravagante demais, talvez só uma pulseira de ouro, uns brincos e um batonzinho, um bom perfume. O suficiente para mostrar que eu ainda tinha auto-estima.

De cena forma, Armênia me lembra aquelas incríveis viajantes britânicas da época vitoriana, que costumavam dizer que não havia por que usar na África roupas que não fossem adequadas a uma sala de estar inglesa. Essa Armênia é uma borboleta. E não podia ficar muito tempo na loja de Wayan, porque precisava trabalhar, mas isso não a impediu de me convidar para uma festa hoje à noite Ela conhece outro brasileiro que mora em Ubud, contou, e ele está organizando um evento especial esta noite em um bom restaurante. Vai preparar uma feijoada. Haverá drinques brasileiros também. Várias pessoas interessantes de todas as partes do mundo que moram aqui em Bali. Será que eu gostaria de ir? Talvez todos saiam para dançar depois, também. Ela não sabe se eu gosto de festas, mas...
Drinques? Dança? Feijoada?
É claro que eu vou.

89

Nem consigo me lembrar de quando foi a última vez em que me arrumei para sair, mas esta noite desencavei meu único vestido chique de alcinhas do fundo da minha mochila e vesti. Cheguei até a passar batom. Não consigo me lembrar de quando foi a última vez em que passei batom, mas sei que não foi na Índia de jeito nenhum. Parei na casa de Armênia a caminho da festa, e ela me emprestou algumas de suas lindas jóias, deixou-me usar seu perfume elegante, deixou-me guardar a bicicleta em seu quintal para poder chegar à festa em seu carrão, como uma adulta de verdade.
O jantar com os estrangeiros foi muito divertido, e tive a sensação de estar revisitando uma porção de aspectos há muito adormecidos da minha personalidade. Fiquei até um pouco bêbada, algo notável depois de toda a pureza dos meus últimos meses de preces no *ashram* e das xícaras de chá no meu jardim balinês florido. E também paquerei! Fazia séculos que eu não paquerava. Todas as pessoas que eu havia freqüentado nos últimos tempos eram monges ou xamãs, mas subitamente eu estava mais uma vez exercitando a antiga sexualidade. Embora não soubesse ao certo quem estava paquerando. Eu estava mais ou menos atirando para todos os lados. Será que me senti atraída pelo espirituoso ex-jornalista australiano sentado ao meu lado? ("Todo mundo aqui é bêbado", brincava ele. "A gente escreve *cartas de recomendação* para outros bêbados.") Ou seria o intelectual alemão calado do outro lado da mesa? (Ele prometeu me emprestar romances de sua biblioteca particular.) Ou seria o atraente brasileiro mais velho que havia preparado aquele lauto banquete para todos nós? (Eu gostava de seus olhos castanhos bondosos e de seu sotaque. E de seus dotes culinários, é claro. Disse-lhe algo muito provocante, do nada. Ele estava fazendo uma graça consigo mesmo, dizendo: "Sou uma negação de brasileiro: não sei dançar, não sei jogar futebol e não tocar nenhum instrumento. Por algum motivo, respondi: "Pode ser. Mas tenho a sensação de que você daria um ótimo Casanova." O tempo parou por um longo instante, enquanto nos encarávamos bem nos olhos como quem diz *Que idéia mais interessante de se ter.* A ousadia do meu comentário ficou pairando no ar à nossa volta como um aroma. Ele não se esquivou. Desviei os olhos primeiro, sentindo as faces corarem.)
De toda forma, a feijoada dele estava fantástica. Farta, apimentada e opulenta - tudo que normalmente não se encontra na comida Bales, Comi pratos e mais pratos das carnes, e decidi que era oficial: jamais poderei ser vegetariana, não quando existe comida assim no

mundo. Depois saímos para dançar em uma boate próxima, se é que se pode chamar o lugar de boate. Era mais uma cabana de praia incrementada, só que sem a praia. Havia uma banda de jovens balineses tocando um reggae ao vivo bastante bom, e o lugar estava lotado de gente de todas as idades e nacionalidades, residentes estrangeiros, turistas e moças e rapazes balineses lindos de morrer, todos dançando a valer e sem pudor. Armênia não foi, dizendo que tinha de trabalhar no dia seguinte, mas o atraente brasileiro mais velho me acompanhou. Ele não dançava tão mal quanto tinha dito. Provavelmente sabe jogar futebol também. Sua companhia era agradável: ele abria as portas para mim, elogiava-me, chamava-me de "querida". Mas percebi que ele chamava todo mundo de "querido" — até o barman peludo. Mesmo assim, era bom ter aquela atenção...

Fazia um tempo enorme desde a última vez em que eu fora a um bar. Nem na Itália eu freqüentava bares, e também não havia saído muito durante os anos em que estava com David. Acho que a última vez em que havia saído para dançar fora quando ainda era casada... pensando bem, quando ainda era casada e *feliz*. Meu Deus, faz um tempão. Na pista de dança, encontrei minha amiga Stefania, uma moça italiana animada que conhecera recentemente em uma aula de meditação em Ubud, e dançamos juntas, com os cabelos voando para todo lado, a loura e a morena, rodopiando felizes de um lado para o outro. Depois da meia-noite, a banda parou de tocar e as pessoas começaram a conversar. Foi aí que conheci um cara chamado Ian. Ah, goste, muito desse cara. Gostei dele logo de cara. Ele era muito bonito, uma mistura de Sting com o irmão mais novo do Ralph Fiennes. Era galês, então tinha aquele sotaque lindo. Era desenvolto, inteligente, fazia perguntas e conversou com minha amiga italiana Stefania no mesmo italiano tatibitate que eu falo. Acabei descobrindo que ele era o baterista da tal banda de reggae e que tocava bongô. Então fiz uma brincadeira dizendo que ele era "bongoleiro", como os gondoleiros de Veneza, mas com percussão em vez de barcos, e, de alguma forma, engatamos um papo e começamos a rir e a conversar.

Então Felipe chegou - Felipe era o nome do brasileiro. Ele nos convidem a todos para irmos a um restaurante da moda ali perto cujos donos eram residentes europeus, um lugar ultraliberado que não fecha nunca, prometeu de, e onde se serve cerveja e papo-furado 24 horas por dia. Sem pensar, olhei para Ian (*será que ele queria ir?*) e, quando ele disse sim, eu disse sim também. Então fomos todos para o restaurante, e me sentei ao lado de Ian, e passamos a noite inteira conversando e brincando, e, ah, como gostei desse cara. Ele era o primeiro homem que eu conhecia em muito tempo que realmente me despertava aquele *algo mais*, como se costuma dizer. Era alguns anos mais velho do que eu, havia tido uma vida das mais interessantes, com todos os detalhes importantes (gostava dos Simpsons, viajara pelo mundo todo, já tinha morado em um *ashram*, citava Tolstoi, parecia ter um emprego etc). Começara a carreira no exército britânico da Irlanda do Norte como especialista em bombas, tornando-se, em seguida, especialista internacional em campos minados. Construíra campos de refugiados na Bósnia, e agora estava passando um tempo em Bali para tocar música... tudo muito interessante.

Eu não conseguia acreditar que ainda estava acordada às três e meia da manhã, e não era para meditar! Eu estava acordada no meio da noite, de vestido, conversando com um homem interessante. Que radical. No final da noite, Ian e eu admitimos um para o outro como havia sido bom nos conhecermos. Ele perguntou se eu tinha telefone, respondi que não, mas tinha e-mail, e ele disse:

- É, mas e-maíl é tão... irc... - Então, ao final da noite, não trocamos nada além de um

abraço. Ele falou: - A gente se vê de novo, quando eles quiserem - e apontou para os deuses no céu.
Logo antes de o sol nascer, Felipe, o brasileiro mais velho bonitão, ofereceu-me carona para casa. Enquanto serpenteávamos pelas estradinhas, ele falou:
- Querida, você passem a noite inteira conversando com o maior cascateiro de Ubud.
Fiquei arrasada.
- O Ian é mesmo um cascateiro? - perguntei. — Me diga a verdade agora para eu não ter problemas depois.
- Ian? - disse Felipe. Ele riu. - Não, querida! O Ian é um cara sério. Ele é um cara legal. Eu estava falando de *mim*. Eu sou o maior cascateiro de Ubud.
Passamos algum tempo no carro em silêncio.
- E eu estou só te provocando - acrescentou ele.
Depois de outro longo silêncio, ele perguntou.
- Você gostou do Ian, não foi?
- Não sei - respondi. Não sabia o que pensar. Tinha bebido uma quantidade exagerada de drinques brasileiros. - Ele é atraente, inteligente. Faz muito tempo desde a última vez que pensei em gostar de alguém.
- Você vai passar uns meses maravilhosos aqui em Bali. Espere só para ver.
- Mas não sei o quanto mais de vida social vou conseguir ter, Felipe. Só tenho este vestido. As pessoas vão começar a perceber que estou sempre vestindo a mesma roupa.
- Você é jovem e bonita, querida. Só precisa de um vestido.

90

Será que eu sou jovem e bonita?
Pensei que fosse velha e divorciada.
Mal consigo dormir à noite, de tão desacostumada que estou com esses horários pouco ortodoxos, com a música ainda zumbindo dentro da minha cabeça, os cabelos cheirando a cigarro, a barriga reclamando por causa do álcool. Dou um cochilo e, em seguida, acordo quando o sol está nascendo, como sempre faço. Só que nesta manhã não estou descansada, não estou em paz e não tenho a menor condição de meditar. Por que estou tão agitada? Tive uma noite legal, não foi? Conheci umas pessoas interessantes, me arrumei e saí para dançar, paquerei uns homens...
HOMENS.
A agitação aumenta quando penso nessa palavra, transformando-se em um miniataque de pânico. *Não sei mais fazer isso.* Antigamente, na minha adolescência e nos meus vinte e pouco, anos, eu era a maior, mais ousada e mais desavergonhada das paqueradoras. Pareço me lembrar que isso um dia foi divertido: conhecer um cara, atraí-lo, fazer convites e provocações veladas, deixar toda a cautela de lado e encarar as conseqüências. Agora porém, tudo que sinto é pânico e incerteza. Começo a dramatizar a noite toda, transformando-a em algo muito mais importante do que de fato foi, imaginando-me envolvida com o tal galês que sequer me deu um endereço de e-mail. Já posso ver nosso futuro inteiro, incluindo as discussões sobre ele ser fumante. Pergunto-me se o fato de eu tornar a me entregar a algum homem irá arruinar minha viagem/escrita/vida etc. Por outro lado - um pouco de romance seria bom. A seca já vem durando muito tempo. (Lembro-me de Richard do Texas me aconselhar que, em determinado momento, em relação à

minha vida amorosa, "Você precisa de alguém para *acabar com a seca*. Precisa encontrar alguém que *faça chover*".) Então imagino Ian chegando montado em sua motocicleta, com seu belo tórax de militar, para fazer amor comigo no meu jardim, e como isso seria bom. De alguma forma, no entanto, essa idéia não de todo desagradável me faz entrar em uma horrível paranóia sobre como eu simplesmente não quero mais sofrer por amor. Então começo a sentir mais falta de David do que havia acontecido em muitos meses, pensando: *Talvez em devesse ligar para ele e ver se ele quer tentar ficar comigo de novo...* (Então pareço ouvir muito claramente meu velho amigo Richard dizer: *Ah, que maravilha isso, Sacolão... você fez uma lobotomia ontem à noite, além de ficar de pilequinho?*) Quando começo a pensar em David, nunca demora muito para eu começar a pensar obsessivamente nas circunstâncias do meu divórcio, então logo começo a pensar (como nos velhos tempos) no meu ex-marido, no meu divórcio...

Pensei que a gente tinha liquidado esse assunto, Sacolão.

E então, por algum motivo, começo a pensar em Felipe — aquele brasileiro bonito e mais velho. Ele é legal. *Felipe*. Ele diz que eu sou jovem e bonita e que vou me divertir muito aqui em Bali. Ele tem razão, não tem? Eu deveria relaxar e me divertir um pouco, certo? Mas esta manhã não está nada engraçada.

Eu não sei mais fazer isso.

91

O que é esta vida? Você entende? Eu, não.

Era Wayan quem falava.

Eu estava novamente no restaurante dela, comendo seu delicioso e nutritivo almoço especial multivitaminado, esperando que ele fosse ajudar a melhorar minha ressaca e minha ansiedade. Armênia, a brasileira, também estava lá e, como de hábito, parecia ter acabado de passar no salão de beleza a caminho de casa, depois de um fim de semana em um spa. A pequena Tutti estava sentada no chão desenhando casas, como sempre.

Wayan acabara de saber que o contrato de locação da sua loja seria renovado no final de agosto - dali a apenas três meses -, e que o aluguel iria aumentar. Ela provavelmente teria de se mudar outra vez, porque não tinha dinheiro para ficar ali. O problema é que ela só tinha cinqüenta dólares no banco, e não tinha a menor idéia de para onde ir. Mudar-se obrigaria Tutti a sair do colégio outra vez. Elas precisavam de uma casa - uma casa de verdade. Isso não é vida para alguém nascido em Bali.

— Por que o sofrimento nunca termina? - perguntou Wayan. Ela não estava chorando, apenas fazendo uma pergunta simples, impossível de ser respondida e desanimada. - Por que tudo tem de se repetir, e se repetir de novo, sem fim, sem descanso? Você trabalha tanto em um dia, mas no dia seguinte precisa trabalhar de novo. Você come, mas no dia seguinte já está com fome. Você encontra o amor, e o amor vai embora. Você nasce sem nada... sem relógio de pulso, sem camiseta. Trabalha duro e depois morre sem nada... sem relógio de pulso, sem camiseta. Você é jovem, depois você é velho. Por mais que você trabalhe, não consegue parar de envelhecer.

— Menos a Armênia — brinquei. - Ela, aparentemente, não envelhece.

— Mas isso é porque a Armênia é *brasileira* — disse Wayan, entendendo agora como o mundo funciona.

Todas nós rimos, mas era um bom humor meio negro, porque não há nada de engraçado

na situação de Wayan no mundo neste momento. Eis os fatos: mãe solteira, filha precoce, negócio que dá dinheiro só para comer, pobreza iminente, praticamente sem casa. Para onde ela irá? É óbvio que não pode ir morar com a família do ex-marido. A família da própria Wayan, por sua vez, cultiva arrozais em uma zona rural distante e é pobre. Caso ela vá morar com eles, será o fim de sua carreira na cidade como curadora, porque seus pacientes não poderão ir onde ela estiver, e será melhor esquecer aquela história de Tutti um dia ter instrução suficiente para chegar a cursar faculdade de veterinária.
Com o tempo, outros fatores surgiram. As duas meninas tímidas em quem reparei no primeiro dia, escondidas nos fundos da cozinha? Descubro que são duas órfãs que Wayan adotou. Ambas se chamam Ketut (só para tornar este livro ainda mais confuso), e nós as chamamos de Ketut Grande e Ketut Pequena. Wayan encontrou as Ketuts famintas e pedindo esmolas na praça do mercado alguns meses atrás. Haviam sido abandonadas ali por uma mulher que parecia uma personagem saída de um livro de Dickens - possivelmente uma parenta -, que é uma espécie de cafetina para crianças que pedem esmola, e leva órfãos para pedir dinheiro em várias feiras de Bali, e depois recolhe as crianças à noite em uma van, tomando-lhes o dinheiro que ganharam e dando-lhes um barraco para dormir em algum lugar. Quando Wayan conheceu Ketut Grande e Pequena, elas não comiam havia dias, estavam cheias de piolhos e parasitas. Ela acha que a menor tem uns 10 anos e a maior deve ter uns 13, mas elas desconhecem a própria idade e sobrenome. (Ketut Pequena sabe apenas que nasceu no mesmo ano do "porco grande" de sua aldeia; isso não nos ajudou a estabelecer uma cronologia.) Wayan levou-as para sua casa e cuida delas com tanto carinho quanto cuida de sua própria filha, Tutti. Ela e as três crianças dormem no mesmo colchão no único quarto atrás da loja.
Como uma mãe solteira balinesa à beira do despejo encontrou lugar em seu coração para pegar duas outras crianças sem lar para cuidar é algo que vai além de qualquer compreensão que eu já tenha tido quanto ao significado da compaixão.
Eu quero ajudá-las.
Era isso. Era essa a sensação de estremecimento que eu havia sentido com tanta intensidade depois da primeira vez em que encontrei Wayan. Eu queria ajudar aquela mãe solteira com sua filha e suas órfãs. Queria levá-las para uma vida melhor como um manobrista estaciona um carro em uma vaga. Só que eu ainda não havia descoberto como fazer isso. Mas hoje, enquanto Wayan, Armênia e eu estávamos ali almoçando e desfiando nossa conversa habitual de empatia e tagarelice, olhei para a pequena Tutti e percebi que ela estava fazendo uma coisa um pouco estranha. Estava andando pela loja com um quadradinho de azulejo azul-cobalto na palma das mãos viradas para cima, entoando alguma espécie de cântico. Passei algum tempo a observá-la, só para ver o que ela estava fazendo. Tutti passou um tempão brincando com aquele azulejo, atirando-o para cima, sussurrando para ele, cantando para ele, depois empurrando-o pelo chão como se fosse um carrinho em miniatura. Por fim, foi se sentar em um canto tranqüilo, de olhos fechados, cantarolando para si mesma, imersa em algum místico e invisível compartimento de espaço só seu.
Perguntei a Wayan o que significava aquilo. Ela disse que Tutti havia encontrado o azulejo do lado de fora do canteiro de obras de um hotel de luxo, na beira da estrada, e o pusera no bolso. Desde que encontrara o azulejo, Tutti ficava dizendo à mãe:
— Talvez, se eu um dia tiver uma casa, ela possa ter um chão azul bonito assim. -
Segundo Wayan, Tutti com freqüência passa horas a fio debruçada sobre esse único

quadradinho azul, de olhos fechados, fingindo que está dentro da própria casa.
O que posso dizer? Quando ouvi essa história e vi aquela criança totalmente compenetrada com seu pequeno azulejo azul, pensei: *Bom, chega.*
E pedi licença da loja para ir dar um jeito nessa situação intolerável de uma vez por todas.

92

Wayan me disse certa vez que, quando está tratando seus pacientes, ela se torna um canal aberto para o amor de Deus, e que pára até de pensar no que precisa ser feito em seguida O intelecto pára de funcionar, a intuição se aguça, e tudo que ela precisa fazer é deixar a divindade fluir por seu corpo. "Parece que um vento chega e me segura pelas mãos", diz ela.
Talvez esse mesmo vento tenha sido o que me fez sair chispando da loja de Wayan naquele dia, tirando-me da minha ansiedade ressacada sobre se eu estava pronta para começar a *namorar* de novo, e me guiou até o cyber-café de Ubud, onde sentei-me e escrevi - de uma só vez e sem esforço - um e-mail para todos os meus amigos e parentes mundo afora, tentando arrecadar fundos.
Contei a todo mundo que meu aniversário estava chegando, em julho, e que eu logo faria 35 anos. Disse-lhes que não havia nada neste mundo de que eu precisasse ou que desejasse, e que nunca havia sido mais feliz na vida. Disse-lhes que, se estivesse em casa, em Nova York, estaria planejando uma grande e estúpida festa, e faria todos eles irem a essa festa, e eles teriam de me comprar presentes, garrafas de vinho, e a celebração toda se tornaria ridiculamente cara. Assim, expliquei, uma maneira mais barata e mais bonita de ajudar a comemorar esse aniversário seria se meus amigos e parentes quisessem fazer uma doação para ajudar uma mulher chamada Wayan Nuriyasih a comprar uma casa na Indonésia para ela e suas filhas.
Então contei-lhes toda a história de Wayan e Tutti, das órfãs e de sua situação, prometi que, para todo o dinheiro que fosse doado, eu contribuiria com a mesma quantia da minha poupança pessoal. É claro, expliquei, que eu unha consciência de que este nosso mundo é cheio de sofrimento ignorado, de guerras, e sabia que todos, neste momento, estão passando por necessidades, mas o que devemos fazer? Esse pequeno grupo de pessoas em Bali havia se tornado a minha família, e precisamos cuidar de nossas famílias onde quer que as encontremos. Ao terminar o e-mail coletivo, lembrei-me de uma coisa que minha amiga Susan havia me dito logo antes de eu embarcar nesta viagem pelo mundo, nove meses atrás. Ela estava com medo de que eu nunca mais voltasse para casa. Disse:
- Sei como você é, Liz. Você vai conhecer alguém, vai se apaixonar e vai acabar comprando uma casa em Bali.
Essa Susan parece um Nostradamus.
Na manhã seguinte, quando chequei minhas mensagens, setecentos dólares já haviam sido prometidos. No dia seguinte, as doações superaram o que eu era capaz de oferecer. Vou poupar vocês do drama todo daquela semana, e também não vou tentar explicar a sensação diária de abrir e-mails do mundo inteiro dizendo: "Pode contar comigo!" Todos deram alguma coisa. Pessoas que sabia que estavam arruinadas ou tinham dívidas doaram, sem hesitação. Uma das primeiras respostas que recebi foi de uma amiga da namorada do meu cabeleireiro, a quem haviam encaminhado o e-mail e que queria doar 15 dólares. O mais sabe-tudo dos meus amigos, John, precisou, é claro, fazer um

comentário tipicamente sarcástico sobre o comprimento, a emoção e a pieguice da minha mensagem ("Escute, da próxima vez em que você quiser chorar sobre o leite derramado, que seja leite condensado, tá?"), mas depois doou dinheiro mesmo assim. O namorado novo da minha amiga Annie (um banqueiro de Wall Street que eu sequer conhecera) ofereceu-se para dobrar a quantia final de tudo que fosse arrecadado. Então o e-mail começou a rodar o mundo, a tal ponto que passei a receber doações de desconhecidos. Foi uma demonstração global de generosidade. Vamos concluir este episódio dizendo que — meros sete dias depois de o apelo original ter partido para o cyberespaço - meus amigos, parentes e um bando de desconhecidos do mundo inteiro me ajudaram a levantar quase 18 mil dólares para comprar uma casa própria para Wayan Nuriyasih.
Eu sabia que fora Tutti quem havia tornado esse milagre manifesto, graças ao fervor de suas preces, desejando que aquele seu azulejozinho azul se tornasse maleável, se expandisse ao seu redor e crescesse - como um dos feijões mágicos do João Pé-de-Feijão - até se transformar em uma casa de verdade para abrigar a ela, sua mãe e duas órfãs para sempre.
Uma última coisa. Fico envergonhada de admitir que foi meu amigo Bob, não eu, quem percebeu o fato óbvio de que a palavra "Tutti, em italiano, quer dizer "todo mundo". Como é que eu não havia percebido isso antes? Depois de todos aqueles meses em Roma! Eu simplesmente não vi a ligação. Então foi Bob, lá do Utah, quem precisou chamar minha atenção para ela. Ele fez isso em um e-mail na semana passada no qual, junto com sua promessa de doar dinheiro para a nova casa, dizia: "Então é essa a lição final? Quando você sai pelo mundo pata ajudar a si mesma, acaba inevitavelmente ajudando... *Tutti*."

93

Não quero dizer nada a Wayan, não antes de todo o dinheiro ter sido arrecadado. É difícil guardar um segredo grande como esse, sobretudo quando ela está tão constantemente preocupada com seu futuro, mas não quero que ela fique esperançosa antes que seja algo definitivo. Assim, durante a semana inteira, fico de boca fechada em relação a meus planos e mantenho-me ocupada jantando quase todas as noites com Felipe, o brasileiro, que não parece se importar com o fato de eu ter apenas um vestido bonito.
Acho que estou meio caidinha por ele. Depois de alguns jantares, tenho praticamente certeza de que estou caidinha por ele. Ele é mais do que aparenta ser, esse homem que define a si mesmo como o "rei da cascata", que conhece todo mundo em Ubud e é sempre o centro das atenções. Perguntei a Armênia sobre ele. Falei:
- Esse Felipe... ele tem mais estofo do que os outros, não é? Tem alguma coisa a mais nele, não é?
- Ah, tem - respondeu ela. - Ele é um homem bom, gentil, mas passou por um divórcio difícil. Acho que veio para Bali para se recuperar.
Ah - eu não sei *nada* sobre esse assunto.
Mas ele tem 52 anos. Que interessante. Será que eu realmente cheguei à idade em que um homem de 52 anos faz parte do universo dos meus namorados potenciais? Mas gosto dele. Ele é grisalho e está perdendo os cabelos de um jeito atraente, *à la* Picasso. Seus olhos são calorosos e castanhos. Ele tem um rosto gentil e um cheiro delicioso. E é um

homem maduro de verdade. O macho adulto da espécie - algo meio novo na minha experiência.
Já faz mais ou menos cinco anos que ele mora em Bali, e trabalha com ourives de prata balineses, fazendo jóias com pedras preciosas brasileiras para exportar para os Estados Unidos. Gosto do fato de ele ter sido casado e fiel à mulher durante quase vinte anos, antes de o casamento se deteriorar devido a sua própria abundância de motivos multicomplicados. Gosto do fato de ele já ter criado filhos, e de tê-los criado bem, e de seus filhos amarem o pai. Gosto de ele ter sido o membro do casal a ficar em casa cuidando das crianças quando elas eram pequenas, enquanto sua mulher australiana cuidava da carreira. (Como bom marido feminista, segundo ele, "eu queria ficar do lado certo da história social".) Gosto de suas demonstrações exageradas de afeto à moda brasileira. (Quando seu filho australiano tinha 14 anos, o menino finalmente precisou dizer: "Pai, tenho 14 anos, talvez você não devesse mais me beijar na boca quando me deixar no colégio.") Gosto do feto de Felipe falar quatro línguas fluentemente, talvez mais. (Ele insiste que não fala indonésio, mas eu o ouço falar a língua o dia inteiro.) Gosto de ele ter viajado para mais de cinqüenta países na vida e de ver o mundo como um lugar pequeno e facilmente administrável. Gosto da maneira como ele me escuta, aproximando-se, interrompendo-me apenas quando interrompo a mim mesma para perguntar se o estou chateando, ao que ele sempre responde: "Tenho todo o tempo do mundo para você, minha querida linda." Gosto de ser chamada de "minha querida linda". (Mesmo que isso aconteça também com a garçonete.)
Na outra noite, ele me disse:
— Por que você não arruma um namorado enquanto está em Bali, Liz?
Para dar-lhe crédito, ele não estava se referindo apenas a si mesmo, embora eu ache que possa estar disposto a assumir o cargo. Ele me garantiu que Ian — o bonitão galês — seria um ótimo par para mim, mas há outros candidatos, também. Há um chef nova-iorquino, "um cara grande, alto, musculoso, confiante", de quem ele acha que vou gostar. Na verdade, aqui há todo tipo de homem, disse ele, todos de passagem por Ubud, residentes estrangeiros de todas as partes do mundo, escondidos nesta maleável comunidade dos "sem-casa e sem-posses" do planeta, muitos dos quais ficariam felizes em garantir que minha querida linda, você tenha um verão maravilhoso aqui".
- Não acho que esteja pronta para isso - respondi. - Não estou a fira de fazer aquele esforço todo para ter um caso de amor, sabe? Não estou a fim de ter de raspar as pernas todos os dias, nem de ter de mostrar o corpo para um novo namorado. E não quero ter de repetir mais uma vez toda a história da minha vida, nem ter de me preocupar em tomar anticoncepcional. Não tenho nem certeza se ainda sei fazer isso. Acho que era mais confiante em relação a sexo e namoro quando tinha 16 anos do que hoje em dia.
— É claro que era - disse Felipe. Naquela época você era jovem e idiota. Só os jovens e idiotas são confiantes em relação a sexo e namoro. Você acha que algum de nós sabe o que está fazendo? Acha que existe alguma forma de os seres humanos se amarem sem complicação? Você deveria ver o que acontece em Bali, querida. Todos esses homens ocidentais vêm para cá depois de terem bagunçado a vida no seu país, e decidem que já se encheram das mulheres ocidentais, e se casam com alguma adolescente balinesa baixinha, doce e obediente. Eu sei o que eles estão pensando. Estão pensando que essa garotinha linda vai fazer eles felizes, vai tornar sua vida fácil. Mas, sempre que vejo isso acontecer, sempre tenho vontade de dizer a mesma coisa. *Boa sorte.* Porque você

continua tendo uma mulher na sua frente, amigo. E você continua sendo um homem. Continuam sendo dois seres humanos tentando se entender, então vai ficar complicada E o amor é sempre complicado. Mas, mesmo assim, os seres humanos precisam tentar se amar, querida. A gente precisa ter o coração partido algumas vezes. Isso é um bom sinal, ter o coração partido. Quer dizer que a gente tentou alguma coisa.
- Meu coração se partiu com tanta força da última vez - falei - que *ainda* está doendo. Não é uma loucura? Ainda estar com o coração partido quase dois anos depois do fim de uma história de amor?
- Querida, sou do sul do Brasil. Sou capaz de ficar com o coração partido durante dez anos por causa de uma mulher que nem cheguei a beijar.
Conversamos sobre nossos casamentos, sobre nossos divórcios. Não de maneira mesquinha, mas para dividir nossa mágoa. Comparamos anotações sobre as profundezas insondáveis da depressão pós-divórcio. Bebemos vinho e fazemos uma boa refeição juntos, e contamos um ao outro as melhores histórias de que conseguimos nos lembrar sobre nossos ex-cônjuges, só para tirar o travo de toda aquela conversa sobre perda.
- Quer fazer alguma coisa comigo neste fim de semana? - pergunta ele, e me descubro dizendo sim, que isso seria agradável. Porque seria *mesmo* agradável.
Já é a segunda vez que, ao me deixar na porta de casa e se despedir, Felipe estica o braço até o outro lado do carro para me dar um beijo de boa-noite e já é a segunda vez que faço a mesma coisa - deixo ele me puxar até junto de si, mas depois encolho a cabeça no ultimo minuto e aperto minha bochecha em seu peito. Nessa posição, deixo-o me abraçar por algum tempo. Mais tempo do que seria necessariamente apenas amigável. Posso senti-lo encostar o rosto em meus cabelos, enquanto aperto meu rosto em algum lugar perto de seu esterno. Posso sentir o cheiro de sua camisa de linho macia. Gosto muito do cheiro dele. Ele tem braços musculosos, um peito bonito, largo. Já foi campeão de ginástica olímpica no Brasil. É claro que isso foi em 1969, ano do meu nascimento, mas mesmo assim. Seu corpo parece forte.
O fato de eu encolher a cabeça dessa forma sempre que ele tenta me abraçar é uma forma de me esconder - estou evitando um simples beijo de boa-noite. Mas é também uma forma de não me esconder. Ao deixá-lo me abraçar durante todos esses instantes silenciosos no final da noite, estou me permitindo *ser abraçada.* Coisa que não acontecia há muito tempo.

94

Perguntei a Ketut, meu velho xamã:
-O que você sabe sobre namoro?
- O que é namoro? — perguntou ele.
- Deixe para lá.
- Não, o que é? O que significa essa palavra?
- Namoro - defini. — Mulheres e homens apaixonados. Ou, algumas vezes, homens e homens apaixonados, ou mulheres e mulheres apaixonadas. Beijos, sexo, casamento... essas coisas todas.
- Eu não fazer sexo com muita gente na vida, Liss. Só com minha mulher.
- Tem razão... não é muita gente. Mas você está falando da sua primeira mulher ou da sua segunda mulher?

- Eu só tenho uma mulher, Liss. Ela agora morta.
- E Nyomo?
Nyomo não minha mulher de verdade, Liss, Ela mulher do meu irmão. - Ao ver minha expressão confusa, ele acrescentou - Isso típico de Bali - e explicou. O irmão mais velho de Ketut, que cultiva arrozais, é vizinho de Ketut e casado com Nyomo. Eles tiveram três filhos. Ketut e a sua mulher, por sua vez, não conseguiram ter filhos, então adotaram um dos filhos do irmão de Ketut, de modo a ter um herdeiro. Quando a mulher de Ketut morreu, Nyomo passou a viver nas duas propriedades familiares, dividindo seu tempo entre as duas casas, cuidando tanto do marido quanto do irmão deste, e cuidando também das duas famílias dos filhos. Ela é mulher de Ketut de todas as maneiras, à moda balinesa (cozinha, lima, cuida das cerimônias e rituais religiosos da casa), exceto pelo fato de eles não terem relações.
- Por que não? - perguntei.
- Muito VELHO! - disse ele. Então chamou Nyomo para fazer-lhe a pergunta, dizendo-lhe que a americana queria saber por que eles não têm relações. Essa simples idéia quase fez Nyomo morrer de tanto rir. Ela chegou perto e me deu um soquinho no braço, com força.
- Eu só tive uma mulher - continuou Ketut. - E agora ela morta.
- Você sente falta dela?
Um sorriso triste.
- Era hora de ela morrer. Agora eu contar a você como encontro minha mulher. Quando estou com 27 anos, conheço uma moça e amo ela.
- Em que ano foi isso? - perguntei, como sempre desesperada para descobrir a idade dele.
- Não sei - disse ele. - Talvez em 1920?
(O que o faria ter agora mais ou menos 112 anos. Acho que estamos mais perto de solucionar este caso...)
- Eu amo essa moça. Muito linda. Mas não bom caráter, essa moça. Só quer dinheiro. Vai atrás outro garoto. Nunca diz verdade. Acho que tinha uma mente secreta dentro da sua outra mente, ninguém pode ver lá dentro. Ela deixa de me amar, ir embora com outro garoto. Fico muito triste. Coração partido. Rezo muito para meus quatro irmãos espirituais, pergunto por que ela não mais me ama. Então um dos meus irmãos espirituais, ele me diz a verdade. Ele diz: "Esse não é seu verdadeiro par. Tenha paciência." Então eu ter paciência e depois encontrar minha mulher. Linda mulher, boa mulher. Sempre gentil comigo. Nenhuma vez a gente discutir, sempre ter harmonia na casa, ela sempre sorrindo. Mesmo quando nenhum dinheiro em casa, ela sempre sorrindo e dizendo como está feliz por me ver. Quando ela morrer, eu muito triste na mente.
- Você chorou?
- Só pouquinho, nos meus olhos. Mas faço meditação, para limpar corpo da dor. Medito pela alma dela. Muito triste, mas feliz, também. Todo dia visito ela na meditação, até beijando ela. Ela única mulher com quem fiz sexo. Então eu não conheço... qual é palavra nova, de hoje?
- Namoro?
- Isso, namoro. Não conheço namoro, Liss.
- Então essa não é muito a sua área de especialidade não é.
- O que é *especialidade*? O que significa essa palavra.

95

Finalmente sentei-me com Wayan para lhe falar sobre o dinheiro que arrecadei para sua casa. Expliquei-lhe o meu desejo de aniversário, mostrei-lhe a lista com os nomes de todos os meus amigos, e então revelei-lhe a quantia total que havia sido arrecadada; 18 mil dólares norte-americanos. No início, ela ficou a tal ponto chocada que seu rosto parecia uma máscara de tristeza. É estranho e verdadeiro que, algumas vezes, a emoção intensa pode nos fazer reagir a alguma notícia cataclísmica exatamente da maneira oposta à que a lógica poderia fazer supor. Esse é o valor absoluto da emoção humana - acontecimentos alegres às vezes são registrados na escala Richter como puro trauma; sofrimentos horríveis, algumas vezes, nos fazem explodir de tanto rir. Essa notícia que eu acabara de dar a Wayan era demais para ela conseguir absorver, e ela quase a recebeu como um motivo de tristeza, então passei algumas horas sentada ali com ela, contando-lhe a história repetidas vezes, e tornando a lhe mostrar os números, até ela começar a absorver a realidade.

Sua primeira resposta realmente articulada (quero dizer, antes mesmo de ela começar a chorar ao perceber que poderia ter um jardim) foi dizer com urgência:

— Liz, por favor, você precisa explicar para todo mundo que ajudou a arrecadar esse dinheiro que essa não é a casa de Wayan. E a casa de todo mundo que ajudou Wayan. Se alguma dessas pessoas vier a Bali, elas nunca devem ficar em um hotel, tá? Diga para elas virem ficar na minha casa, tá? Promete dizer isso a elas? Vamos chamar de Casa Grupal... a Casa de Todo Mundo...

Foi então que ela se deu conta da questão do jardim e começou a chorar.

Aos poucos, porém, ela foi percebendo coisas mais alegres. Era como se ela fosse um caderninho que alguém estivesse sacudindo de cabeça para baixo, e as emoções iam caindo para todos os lados. Se ela tivesse uma casa, poderia ter uma pequena biblioteca, para todos os seus livros de medicina! E uma farmácia para seus remédios tradicionais! E um restaurante de verdade, com cadeiras e mesas de verdade (porque ela tivera de vender todas as suas boas cadeiras e mesas velhas para pagar o advogado do divórcio). Se ela tivesse uma casa, poderia finalmente entrar no guia *Lonely Planet*, que estava sempre querendo mencionar seus serviços, mas nunca podia fazê-lo, porque ela nunca tinha um endereço permanente que eles pudessem incluir. Se ela tivesse uma casa, Tutti poderia, um dia, ter uma festa de aniversário!

Então ela tornou a ficar muito sóbria e séria.

- Como posso agradecer a você, Liz? Eu daria qualquer coisa a você. Se tivesse um marido que amasse, e você precisasse de um homem, eu daria o meu marido a você.

- Fique com o seu marido, Wayan. Só não deixe de mandar Tutti para a universidade.

- O que eu faria se você nunca tivesse vindo aqui?

Mas eu *sempre* estava vindo aqui. Pensei em um dos meus poemas sufistas preferidos, que diz que, há muito tempo, Deus desenhou na areia um círculo exatamente em volta do lugar onde você está pisando agora. Eu nunca não estava vindo para cá. Isso nunca iria acontecer.

- Onde você vai construir sua casa nova, Wayan? - perguntei.

Como uma criança que joga beisebol e vem namorando há tempos uma certa luva na vitrine de uma loja, ou uma menina romântica que vem desenhando seu vestido de noiva

desde os 13 anos, descobri que Wayan já sabia exatamente o terreno que queria comprar. Ficava no centro de um vilarejo ali perto, tinha rede de esgoto e eletricidade, uma boa escola perto onde Tutti poderia estudar e estava em um ponto bem central, onde pacientes e clientes poderiam encontrá-la a pé. Seus irmãos ajudariam a construir a casa, disse ela. Ela já havia escolhido praticamente tudo, até as amostras de cor para o quarto principal. Então fomos juntas visitar um simpático francês que era consultor financeiro e imobiliário, e que foi gentil o suficiente para sugerir a melhor maneira de transferir o dinheiro. Sua sugestão foi usar a maneira mais fácil, e simplesmente transferir o dinheiro diretamente da minha conta bancária para a conta bancária de Wayan, e deixá-la comprar a casa que quisesse, para eu não precisar me envolver com a questão de ter um imóvel na Indonésia. Contanto que eu não transferisse quantias superiores a 10 mil dólares de cada vez, a receita federal dos Estados Unidos e a CIA não desconfiariam que eu estivesse lavando dinheiro de tráfico de drogas. Então fomos ao pequeno banco de Wayan e conversamos com o gerente sobre como realizar uma transferência. Concluindo de forma sucinta, o gerente do banco disse:
- Então, Wayan. Quando essa transferência for feita, daqui a poucos dias, você deverá ter cerca de 180 mil rupias na sua conta.
Wayan e eu nos entreolhamos e tivemos um ridículo acesso de riso. Que soma imensa! Tentávamos nos controlar, uma vez que estávamos na sala chique de um banqueiro, mas não conseguíamos parar de rir. Saímos de lá cambaleando feito duas bêbadas, segurando-nos uma na outra para não cair.
- Nunca vi um milagre acontecer tão rápido! - disse ela. - Durante todo este tempo, fiquei implorando a Deus para por favor ajudar Wayan. E Deus estava implorando a Liz para por favor ajudar Wayan também.
- E Liz estava implorando a seus amigos para por favor ajudarem Wayan também! — acrescentei.
Voltamos para a loja e encontramos Tutti, que acabara de chegar do colégio. Wayan se ajoelhou, abraçou a menina e disse:
- Uma casa! Uma casa! A gente tem uma casa! - Tutti executou um fantástico desmaio de mentira, jogando-se no chão como um personagem de desenho animado.
Enquanto estávamos todas rindo, reparei nas duas órfãs que assistiam à cena do fundo da cozinha, e pude vê-las olhando para mim com alguma expressão em seus rostos que parecia... *medo*. Enquanto Wayan e Tutti corriam de um lado para o outro de tanta alegria, perguntei-me o que as órfãs estariam pensando. De que tinham tanto medo? De serem deixadas para trás, talvez? Ou será que eu agora era uma pessoa assustadora para elas por ter tirado tanto dinheiro de lugar nenhum? (Uma quantia de dinheiro tão *inconcebível* que talvez seja como magia negra?) Ou, talvez, quando se teve uma vida tão frágil quanto a dessas meninas, qualquer mudança seja aterrorizante.
Quando a intensidade da celebração arrefeceu, perguntei a Wayan, só para ter certeza:
E Ketut Grande e Ketut Pequena? Essa notícia é boa para elas também?
Wayan espichou os olhos para as meninas na cozinha e deve ter visto a mesma aflição que vi, porque foi até lá, envolveu-as em um abraço, e sussurrou palavras de reconforto sobre seus couros cabeludos. Elas pareceram relaxar no abraço. Então o telefone tocou, e Wayan tentou se desvencilhar das órfãs para atender, mas os braços magros das duas Ketuts não largavam sua mãe de criação, e elas enterravam a cabeça em seu ventre e em suas axilas, recusando-se a soltá-la mesmo depois de um tempo muito longo - e com uma

ferocidade que eu já vira nelas antes.
Então, quem atendeu o telefone fui eu.
- Curas Balinesas Tradicionais - falei. - Passem aqui hoje para nosso grande feirão antes da mudança!

96

Saí com o brasileiro Felipe mais duas vezes ao longo do fim de semana. No sábado, levei-o para conhecer Wayan e as meninas, e Tutti desenhou casas para ele, enquanto Wayan dava piscadelas sugestivas sem que ele visse e articulava com os lábios: "Namorado novo?" e eu não parava de balançar a cabeça dizendo: "Não, não, não." (Mas vou lhes contar uma coisa - não estou mais pensando no bonitão galês.) Também levei Felipe para conhecer Ketut, meu xamã, e Ketut leu sua mão e afirmou, não menos do que sete vezes (enquanto me encarava com um olhar penetrante), que o meu amigo era um homem bom, um homem muito bom, um homem muito, muito bom. Não um homem mau, Liss... *um homem bom.*
Então, no domingo, Felipe perguntou se eu gostaria de passar o dia na praia. Ocorreu-me que já fazia dois meses que eu estava morando aqui em Bali, e ainda não vira a praia, o que agora parecia uma idiotice sem tamanho, então respondi que sim. Ele me buscou em casa com seu jipe e viajamos por cerca de uma hora até uma praiazinha escondida em Pedangbai, onde quase nenhum turista vai. O lugar aonde ele me levou era uma imitação do paraíso melhor do que qualquer outra coisa que eu já vira, com água azul, areia branca e a sombra das palmeiras. Passamos o dia inteiro conversando, interrompendo a conversa somente para nadar, cochilar e ler, lendo em voz alta um para o outro de vez em quando. Algumas balinesas em uma barraca perto da praia nos prepararam um peixe fresco grelhado, e compramos cerveja gelada e frutas frescas. Flutuando nas ondas, contamos um ao outro os detalhes da história de nossas vidas que ainda não havíamos abordado nas últimas semanas de noites passadas juntos nos restaurantes mais tranqüilos de Ubud, em conversas regadas a garrafas c mais garrafas de vinho.
Depois de ver meu corpo pela primeira vez na praia, ele me disse que tinha gostado. Contou-me que os brasileiros têm uma expressão que define exatamente meu tipo de corpo (é *claro* que têm), que é *falsa magra*, e significa que a mulher parece magra de longe mas, quando você chega perto, ela na verdade é bem curvilínea e carnuda, o que os brasileiros consideram uma coisa boa. Deus abençoe os brasileiros. Enquanto conversávamos deitados em nossas toalhas, algumas vezes ele estendia a mão e limpava a areia do meu nariz ou afastava um fio de cabelo rebelde do meu rosto. Passamos cerca de dez horas inteiras conversando. Então anoiteceu, o que nos fez arrumar nossas coisas e ir dar uma volta na rua principal, não tão bem iluminada assim, daquela antiga vila de pescadores balinesa, caminhando de braços dados sob as estrelas, muito à vontade. Foi então que o brasileiro Felipe me perguntou, da maneira mais natural e relaxada possível (quase como se estivesse sugerindo que fôssemos comer alguma coisa):
— Será que a gente deveria ter um caso, Liz? O que você acha?
Eu estava gostando de todos os detalhes de como aquilo estava acontecendo. Não com nenhuma ação - nenhuma tentativa de beijo, nem com um movimento ousado -, mas com uma pergunta. E, além disso, com a pergunta certa. Lembrei-me de uma coisa que minha terapeuta me dissera mais de um ano atrás, antes de eu começar esta viagem. Eu falara

que achava que gostaria de permanecer solteira durante todo esse ano de viagem, mas estava preocupada:
- E se eu conhecer alguém de quem goste de verdade? O que eu devo fazer? Será que devo ficar com ele ou não? Será que devo manter minha autonomia? Ou será que devo me permitir um namoro?
Minha terapeuta respondeu com um sorriso indulgente:
- Sabe, Liz... tudo isso pode ser discutido na hora em que a questão realmente se apresentar, com a pessoa específica.
Então estava tudo ali — a hora, o lugar, a questão e a pessoa específica. Passamos a conversar sobre essa idéia que surgiu espontaneamente, durante nossa caminhada amigável, de braços dados, à beira-mar.
— Eu provavelmente diria sim, Felipe, em circunstâncias normais. O que quer que sejam *circunstâncias normais...*
Ambos rimos. Mas então eu lhe mostrei minha hesitação. Minha hesitação era a seguinte: que, por mais que eu gostasse de ter meu corpo e meu coração mexidos e remexidos durante algum tempo pelas mãos de um bom amante estrangeiro, alguma outra coisa dentro de mim havia feito um pedido sério para que eu dedicasse aquele ano inteirinho à viagem e a mim mesma. Que alguma transformação vital estava ocorrendo na minha vida, e que essa transformação precisa de tempo e de espaço para terminar de ocorrer sem perturbação. Que, basicamente, sou um bolo recém-saído do forno, que ainda precisa de mais tempo para esfriar antes de poder ser confeitado. Não quero me privar desse tempo precioso. Não quero perder o controle da minha vida novamente.
É claro que Felipe falou que entendia, e que eu deveria fazer o que fosse melhor para mim, e que ele esperava que eu fosse perdoá-lo só por ter feito a pergunta. ("Ela precisava ser feita, minha querida linda, mais cedo ou mais tarde") Garantiu-me que, o que quer que eu decidisse, ainda assim manteríamos nossa amizade, já que todo aquele tempo que passávamos juntos parecia fazer tão bem a nós dois.
- Mas você agora precisa me deixar defender o meu ponto de vista - disse ele.
- Tudo bem - falei.
- Para começar, se eu entendi bem, você está dedicando este ano inteiro à busca do equilíbrio entre devoção e prazer. Posso ver que você tem se dedicado muito a práticas devocionais, mas não tenho certeza de onde está o prazer até agora.
- Comi muito macarrão na Itália, Felipe.
- Macarrão, Liz? *Macarrão?*
- Tem razão.
- Em segundo lugar, acho que sei com o que você está preocupada. Algum homem vai entrar na sua vida e tirar tudo de você de novo. Não vou fazer isso com você, querida. Também estou sozinho há muito tempo, e perdi muito no amor, igualzinho a você. Não quero que a gente tire nada um do outro. Mas é que nunca gostei tanto da companhia de ninguém quanto gosto da sua e queria ficar com você. Não se preocupe... não vou perseguir você até Nova York quando você for embora daqui em setembro. E, em relação a todos aqueles motivos dos quais você me falou na semana passada pelos quais não queria ter um namorado... Bom, pense assim: eu não ligo se você não raspar as pernas todo dia, já adoro o seu corpo, você já me contou a história inteira da sua vida e não precisa se preocupar em tomar anticoncepcional, porque fiz vasectomia.
- Felipe - falei -, essa é a proposta mais sedutora e romântica que um homem já me fez.

E era. Mas, mesmo assim, eu disse não.
Ele me levou para casa. Estacionou na frente da minha casa, onde trocamos alguns beijos doces e salgados, com o sabor de nosso dia na praia. Foi delicioso É claro que foi delicioso. Mas mesmo assim, e mais uma vez, eu disse não.
- Tudo bem, querida - disse ele. - Mas venha jantar na minha casa amanhã à noite e faço um bife para você.
Ele então foi embora, e fui para a cama sozinha.
Tenho um histérico de tomar decisões muito rápidas em relação aos homens. Sempre me apaixonei depressa e sem avaliar os riscos. Tenho tendência não somente a ver apenas o que há de melhor nas pessoas, mas a partir do princípio de que todo mundo é emocionalmente capaz de *alcançar* o potencial máximo. Já me apaixonei pelo potencial máximo de um homem mais vezes do que consigo enumerar, em vez de me apaixonar pelo homem em si, e em seguida agarrei-me ao relacionamento durante muito tempo (algumas vezes, tempo demais), esperando que o homem chegasse à altura de sua própria grandeza. Muitas vezes, no amor, fui vítima do meu próprio otimismo.
Casei-me jovem e depressa, cheia de amor e esperança, mas sem conversar muito sobre o que significariam as realidades do casamento. Ninguém me deu conselhos sobre meu casamento. Meus pais haviam me criado para ser independente, auto-suficiente, para tomar as minhas próprias decisões. Quando cheguei aos 24 anos, todos partiam do princípio de que eu era capaz de fazer minhas próprias escolhas de forma autônoma. E claro que o mundo nem sempre foi assim, Se eu houvesse nascido durante qualquer outro século do patriarcado ocidental, teria sido considerada propriedade do meu pai, até que ele me entregasse ao meu marido para que eu me tomasse propriedade sua pelo casamento. Eu teria rido muito pouca coisa a dizer sobre as grandes questões da minha vida. Em outro período da história, caso um homem houvesse se interessado por mim, meu pai poderia ter se sentado com esse homem e desfiado uma longa lista de perguntas para verificar se aquela seria uma união adequada. Ele teria perguntado: "Como você vai sustentar a minha filha? Qual a sua reputação nesta comunidade? Quais são as suas dívidas e bens? Quais são os pontos fones do seu caráter?" Meu pai não teria simplesmente deixado eu me casar com qualquer um pelo simples fato de eu estar apaixonada pelo sujeito. Na vida moderna, porém, quando tomei a decisão de me casar, meu moderno pai não se intrometeu em nada. Ele não teria interferido nessa decisão, da mesma forma como não teria me dito que penteado usar.
Acreditem em mim: não tenho nenhuma nostalgia do patriarcado. Mas o que passei a perceber foi que, quando o sistema do patriarcado foi (felizmente) desmantelado, ele não foi necessariamente substituído por outra forma de proteção. O que quero dizer é o seguinte: nunca me passou pela cabeça fazer a um pretendente as mesmas perguntas difíceis que meu pai poderia ter-lhe feito, em uma época diferente. Eu me entreguei ao amor muitas vezes, unicamente em nome do amor. E algumas vezes, ao fazer isso, entreguei também tudo que eu tinha. Se eu quiser realmente me tornar uma mulher autônoma, então preciso assumir esse papel de ser minha própria protetora. Em uma frase famosa, Gloria Steinem certa vez aconselhou às mulheres que elas deveriam se transformar nos homens com quem gostariam de se casar. O que só percebi recentemente foi que não apenas eu preciso me transformar no meu próprio marido, mas preciso me transformar também no meu próprio pai. E é por isso que, nessa noite, fui para a cama sozinha. Porque sentia que ainda não estava na hora de eu aceitar um pretendente.

Dito isso, acordei às duas da manhã com um profundo suspiro e um desejo físico tão grande que não fazia idéia de como satisfazê-lo. O gato maluco que mora na minha casa miava pesarosamente por algum motive, e eu disse a ele:
- Sei exatamente como você está se sentindo.
Eu precisava fazer *alguma* coisa em relação àquele meu desejo, então me levantei, fui até a cozinha de camisola, descasquei meio quilo de batatas, aferventei-as cortei-as, fritei-as na manteiga, salguei-as generosamente e comi tudo até o ultimo pedaço - sem nunca deixar de perguntar ao meu corpo se ele faria a gentileza de aceitar a satisfação de meio quilo de batatas fritas em vez do prazer proporcionado pelo sexo.
Somente depois de comer cada pedaço da comida foi que meu corpo respondeu: "Não vai dar, gata."
Então tornei a entrar na cama, suspirei de tédio e comecei a...
Bom. Uma palavrinha sobre masturbação, se me permitem. Algumas vezes, ela pode até dar uma mãozinha (perdoem-me o trocadilho), mas em outras ocasiões pode ser tão insatisfatória que só faz você se sentir pior no final. Depois de um ano e meio de celibato, depois de um ano e meio gritando meu próprio nome em uma cama de solteiro, eu estava ficando um pouco enjoada daquele esporte. Mesmo assim, nessa noite, meu estado era tal que... o que mais eu podia fazer? As batatas não tinham funcionado. Então, mais uma vez, dei prazer a mim mesma. Como sempre, minha mente percorreu seu arquivo sexual à procura da fantasia ou da lembrança exata que ajudaria o trabalho a ser mais rapidamente concluído. Nessa noite, porém, nada estava funcionando muito - nem os bombeiros, nem os piratas, nem aquela cena-coringa do safadinho do Bill Clinton que geralmente resolve a parada, nem mesmo os cavalheiros vitorianos se acercando de mim na sala de estar com sua força-tarefa de jovens nubentes. No final das contas, a única coisa que me satisfez foi quando, relutante, deixei minha mente ser tomada pela idéia do meu amigo brasileiro subindo na cama comigo... em cima de mim...
Em seguida, dormi. Acordei com um dia de tranqüilo céu azul, e com um quarto ainda mais tranqüilo. Ainda inquieta e desequilibrada, passei boa parte da minha manhã entoando todas as 182 estrofes em sânscrito do Gurugira - o hino grandioso, purificador e fundamental do meu *ashram* indiano. Em seguida, meditei durante uma hora, imóvel a ponto de os meus ossos ficarem dormentes, até finalmente recuperar aquela sensação - a perfeição específica, constante, límpida, independente de tudo, inabalável, inominável e imutável da minha própria felicidade. Aquela felicidade que é realmente melhor do que qualquer coisa que eu jamais vivenciei em qualquer lugar desta Terra, incluindo beijos salgados e amanteigados, e batatas ainda mais salgadas e mais amanteigadas.
Eu estava muito feliz de ter tomado a decisão de continuar sozinha.

97

Então, fiquei um tanto surpresa na noite seguinte quando - depois de me preparar um jantar na sua casa, e depois de passarmos várias horas jogados em cima de seu sofá conversando sobre todos os assuntos, e depois de ele inesperadamente se aproximar de mim em determinado momento, enterrar o rosto na direção da minha axila e afirmar o quanto adorava o meu fedorzinho maravilhoso - Felipe finalmente encostou a palma da mio na minha bochecha e disse:
— Já chega, querida. Venha pra minha cama agora. — E eu *fui*.

Sim, fui para a cama com ele, naquele quarto de grandes janelas abertas, com vista para a noite e os silenciosos arrozais balineses lá fora. Ele afastou o mosquiteiro branco translúcido ao redor de sua cama e me guiou até lá. Então ajudou-me a tirar o vestido com a suave competência de um homem que obviamente passara muitos confortáveis anos preparando seus filhos para o banho, e explicou-me suas condições - que não queria absolutamente nada de mim a não ser permissão para me adorar pelo tempo que eu desejasse que assim fosse. Eu aceitava essas condições?
Depois de ter pendido a voz em algum lugar entre o sofá e a cama, só fiz aquiescer. Não havia mais nada a dizer. A temporada de solidão havia sido longa, austera. Eu havia cuidado bem de mim. Mas Felipe tinha razão - já chegava.
— Tá bom - respondeu ele, sorrindo, enquanto tirava alguns travesseiros do caminho e puxava meu corpo para debaixo do seu. - Vamos organizar as coisas aqui.
O que era algo engraçado de se dizer, porque aquele instante marcou o fim de todas as minhas tentativas de organização.
Mais tarde, Felipe me diria como me vira naquela noite. Disse que eu parecia muito jovem, e que nem de longe lembrava a mulher segura que ele havia aprendido a conhecer à luz do dia. Disse que eu parecia terrivelmente jovem, mas também disposta e animada, e aliviada por estar sendo reconhecida, e muito cansada de ser corajosa. Disse que era óbvio que ninguém me tocava havia muito tempo. Encontrou-me fumegando de desejo, mas também grata por ter permissão para expressar aquele desejo. E, embora eu não possa dizer que me lembro de *tudo* isso, acredito na palavra dele, porque ele parecia estar prestando uma atenção danada em mim.
Aquilo de que mais me lembro daquela noite é do mosquiteiro balançando à nossa volta. De como ele parecia um pára-quedas. E da sensação de estar agora abrindo aquele pára-quedas para amparar minha saída pela porta de emergência daquele avião sólido, disciplinado, no qual eu havia passado todos aqueles anos viajando para sair de Um Momento Muito Difícil da Minha Vida. Agora, porém, minha resistente máquina de voar tornara-se obsoleta bem no meio do vôo, então pulei para fora daquele monomotor obstinado e deixei aquele pára-quedas oscilante me fazer flutuar através da atmosfera estranha e vazia, entre meu passado e meu futuro, e aterrissar naquela ilhazinha em forma de cama, habitada apenas por aquele belo marinheiro brasileiro naufragado, que (depois de ter ele próprio passado muito tempo sozinho) ficou tão feliz e tão surpreso ao me ver chegar que subitamente esqueceu todo o inglês que sabia, e só conseguia repetir estas cinco palavras toda vez que olhava para o meu rosto: *linda, linda, linda, linda e linda.*

98

É claro que não pregamos o olho. E então, foi ridículo - precisei *ir embora*. Precisei voltar para casa estupidamente cedo na manhã seguinte, porque tinha combinado de encontrar meu amigo Yudhi. Ele e eu havíamos planejado, muito tempo antes, que esta seria exatamente a semana em que iríamos começar nossa grande viagem de carro por Bali. Fora uma idéia que tivéramos certa noite na minha casa, quando Yudhi disse que, com exceção da própria mulher e de Manhattan, aquilo de que ele mais sentia falta dos Estados Unidos era dirigir - simplesmente sair de carro com alguns amigos, e partir para uma aventura por aquele imenso território, em todas aquelas incríveis rodovias interestaduais. Eu disse a ele:

- Tudo bem, então, vamos fazer uma viagem de carro juntos aqui em Bali, à moda americana.
Isso parecera a nós dois irresistivelmente cômico - não há como se fazer uma viagem de carro à moda americana em Bali. Em primeiro lugar, não existem grandes distâncias em uma ilha do tamanho do estado de Delaware, com pouco mais de 5 mil quilômetros quadrados. E as "rodovias" são uma lástima, tornadas surrealisticamente perigosas pela difundida e louca predileção pela versão balinesa da van da típica família americana - uma pequena motocicleta com cinco pessoas encarapitadas em cima, o pai dirigindo com uma das mãos, enquanto segura o filho recém-nascido com a outra (como se fosse uma bola de futebol), enquanto a mãe vai sentada atrás dele montada de lado, enfiada em seu sarongue justo e com uma cesta equilibrada em cima da cabeça, cuidando para que os filhos gêmeos pequenos não caiam da motocicleta veloz, que provavelmente está rodando do lado errado da estrada e sem farol. Raramente usa-se capacete, mas estes são freqüentemente — e nunca descobri por quê — *carregados na mão*. Imaginem dúzias dessas motocicletas abarrotadas, nenhuma delas respeitando a velocidade permitida, todas acenando e costurando uma na frente da outra como algum tipo de dança maluca, e vocês terão uma idéia da vida nas rodovias de Bali. Não sei por que todos os balineses, sem exceção, já não morreram em algum acidente na estrada.
Mas Yudhi e eu decidimos viajar mesmo assim, passar uma semana na estrada, alugar um carro e percorrer toda esta pequena ilha, fingindo que estamos nos Estados Unidos e que somos ambos livres. Quando a inventamos, no mês passado, a idéia me encantou, mas agora o momento parece péssimo - comigo ali deitada na cama junto a Felipe, enquanto ele beija a ponta dos meus dedos, meus antebraços e ombros, pedindo para que eu ficasse. Mas eu tinha de ir. E, de certa forma, eu queria ir. Não apenas para passar uma semana com meu amigo Yudhi, mas também para descansar depois da minha grande noite com Felipe, para me acostumar com a nova realidade de que, como dizem nos romances: *Eu arrumei um amante.*
Então Felipe me deixa em casa com um ultimo abraço apaixonado, e tenho tempo apenas para tomar uma chuveirada e me recompor, antes de Yudhi chegar com nosso carro alugado. Basta uma olhada para mim para ele dizer:
- Cara... a que horas você chegou em casa ontem à noite?
- Cara... eu *não* cheguei em casa ontem à noite - respondo.
- Caaaaara... - diz ele, e começa a rir, sem dúvida se lembrando da conversa que tivéramos apenas duas semanas antes, quando eu havia sugerido seriamente que talvez, na verdade, nunca mais fosse fazer sexo na vida. - Então você sucumbiu, hein? — diz ele.
- Yudhi - retruquei -, deixe eu te contar uma história. No verão passado logo antes de eu sair dos Estados Unidos, fui visitar meus avós no norte do estado de Nova York. A mulher do meu avô, sua segunda mulher, é uma senhora muito simpática chamada Gale, que tem hoje uns oitenta e poucos anos. Ela pegou um velho álbum de retratos e me mostrou fotografias dos anos 1930, quando ela era uma moça de 18 anos e fez uma viagem pela Europa durante um ano com as duas melhores amigas e uma senhora para vigiá-las. Ela está ali folheando as páginas, mostrando para mim umas incríveis fotos antigas da Itália, quando de repente a gente chega na foto de um italiano muito gatinho, em Veneza. Eu pergunto: "Gale... quem é este gato?" E ela: "É o filho do casal dono do hotel onde a gente se hospedou em Veneza. Ele foi meu namorado." E eu: "Seu *namorado*?" E a doce mulher do meu avô olhou para mim, toda envergonhada, e os seus

olhos ficaram sexy iguais aos da Bette Davis, e ela falou: "Eu estava cansada de olhar igrejas, Liz."
Yudhi levantou a mão para bater na minha.
— Vá fundo, cara.
Partimos em nossa viagem de carro americana de mentira por Bali, eu e aquele descolado gênio musical indonésio exilado, com a mala do carro repleta de violões, cerveja e do equivalente balinês de comida americana para viajar de carro - salgadinhos de arroz e balas locais de sabor intragável. Os detalhes da nossa viagem agora estão um pouco embaçados na minha mente, embaralhados por minha distração pensando em Felipe e pela estranha sensação difusa que sempre acompanha uma viagem de carro em qualquer país do mundo. Aquilo de que me lembro bem é que Yudhi e eu falamos inglês norte-americano o tempo inteiro - uma língua que eu não falava havia muito tempo. É claro que eu havia falado muito inglês durante esse ano, mas não inglês *norte-americano*, e certamente não o inglês norte-americano do tipo hip-hop que Yudhi aprecia. Então, simplesmente nos entregamos a essa linguagem, transformando-nos em adolescentes do tipo que assiste à MTV, enquanto percorríamos a estrada, provocando um ao outro como jovens da periferia, chamando um ao outro de *cara, mano* e, algumas vezes - muito carinhosamente -: *bicha*. Muitos de nosso diálogos giram em torno de insultos afetuosos às mães um do outro.
- Cara, onde você enfiou o mapa?
- Por que você não pergunta à sua mãe onde enfiei o mapa?
— Eu até perguntaria, cara, mas ela é gorda demais.
E assim por diante.
Sequer chegamos ao interior de Bali; simplesmente ficamos rodando pelo litoral, e são só praias, praias e mais praias durante a semana inteira. Algumas vezes, pegamos um barquinho de pescador para ir até alguma ilha e ver o que está acontecendo por lá. Há vários tipos de praias em Bali. Passamos um dia em Kuta, uma comprida praia de linda areia branca, ao estilo do sul da Califórnia, depois passamos para a sinistra beleza das pedras negras da costa oeste e, em seguida, cruzamos a invisível linha divisória balinesa, além da qual os turistas normais nunca parecem ir, subindo até as praias selvagens da costa norte, aonde só os surfistas se aventuram (e, aliás, só os surfistas malucos). Ficamos sentados na praia olhando as ondas perigosas, vendo os esguios surfistas morenos e brancos, indonésios e ocidentais, cortarem as águas como zíperes desnudando as costas do vestido azul de festa do oceano. Vemos os surfistas se esborracharem sobre os corais e pedras com uma ousadia que lhes custa caro, somente para entrar no mar novamente para pegar mais uma onda, e soltamos uma exclamação e dizemos:
— Cara, que parada mais IRADA!
Exatamente conforme a intenção original, nós nos esquecemos durante horas a fio (unicamente para o prazer de Yudhi) de que estamos na Indonésia, enquanto dirigimos nosso carro alugado, comendo junk food e cantando canções americanas, pedindo pizza em todos os lugares em que conseguimos encontrar. Quando somos soterrados pelas evidências físicas da "balinesidade" da paisagem que nos cerca, tentamos ignorar esse fato e fingir que estamos de volta aos Estados Unidos. Eu pergunto: "Qual o melhor caminho para passar por este vulcão?", e Yudhi responde: "Acho que a gente deveria pegar a Interestadual 95", e eu retruco, "Mas isso vai obrigar a gente a passar por Boston no meio do tráfego da hora do rush...".

Algumas vezes, descobrimos extensões plácidas de mar azul e nadamos o dia inteiro, permitindo um ao outro começar a beber cerveja às dez da manhã (”Cara... é medicinal"). Fazemos amizade com todas as pessoas que encontramos. Yudhi é o tipo de cara que — se estiver andando pela praia e vir um homem construindo um barco - vai parar e perguntar: "Uau! Você está construindo um barco?" E sua curiosidade é tão completamente desarmante que, quando nos damos conta, já fomos convidados para ir morar com a família do construtor do barco por um ano.
Coisas estranhas acontecem à noite, Nós nos deparamos com misteriosos rituais em templos no meio do nada, deixamo-nos hipnotizar pelos coros de vozes, pelas percussões e pelo gamelão. Descobrimos uma cidadezinha à beira-mar onde todos os habitantes se reuniram em uma rua escura para uma cerimônia de aniversário; Yudhi e eu somos ambos arrancados da multidão (forasteiros merecem honrarias) e convidados a dançar com a moça mais bonita da aldeia. (Coberta de ouro, jóias, incenso e maquiada ao estilo dos egípcios; da provavelmente tem uns 13 anos de idade, mas movimenta os quadris com a segurança suave e sensual de uma criatura que sabe que poderia seduzir qualquer deus que quisesse.) No dia seguinte, encontramos um estranho restaurante familiar na mesma aldeia, cujo dono balinês alega ser um grande chef de culinária tailandesa, coisa que ele definitivamente não é, mas mesmo assim passamos o dia inteiro lá, bebendo Coca-Colas geladas, comendo um *pad thai* gorduroso e jogando jogos de salão com o filho adolescente elegantemente afeminado de nosso anfitrião. (Somente mais tarde ocorre-nos que esse belo adolescente poderia muito bem ter sido a linda dançarina da noite anterior; os balineses são mestres em travestismo ritual.)
Ligo para Felipe todos os dias, de qualquer telefone que consigo encontrar, e ele pergunta: "Quantas noites faltam para você voltar para mim?" "Estou gostando de me apaixonar por você, querida", ele me diz. "A sensação é tão natural, como se fosse uma coisa que eu tivesse sentido a cada 15 dias, mas, na verdade, não sinto isso por ninguém há quase trinta anos."
Não estou nesse ponto ainda, não estou ainda no ponto onde posso me apaixonar livremente, e faço barulhos hesitantes, pequenos lembretes de que estou indo embora daqui a poucos meses. Felipe não liga a mínima.
- Talvez isso seja só uma idéia idiota e romântica sul-americana, mas preciso que você entenda... querida, por você eu estou disposto até a sofrer - diz ele. - Qualquer que seja a dor que nos aconteça no futuro, já aceito, simplesmente pelo prazer de estar com você agora. Vamos aproveitar este tempo. Isto é maravilhoso.
- Sabe, é engraçado, mas antes de conhecer você eu estava seriamente pensando que poderia ficar sozinha para sempre - digo a ele. - Eu pensava que talvez pudesse levar a vida de uma contempladora espiritual.
- Contemple o seguinte, querida... - E ele começa a enumerar em minuciosos detalhes a primeira, segunda, terceira, quarta e quinta coisa que pretende fazer com meu corpo quando estiver sozinho comigo em sua cama outra vez. Cambaleio para longe do telefone com os joelhos ainda meio bambos, achando essa nova paixão engraçada e emocionante.
No último dia de nossa viagem de carro, Yudhi e eu passamos horas tagarelando em uma praia em algum lugar e - como acontece freqüentemente conosco - começamos a falar novamente sobre Nova York, sobre como lá é incrível, sobre como nós amamos aquela cidade. Yudhi sente saudades de lá segundo ele, quase tanto quanto sente da mulher - como se Nova York fosse uma pessoa, um parente que ele tivesse perdido desde que foi

deportado. Enquanto conversamos, Yudhi aplaina uma boa superfície de areia branca entre nossas toalhas e desenha um mapa de Manhattan.
— Vamos tentar preencher tudo de que conseguimos nos lembrar em relação à cidade — diz ele. Usamos os dedos para desenhar todas as avenidas as principais ruas transversais, a confusão que a Broadway provoca com sua curva pelo meio da cidade, os rios, o Village, o Central Park. Escolhemos uma concha fina e bonita para representar o Empire State, e outra concha para ficar no lugar do prédio da Chrysler. Por respeito, pegamos dois gravetos e recolocamos as Torres Gêmeas na base da ilha, onde é o seu lugar.
Usamos esse mapa de areia para mostrar um ao outro nossos lugares preferidos em Nova York. Foi aqui que Yudhi comprou os óculos escuros que está usando agora; foi aqui que comprei as sandálias que estou calçando. Foi aqui que jantei pela primeira vez com meu ex-marido; foi aqui que Yudhi conheceu sua mulher. Aqui come-se a melhor comida vietnamita da cidade, aqui fazem o melhor *bagel*, este aqui é o melhor bar de *noodles* ("Tá maluca, bicha — o melhor bar de *noodles* é este aqui!"). Faço um esboço do meu antigo bairro de Hell's Kitchen, e Yudhi diz:
— Conheço um bom restaurante lá, daqueles bem simples.
— O Tick-Tock, o Cheyenne ou o Starlight? - pergunto.
— O Tick-Tock, cara.
— Você já tomou a soda com leite do Tick-Tock?
— Ai, meu Deus, nem fale... - diz ele, gemendo.
Sinto sua saudade de Nova York tão no fundo de mim mesma que, por um instante, confundo-a com a minha própria. A falta que ele sente da sua cidade me contagia tão completamente que me esqueço por um segundo que, na verdade, sou livre para voltar para Manhattan um dia, embora ele não seja. Ele remexe um pouco os gravetos das Torres Gêmeas, enterra-os mais fundo na areia, e, em seguida, fita o mar silencioso e azul e diz:
- Sei que aqui é lindo... mas você acha que eu um dia vou voltar a ver os Estados Unidos?
O que posso dizer a ele?
O silêncio nos envolve. Então ele tira da boca a intragável e dura bala indonésia que passou a última hora chupando e diz:
- Cara, esta bala tem gosto de *peido*. Onde você comprou isto?
- Da sua mãe, cara - respondo. - Da sua mãe.

99

Quando voltamos para Ubud, vou direto para a casa de Felipe e passo praticamente um mês inteiro sem sair do quarto dele. Isso é apenas um leve exagero. Nunca fui amada e adorada assim antes por ninguém, nunca com tamanho prazer e com tamanha concentração e obstinação. Nunca fui tão descascada, revelada, desdobrada e revirada durante o ato do amor.
Uma coisa que sei sobre intimidade é que existem determinadas leis naturais que regem a experiência sexual de duas pessoas, e que essas leis não podem ser mudadas, da mesma forma que a gravidade não admite negociações. Sentir-se fisicamente à vontade com o corpo de outra pessoa não é uma decisão que se possa tomar. Tem muito pouco a ver com a maneira como duas pessoas pensam, agem ou conversam, ou mesmo com sua aparência. Ou o misterioso ímã está presente, ou não está. Quando não está (como

aprendi no passado, com devastadora clareza), não é possível forçá-lo a existir, assim como é impossível um cirurgião forçar o corpo de um paciente a aceitar um rim do doador errado. Minha amiga Annie diz que tudo se resume a uma simples pergunta: "Você quer a sua barriga encostada na barriga dessa pessoa para sempre ou não?”
Felipe e eu, conforme descobrimos para nosso deleite, somos uma história de barriga-com-barriga de combinação perfeita, fruto da engenharia genética, um sucesso. Não existe nenhuma parte do nosso corpo que seja, de alguma forma, alérgica a qualquer parte do corpo do outro. Nada é perigoso, nada é difícil, nada é recusado. Tudo no nosso universo sensual é - de maneira simples e completa - facilitado. E também... *felicitado.*
- Olhe só você - diz Felipe, levando-me até a frente do espelho depois de fazermos amor mais uma vez, mostrando-me meu corpo nu e meus cabelos, que me fazem parecer ter acabado de sair de uma experiência de centrifugação em um centro de treinamento espacial da NASA. - Olhe como você é linda... - diz de. - Cada linha sua é uma curva... você parece dunas de areia...
(De fato, não acho que o meu corpo tenha tido a aparência ou a sensação de tamanho relaxamento na vida, não talvez desde que eu tinha 6 meses de idade e minha mãe tirava fotos de mim toda contente, deitada em cima de uma toalha na bancada, depois de um bom banho na pia da cozinha.)
E ele então me conduz novamente até a cama, dizendo, em português:
— Venha, gostosa.
Felipe também é um mestre dos apelidos carinhosos. Na cama, ele me adora em português, então eu fui promovida de sua "*lovely little darling*" para sua "queridinha". Tenho tido muita preguiça de aprender indonésio ou balinês aqui em Bali, mas de repente estou absorvendo facilmente o português. É claro que só estou aprendendo a língua dos amantes, mas esse é um bom uso para o português. Ele diz:
— Querida, você vai enjoar disto. Vai ficar cansada do quanto eu toco você, e de quantas vezes por dia digo o quanto você é bonita.
Não tenha tanta certeza disso assim.
Estou perdendo dias aqui, sumindo debaixo dos seus lençóis, sob as suas mãos. Gosto da sensação de não saber em que dia estamos. Minha agenda toda organizada foi levada embora pela brisa. Certa tarde, finalmente, faço uma visita ao meu xamã depois de um longo período sem aparecer. Ketut vê a verdade no meu rosto antes que eu diga uma só palavra.
— Você arrumou namorado em Bali — diz ele.
— Foi, Ketut.
— Bom. Cuidado não ficar grávida.
— Vou tomar.
— Ele homem bom?
— Me diga você, Ketut — respondo. — Você leu a mão dele. Prometeu que ele era um homem bom. Disse isso umas sete vezes.
— Foi? Quando?
— Em junho. Eu trouxe ele aqui. Ele era o brasileiro mais velho do que eu. Você me disse que tinha gostado dele.
— Nunca disse - insistiu ele e não houve nada que eu pudesse fazer para convencê-lo do contrário. Algumas vezes, Ketut esquece as coisas, como você também esqueceria se tivesse algo entre 65 e 112 anos de idade. Durante a maior parte do tempo, ele está bem-

disposto e alerta, mas, em outros momentos, tenho a sensação de tê-lo feito sair de algum outro plano de consciência, em algum outro universo. (Algumas semanas atrás, ele me disse, completamente do nada: "Você minha boa amiga, Liss. Amiga leal. Amiga carinhosa." Em seguida, suspirou, olhou para algum ponto distante e acrescentou, pesaroso: "Não como Sharon." Quem diabos é *Sharon*? O que ela fez a ele? Quando tentei lhe perguntar sobre isso, ele não quis me responder. De repente, passou a agir como se não soubesse a quem eu estava me referindo. Como se tivesse sido *eu* a primeira a mencionar a traidora dessa Sharon.)
— Por que você nunca traz namorado aqui para me conhecer? - perguntou ele então.
— Eu trouxe, Ketut. Trouxe mesmo. E você me disse que tinha gostado dele.
— Não lembro. Ele homem rico, seu namorado?
— Não, Ketut. Não é um homem rico. Mas tem dinheiro suficiente.
— Médio rico? - O xamã quer detalhes, planilhas.
— Tem dinheiro suficiente.
Minha resposta parece irritar Ketut.
- Você pedir dinheiro a esse homem, ele poder dar a você ou não?
- Ketut, eu não *quero* dinheiro dele. Nunca pedi dinheiro a homem nenhum.
— Você passa todas as noites com ele?
— Sim.
— Bom. Ele mima você?
— Muito.
— Bom. Você ainda medita?
Sim, eu ainda medito, todos os dias da semana, esgueirando-me para fora da cama de Felipe e para cima do sofá, onde posso ficar sentada em silêncio e oferecer alguma gratidão por tudo isto. Do lado de fora da varanda de sua casa, os patos grasnam, enquanto perambulam pelos arrozais, fazendo barulho e borrifando água por toda parte. (Felipe diz que esses bandos de agitados patos balineses sempre lhe lembraram as brasileiras a pavonear-se pelas praias do Rio; tagarelando alto e interrompendo constantemente uma à outra, rebolando orgulhosamente os bumbuns.) Sinto-me tão relaxada agora que quase entro em meditação como se ela fosse um banho quente preparado pelo meu namorado. Nua sob o sol da manhã, apenas com uma leve manta em volta dos ombros, eu me dissolvo em graça, pairando sobre o vazio como uma pequena concha do mar equilibrada em uma colher de chá.
Por que a vida um dia pareceu difícil?
Certo dia, ligo para minha amiga Susan. em Nova York, e ouço as confidências e os detalhes mais recentes de sua última decepção amorosa entremeados ao fundo, pelas típicas sirenes dos carros de polícia. Minha voz sai de mim na cadência tranqüila, macia de um DJ de alguma rádio de jazz à meia-noite, dizendo-lhe como ela deve esquecer aquilo, como deve aprender que tudo é simplesmente perfeito do jeito que já está, que o universo é generoso, *baby*, que é tudo paz e harmonia lá fora...
Quase posso ouvi-la revirar os olhos, enquanto diz, mais alto do que as sirenes:
- Palavra de uma mulher que já teve quatro orgasmos hoje.

100

Mas toda essa diversão e brincadeira acaba tendo seu preço após algumas semanas.

Depois de todas essas noites sem dormir de todos esses dias transando demais, meu corpo reagiu e peguei uma horrível infecção urinária. Doença típica de quem transa muito, especialmente provável de surgir quando não se está mais acostumado a transar muito. Ela apareceu tão depressa quanto qualquer tragédia pode surgir. Certa manhã, eu estava andando pela cidade, resolvendo algumas coisas, quando subitamente fui acometida por uma intensa dor e febre. Eu já tivera essas infecções antes, durante minha juventude desregrada, então sabia de que se tratava. Por um momento, entrei em pânico — essas coisas podem ser graves -, mas em seguida pensei: "Graças a Deus que a minha melhor amiga em Bali é curadora", e corri para a loja de Wayan.
— Estou doente! - falei.
Bastou uma olhada em mim para ela dizer:
— Você está doente de tanto transar, Liz.
Gemi, enterrando o rosto nas mãos, envergonhada.
Ela deu uma risadinha e disse:
— Não se pode esconder nada de Wayan...
A dor era tremenda. Qualquer um que já teve essa infecção conhece a terrível sensação; para quem nunca teve esse sofrimento específico - bem, podem inventar sua própria metáfora tortuosa, de preferência usando a expressão "em brasa" em algum lugar da frase. Como um bombeiro veterano ou uma cirurgia da emergência, Wayan nunca faz nada depressa. Começou metodicamente a picar umas ervas, a ferver umas raízes, indo e vindo entre a cozinha e o lugar onde eu estava, trazendo-me sucessivas beberagens mornas, marrons e de gosto horrível, dizendo:
— Beba, meu bem...
Quando a poção seguinte ficava pronta, ela se sentava na minha frente, lançando olhares de soslaio, marotos, e aproveitando a oportunidade para ser enxerida.
- Está tomando cuidado para não ficar grávida Liz?
- Não tem como, Wayan. O Felipe fez vasectomia.
- O Felipe fez *vasectomia*? - perguntou ela, tão espantada quanto se estivesse perguntando: "O Felipe tem uma *villa* na *Toscana*? (O que por sinal, é também o que sinto a respeito disso.) - É muito difícil em Bali encontrar um homem que faça isso. É sempre problema da mulher, evitar a gravidez.
(Embora as taxas de natalidade da Indonésia tenham efetivamente caído nos últimos tempos, devido a um brilhante programa de incentivo à contracepção: o governo prometeu uma motocicleta nova a todos os homens que fizessem voluntariamente uma vasectomia... mas odeio pensar que esses sujeitos precisaram andar nas suas novas motos *no mesmo dia*.)
- Sexo é engraçado - ponderou Wayan, quando me via fazer caretas de dor bebendo mais um de seus remédios caseiros.
— É, Wayan, obrigada. É hilário.
— Não, sexo é engraçado — continuou ela. — Ele faz as pessoas fazerem coisas engraçadas. Todo mundo fica assim, no começo de uma história de amor. Quer felicidade demais, prazer demais, até adoecer. Até com Wayan acontece isso no começo de uma história de amor. Você perde o equilíbrio.
— Estou com vergonha — digo.
- Não precisa ficar - disse ela. Então acrescentou, em um inglês perfeito (e segundo uma

perfeita lógica balinesa): - Perder o equilíbrio às vezes por amor faz parte de uma vida equilibrada.
Resolvi ligar para Felipe. Eu tinha alguns antibióticos em casa, alguns remédios de emergência que sempre levo em viagem, só para garantir. Como já havia tido esse tipo de infecção, eu sabia o quanto podiam ficar sérias, às vezes subindo até os rins. Não queria passar por isso, não na Indonésia. Então liguei para ele e contei-lhe o que havia acontecido (ele ficou arrasado) e pedi-lhe para me trazer os remédios. Não que eu não acreditasse nas habilidades de cura de Wayan, mas a dor estava mesmo muito forte...
- Você não precisa de remédios ocidentais - disse ela.
- Mas talvez seja melhor, só por segurança...
- Espere duas horas - disse ela. - Se eu não curar você, pode tomar seus remédios.
Relutante, concordei. Minha experiência com esse ripo de infecção é que da pode levar dias para sarar, mesmo com antibióticos fortes. Mas eu não queria fazê-la se sentir mal.
Tutti brincava na loja e não parava de trazer desenhozinhos de casas para me alegrar, dando tapinhas na minha mão com a compaixão de uma menina de 8 anos.
- Mamãe Elizabeth doente? - Pelo menos ela não sabia o que eu tinha feito para ficar doente.
— Você já comprou sua casa, Wayan? - perguntei.
— Ainda não, meu bem. Sem pressa.
- E aquela de que você tinha gostado? Achei que você fosse comprar aquela.
— Descobri que não estava à venda. Cara demais.
— Tem alguma outra casa em vista?
— Não se preocupe com isso agora, Liz. Por enquanto, vamos fazer você melhorar depressa.
Felipe chegou com meus remédios e uma expressão dominada pelo remorso, desculpando-se tanto comigo quanto com Wayan por ter me causado aquela dor, ou pelo menos era assim que ele via a situação.
— Não é nada sério - disse Wayan. — Não se preocupe. Eu logo curo ela. Ela vai ficar boa logo, logo.
Ela então foi até a cozinha e trouxe de lá uma gigantesca tigela cheia de folhas, raízes, frutinhas, alguma coisa que reconheci como açafrão-da-terra, uma massa com uma textura parecida com cabelos de bruxa, junto com o que parecia ser um olho de salamandra... tudo boiando em um suco marrom. Havia uns 4 litros desse líquido dentro da tigela, o que quer que ele fosse. Fedia como um cadáver.
— Beba, meu bem - disse Wayan. - Beba tudo.
Fechei os olhos e bebi. E, em menos de duas horas.., bom, todos sabemos como termina essa história. Em menos de duas horas eu estava boa, totalmente curada. Uma infecção que teria levado dias para tratar com antibióticos ocidentais havia desaparecido. Tentei pagar Wayan por ela ter me curado, mas ela só fez rir:
Minha irmã não precisa pagar. - Em seguida, virou-se para Felipe, fingindo severidade. - Você tome cuidado com ela agora. Hoje à noite só dormir, nada de tocar.
- Você não tem vergonha de cuidar das pessoas com problemas como esse, por causa de sexo? - perguntei a Wayan.
- Liz... eu sou curadora. Resolvo todos os problemas, com as vaginas das mulheres, com as bananas dos homens. Algumas vezes, para as mulheres, faço até pênis de mentira. Para transar sozinhas.

- Consolos? - perguntei, chocada.
Nem todo mundo tem namorado brasileiro, Liz - ralhou ela. Então olhou para Felipe e disse, alegre: - Se você um dia precisar de ajuda para endurecer sua banana, posso te dar um remédio. Eu estava ocupada garantindo a Wayan que Felipe não precisava de nenhum tipo de ajuda com sua banana, mas ele me interrompeu - sempre o homem de negócios - para perguntar a Wayan se essa sua terapia para endurecer bananas poderia ser engarrafada e vendida.
- A gente poderia ganhar uma fortuna - disse ele. Mas ela explicou que não, não era assim. Todos os seus remédios precisavam ser fabricados no mesmo dia, fresquinhos, para poderem funcionar. E precisavam ser acompanhados por suas preces. Mas, de toda forma, Wayan nos garantiu que a medicina interna não era a única maneira para ela endurecer a banana de um homem; ela também consegue fazer isso com massagem. Então, para nosso fascínio horrorizado, descreveu as diferentes massagens que faz para as bananas impotentes dos homens, como agarra a base da coisa e a sacode de um lado para o outro durante cerca de uma hora, para aumentar o fluxo de sangue, enquanto recita preces especiais.
- Mas, Wayan - perguntei -, o que acontece se o homem voltar todo dia e disser. "Ainda não estou curado, doutora! Preciso de outra massagem na banana!" - Essa idéia atrevida a fez rir e admitir que sim, precisava tomar cuidado para não passar tempo demais consertando as bananas dos homens, porque isso causa uma certa quantidade de... sentimentos fortes... dentro dela, que ela não tem certeza de serem bons para a energia da cura. E algumas vezes, sim, os homens fogem ao seu controle. (Como você também fugiria, caso estivesse impotente há anos e de repente uma linda mulher de pele cor de jambo, com cabelos pretos compridos e sedosos, começasse a fazer a máquina funcionar outra vez.) Ela nos falou do homem que se levantou em um, pulo e começou a persegui-la pela sala durante uma cura para a impotência, dizendo. Preciso de Wayan! Preciso de Wayan!"
Mas não é só isso que Wayan sabe fazer. Ela nos contou que também é chamada, às vezes, para ensinar sexo a algum casal que esteja enfrentando problemas de impotência ou frigidez, ou que esteja com dificuldades para ter um filho. Ela precisa fazer desenhos mágicos nos lençóis de sua cama e explicar-lhes que posições sexuais são adequadas para que épocas do mês. Ela disse que, se um homem quiser engravidar uma mulher, precisa ter relações com a mulher com "bastante» bastante força" e lançar "a água da sua banana dentro da vacina dela muito, muito rápido". Algumas vezes, Wayan chega a precisar ficar no quarto com o casal que está transando, para explicar com quanta força e rapidez isso precisa ser feito.
- E o homem consegue lançar água da sua banana com bastante força e bem rápido com a dra. Wayan ali ao lado, olhando para ele? - perguntei.
Felipe imita Wayan observando o casal:
- Mais depressa! Com mais força! Vocês querem esse filho ou não?
Wayan responde que sim, ela sabe que é uma loucura, mas é esse o trabalho de uma curadora. Embora ela reconheça que é necessário realizar várias cerimônias de purificação antes e depois desse acontecimento, de modo a manter intacto o espírito sagrado, e ela não gosta de fazê-lo com muita freqüência, porque isso a faz se sentir "esquisita". Porém, se um bebê precisa ser concebido, ela cuidará do assunto.
— E todos esses casais hoje têm filhos? — perguntei.

— Eles *têm* filhos! - confirmou ela, orgulhosa. É claro que sim.
Mas então Wayan nos confidenciou algo extremamente interessante. Disse que, se um casal não estiver tendo sorte para conceber um filho, ela examinará tanto o homem quanto a mulher para determinar, como se diz, de quem é a culpa. Caso seja da mulher, nenhum problema — Wayan consegue resolver isso com antigas técnicas de cura. Mas, caso o problema seja o homem — bem, isso constitui uma situação delicada aqui no patriarcado de Bali. As alternativas médicas de Wayan são limitadas, porque informar a um balinês que ele é estéril ultrapassa os limites do concebível; isso não pode de jeito nenhum ser verdade. Homens são *homens*, afinal de contas. Caso nenhuma gravidez ocorra, é obrigatório que a culpa seja da mulher. E, caso a mulher não dê logo um filho ao marido, ela pode estar correndo sérios riscos — risco de apanhar, de cair em desgraça ou de ter de se divorciar.
— Então o que você faz nessa situação? - perguntei, impressionada com o fato de uma mulher que ainda chama sêmen de "água de banana" ser capaz de diagnosticar a infertilidade masculina.
Wayan nos contou tudo. O que ela faz, no caso da infertilidade masculina, é informar ao homem que sua mulher é estéril e precisa fazer consultas todas as tardes, sozinha, para "sessões de cura". Quando a mulher vai à loja sozinha, Wayan chama algum rapaz viril da cidade para vir transar com a mulher e, com sorte, produzir um bebê.
Felipe ficou chocado.
- Wayan! Não!
Mas ela só fez aquiescer calmamente. Sim.
- É o único jeito. Se a mulher for saudável, vai ter um filho. Daí todo mundo fica feliz.
Como mora na cidade, Felipe imediatamente quis saber:
- Quem? Quem você chama pata fazer esse trabalho?
- Os motoristas - disse Wayan.
Isso fez todos nós rirmos, porque Ubud está cheia desses rapazes, esses que passam com o interminável bordão: "Transporte? Transporte?", tentando ganhar alguns trocados levando os turistas até os vulcões, praias ou templos. De forma geral, são homens razoavelmente bonitos, com sua pele morena *à la* Gauguin, seus corpos musculosos e seus belos cabelos compridos Nos Estados Unidos, seria possível ganhar bastante dinheiro administrando uma "clínica de fertilidade" para mulheres em que a equipe fosse formada por rapazes bonitos como esses. Wayan diz que a melhor coisa em seu tratamento contra infertilidade é que os motoristas, em geral, sequer pedem pagamento por seus serviços de transporte sexual, sobretudo se a mulher for bem bonita. Felipe e eu concordamos que o comportamento desses rapazes é generoso e visa ao bem da comunidade. Nove meses mais tarde, nasce um lindo bebê. E todo mundo fica feliz. E o melhor de tudo: "Nem é preciso anular o casamento." E nós todos sabemos como é horrível anular um casamento, especialmente em Bali.
- Meu Deus - disse Felipe -, como nós, homens, somos otários.
Mas Wayan não dá o braço a torcer. Esse tratamento só é necessário porque não é possível dizer a um balinês que ele é estéril sem correr o risco de ele ir para casa e fazer alguma coisa horrível com a mulher. Se os homens de Bali não fossem assim, ela poderia curar sua infertilidade de outras formas. Mas essa é a realidade da cultura, então fim de papo. Ela não sente a menor culpa, mas encara isso simplesmente como uma outra maneira de exercitar sua criatividade como curandeira. De toda forma, acrescenta,

algumas vezes é bom para a mulher ter relações com um desses bonitos motoristas, porque a maioria dos maridos em Bali, na verdade, não sabe fazer amor com uma mulher.
- A maioria dos maridos parece galos, parece bodes.
- Talvez você devesse dar aulas de educação sexual, Wayan - sugeri. - Você poderia ensinar os homens a tocarem as mulheres com suavidade, daí talvez suas mulheres fossem gostar mais de sexo. Porque, se um homem realmente toca você com suavidade, acaricia sua pele, beija seu corpo todo, sem pressa... o sexo pode ser bom.
De repente, ela corou. Wayan Nuriyasih, a massageadora de bananas, curadora de infecções urinárias, vendedora de consolos, cafetina nas horas vasas, de fato corou.
- Você me faz me sentir esquisita quando fala isso - disse ela, abanando-se. - Esta conversa, isto me faz me sentir... *diferente*. Até na minha roupa de baixo eu me sinto diferente! Vão para casa agora, vocês dois. Chega desta conversa sobre sexo. Vão para casa agora, vão para cama, mas só para dormir, hein? Só DORMIR!

101

No caminho de casa, Felipe perguntou:
— Ela já comprou uma casa?
- Ainda não. Mas diz que está procurando.
— Já faz mais de um mês que você deu o dinheiro a ela, não faz?
— Faz, mas a casa que ela queria não estava à venda...
— Cuidado, querida — disse Felipe. — Não deixe isso se arrastar demais. Não deixe essa situação ficar balinesa para você.
— O que isso quer dizer?
— Não estou tentando interferir em seus assuntos, mas moro neste país há cinco anos e sei como as coisas são. As histórias aqui podem ficar complicadas. Algumas vezes é difícil saber o que está acontecendo de verdade.
— Felipe, o que você está tentando dizer? — perguntei e, quando ele não respondeu imediatamente, citei-lhe uma de suas próprias frases típicas: - Se você me disser devagar, eu entendo rápido.
- O que estou tentando dizer, Liz, é que os seus amigos arrecadaram uma quantidade enorme de dinheiro para essa mulher, e agora o dinheiro está todo lá na conta bancária dela. Você precisa se certificar de que ela vai realmente comprar uma casa com ele.

102

O final de julho chegou, e com ele meu aniversário de 35 anos. Wayan organizou uma festa de aniversário para mim em sua loja, diferente de qualquer outra festa que eu já tivesse visto antes. Wayan me vestiu com uma roupa de aniversário balinesa tradicional - um sarongue roxo berrante, um bustiê tomara-que-caia e um comprido tecido dourado que ela enrolou bem apertado em volta do meu tórax, formando um vestido tão justo que eu mal conseguia respirar ou comer meu próprio bolo de aniversário. Enquanto me transformava em uma múmia com aquela linda roupa, em seu quarto pequeno e escuro (abarrotado com os pertences dos três outros pequenos seres que moravam com ela), ela perguntou, sem olhar direito para mim, ajeitando e prendendo o pano em volta das minhas costelas:

- Você tem planos de casar com o Felipe?
- Não - respondi - A gente não tem planos de casar. Não quero mais nenhum marido, Wayan. E não acho que o Felipe queira mais nenhuma mulher. Mas gosto de estar com ele.
- Bonito por fora é fácil de achar, mas bonito por fora e bonito por dentro... isso não é fácil. O Felipe tem isso.
Concordei.
Ela sorriu.
- E quem trouxe esse homem bom para você, Liz? Quem rezou todos os dias por esse homem?
Dei-lhe um beijo.
- Obrigada, Wayan. Você fez um bom trabalho.
A festa de aniversário começou. Wayan e as meninas decoraram a casa inteira com bolas de encher, folhas de palmeira e cartazes escritos à mão com mensagens complicadas, sem pontuação correta, do tipo: "Feliz aniversário para um coração bom e gentil, para você, nossa querida irmã, para nossa amada Dama Elizabeth, Feliz Aniversário para você, sempre paz para você e Feliz Aniversário. Wayan tem um irmão cujos filhos pequenos são talentosos dançarinos em cerimônias no templo, então as sobrinhas e sobrinhos vieram dançar para mim bem ali no meio do restaurante exibindo um espetáculo arrebatador, fabuloso ao qual em geral só os sacerdotes têm direito. Todas as crianças estavam enfeitadas com ouro e imensos arranjos de cabeça, maquiadas como se fossem espalhafatosas *drag-queens*, com pés que sapateavam com força e dedos graciosos, femininos.
As festas balinesas, de modo geral, organizam-se em torno do princípio de as pessoas vestirem suas melhores roupas, depois ficarem sentadas olhando umas para as outras. Na verdade, são muito parecidas com as festas dadas pelas revistas nova-iorquinas. ("Meu Deus, querida", gemeu Felipe quando eu lhe disse que Wayan estava organizando uma festa de aniversário para mim, "vai ser tão *chato*...") Mas não foi chato - foi apenas silencioso. E diferente. Houve toda a parte da roupa, e depois os dançarinos, e depois houve a parte em que todos ficaram sentados olhando uns para os outros, que não foi tão má assim. Todos estavam lindos. A família inteira de Wayan compareceu, e não parava de rir e acenar para mim a um metro de distância, e eu não parava de sorrir e acenar de volta para eles.
Soprei as velas do bolo de aniversário junto com Ketut Pequena, a mais nova das órfãs, cujo aniversário, conforme eu decidira algumas semanas antes, também seria dali para a frente no dia 18 de julho, igualzinho ao meu, já que ela nunca tinha tido um aniversário nem uma festa de aniversário. Depois de soprarmos as velas, Felipe deu de presente a Ketut Pequena uma boneca Barbie, que ela desembrulhou com estarrecido assombro e, em seguida, olhou para a boneca como se esta fosse uma passagem para uma nave espacial para Júpiter — algo que ela nunca poderia ter imaginado um dia ganhar, nem em 7 bilhões de anos-luz.
Tudo na festa foi bem divertido. Foi uma mistura improvável, internacional e intergeracional de um punhado de amigos meus, dos parentes de Wayan e de alguns de seus clientes e paciente ocidentais que eu ainda não conhecia. Meu amigo Yudhi trouxe-me uma embalagem com meia dúzia de latinhas de cerveja para me desejar feliz aniversário, e um rapaz moderninho que era roteirista em Los Angeles e se chamava

Adam. Felipe e eu havíamos conhecido Adam em um bar certa noite, e o havíamos convidado. Adam e Yudhi passaram o tempo inteiro na festa conversando com um menininho chamado John, cuja mãe, uma estilista alemã casada com um americano que mora em Bali, é paciente de Wayan. O pequeno John - que tem 7 anos de idade e é meio-americano, segundo ele, por causa de seu pai americano (embora ele próprio nunca tenha estado lá), mas que fala alemão com a mãe e indonésio com as filhas de Wayan - ficou encantado com Adam ao descobrir que ele era californiano e sabia surfar.
- Qual seu animal preferido, moço? - perguntou John, e Adam respondeu:
- Pelicano.
O que é pelicano? - perguntou o menino, e Yudhi se levantou e disse:
- Cara, você não sabe o que é pelicano? Cara, você precisa ir pra casa e perguntar isso ao seu pai. Pelicanos são o *máximo*, cara.
Então John, o menino meio-americano , virou-se para dizer alguma coisa em indonésio para a pequena Tutti (provavelmente para lhe perguntar o que era um pelicano), enquanto Tutti estava sentada no colo de Felipe tentando ler meus cartões de aniversário, e Felipe conversava em um lindo francês com um senhor parisiense aposentado que vinha se consultar com Wayan para tratar dos rins. Enquanto isso, Wayan havia ligado o rádio e Kenny Rogers cantava *Coward of the Country* na hora em que três moças japonesas entraram de repente na loja para saber se poderiam fazer massagens medicinais.
Enquanto eu tentava convencer as moças japonesas a comerem um pedaço do meu bolo de aniversário, as duas órfãs - Ketut Grande e Ketut Pequena - enfeitavam meus cabelos com enormes fivelas cintilantes, que haviam comprado de presente para mim depois de economizar todo seu dinheiro. As sobrinhas e sobrinhos de Wayan, os dançarinos dos templos filho, filhos de agricultores de arrozais, estavam sentados bem quietinhos, olhando timidamente para o chão, vestidos de dourado como divindades em miniatura; eles davam ao aposento uma qualidade divina estranha que parecia de outro mundo. Do lado de fora, os galos começaram a cantar, embora ainda não houvesse escurecido, e o crepúsculo não houvesse sequer chegado. Minha roupa balinesa tradicional me apertava como um abraço ardente, e eu tinha a sensação de que aquela era, sem dúvida, a mais estranha - mas talvez a mais feliz – festa de aniversário que eu já havia tido.

103

Contudo, Wayan precisa comprar uma casa e estou ficando preocupada por isso não estar acontecendo. Não entendo por que não está acontecendo, mas simplesmente precisa acontecer. Felipe e eu agora entramos na dança. Encontramos um corretor de imóveis que poderia nos mostrar algumas propriedades, mas Wayan não gostou de nada que mostramos a ela. Não paro de lhe dizer:
— Wayan, é importante a gente comprar *alguma coisa*. Vou embora daqui em setembro e preciso avisar aos meus amigos antes de ir que o dinheiro deles realmente foi usado para comprar uma casa para você. E você precisa de um teto sobre sua cabeça antes de ser despejada.
- Não é nada simples comprar um imóvel em Bali - repete ela para mim. - Não é como entrar em um bar e comprar uma cerveja. Pode levar muito tempo.
- A gente não tem muito tempo, Wayan.
Ela simplesmente dá de ombros e novamente me lembro do conceito balinês de "tempo

elástico", que significa que o tempo é um conceito muito relativo e maleável. "Quatro semanas", para Wayan, não significa exatamente o que significa para mim. Um dia, para Wayan, tampouco é necessariamente composto de 24 horas; algumas vezes é mais comprido, outras vezes mais curto, dependendo da qualidade espiritual e emocional daquele dia. Como no caso do meu xamã e de sua idade misteriosa, algumas vezes os dias são contados, outras vezes pesados.

Enquanto isso, também descubro que subestimei inteiramente o quanto é caro comprar um imóvel em Bali. Como tudo aqui é muito barato, seria de se pensar que os terrenos também estivessem desvalorizados, mas isso é uma suposição equivocada. Comprar um terreno em Bali — especialmente em Ubud — pode se tornar quase tão caro quanto comprar um terreno em Westchester County, em Tóquio ou na Rodeo Drive. O que é totalmente ilógico, porque, depois que você compra o terreno, não pode ganhar seu dinheiro de volta com ele de nenhuma maneira tradicionalmente lógica. Você pode pagar aproximadamente 25 mil dólares norte-americanos por um *aro* de terra (um *aro* é uma medida de área que pode ser traduzida mais ou menos como: "Ligeiramente maior do que a vaga para estacionar uma *van*"), e depois pode construir nele uma lojinha onde vai vender um sarongue de batique por dia para um turista por dia durante o resto da sua vida, para ganhar mais ou menos 75 centavos de dólares por peça. Não faz sentido.

Mas os balineses valorizam sua terra com uma paixão que ultrapassa os limites do bom senso econômico. Como um imóvel é tradicionalmente o único bem que os balineses reconhecem como legítimo, ele é valorizado da mesma forma que a tribo massai da África valoriza o gado ou que minha sobrinha de 5 anos valoriza o brilho labial: ou seja, não é possível ter demais, uma vez que se tem, nunca se deve abrir mão, e toda a quantidade existente disso no mundo deveria lhe pertencer.

Além do mais - conforme descobri no decorrer do mês de agosto, durante meu périplo digno da Nárnia de CS. Lewis pelas complexidades das negociações imobiliárias balinesas -, é quase impossível descobrir quando há algum terreno à venda por aqui. Os balineses que estão vendendo terrenos geralmente não gostam que outras pessoas saibam que seu terreno está à venda. Ora, seria de se pensar que anunciar esse fato fosse uma vantagem. mas os balineses não pensam assim. Caso você seja um agricultor balinês que esteja vendendo sua terra, isso significa que você precisa desesperadamente de dinheiro em espécie, e esse faro é humilhante. Além disso, se os seus vizinhos e parentes descobrirem que você de fato vendeu algum terreno, então irão supor que você conseguiu algum dinheiro, e todo mundo irá perguntar se pode pegar esse dinheiro emprestado. Assim, os terrenos só ficam disponíveis para a venda por meio de... boatos. E todas essas negociações imobiliárias são executadas por trás de estranhos véus de segredo e engodo. Os ocidentais radicados aqui - ao ouvirem dizer que estou tentando comprar um terreno para Wayan - começam a se reunir à minha volta, contando-me histórias de alerta baseadas em suas próprias experiências dignas de um pesadelo. Eles me chamam atenção para o fato de que, por aqui, nunca se pode ter certeza do que está acontecendo quando se trata de negociações imobiliárias. O terreno que você está "comprando" pode, na verdade, não "pertencer" à pessoa que o está "vendendo". O sujeito que lhe mostrou o imóvel pode nem sequer ser o proprietário, mas apenas o infeliz sobrinho do dono, tentando passar a perna no tio por causa de alguma velha briga de família. Não espere que as fronteiras do seu imóvel cheguem a ser definidas. O terreno que você comprar para a casa dos seus sonhos pode mais tarde ser declarado "perto demais de um templo" para obter o alvará de

construção (e, neste país pequeno, com um número de templos estimado em 20 mil, é difícil encontrar qualquer terreno que não esteja localizado perto demais de um templo). Também é preciso levar em consideração que você, muito provavelmente, está morando nas encostas de um vulcão e que pode estar bem em cima de uma falha também. E não apenas uma falha geológica. Por mais idílica que Bali pareça ser, os mais sensatos sempre têm em mente que isto aqui, na verdade, é a Indonésia - a maior nação islâmica do mundo, instável por definição, corrupta dos mais poderosos ministros de justiça até o cara que coloca gasolina no seu carro (e que só finge encher o tanque). Aqui, sempre será possível algum tipo de revolução a qualquer momento, e todos os seus bens podem ser confiscados pelos vitoriosos. Provavelmente sob a ameaça de uma arma.
Administrar todas essas armadilhas não é uma atividade para a qual eu tenha qualquer talento. Quero dizer - passei por um divórcio no estado de Nova York e tal, mas isso é outra página de Kafka inteiramente diferente. Enquanto isso, 18 mil dólares de um dinheiro que eu mesma, minha família e meus amigos mais queridos doaram estão parados na conta bancária de Wavan, convertidos em rupias indonésias - uma moeda que tem um histórico de se desvalorizar sem aviso prévio e virar fumaça. E Wayan será despejada de sua loja em setembro, que é mais ou menos a época em que vou sair do país. Daqui a mais ou menos três semanas.
Mas está se revelando quase impossível para Wayan encontrar um terreno que ela julgue apropriado para uma casa. Deixando de lado todas as considerações práticas, ela precisa estudar o *taksu* - o espírito - de cada lugar. Como curadora, a importância que Wayan atribui ao *taksu*, mesmo segundo os padrões balineses, é extrema. Encontra um lugar que achei perfeito, mas Wayan disse que era perto demais de um rio que, como todos sabem, é onde vivem os fantasmas. (Na noite seguinte à nossa visita a esse lugar, diz Wayan, ela sonhou com uma linda mulher com as roupas rasgadas, chorando, e isso bastou — não podíamos comprar aquele terreno.) Depois encontramos uma lojinha linda perto da cidade, com um quintal nos fundos e tudo, mas ela ficava em uma esquina, e só alguém que quer ir à falência e morrer jovem moraria em uma casa de esquina. Como todos sabem.
— Nem tente convencê-la a mudar de idéia — aconselhou Felipe. — Acredite em mim, querida. Não se meta entre os balineses e o seu *taksu.*
Então, na semana passada, Felipe achou um lugar que parecia se encaixar exatamente nos critérios — um terreno pequeno, bonito, perto do centro de Ubud, em uma estrada pouco movimentada, junto a um arrozal, com espaço de sobra para um jardim e bem dentro do nosso orçamento. Quando perguntei a Wayan: "Será que a gente deve comprar?", ela retrucou:
— Não sei ainda, Liz. Não vamos tomar decisões como essa com pressa. Preciso primeiro falar com um sacerdote.
Ela explicou que precisaria consultar um sacerdote para descobrir um dia auspicioso para comprar o terreno, se é que vai decidir comprá-lo. Porque nada de importante em Bali pode ser feito antes de se escolher um dia auspicioso. Mas ela sequer pode perguntar aos sacerdotes sobre o dia auspicioso para comprar o terreno antes de decidir se de fato quer morar lá. Compromisso esse que ela se recusa a assumir antes de ter tido um sonho auspicioso. Sabendo que me restam poucos dias aqui, perguntei a Wayan, como boa nova-iorquina:
- Qual é o seu prazo mínimo para ter um sonho auspicioso?

Wayan, como boa balinesa, respondeu:
- Não se pode apressar isso. - Porém, ponderou ela, poderia ajudar se ela conseguisse ir a um dos principais templos de Bali com uma oferenda e rezar aos deuses para que lhe dessem um sonho auspicioso...
- Tudo bem - falei. - Amanhã o Felipe pode levar você de carro ao templo principal, e você pode fazer uma oferenda e pedir aos deuses para, por favor, te mandarem um sonho auspicioso.
Wayan adoraria, disse ela. É uma ótima idéia. Só tem um problema. Ela não pode entrar em templo nenhum durante esta semana inteira.
Porque ela está... menstruada.

104

Talvez eu não esteja conseguindo transmitir o quanto isso tudo é engraçado. É verdade, tentar entender tudo isso é uma diversão estranha e saborosa. Ou talvez eu esteja apenas gostando muito desta fase surreal da minha vida, porque estou me apaixonando, e isso sempre faz o mundo parecer delicioso, por mais insana que seja a sua realidade.
Sempre gostei de Felipe. Mas alguma coisa na maneira como ele se envolve na Saga da Casa de Wayan nos une ao longo do mês de agosto como um casal de verdade. E claro que o que quer que aconteça com essa curadora balinesa maluquete não tem nada a ver com ele. Ele é um homem de negócios. Conseguiu morar em Bali durante cinco anos sem se envolver muito nas vidas pessoais e nos complexos rituais dos balineses, mas subitamente está chapinhando comigo por arrozais lamacentos e tentando encontrar um sacerdote que dê a Wayan uma data auspiciosa...
- Eu estava perfeitamente feliz na minha vidinha tacanha antes de você aparecer — ele sempre diz.
Ele *estava* entediado em Bali antes. Estava lânguido, matando tempo, como um personagem de um romance de Graham Greene. Essa indolência terminou no instante em que fomos apresentados. Agora que estamos juntos, tenho direito à versão de Felipe para quando nos conhecemos, uma história deliciosa que nunca me canso de escutar - sobre como ele me viu na festa naquela noite, em pé, de costas para ele, e como eu nem precisei virar a cabeça ou mostrar o rosto para ele perceber com uma pontada na barriga: Essa é a minha mulher. Eu faço qualquer coisa para ter essa mulher.
- E foi fácil ter você - diz ele. - Só precisei implorar e pedir durante semanas.
- Você não implorou e pediu.
— Você não me viu implorando e pedindo?
Ele fala sobre como fomos dançar naquela primeira noite em que nos conhecemos, e como de me viu ficar atraída por aquele galês bonito, e como seu coração murchou quando ele viu a cena se desenrolar, pensando: "Estou fazendo todo este esforço para seduzir esta mulher, e agora esse cara bonito vai simplesmente tirar ela de mim e causar tanta complicação na vida dela... se ao menos ela soubesse quanto amor eu posso oferecer a ela."
Ele pode *mesmo*. Ele é atencioso por natureza, e posso senti-lo entrar em uma espécie de órbita ao meu redor, tornando-me a principal coordenada para a direção da sua bússola, passando a assumir o papel de meu cavaleiro protetor. Felipe é o tipo de homem que precisa desesperadamente de uma mulher na sua vida — mas não para ser cuidado;

unicamente para poder ter alguém de quem cuidar, alguém a quem se dedicar. Tendo vivido sem um relacionamento assim desde o fim de seu casamento, ele tem passado a vida à deriva, mas agora está se organizando ao meu redor. É maravilhoso ser tratada assim. Mas isso também me assusta. Algumas vezes, eu o ouço fazer barulho no andar de baixo, preparando o jantar para mim, enquanto relaxo lendo no andar de cima, e de assobia algum alegre samba brasileiro, e grita: "Querida, quer mais um copo de vinho?", e eu me pergunto se sou capaz de ser o sol de alguém, o tudo de alguém. Será que estou centrada o suficiente agora para ser o centro da vida de outra pessoa? Mas, quando finalmente abordei o assunto com ele na outra noite, ele disse:
— Querida, eu pedi para você ser essa pessoa? Pedi para você ser o centro da minha vida?
Imediatamente senti vergonha de mim mesma por minha pretensão, por pensar que ele gostaria que eu ficasse com ele para sempre para poder realizar os meus caprichos até o final dos tempos.
— Desculpe - falei. — Isso foi meio arrogante, não foi?
— Um pouco — admitiu ele, beijando minha orelha. — Mas não tanto assim, na verdade, Querida, é claro que isso é uma coisa sobre a qual a gente precisa conversar, porque a verdade é o seguinte: estou loucamente apaixonado por você. — Empalideci involuntariamente, e ele fez uma brincadeira rápida, tentando me tranqüilizar, - Estou dizendo isso de forma totalmente hipotética, é claro. - Mas depois falou, todo sério: - Olhe, tenho 52 anos. Pode acreditar em mim, já sei como o mundo funciona. Reconheço que você ainda não me ama do jeito que eu amo você, mas a verdade é que não ligo muito para isso. Por algum motivo, sinto a mesma coisa por você que sentia pelos meus filhos quando eles eram pequenos: que a obrigação deles não era me amar, mas era obrigação minha amá-los. Você pode decidir sentir o que quiser, mas eu te amo e vou te amar sempre. Mesmo que a gente nunca mais se veja você já me trouxe de volta à vida, e isso é muita coisa. E é claro que eu gostaria de compartilhar minha vida com você. O único problema é que não sei que tipo de vida posso te oferecer em Bali.
Essa é uma preocupação que eu também sinto. Tenho observado a sociedade formada pelos estrangeiros residentes em Ubud, e tenho total certeza de que esta não é uma vida para mim. Em todo lugar desta cidade, você vê o mesmo tipo de temperamento - ocidentais que foram tão maltratados e desgastados pela vida que desistiram de vez de lutar e decidiram acampar aqui em Bali indefinidamente, onde podem morar em uma linda casa por duzentos dólares por mês, talvez encontrar um jovem balinês ou uma jovem balinesa para lhe fazer companhia, onde podem beber antes do meio-dia sem que ninguém venha incomodá-los, onde podem fazer um dinheirinho exportando uns móveis para alguém. Porém, de modo geral, tudo que essas pessoas estão fazendo aqui é garantir que ninguém nunca mais lhes peça nada sério. Trata-se de pessoas de muito bom nível, internacionais, talentosas e inteligentes. Mas parece que todo mundo que encontro por aqui costumava ser outra coisa antes (em geral, "casado" ou "empregado"); agora estão todos unidos pela ausência da única coisa da qual parecem ter aberto mão de forma completa e definitiva: ambição. E desnecessário dizer que se bebe muito.
É claro que a linda cidadezinha balinesa de Ubud não é um lugar tão ruim assim para se passar o resto da vida sem fazer nada, ignorando o passar dos dias. Imagino que, nesse sentido, seja parecida com lugares como Key West, Flórida, ou Oaxaca, no México. Quando você pergunta há quanto tempo eles moram aqui, a maioria dos estrangeiros que

mora em Ubud não tem muita certeza. Para começar, eles não têm muita certeza de quanto tempo passou desde que se mudaram para Bali. Além disso, porém, eles sequer têm certeza de que *moram* de fato aqui. Não pertencem a lugar nenhum, não têm âncora. Alguns deles gostam de imaginar que estão apenas dando um tempo por aqui, deixando o motor rodar no sinal vermelho, esperando passar para o verde. Porém, depois de 17 anos vivendo assim, é legítimo começar a se perguntar... será que alguém algum dia vai *embora*?

Há muito a se aproveitar em sua companhia indolente, nas compridas tardes de domingo passadas petiscando, bebendo champanhe e conversando sobre nada. Mesmo assim, quando vejo uma cena dessas, sinto-me um pouco como Dorothy nos campos de papoula de Oz. *Cuidado! Não adormeça nesta campina narcótica ou você pode passar o resto da vida cochilando aqui!*

Mas o que vai acontecer comigo e Felipe? Agora que, ao que parece, existe um "eu e Felipe"? Não muito tempo atrás, ele me disse:

- Algumas vezes eu queria que você fosse uma menininha perdida que eu pudesse pegar no colo e dizer: "Venha morar comigo agora, deixe eu cuidar de você para sempre." Mas você não é uma menininha perdida. É uma mulher com uma carreira, com ambição. Você é o perfeito caracol: carrega sua casa nas costas. Deveria se agarrar a essa liberdade pelo máximo de tempo possível. Mas tudo que estou dizendo é: se você quiser este brasileiro, pode ficar com ele. Eu já sou seu.

Não tenho certeza do que quero. Sei que existe uma parte de mim que sempre quis ouvir um homem dizer: "Deixe eu cuidar de você para sempre", e nunca ouvi isso antes de ninguém. Ao longo dos últimos anos, desisti de procurar essa pessoa e aprendi a dizer essa frase reconfortante para mim mesma, especialmente em momentos de medo. Mas ouvir isso de outra pessoa agora, de alguém que está falando com sinceridade...

Pensei nisso tudo na noite passada, depois que Felipe adormeceu e eu estava aninhada ao seu lado, e me perguntei o que iria acontecer conosco. Quais são os futuros possíveis? E quanto ao problema geográfico entre nós — onde iríamos morar? Em seguida, é preciso considerar a diferença de idade. No entanto, quando liguei para minha mãe no outro dia para lhe dizer que havia conhecido um homem muito simpático, mas — prepare-se, mamãe! — "ele tem 52 anos", ela não deu a mínima. Tudo que disse foi:

— Bom, tenho uma notícia para você, Liz. Você tem 35. - (Muito boa observação, mãe. Que sorte a minha encontrar alguém em uma idade tão avançada.) A verdade, porém, é que não me importo muito com a diferença de idade. Na verdade, até gosto de Felipe ser bem mais velho. Acho isso sexy. Faz com que eu me sinta assim meio... *francesa.*

O que vai acontecer conosco?

Por que estou preocupada com isso, aliás?

O que ainda me resta a aprender sobre a futilidade da preocupação?

Assim, depois de algum tempo, parei de pensar sobre tudo isso e simplesmente o abracei enquanto ele dormia. *Estou me apaixonando por este homem.* Em seguida, adormeci ao seu lado e tive dois sonhos memoráveis.

Ambos foram com minha Guru. No primeiro sonho, minha Guru me informava que iria fechar seus *ashrams* e que não daria mais palestras nem aulas, nem publicaria livros. Deu uma última palestra a seus alunos, na qual disse: Vocês já receberam ensinamentos mais do que suficientes. Receberam tudo que precisam saber para serem livres. É hora de saírem pelo mundo e viverem uma vida feliz.

O segundo sonho foi ainda mais enfático. Eu estava jantando com Felipe em um restaurante nova-iorquino maravilhoso. Estávamos comendo deliciosas costeletas de cordeiro e alcachofras com um bom vinho e conversávamos e ríamos, felizes. Olhei para o outro lado da sala e vi Swamiji, mestre da minha Guru, morto em 1982. Mas naquela noite ele estava vivo, bem ali em um restaurante nova-iorquino da moda. Jantava com um grupo de amigos, e eles também pareciam estar se divertindo. Nossos olhares se cruzaram pela sala e Swamiji sorriu para mim e ergueu seu copo de vinho em um brinde.
E então - de forma bem distinta - esse Guru indiano baixinho, que em vida falara pouquíssimo inglês, articulou esta única palavra para mim através da sala:
Aproveite.

105

Faz muito tempo que não visito Ketut Liyer. Entre minha história com Felipe e minha luta para encontrar uma casa para Wayan, minhas longas tardes de conversa fiada sobre espiritualidade na varanda do xamã acabaram há muito tempo. Estive na casa dele algumas vezes, só para dizer oi e deixar algumas frutas de presente para sua mulher, mas desde junho que não passamos nenhum tempo juntos, só os dois. Sempre que tento pedir desculpas a Ketut por minha ausência, porém, ele ri como um homem que já conhece as respostas para todos os testes do universo, e diz: "Tudo funcionando perfeito, Liss."
Mesmo assim, sinto saudades do velho, então fui passar a manhã de hoje com ele. Como sempre, ele me recebeu com um sorriso radiante, dizendo:
- Muito prazer em conhecer você! - (Nunca consegui eliminar esse hábito dele.)
- Também estou feliz em ver você, Ketut.
- Já vai embora, Liss?
- Vou, Ketut. Daqui a menos de duas semanas. Foi por isso que eu quis vir aqui hoje. Queria te agradecer por tudo que você me deu. Se não fosse você, eu nunca teria voltado aqui para Bali.
— Você sempre estava voltando para Bali - disse ele, sem dúvida nem drama. — Ainda medita com seus quatro irmãos como eu ensinei?
— Medito.
— Ainda medita como sua Guru da índia ensinou?
— Medito.
— Não tem mais pesadelos?
— Não.
— Está feliz agora com Deus?
— Muito.
— Você ama namorado novo?
— Acho que sim. Amo.
— Então precisa mimar ele. E ele precisa mimar você.
— Tá bom - prometi.
— Você boa amiga para mim. Melhor do que amiga. Você como filha minha — disse ele. (*Não como Sharon*...) — Quando eu morrer, você voltar para Bali, para minha cremação. Cerimônia balinesa de cremação muito divertida... você vai gostar.
— Tá bom — prometi de novo, agora com a voz embargada.
— Deixar sua consciência ser sua guia. Se você ter algum amigo ocidental vir a Bali,

mandar eles aqui para eu ler a mão deles. Estou muito vazio no meu banco desde a bomba. Quer vir comigo à cerimônia de bebê hoje?
E foi assim que acabei participando da bênção a um bebê que havia completado 6 meses, e agora estava pronto para tocar a terra pela primeira vez. Os balineses não deixam seus filhos tocarem o chão durante os primeiros seis meses de vida, porque os recém-nascidos são considerados deuses enviados diretamente do céu, e você não deixaria um deus engatinhar pelo chão coberto de pedaços de unhas cortadas e guimbas de cigarro. Por isso, os bebês balineses são carregados no colo durante esses seis primeiros meses e reverenciados como divindades menores. Caso um bebê morra antes de completar 6 meses, faz-se uma cerimônia de cremação especial, e as cinzas não são depositadas em um cemitério humano, porque aquele ser nunca foi humano: ele foi apenas um deus. Mas, se o bebê completar 6 meses, então organiza-se uma grande cerimônia e permite-se que os pés da criança toquem, por fim, a terra, e o pequeno recebe as boas-vindas à raça humana.
A cerimônia de hoje foi na casa de um dos vizinhos de Ketut. O bebê em questão era uma menina, já apelidada de Putu. Seus pais eram uma linda adolescente e um rapaz também adolescente igualmente bonito, neto de um homem que é primo de Ketut, ou algo assim. Ketut vestiu suas melhores roupas para cerimônia - um sarongue de cetim branco (debruado de ouro) e um longo casaco branco, de mangas compridas e abotoado na frente, com uma gola levantada, que lhe dava a aparência de carregador de malas em uma estação ferroviária ou em um hotel de luxo. Ele usava um turbante branco enrolado na cabeça. Suas mãos, como ele me mostrou com orgulho, estavam enfeitadas como as de um gigolô, com gigantescos anéis de ouro e pedras mágicas. Havia cerca de sete anéis ao todo. Todos eles com poderes sagrados. Ele segurava a reluzente sineta de bronze de seu avô, usada para conjurar espíritos, e quis que eu orasse várias fotografias suas.
Fomos juntos até a propriedade de seu vizinho, a pé. Era uma distância considerável, e precisamos caminhar durante algum tempo pela movimentada estrada principal- Já fazia quase quatro meses que eu estava em Bali, e ainda não tinha visto Ketut sair de sua propriedade. Era desconcertante vê-lo caminhar pela estrada no meio de todos aqueles carros em alta velocidade e motocicletas enlouquecidas. He parecia tão pequeno e vulnerável. Parecia tão *fora de lugar* naquele contexto moderno de tráfego e buzinas barulhentas. Por algum motivo, senti vontade de chorar, mas estava mesmo me sentindo um pouco emotiva demais hoje.
Cerca de quarenta convidados já estavam na casa do vizinho quando chegamos, e o altar da família estava abarrotado de oferendas - pilhas de cestas trançadas com folhas de palmeira e cheias de arroz, flores, incenso, porcos assados, alguns gansos e frangos mortos, cocos e notas de dinheiro que flutuavam na brisa. Todos estavam vestidos em suas sedas e rendas mais elegantes. Eu não estava suficientemente bem vestida, estava suando por causa do trajeto de bicicleta e me sentia pouco à vontade com minha camiseta em meio a toda aquela beleza. Mas fui recebida exatamente da mesma maneira que você gostaria de ser recebida se fosse a moça branca que houvesse aparecido com a roupa errada e sem ter sido convidada. Todos sorriram calorosamente para mim e, em seguida, me ignoraram e passaram à parte da festa em que todos ficam sentados admirando as roupas uns dos outros.
A cerimônia levou horas e Ketut foi o sacerdote. Somente um antropólogo com uma equipe de intérpretes poderia dizer exatamente tudo que ocorreu, mas alguns dos rituais

eu consegui entender, graças às explicações de Ketut e aos livros que tinha lido. O pai segurou o bebê durante a primeira rodada de bênçãos, enquanto a mãe segurava um objeto representando o bebe - um coco enrolado em panos para parecer uma criança pequena. Esse coco foi abençoado e aspergido de água benta, igualzinho ao bebê de verdade e em seguida colocado no chão, logo antes de os pés do bebê tocarem-no pela primeira vez, isso serve para enganar os demônios, que atacarão o bebê de mentira e deixarão o bebê de verdade em paz.
Houve horas de cânticos, porém, antes de os pés do bebê de verdade poderem tocar o chão. Ketut não parava de tocar sua sineta e cantar seus mantras, e os jovens pais estavam radiantes de prazer e orgulho. Convidados chegavam e saíam, reunindo-se em grupos, fofocando, assistindo à cerimônia durante algum tempo, em seguida indo embora para outro compromisso. Tudo parecia estranhamente casual em meio à formalidade do ritual antigo, como em uma mistura de piquenique de fundo de quintal com uma cerimônia na igreja. Os mantras que Ketut entoava para o bebê eram muito carinhosos, parecendo uma combinação de sagrado e afetuoso. Enquanto a mãe segurava a criança, Ketut exibia diante desta alimentos, frutas, flores, água, sinos, a asa de um frango assado, um pedaço de carne de porco, um coco partido... A cada novo objeto, entoava-lhe outro cântico. O bebê ria e batia palmas, e Ketut ria e continuava cantando.
Imaginei minha própria tradução de suas palavras:
"Ohhhh... bebezinho, aqui está um frango assado para você comer! Algum dia você vai adorar frango assado e nós esperamos que você coma bastante! Ohhhhhhh... Bebezinho, isto é um pouco de arroz cozido, que você tenha sempre todo o arroz cozido que desejar, que você tenha sempre arroz em abundância. Ohhhhh... Bebezinho, isto aqui é um coco, não é engraçado como o coco é, algum dia você vai comer muitos cocos! Ohhhhhh... Bebezinho, esta é a sua família, você não vê como a sua família adora você? Ohhhhh... Bebezinho, você é precioso para o universo inteiro! Você é um aluno nota dez! Você é nossa coisinha maravilhosa! Você é nosso docinho de coco mais delicioso! Ooohhhhh bebezinho, você é o maioral, você é o nosso tudo..."
Todos tornaram a ser abençoados vezes sem conta com pétalas de flores molhadas em água benta. A família inteira se revezou passando o bebê de colo em colo, falando-lhe em tatibitate, enquanto Ketut entoava os antigos mantras. Eles até me deixaram segurar o bebê um pouquinho, mesmo eu estando de calça jeans, e sussurrei minhas próprias bênçãos para a menininha, enquanto todos cantavam:
- Boa sorte - disse-lhe eu. — Coragem. — Fazia um calor escaldante, mesmo na sombra. A jovem mãe, usando um bustiê sexy por debaixo da camisa de renda cintilante, transpirava. O jovem pai, que não parecia conhecer nenhuma outra expressão facial que não um sorriso de imenso orgulho, também transpirava. As várias avós se abanavam com leques, cansavam-se, sentavam-se, levantavam-se, mexiam nos porcos assados das oferendas, espantavam cachorros. Todos alternavam interesse, falta de interesse, cansaço, risos, ansiedade. Mas Ketut e o bebê pareciam entretidos em sua própria experiência juntos, com a atenção grudada um no outro. A neném não tirou os olhos do velho xamã durante o dia inteiro. Quem já ouviu falar em um bebê de 6 meses que não chora, não faz manha nem dorme durante quatro horas seguidas, sob um sol de rachar, mas simplesmente olha para alguém com curiosidade?
Ketut fez bem o seu trabalho, e o bebê fez bem o seu trabalho. Esteve inteiramente presente para sua cerimônia de transformação, onde passou do status de deus ao status

humano. A menina lidou maravilhosamente bem com suas responsabilidades, já como uma boa menina balinesa - imersa em rituais, segura em suas crenças, obediente às exigências de sua cultura.
Ao final de todos os cânticos, a neném foi enrolada em um comprido lençol branco limpo que descia até bem abaixo de suas pernas, fazendo-a parecer alta e régia — uma verdadeira debutante. Ketut desenhou no fundo de uma tigela de cerâmica os quatro pontos cardeais do universo, encheu a tigela de água benta, e colocou-a no chão. Essa bússola feita a mão assinalava o ponto sagrado da terra que os pés da neném tocariam primeiro.
Então a família inteira se reuniu em volta da neném, todos parecendo segurá-la ao mesmo tempo, e - *upa! vamos lá!* - mergulharam a pontinha de seus pés nessa tigela cheia de água benta, bem acima do desenho mágico que englobava o universo inteiro, e em seguida encostaram as solas de seus pés na terra pela primeira vez. Quando tornaram a suspendê-la no ar, pequenas pegadas úmidas ficaram marcadas no chão abaixo dela, orientando finalmente aquela criança na grande grade balinesa, estabelecendo quem ela era ao estabelecer *onde* ela estava. Todos bateram palmas, encantados. A menina agora era um de nós. Um ser humano - com todos os riscos e emoções contidas nessa intrigante encarnação.
A neném olhou para cima, olhou em volta sorriu. Ela não era mais um deus. Não parecia se importar com isso. Não tinha medo nenhum. Parecia totalmente satisfeita com todas as decisões que havia tomado.

106

Nada feito com Wayan. A compra do terreno que Felipe havia encontrado para ela, por algum motivo, não se concretizou, Quando pergunto a Wayan o que deu errado, recebo uma resposta vaga sobre uma promissória perdida; acho que ela nunca me contou a verdadeira história. Tudo que importa é que a compra não se realizou. Estou começando a ficar meio em pânico em relação a toda essa situação da casa de Wayan. Tento lhe explicar minha pressa, dizendo:
— Wayan... preciso ir embora de Bali daqui a menos de duas semanas e voltar para os Estados Unidos. Não posso olhar na cara dos meus amigos que me deram todo este dinheiro e dizer para eles que você ainda não tem uma casa.
— Mas, Liz, se um lugar não tem um bom *taksu*...
Todo mundo tem uma noção diferente de urgência nesta vida.
Alguns dias depois, porém, Wayan aparece na casa de Felipe, animada. Ela encontrou outro terreno e gostou desse de verdade. Uma enorme extensão de arrozal à beira de uma estrada tranqüila, perto da cidade. Não há a menor dúvida de que o *taksu* é bom. Wayan nos conta que o terreno pertence a um agricultor, amigo de seu pai, que precisa desesperadamente de dinheiro. Ele tem sete *aro* para vender ao todo, mas (como precisa de dinheiro rápido) estaria disposto a lhe vender apenas os dois *aro* que ela tem condições de comprar. Ela adorou o terreno. Felipe adorou o terreno. Tutti — que rodopia pela grama em círculos, com os braços estendidos, como uma Julie Andrews balinesa — também adorou o terreno.
— Compre — digo a Wayan.

Mas alguns dias passam, e ela continua remanchando.
— Você quer morar lá ou não? - não paro de perguntar.
Ela remancha um pouco mais, depois torna a mudar a história. Esta manhã, diz ela, o agricultor lhe telefonou para dizer que não tem mais certeza se pode lhe vender apenas o pedaço de dois *aro*; em vez disso, pode querer vender todos os sete *aro* do terreno, intactos... o problema é a mulher dele... O agricultor precisa falar com a mulher, para lhe perguntar se não tem problema dividir o terreno...
— Quem sabe se eu tivesse mais dinheiro... - diz Wayan.
Meu Deus, ela quer que eu arrume dinheiro para comprar o terreno todo. Enquanto tento inventar um jeito de arrecadar a assustadora quantia de 22 mil dólares norte-americanos além do que já temos, digo a ela:
Wayan, não vai dar, não tenho esse dinheiro. Você não pode entrar em um acordo com o agricultor?
Então Wayan, cujos olhos não estão mais exatamente encarando os meus, inventa uma história complicada. Ela me diz que foi visitar um místico outro dia, e que o místico entrou em transe e disse que Wayan precisa definitivamente comprar todos os sete aro do terreno para fazer um bom centro de cura... que isso é o destino... e, de toda forma, o místico disse também que, se Wayan conseguisse o terreno todo, então talvez um dia ela pudesse construir um belo hotel de luxo lá...
Um belo hotel de luxo?
Ah.
É então que, de repente, fico surda, os pássaros param de cantar, e consigo ver a boca de Wayan se mexendo, mas não a escuto mais, porque um pensamento acaba de surgir, rabiscado com decisão na minha mente: ELA ESTÁ TE PASSANDO A PERNA, SACOLÃO.
Levanto-me, despeço-me de Wayan, volto para casa a pé devagar e pergunto a opinião de Felipe, sem rodeios:
- Ela está me passando a perna?
Ele não fez nenhum comentário sobre minha negociação com Wayan, nenhuma vez sequer.
- Querida - diz ele com gentileza. - É *claro* que ela está te passando a perna.
Meu coração desaba até meus pés.
- Mas não de propósito — acrescenta ele depressa. - Você precisa entender o jeito de pensar em Bali. Aqui, as pessoas estão sempre naturalmente tentando conseguir o máximo de dinheiro possível dos visitantes. É assim que todo mundo sobrevive. Então, agora ela está inventando umas histórias sobre o fazendeiro. Querida, desde quando um balinês precisa conversar com a *mulher* antes de fechar um negócio? Escute... o cara está desesperado para vender um pedaço do terreno para ela; ele já disse que ia vender. Mas ela agora quer o terreno inteiro. E quer que você compre para ela.
O que ele diz me incomoda por dois motivos. Em primeiro lugar, detesto pensar que isso possa ser verdade em relação a Wayan. Em segundo lugar, detesto as implicações culturais de seu discurso, aquele ranço de preconceito colonial do homem branco, o argumento superior de que "é assim que essa gente é".
Mas Felipe não é um colonialista; ele é brasileiro.
- Escute - explica ele -, eu cresci pobre na América do Sul. Você acha que não entendo a cultura deste tipo de pobreza? Você deu para a Wayan mais dinheiro do que ela jamais

viu na vida, e agora ela está pensando loucuras. Para ela, você é a benfeitora milagrosa, e esta pode ser a última chance de ela conseguir alguma coisa. Então ela quer conseguir tudo que puder antes de você ir embora. Pelo amor de Deus... quatro meses atrás, essa pobre mulher não tinha dinheiro suficiente para comprar o almoço da filha, e agora ela quer um *hotel*?
— O que devo fazer?
— Aconteça o que acontecer, não fique com raiva. Se ficar com raiva, vai perdê-la, e isso seria uma pena, porque ela é uma pessoa maravilhosa e ama você. Essa é a tática de sobrevivência dela, você só precisa aceitar isso. Não deve pensar que ela não é uma boa pessoa ou que ela e as crianças não precisam de verdade da sua ajuda. Mas não pode deixá-la tirar vantagem de você. Querida, já vi fazerem isso tantas vezes. O que acontece com os ocidentais que passam muito tempo morando aqui é que eles geralmente acabam caindo em uma de duas categorias. Metade deles continua bancando o turista, dizendo: "Ah, esses balineses são um amor, tão gentis, tão graciosos...", e são roubados loucamente. A outra metade fica tão frustrada com o fato de ser roubada o tempo inteiro que começa a odiar os balineses. E é uma pena, porque daí você perde todos esses amigos maravilhosos.
— Mas o que eu faço então?
— Você precisa recuperar um pouco o controle da situação. Faça alguma espécie de jogo com ela, como ela está fazendo com você. Ameace-a com alguma coisa para fazer com que ela reaja. Você vai estar fazendo um favor a ela; ela precisa de uma casa.
— Não quero fazer joguinhos, Felipe.
Ele beijou minha cabeça.
— Então você não pode morar em Bali, querida.
Na manhã seguinte, bolei meu plano. Não consigo acreditar - aqui estou eu, depois de um ano estudando virtudes e lutando para encontrar uma vida verdadeira para mim mesma, prestes a contar uma baita mentira. Estou prestes a mentir para a pessoa de quem mais gosto em Bali, para alguém que é como uma irmã para mim, para alguém que limpou meus *rins*. Pelo amor de Deus, vou mentir para a mãe de Tutti!
Chego à cidade, entro na loja de Wayan. Ela vem me dar um abraço. Afasto-me, fingindo estar chateada.
— Wayan — começo. — A gente precisa conversar. Estou com um problema sério.
— Com o Felipe?
— Não. Com você.
Ela parece que vai desmaiar.
- Wayan — digo. — Meus amigos americanos estão muito chateados com você.
- Comigo? Por quê, meu bem?
- Porque, quatro meses atrás, eles te deram um dinheirão para você comprar uma casa, e você ainda não comprou uma casa. Todos os dias eles me mandam e-mails perguntando: "Cadê a casa da Wayan? Cadê o meu dinheiro?” Agora eles acham que você está roubando o dinheiro deles e usando para outra coisa.
- Eu não estou roubando!
- Wayan - digo. - Os meus amigos americanos acham que você é... uma cascateira.
Ela solta um arquejo como se tivesse acabado de levar um soco na garganta. Parece tão magoada que, por um instante, hesito, e quase a envolvo em um abraço reconfortante dizendo: "Não, não, não é verdade! Estou inventando isso!" Mas não, preciso terminar o

que comecei. Mas meu Deus, ela agora está mesmo abalada. O termo em inglês *bullshit*, que significa algo como cascateira, é a palavra que se incorporou emocionalmente ao balinês mais do que qualquer outra da língua inglesa. É um dos piores insultos que você pode fazer a alguém em Bali - "cascateiro". Nesta cultura, em que as pessoas contam mentiras uma para as outras cerca de uma dúzia de vezes antes do café-da-manhã, onde mentir é um esporte, uma arte, um hábito e uma tática desesperada de sobrevivência, de fato chamar alguém de cascateiro é uma afirmação terrível. E algo que, na Europa antiga, teria garantido um duelo.
- Meu bem — diz ela, com os olhos lacrimejando -, eu não sou cascateira!
- Eu sei disso, Wayan. É por isso que estou tão chateada. Estou tentando dizer aos meus amigos americanos que Wayan não é cascateira, mas eles não acreditam em mim.
Ela coloca a mão em cima da minha.
- Desculpe pôr você nessa situação, meu bem.
- Wayan, é uma situação muito séria. Meus amigos estão com raiva. Eles dizem que você precisa comprar um terreno antes de eu voltar para os Estados Unidos. Me disseram que, se você não comprar algum terreno na semana que vem, eu tenho de... *pegar o dinheiro de volta.*
Agora ela não parece que vai desmaiar; parece que vai morrer. Sinto-me quase a pior pessoa da história, contando essa lorota a essa pobre mulher que - entre outras coisas - obviamente não percebe que não tenho mais o poder de tirar o dinheiro de sua conta bancária, da mesma forma que não tenho poder para revogar sua cidadania indonésia. Mas como ela poderia saber isso. Fiz o dinheiro aparecer na sua conta como um passe de mágica, não fiz? Será que não poderia, com a mesma facilidade, pegá-lo de volta?
- Meu bem - diz ela -, acredite em mim, vou encontrar o terreno agora, não se preocupe, vou encontrar o terreno bem rápido. Por favor, não se preocupe... talvez dentro dos próximos três dias isso vá estar terminado, eu prometo.
- Você precisa fazer isso, Wayan — digo, com uma gravidade que não é de todo fingida. O fato é que ela realmente *precisa*. Suas filhas precisam de um lar. Ela está prestes a ser despejada. Não é hora de contar mentiras.
- Vou voltar para a casa do Felipe agora - digo. - Me ligue quando tiver comprado alguma coisa.
Então deixo minha amiga, consciente de que ela está me olhando, mas recusando-me a me virar para olhar para ela. Durante todo o trajeto até em casa, ofereço a Deus a mais estranha das preces: "Por favor, faça com que ela estivesse mesmo mentindo para mim." Porque, se ela não estava mentindo, se não está conseguindo mesmo encontrar um lugar para morar apesar de uma injeção de dinheiro de 18 mil dólares, então estamos realmente encrencadas, e não sei como essa mulher um dia vai conseguir escapar da pobreza. Mas, se ela estava mentindo para mim, então, de certa forma, isso é um raio de esperança. Mostra que ela é astuta e que, no final das contas, talvez consiga se safar neste mundo traiçoeiro.
Chego em casa sentindo-me péssima e encontro Felipe.
— Se ao menos Wayan soubesse o que tramei pelas suas costas... — digo.
— ... para a felicidade e o sucesso dela — diz ele, terminando a frase para mim.
Quatro horas depois — quatro míseras horas! — toca o telefone na casa de Felipe. E Wayan. Ela está sem fôlego. Quer que eu saiba que o trabalho está feito. Ela acaba de comprar os dois *aro* do agricultor (cuja "mulher" subitamente pareceu não se importar em

dividir a propriedade). No final das contas, não foi preciso nenhum sonho mágico, nem a intervenção de nenhum sacerdote, nem testes de nível de radiação de *taksu*. Wayan já está até com a escritura em mãos. E certificada pelo cartório! Ela também me garante que já encomendou material de construção para sua casa e que os operários vão começar a construir no início da semana que vem - antes de eu ir embora. Assim, poderei ver o projeto começado. Ela espera que eu não esteja brava com ela. Quer que eu saiba que me ama mais do que ama o próprio corpo, mais do que ama a própria vida, mais do que ama este mundo inteiro.
Digo a ela que a amo também. E que mal posso esperar para algum dia ser sua hóspede em sua linda casa nova. E que gostaria que ela me desse uma xerox da escritura.
Quando desligo o telefone, Felipe diz:
— Boa menina.
Não sei se ele está se referindo a ela ou a mim. Mas ele abre uma garrafa de vinho e fazemos um brinde a nossa querida amiga Wayan, a proprietária de terras balinesa.
Então Felipe diz:
- Agora, será que a gente pode sair de férias?

107

Acabamos saindo de férias para uma ilhazinha chamada Gili Meno, que fica próxima ao litoral de Lombok, a parada seguinte, depois de Bali, no grande e extenso arquipélago indonésio. Eu já conhecia Gili Meno e queria mostrá-la a Felipe, que nunca estivera lá.
A ilha de Gili Meno é um dos lugares mais importantes do mundo para mim. Estive aqui sozinha, dois anos atrás, quando visitei Bali pela primeira vez. Estava trabalhando para aquela revista, escrevendo sobre férias para praticar ioga, e acabara de passar por duas semanas de aulas de ioga tremendamente reparadoras. Mas havia decidido prolongar minha estadia na Indonésia depois de concluído o trabalho, uma vez que já tinha viajado até a Ásia. Na verdade, o que eu queria fazer era encontrar algum lugar bem isolado para fazer um retiro de dez dias de solidão e silêncio absolutos.
Quando olho para os quatro anos que passaram desde o início do fim do meu casamento até o dia em que finalmente tornei-me divorciada e livre, vejo uma crônica detalhada de dor total. E o momento em que visitei essa pequena ilha completamente sozinha foi o pior ponto dessa viagem. Foi o ponto mais fundo da dor e o seu centro exato. Minha mente infeliz era um campo de batalha de demônios conflitantes. Ao tomar minha decisão de passar dez dias sozinha e em silêncio no meio de lugar nenhum, eu disse a mesma coisa a todas as minhas partes beligerantes e confusas: "Estamos todos juntos agora, pessoal. E vamos ter de chegar a algum acordo sobre como conviver, senão todo mundo vai morrer junto, mais cedo ou mais tarde."
Isso pode parecer uma afirmação firme e confiante, mas preciso admitir também que nunca senti mais medo na vida do que quando peguei um barco para aquela ilha tranqüila, completamente sozinha. Eu sequer havia comprado livros para ler, não tinha nada para me distrair. Éramos só eu e minha mente, prestes a nos enfrentarmos em um campo de batalha vazio. Lembro-me que minhas pernas tremiam visivelmente de medo. Então citei para mim mesma uma das frases de que mais gosto da minha Guru: "Medo... e daí?", e desembarquei sozinha.
Aluguei um pequeno bangalô na praia por alguns dólares por dia, fechei a boca e jurei

não tornar a abri-la até que alguma coisa dentro de mim houvesse mudado. A ilha de Gili Meno era minha última chance para a verdade e a reconciliação. Eu havia escolhido o lugar certo — pelo menos isso estava claro. A ilha em si é minúscula, intocada, cheia de areia, água azul, palmeiras. É um círculo perfeito, com um único caminho que dá a volta na ilha, e é possível percorrer toda a circunferência em mais ou menos uma hora. A ilha fica quase exatamente em cima do equador, então os ciclos dos dias não mudam. O sol surge em um dos lados da ilha mais ou menos às seis e meia da manhã e se põe do outro lado mais ou menos às seis e meia da tarde, todos os dias do ano. O lugar é habitado por alguns pescadores muçulmanos e suas famílias. Não há um só lugar nesta ilha de onde não se possa ver o mar. A eletricidade vem de um gerador e só durante algumas horas por noite. É o lugar mais silencioso em que já estive.
Todas as manhãs, eu percorria a circunferência da ilha na hora do nascer do sol e fazia isso de novo quando o sol se punha. Durante o resto do tempo, simplesmente ficava sentada e observava. Observava meus próprios pensamentos, observava minhas emoções, observava os pescadores. Os sábios iogues dizem que a dor da vida humana é causada pelas palavras, assim como toda a alegria. Nós criamos palavras para definir nossa experiência, e essas palavras trazem consigo emoções que nos sacodem como cães em uma coleira. Nós somos seduzidos por nossos próprios mantras (*Eu sou um fracasso... Estou só... Sou um fracasso.,. Estou só...*), e nos transformamos em monumentos a esses mantras. Passar algum tempo sem falar, portanto, é uma tentativa de se desvencilhar do poder das palavras, de parar de nos asfixiar com as palavras, de nos libertar de nossos mantras sufocantes.
Precisei de algum tempo para alcançar verdadeiro silêncio. Mesmo depois de parar de falar, descobri que a linguagem ainda ecoava dentro de mim. Meus órgãos e músculos da fala - cérebro, garganta, peito, nuca - vibravam com os efeitos residuais de falar muito depois de eu ter parado de emitir sons. Minha cabeça era sacudida pelo eco das palavras como uma piscina fechada parece estar sempre reverberando com sons e gritos, mesmo depois de as crianças pequenas terem ido embora. Foi preciso um tempo surpreendentemente longo para toda essa pulsação de fala desaparecer, para os ruídos agitados se assentarem. Três dias, talvez.
Então tudo começou a aparecer. Naquele estado de silêncio, havia lugar para tudo que existia de odioso, de temeroso, percorrer minha mente vazia. Eu me sentia uma viciada em processo de desintoxicação, convulsionada pelo veneno do que ia brotando. Chorava muito. Rezava muito. Foi difícil e aterrorizante, mas uma coisa eu sabia: nunca desejei não estar ali, e nunca desejei que alguém estivesse ali comigo. Sabia que precisava fazer aquilo, e que precisava fazer aquilo sozinha.
Os únicos outros turistas na ilha eram uns poucos casais passando férias românticas. (Gili Meno é um lugar bonito demais e distante demais para qualquer pessoa visitar sozinha, a não ser que seja maluca.) Eu olhava para aqueles casais e sentia um pouco de inveja daquele clima de romance, mas sabia: "Essa não é a sua hora para estar com alguém, Liz. A sua tarefa aqui é outra." Mantive distância de todos. As pessoas na ilha me deixaram em paz. Acho que eu irradiava um astral ruim. Não estivera bem o ano inteiro. Não é possível passar tantas noites sem dormir, perder tanto peso assim e chorar tanto durante tanto tempo sem começar a parecer louca. Então, ninguém falava comigo.
Na verdade, não foi bem assim. Uma pessoa falava comigo, todos os dias. Era um menininho, que fazia parte de um grupo de moleques que corria pelas praias tentando

vender frutas frescas aos turistas. Esse menino devia ter uns 9 anos de idade e parecia ser o chefe do grupo. Era durão, briguento, e eu o teria chamado de rato de asfalto, se aquela ilha tivesse algum asfalto. De certa forma, era um rato de praia. Conseguira aprender inglês de algum jeito, provavelmente importunando ocidentais, enquanto estes tomavam sol. E esse menino se interessou por mim. Ninguém mais me perguntou quem eu era, ninguém mais me incomodou, mas esse menino insistente vinha se sentar ao meu lado na praia em algum momento todos os dias e perguntava: "Por que você nunca fala? Por que é estranha assim? Por que está sempre sozinha? Por que nunca entra no mar? Cadê o seu namorado? Por que você não tem marido? Qual o problema com você?"
E eu estava tipo assim: *Sai pra lá, menino! O que você é, uma encarnação dos meus piores pensamentos?*
Todos os dias eu tentava sorrir para ele com gentileza e mandá-lo embora com um gesto educado, mas ele não desistia antes de me fazer reagir. E, inevitavelmente, sempre me fazia reagir. Lembro-me de perder a paciência com ele uma vez:
- Eu não estou falando porque estou numa porcaria de viagem espiritual, seu moleque chato... agora vá EMBORA!
Ele saía correndo, rindo. Todos os dias, depois de me fazer reagir, ele sempre saía correndo rindo. Em geral, eu acabava rindo também, depois que ele já estava longe. Eu, ao mesmo tempo, tinha medo e ansiava pela chegada daquele menino chato. Ele era meu único intervalo cômico durante uma viagem muito difícil. Santo Antônio, certa vez, escreveu sobre quando foi para o deserto fazer um retiro de silêncio e foi acometido por todo tipo de visão - tanto demônios quanto anjos. Disse que, em sua solidão, algumas vezes encontrou demônios que pareciam anjos, e outras vezes encontrou anjos que pareciam demônios. Quando lhe perguntaram como ele sabia a diferença, o santo respondeu que só se pode dizer quem é quem com base na sensação que se tem depois que a criatura for embora. Se você ficar arrasado, disse ele, então foi um demônio que veio visitá-lo. Se você se sentir mais leve, foi um anjo.
Acho que sei qual das duas coisas era aquele moleque que sempre me fazia rir.
No meu nono dia de silêncio, fui meditar certa tarde na praia na hora em que o sol estava se pondo e só tornei a me levantar depois da meia-noite. Lembro-me de pensar: "É isso aí, Liz." Disse à minha mente: "Esta é a sua oportunidade. Mostre-me tudo que a está deixando triste. Mostre-me tudinho. Não esqueça nada." Um por um, os pensamentos e recordações de tristeza ergueram a mão e se levantaram, identificando-se. Eu olhava para cada pensamento, para cada unidade de tristeza, reconhecia sua existência e sentia (sem tentar me proteger daquilo) sua terrível dor. Então dizia àquela tristeza: "Tudo bem, eu te amo. Eu te aceito. Agora entre no meu coração. Acabou." Eu realmente sentia a tristeza (como se ela fosse uma coisa viva) entrar no meu coração (como se este fosse um aposento de verdade). Então dizia: "Quem é o próximo?", e o pedacinho seguinte de dor surgia. Eu o reconhecia, vivenciava-o, abençoava-o e convidava-o a entrar também no meu coração. Fiz isso com cada pensamento triste que já havia tido - recorrendo a anos de memória - até não sobrar mais nada.
Então eu disse à minha mente: "Agora mostre sua raiva para mim." Um por um, todos os incidentes de raiva da minha vida foram surgindo e se apresentando. Todas as injustiças, todas as traições, todas as perdas, todas as zangas. Eu olhava para todas elas, uma por uma, e reconhecia sua existência. Sentia cada pedacinho de dor de forma completa, como se estivesse acontecendo pela primeira vez, e então dizia: "Agora entre no meu coração.

Lá você vai poder descansar. Agora está tudo bem. Acabou. Eu te amo." Isso durou horas, e eu oscilava entre dois poderosos pólos de sentimentos contrários — durante um instante de tremenda intensidade, vivenciava a raiva e, em seguida, era acometida por uma calma total, à medida que a raiva entrava no meu coração como se passasse por uma porta, deitava-se, enroscava-se junto a suas irmãs e desistia de lutar.
Então veio a parte mais difícil. "Mostre para mim a sua vergonha", pedi à minha mente. Meu Deus, que horrores eu vi então. Um desfile lamentável de todas as minhas falhas, minhas mentiras, meu egoísmo, meu ciúme, minha arrogância. Mas não desviei os olhos de nada disso. "Mostre para mim o seu pior", falei. Quando tentei convidar essas unidades de vergonha para entrar no meu coração, todas elas hesitaram diante da porta, dizendo: "Não, você não quer que *eu* entre aí... então não sabe o que eu fiz?", e eu dizia: "Eu *quero* você, sim. Até você. Quero *mesmo*. Até você é bem-vinda aqui. Está tudo bem. Você está perdoada. Você faz parte de mim. Pode descansar agora. Acabou."
Quando tudo isso terminou, eu estava vazia. Nada mais lutava em minha mente. Olhei para dentro do meu coração, para minha própria bondade, e vi sua capacidade. Vi que meu coração não estava cheio nem até a metade, nem mesmo depois de ter acolhido e cuidado de todas aquelas espinhosas calamidades de tristeza, raiva e vergonha; meu coração poderia facilmente ter acolhido e perdoado ainda mais. Seu amor era infinito.
Percebi então como Deus ama todos nós e recebe todos nós, e que não existe no universo nem céu nem inferno, a não ser, talvez, em nossas mentes aterrorizadas. Porque se um único ser humano que fosse, ferido e limitado, podia vivenciar apenas um episódio assim de perdão e aceitação absolutos de seu próprio ser, então imaginem — apenas imaginem! — o que Deus, em Sua eterna compaixão, é capaz de perdoar e aceitar.
Também percebi, de alguma forma, que aquela trégua de paz seria temporária. Sabia que ainda não havia terminado para valer, que minha raiva, minha tristeza e minha vergonha voltariam rastejando em algum momento, escapariam do meu coração e tornariam a ocupar minha cabeça. Sabia que precisaria continuar lidando com esses pensamentos muitas outras vezes, até que, de forma lenta e determinada, eu modificasse a minha própria vida. E que fazer isso seria difícil e exaustivo. Porém, no silêncio escuro daquela praia, meu coração disse para minha mente: "Eu te amo, eu nunca vou te deixar, eu vou sempre cuidar de você." Essa promessa saiu flutuando do meu coração, e eu a agarrei com a boca e a retive ali, sentindo seu gosto, enquanto saía da praia e caminhava de volta para o pequeno bangalô onde estava hospedada. Encontrei um caderno em branco, abri-o na primeira página - e só então abri a boca e pronunciei aquelas palavras no ar, libertando-as. Deixei que aquelas palavras rompessem o meu silêncio, e então permiti que meu lápis documentasse sua colossal afirmação sobre o papel:
"Eu te amo, eu nunca vou te deixar, eu vou sempre cuidar de você."
Essas foram as primeiras palavras que escrevi naquele meu caderno particular, que carregaria comigo a partir de então, voltando a ele muitas vezes no decorrer dos dois anos seguintes, sempre para pedir ajuda - *e sempre encontrando-a,* mesmo nas horas em que estava mais profundamente triste ou assustada. E aquele caderno, impregnado com aquela promessa de amor, foi pura e simplesmente a única razão que me fez sobreviver aos anos seguintes da minha vida.

E agora estou voltando a Gili Meno em circunstâncias totalmente diferentes. Desde a última vez em que estive aqui, dei a volta no mundo, resolvi meu divórcio, sobrevivi à minha separação definitiva de David, retirei do meu sistema todos os remédios que alteram o humor, aprendi a falar outra língua, sentei na palma da mão de Deus durante alguns instantes inesquecíveis na índia, estudei com um xamã indonésio e comprei uma casa para uma família que precisava demais de um lugar para morar. Estou feliz, saudável e equilibrada. E, sim, não posso deixar de notar que estou a caminho dessa linda ilhazinha tropical na companhia do meu namorado brasileiro. Isso - eu reconheço! — é um final de conto de fadas quase ridículo para esta história, que parece ter sido tirado do sonho de alguma dona de casa. (Talvez até do meu próprio sonho, de anos atrás.) Porém, o que me impede de agora me deixar levar por um clima completo de conto de fadas é a seguinte e sólida verdade, uma verdade que realmente se entranhou nos meus ossos ao longo dos últimos anos: eu não fui resgatada por um príncipe; eu administrei o meu próprio resgate.
Lembro-me de algo que li certa vez, algo em que os zen-budistas acreditam. Eles dizem que um carvalho é criado por duas forças ao mesmo tempo. Evidentemente, há a pinha onde tudo começa, a semente que contém toda a promessa e o potencial e que se transforma na árvore. Todo mundo pode ver isso. Mas são poucos os que conseguem reconhecer que existe outra força em ação aí também - a futura árvore em si, que quer tanto existir que faz a pinha nascer, usando seu desejo para fazer a semente brotar do nada, guiando a evolução da inexistência à maturidade. Pensando assim, dizem os zen-budistas, é o carvalho que cria a pinha da qual ele próprio nasceu.
Penso na mulher em que me transformei recentemente, na vida que estou vivendo agora, e em quanto eu sempre quis ser esta pessoa e viver esta vida, liberta de toda a farsa de fingir ser qualquer outra pessoa que não eu mesma. Penso em tudo que suportei antes de chegar aqui, e pergunto-me se fui *eu* - quero dizer, esse *eu* feliz e equilibrado, que agora cochila no convés de um barco pesqueiro indonésio - quem empurrou para a frente o meu outro eu, mais jovem, mais confuso e com mais dificuldade, durante todos estes anos difíceis. O eu mais jovem era a semente, cheia de potencial, mas foi o *eu* mais velho, o carvalho que já existia, que passou o tempo inteiro dizendo: "Isso... cresça! Mude! Evolua! Venha me encontrar aqui, onde eu já existo inteiro e maduro! Preciso que você cresça dentro de mim!" E talvez tenha sido esse *eu* atual e totalmente atualizado que passou quatro anos pairando sobre aquela moça casada soluçante no chão do banheiro, e talvez tenha sido esse *eu* que sussurrou amorosamente no ouvido daquela moça desesperada: "Volte para a cama, Liz..." Já sabendo que tudo ficaria bem, que tudo, no final, nos faria nos encontrar *aqui*. Bem aqui, bem neste momento. Onde eu sempre estive esperando, em paz e contente, sempre esperando ela chegar e se juntar a mim.
Então Felipe acorda. Ambos passamos a tarde inteira cochilando e tornando a despertar, encolhidos no colo um do outro no convés desse veleiro de pesca indonésio. O oceano nos embalava, o sol brilhava. Enquanto estou deitada ali, com a cabeça apoiada em seu peito, Felipe me diz que teve uma idéia enquanto dormia.
- Sabe - diz ele -, é óbvio que preciso continuar morando em Bali, porque meu trabalho está aqui, e porque é perto da Austrália, onde meus filhos moram. Também preciso ir sempre ao Brasil, porque é lá que estão as pedras preciosas e porque tenho família lá. E você, obviamente, precisa estar nos Estados Unidos, porque é lá que está o seu trabalho, a sua família e os seus amigos. Então eu estava pensando... talvez a gente pudesse tentar construir uma vida juntos que fosse de alguma forma dividida entre os Estados Unidos, a

Austrália, o Brasil e Bali.
Tudo que consigo fazer é rir, porque, ora - por que *não*? Talvez isso seja maluco o bastante para funcionar. Uma vida assim pode parecer totalmente impossível para algumas pessoas, uma loucura total, mas ela combina muito comigo. É claro que é isso que devemos fazer. Sinto que já é muito familiar E devo dizer que também gosto bastante da poesia dessa idéia. Estou dizendo isso de maneira literal. Depois deste ano inteiro explorando meus eus individuais e intrépidos, Felipe acaba de me sugerir uma teoria da viagem inteiramente nova:
Austrália, América, Bali, Brasil = A, A, B, B.
Como um poema clássico, como duas pequenas estrofes em rima.
O barquinho pesqueiro ancora bem próximo à costa de Gili Meno. Não há píer nesta ilha. Você precisa arregaçar as calças, saltar do barco e atravessar você mesmo a arrebentação. Não há nenhum outro jeito de fazer isso sem ficar completamente encharcado ou até se machucar nos corais, mas todo esse trabalho vale a pena, porque a praia aqui é linda, especial. Então eu e meu namorado tiramos os sapatos, empilhamos as pequenas bolsas com nossas coisas em cima de nossas cabeças e nos preparamos para pular pela lateral do barco juntos, para dentro do mar.
Sabe, tem uma coisa engraçada. A única língua românica que Felipe não fala é italiano. Mas, mesmo assim, digo uma coisa a ele, quando estamos prestes a saltar.
— *Attraversiamo* — digo.
Vamos atravessar.

Reconhecimento e tranqüilização final

Alguns meses depois de eu ir embora da Indonésia, voltei para visitar meus amigos e para comemorar o feriado do Natal e ano-novo. Meu vôo aterrissou em Bali apenas duas horas depois de o sudeste da Ásia ser atingido por um tsunami de proporções avassaladoras Conhecidos de todas as partes do mundo entraram imediatamente em contato comigo, preocupados com a segurança de meus amigos indonésios. As pessoas pareciam particularmente preocupadas com o seguinte: "Wayan e Tutti estão bem?" A resposta é que o tsunami não atingiu Bali em nenhum nível (a não ser, é claro, emocionalmente), e encontrei todos sãos e salvos. Felipe estava me esperando no aeroporto (na primeira das muitas vezes em que iríamos nos encontrar em aeroportos). Ketut Liyer estava sentado na sua varanda, igualzinho, preparando remédios e meditações. Yudhi começara recentemente a tocar violão em um resort de luxo da região, e estava bem. E a família de Wayan estava morando feliz em sua linda casa nova, bem longe do perigoso litoral, abrigada bem no alto dos terraços de arrozais de Ubud.
Com toda a gratidão de que sou capaz (e em nome de Wayan), eu gostaria agora de agradecer a todos que contribuíram com dinheiro para comprar essa casa:
Sakshi Andreozzi, Savitri Axelrod, Linda e Renee Barrera, Lisa Boone, Susan Bowen, Gary Brenner, Monica Burke e Karen Kudej, Sandie Carpenter, David Cashion, Anne Connell (que, junto com Jana Eisenberg, também é mestre em resgates de última hora), Mike e Mimi de Gruy, Armenia de Oliveira, Rayya Elias e Gigi Madl, Susan Freddie, Devin Friedman, Dwight Garner e Cree LeFavour, John e Carole Gilbert, Mamie Healey, Annie Hubbard e o quase inacreditável Harvey Schwartz, Bob Hughes, Susan Kittenplan, Michael e Jill Knight, Brian e Linda Knopp, Deborah Lopez, Deborah Luepnitz, Craig

Marks e Rene Steinke, Adam McKay e Shira Piven, Jonny e Cat Miles, Sheryl Moller, John Morse e Ross Petersen, James e Catherine Murdock (com as bênçãos de Nick e Mimi), José Nunes, Anne Pagliarulo, Charley Patton, Laura Platter, Peter Richmond, Toby e Beverly Robinson, Nina Bernstein Simmons, Stefania Somare, Natalie Standiford, Stacey Steers, Darcey Steinke, as meninas Thoreson (Nancy, Laura e miss Rebecca), Daphne Uviller, Richard Vogt, Peter e Jean Warrington, Kristen Weiner, Scott Westerfeld e Justine Larbalestier, Bill Yee e Karen Zimet.

Finalmente, e mudando de assunto, gostaria de poder encontrar uma maneira de agradecer a meus queridos tio Terry e tia Deborah, por toda a ajuda que eles me deram durante este ano de viagens. Chamar isso apenas de "apoio técnico" é minimizar a importância de sua contribuição. Juntos eles formaram uma rede debaixo da minha corda bamba sem a qual — pura e simplesmente — eu não teria conseguido escrever este livro. Não sei como lhes retribuir.

No final das contas, porém, talvez todos devamos parar de tentar retribuir às pessoas deste mundo que apóiam nossas vidas. No final das contas, talvez seja mais sábio se render à milagrosa abrangência da generosidade humana e simplesmente continuar dizendo obrigada, para sempre e com sinceridade, enquanto tivermos voz.

FIM